

M. P. NEVES



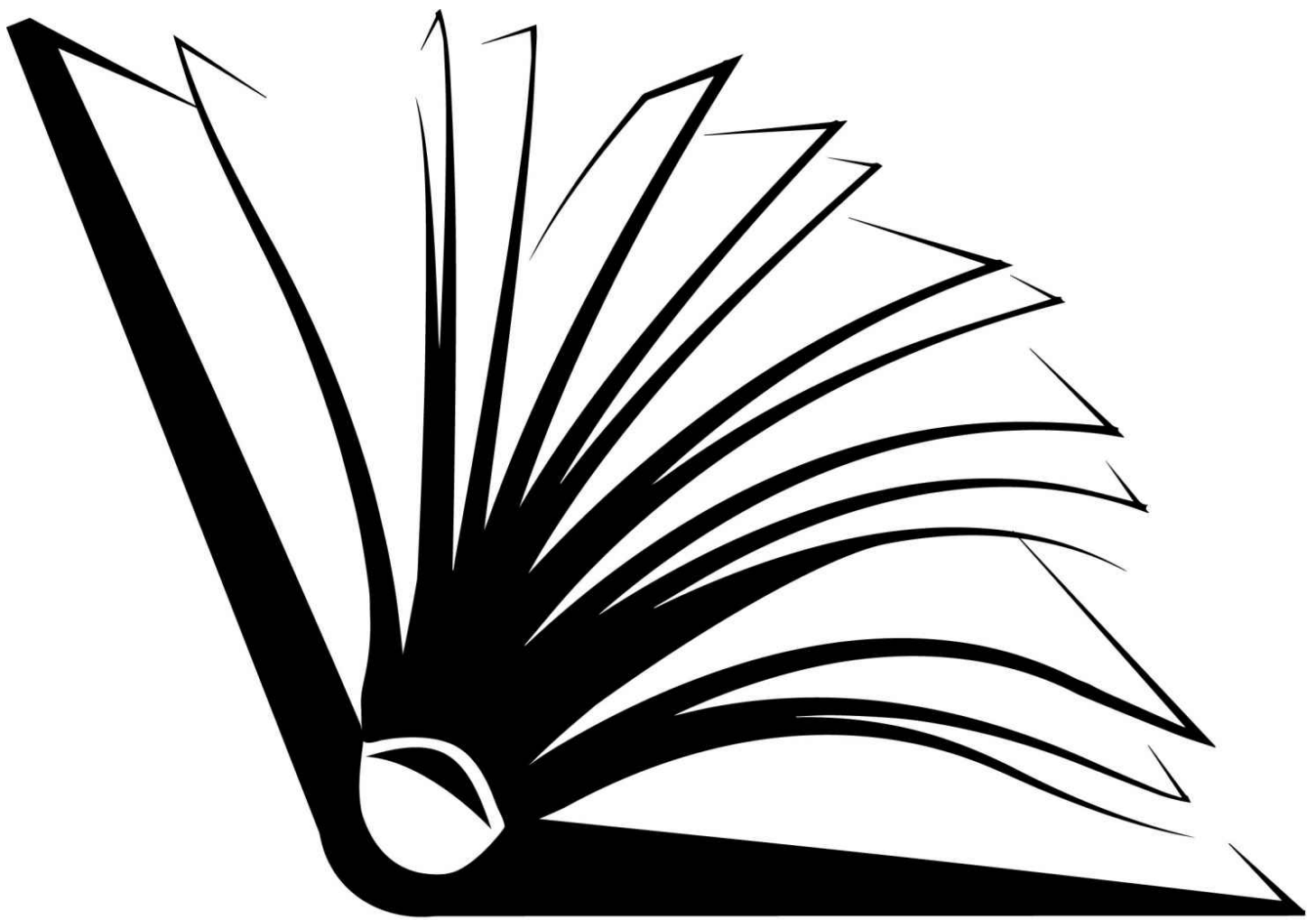
A Ruína de Noltora I
MÁSCARAS PARA OS MORTOS



A Ruína de Noltora I
Máscaras Para os Mortos

M. P. Neves

Editora Virafolha



VIRAFOLHA

Copyright © 2021 Editora Virafolha

A Ruína de Noltora I - Máscaras Para os Mortos

Autor: M. P. Neves

Coordenação editorial: Rafael S. Andrade

Gerente de projeto: Thiago Borba

Planejamento: Rafael S. Andrade, Rafael Guilherme, Thiago Borba

Capa e diagramação: Rafael S. Andrade

Cartógrafo: Rafael Souza (mapa desta edição)

Ilustradora: Leona Volpe (ilustração desta edição)

Revisão: Mônica Feliciano de Oliveira, Rafael S. Andrade Edição: Rafael S. Andrade

PROJETO ESPECIAL

Ilustradoras: Leona Volpe, Deborah Botelho

Cartógrafo: Rafael Souza (mapa de Sev)

Mapa em madeira: Art Cut Lab

2021

Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA VIRAFOLHA.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

37.344.089/0001-13 Rua trinta e quatro, 32 - Jaguaribe, Paulista/PE - 53422-230

Contato: (81) 98186-0517

contato@editoravirafolha.com.br comercial@editoravirafolha.com.br www.editoravirafolha.com.br

1º Edição



Contents

[Title Page](#)

[Copyright](#)

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO 01](#)

[CAPÍTULO 02](#)

[CAPÍTULO 03](#)

[CAPÍTULO 04](#)

[CAPÍTULO 05](#)

[CAPÍTULO 06](#)

[CAPÍTULO 07](#)

[CAPÍTULO 08](#)

[CAPÍTULO 09](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPÍTULO 30](#)

[EPÍLOGO](#)

DRAMATIS PERSONAE

ARS ARCANUM

GLOSSÁRIO

AGRADECIMENTOS



Noltora

Para Ana.
Atravessamos o inferno juntos.
Vencemos.

PRÓLOGO

Era um mau começo, Sev percebeu, porque precisou matar o mesmo homem duas vezes. A maioria dos ladrões de túmulos sequer cogitaria matar alguém durante um roubo, mas Sev roubava túmulos na Nova Mordrávia, onde nenhuma noite se passava sem derramamento de sangue.

O homem em questão era o chefe da guarda da torre silenciosa do Barão Grostin. Sev o havia atraído para um andar intermediário da torre ao quebrar algumas urnas de barro. Posicionou-se atrás de uma tapeçaria antiga que decorava o ambiente fúnebre e esperou até que os guardas descessem as escadas em espiral. Pelo eco dos passos, havia três deles.

Sev fez voar uma faca de arremesso, que girou no ar e se alojou entre os olhos do primeiro guarda. O segundo hesitou, surpreso. Sev investiu sobre ele, lançando-o com força contra a parede. O último saltou por cima dos companheiros caídos, já com a espada desembainhada. O chefe da guarda usava uma placa peitoral de couro com as cores do baronato Grostin e um morrião de ferro simples. Sev avançou rapidamente para feri-lo com sua longa faca de caça, desferindo um corte enviesado contra o rosto do inimigo. O homem recuou e aparou o golpe. Aço retiniu contra aço num clangor agudo e a faca de Sev foi arremessada para longe.

O ladrão de túmulos rolou no chão para escapar do contragolpe, mas já não estava exatamente na flor da idade. Antes que Sev conseguisse se levantar, o chefe da guarda saltou sobre ele. O homem preparou a espada para um golpe fatal, mas, certo de sua vitória, abriu a boca sorridente para vangloriar-se antes de partir o intruso ao meio. O ladrão aproveitou a oportunidade e desferiu um pesado chute contra o joelho do oponente. O gemido de dor do guarda e o barulho da espada caindo de suas mãos soaram mais alto do que o estalar de ossos deslocados.

Sev recorreu à sua mais fiel ferramenta: uma velha picareta de mão, presa ao lado direito do cinto. Levantou-se com um golpe rápido, fincando a cruel ponta de ferro da picareta na base no pescoço do inimigo. Sangue brotou imediatamente da ferida e o homem foi ao chão, gorgolejando.

Sev sentiu um movimento atrás de si. Saltou para frente e girou o corpo, mas o golpe desleal já havia aberto um talho no couro de seu casaco e ferido seu ombro esquerdo. Era o segundo homem, recuperado da pancada contra a parede. O ladrão deixou escapar um silvo de dor e frustração ao ver que o maldito não tivera a

decência de permanecer desacordado. Um golpe pelas costas era tudo o que se ganhava ao tentar incapacitar um soldado mordravo sem matá-lo.

O segundo guarda também não usava armadura metálica, apenas um gibão de couro escuro com o brasão do baronato bordado no peito. Sev olhou em volta, procurando sua lâmina caída. Viu-a próxima a um altar onde repousavam algumas urnas ainda intactas. Moveu-se para alcançá-la. O guarda o circundava, a ponta da espada projetada para frente numa postura defensiva.

— Nem pense em pegar essa faca! — Pelo tom agudo de sua voz, o guarda era novato. — Yugo! Gustav! Preciso de reforço aqui em cima! — gritou em direção ao andar de baixo, onde seus colegas deviam estar. Mas Sev já dera conta deles e, diferente do seu atacante, tiveram a hombridade de continuar inconscientes.

— Faca? — indagou Sev, sorrindo. — Oh, não, senhor. Eu estava apenas apreciando essas urnas funerárias. São dos tempos da Mordrávia Antiga, não são? Muito valiosas. — Sev correu os dedos por uma das urnas feitas de porcelana cinzenta com filigranas prateadas.

O guarda se assustou com o movimento, mas antes que pudesse reagir, o artefato voou em sua direção. Por mero reflexo, golpeou-o com a espada. Cacos e cinzas se espalharam pela sala circular. Valendo-se da distração, Sev abaixou-se para apanhar a faca de caça. Sua coluna estalou de leve com o movimento súbito, um lembrete de que seus melhores anos já haviam passado. Moveu-se para o lado novamente, circundando a sala para tentar apanhar o guarda desprevenido. O jovem, de rosto manchado com as cinzas de algum ancestral do Barão Grostin, percebeu sua intenção e virou-se para interceptá-lo. Então um urro gutural encheu a torre silenciosa. Os dois homens se viraram para encontrar a fonte do som. Sev congelou.

Era o chefe da guarda, de pé e com a picareta ainda enterrada na base do pescoço, perfurando a traqueia. O cabo curto da ferramenta projetava-se para cima em um ângulo agudo. Os músculos do cadáver contraíam-se em espasmos erráticos, como se o morto recém-desperto tivesse se esquecido de como o próprio corpo funcionava. Sangue escorria da ferida e da boca do homem, que grunhia e gorgolejava ao mesmo tempo. Aquele era um tipo de magia incomum na Nova Mordrávia. Os mordravos abominavam qualquer tipo de feitiço, mas a reanimação de cadáveres era particularmente odiada.

O ladrão de túmulos amaldiçoou a própria sorte. Pensou em como fora fácil fazer amizade com um dos guardas do Barão e descobrir o horário da troca de postos daquela noite; em como nenhum dos guardas do andar inferior da torre sentiu o cheiro das ervas soníferas que ele misturara em suas cervejas. Dormiam pesado enquanto Sev teria de lidar com aquele pesadelo tornado real. Pelo menos, agora ele tinha certeza de que estava no rastro certo.

Os sons que o cadáver reanimado produzia eram ininteligíveis e raivosos. Os olhos tinham um tom amarelado ictérico. Os espasmos musculares tornavam-no frenético. Morto, o chefe da guarda parecia mais ameaçador do que em vida. Seus olhos doentios encontraram os de seu assassino, sua boca encharcada de sangue urrou novamente. Havia ódio em sua voz.

Sev não esperou para ver o que o cadáver faria em seguida. Agarrou o guarda mais jovem pela gola do gibão e empurrou-o na direção do morto-vivo. O guarda cambaleou para frente e o morto se moveu com força e rapidez desumanas. Levou o subordinado ao chão com ambas as mãos e caiu sobre ele, grunhindo e gritando.

O chefe da guarda esmurrou e mordeu seu jovem colega como se estivesse diante de seu pior inimigo. Em sua raiva enlouquecida, esquecera-se de quem fora em vida. Só conhecia o ódio e a violência. Os gritos de pavor do jovem fizeram contraponto à cólera na voz do morto-vivo numa terrível harmonia. Sev desviou o olhar, enojado.

Recuperou a compostura com um rápido balançar de cabeça. Havia trabalho a fazer. Flexionou os músculos, sentindo o peso dos anos que se amontoavam. Ignorou os pedidos de socorro do jovem enquanto circundava a sala e apanhava a espada que um dos homens deixara cair durante a luta. Era a única parte fácil do que pretendia fazer. Pensou que armado teria coragem de se aproximar da criatura, mas logo percebeu que não seria tão simples.

Cerrou os dentes e empunhou firmemente a espada. O guarda mais jovem já não gritava. O cadáver do chefe rosnava e mordia, vertendo um líquido amarelo e viscoso pela boca e pelo buraco onde ainda estava alojada a ponta de ferro da picareta. Com a espada em riste, Sev se aproximou para golpear o pescoço do morto-vivo.

— Não era para ser assim — lamentou. — Sinto muito.

As palavras de Sev atraíram a atenção do cadáver. Seus olhos injetados cravaram-se nos do ladrão como estacas. O guarda abaixo dele jazia em silêncio. Sev deu um passo para trás e escorregou no sangue que se espalhava pelo chão. Vendo o morto-vivo avançar como um cão raivoso, estendeu a espada para frente para se defender. Mas sua mão tremia ruidosamente. Os grunhidos enchiam seus ouvidos e as lembranças afogavam sua mente. Virou o rosto e fechou os olhos para não ter que encarar o fim. Entretanto, o fim não veio.

Abriu os olhos. Primeiro o esquerdo, depois o direito. Não havia mais som. A torre silenciosa fazia jus ao nome novamente. O chefe da guarda jazia inerte sobre suas pernas, a face congelada em um horrível esgar. Um filete de bile amarela escorria de sua boca, imóvel. O encanto que o animara havia chegado ao fim. Após a curta explosão de violência, estava morto mais uma vez, inofensivo. Era, definitivamente, um péssimo começo.

Sev recuperou sua picareta e ergueu-se. A coluna estalou de novo, como um mecanismo defeituoso, prometendo muita dor na manhã seguinte. Respirou fundo. Já estava fora de perigo. Levou uma mão às costas, pressionando o ponto onde a espinha protestava. Com a outra, tirou o chapéu de abas largas da cabeça e usou-o para espanar o pó da frente do casaco. O sangue daria mais trabalho para sair.

— Pelo casco partido do diabo! Eu pareço um maldito amador!

Um ladrão de túmulos se acostuma rápido com a visão e o cheiro dos mortos, mas quando um cadáver se move, rosna e tem olhos amarelos cheios de fúria assassina, poucos podem manter-se calmos em sua presença. Mesmo assim, a ironia de ser um ladrão de túmulos com medo de um morto não escapava a Sev.

Contabilizou os danos: três urnas antigas despedaçadas, um sobretudo manchado de sangue e três homens mortos — um deles por duas vezes. Respirou fundo, ajoelhou-se sobre o chefe da guarda e virou o corpo para inspecioná-lo. O sangue parara de escorrer da ferida, dando lugar à bile amarela e viscosa, levemente translúcida. Os olhos lembravam os de um homem com icterícia e a boca espumava com o mesmo líquido amarelado. Um diagnóstico preocupante.

Sev limpou a ponta da picareta nas roupas do morto. Deixou a espada do guarda de lado e recorreu à faca de caça. Cortou a armadura peitoral de couro e a camisa de algodão por baixo dela com movimentos habilidosos, expondo o abdome do cadáver. Havia um leve inchaço e uma cicatriz rosada na região do pâncreas. Sev abriu a barriga do homem com cortes amplos, puxou para trás as mangas de seu sobretudo e investigou as tripas do morto com a mão. Notou que o pâncreas parecia muito menor, como se lhe faltasse um pedaço. De onde deveria estar o restante do órgão, retirou um objeto oval e dourado, pouco maior que um punho fechado. Runas cuneiformes cobriam sua superfície — um necrológio. Guardou-o no bolso do sobretudo.

Não era surpresa para Sev que o Barão fosse envolvido com práticas consideradas desprezíveis na Nova Mordrávia, mas aquilo alcançava um nível totalmente novo. Era um tipo de magia abominada em todas as terras que possuíam uma mínima pretensão à civilidade — que eram bem poucas desde a Devastação. Punível com a morte até mesmo na Solúmbria, terra governada por uma Cabala de necromantes. O adiantamento que Sev recebera por aquele serviço não compensava esse tipo de insalubridade, mas, ao menos, venderia o necrológio por uma bela bolsa de prata.

Era um amuleto taumatúrgico, o que significava que Grostin tinha relações muito próximas com o império de Var Khalad. Em algum lugar a noroeste, um amuleto gêmeo ao que acabara de extrair do cadáver alertaria a um sacerdote fanático que o encanto profano tecido nas entranhas daquele homem havia se completado, concedendo um arremedo grotesco de vida ao falecido por tempo

limitado. O amuleto gêmeo mostraria ao sacerdote tudo que o hospedeiro de sua contraparte havia visto e ouvido em seus momentos finais. Isso exigiria uma mudança de planos.

Recomposto do incidente com o morto-vivo enfurecido, Sev apanhou uma das tochas das paredes e subiu a estreita escada. Após dois tortuosos lances em espiral, deparou-se com a entrada do último andar. Torres silenciosas eram desprovidas de telhados, permitindo ao frescor da noite afagar a barba do velho ladrão de túmulos quando ele adentrou no amplo salão mortuário. As estrelas banhavam o chão de pedra com sua luz enigmática. Não havia lua no céu.

Fragmentos ósseos forravam o chão, mas não havia nenhum mau cheiro. Os corpos dos nobres eram tratados com água, unguento e perfumes antes de serem depositados em mesas de pedra. Sev olhou para o topo das paredes, onde poleiros abrigavam os últimos vigias da torre. Eram enormes abutres que pareciam guardar luto, vestidos de uma plumagem negra. Em verdade, aguardavam ansiosamente o próximo banquete de carne e ossos bem-nascidos.

O povo da Nova Mordrávia sofria com as agruras de um país sitiado por bárbaros, bruxas e necromantes. Para eles, a morte era um descanso abençoado, e a reanimação de um corpo era a mais horrível das violações. Acreditavam que um cadáver devorado por animais cumpria seu propósito ao retornar para a natureza, enquanto um corpo transformado numa abominação morta-viva subvertia os ciclos naturais e condenava a alma ao sofrimento eterno.

Enquanto cruzava o salão, atento a qualquer som, Sev se perguntava se aquelas aves estariam dispostas a abrir uma exceção à necrofagia para deleitar-se com a carne ainda quente de um ladrão bastante vivo. Antes que o pensamento tomasse conta de sua mente, avistou o que buscava.

Entre duas mesas de pedra, no lado oposto à entrada do salão, havia um armário de mogno entalhado com os sinetes dos ancestrais de Grostin. Sev pôs a tocha na mesa à sua direita e correu ambas as mãos por cada relevo, entalhe e aresta da madeira, procurando por armadilhas. Não detectando nenhuma, sacou do bolso uma gazua e passou a trabalhar na fechadura. O clique da tranca quando finalmente se abriu encheu-o de satisfação — eram essas pequenas coisas que o faziam amar a vida de ladrão.

O armário aberto revelava diversas relíquias pertencentes aos antepassados de Grostin: armas antigas, joias, medalhas de bravura da velha Mordrávia e toda a sorte de miudezas em ouro, prata e pedras preciosas. Pequenos lembretes dos honrados falecidos, cujas almas haviam ascendido com a ajuda dos abutres.

Nada daquilo interessava a Sev. Procurou nas gavetas da parte mais baixa do armário, batendo de leve na madeira até encontrar um fundo falso sob uma pilha empoeirada de documentos. Retirou do compartimento oculto um livro grosso, com

capa de couro e uma fechadura metálica tão enferrujada que já era incapaz de trancar qualquer coisa. Apoiou o pesado volume na mesa de pedra à esquerda e apanhou a tocha, tomando cuidado para não aproximá-la demais do papel.

Era um preciso registro genealógico da família do Barão, catalogado minuciosamente até os ramos mais distantes da árvore. Era também um registro funerário, detalhando a causa e data das mortes, bem como as formas e os locais de sepultamento. Os ancestrais de Grostin não eram originários da Mordrávia.

Tratava-se de uma linhagem antiga e estrangeira, exilada dos prados férteis de uma antiga monarquia do oeste para as terras inóspitas da Mordrávia, muito antes da Devastação que alterara fronteiras e trouxera toda a sorte de infortúnios ao continente de Noltora. Sev divertia-se com a ideia de que aquele Barão mesquinho e traiçoeiro tivesse ancestrais de estirpe heroica, mas aquele tomo confirmava o que seu empregador lhe dissera.

Em uma das páginas do extenso volume, estava a localização de um monte funerário específico, sob o qual repousava o mais nobre dos antepassados de Grostin, e com ele seu estandarte e armadura. Tesouros relegados às canções e às lendas, imbuídos com a memória de glórias passadas e capazes de liberar os reinos ocidentais da tirania do império que os subjugava. Objetos místicos de valor incalculável, encerrados em uma sepultura milenar. Sev sorriu. A glória de recuperá-los seria sua.

Além do que, o pagamento não era ruim.

CAPÍTULO 01

As batidas do coração de Hakim acompanhavam o trovejar dos cascos dos cavalos em campo aberto. Sob seu comando, os Santos Cavaleiros de Var Khalad haviam trespassado a linha de defesa dos insurgentes. Suor o encharcava sob seu elmo coroadado, mas calor e cansaço eram deixados de lado quando a exultação da vitória iminente fazia o sangue pulsar mais rápido.

Era a maior rebelião em décadas, os sacerdotes lhe disseram. Cerca de dois mil homens dos protetorados imperiais e selvagens da Terra Arrasada, sob o comando de um punhado de senhores destituídos e de um antigo chefe bárbaro, insurgiram-se contra a soberania divina de Var Khalad. Os sacerdotes denunciaram o levante como um ato horrendo e blasfemo. Uma heresia contra o Deus-Rei.

Hakim concordou abertamente com o clero. Enviou mensageiros, assinou ordens de execução e encomendou missas. Ofereceu recompensas pela captura de líderes rebeldes por todo o Império e em seus protetorados. Tudo subscrito por ele, tudo executado em seu nome.

Hakim era o Deus-Rei de Var Khalad há pouco mais de um ano, e sua autoridade era incontestável.

Em seu íntimo, porém, não se sentiu sequer contrariado pela rebelião. Na contramão do que o bom senso permitia, ficou animado com a perspectiva de liderar seus homens numa batalha contra um oponente de valor. Acreditava compreender os motivos dos rebeldes. Os protetorados imperiais dividiam uma ancestralidade comum, conhecidos num passado distante como os Reinos Amaraninos. A memória desses tempos gloriosos inflamava uma chama no coração dos homens, um fogo brilhante que cegava sua razão.

Var Khalad e sua teocracia haviam se colocado entre os amarantinos e seu desejo por independência, mas, ao fazê-lo, também os protegiam de lordes mesquinhos, ávidos por riquezas, terras e títulos. Não tinha o próprio Amarante sonhado em forjar um império? Não tinha o seu legado se fragmentado em pequenos reinos em conflito? Hakim poderia até mesmo concordar com os desejos do povo amarantino, se não soubesse que Var Khalad era a única chance da humanidade contra a destruição total. O império glorioso do Deus-Rei era a única esperança de resgatar o mundo do caos em que se encontrava.

Hakim fora escolhido para assumir o manto do Deus-Rei, sucedendo-lhe em segredo. Mas não tinha muita fé em si próprio, apesar do que seus clérigos lhe diziam sobre seu propósito e destino. Era apenas como o filho de um príncipe mercante, que sonhara em comandar exércitos e proteger os mais fracos e que, por

ironia do destino, tivera seu sonho realizado. Enxergava a necessidade de um império forte e unificado para resguardar o povo das ameaças que a Devastação libertara sobre Noltora: bárbaros selvagens, bruxas cruéis, necromantes traiçoeiros, carniçais famintos e horrores anfíbios. Cairiam como uma praga sobre todo o continente, se Var Khalad não o protegesse.

O império erguia-se como as muralhas de uma fortaleza, mantendo longe os invasores e seguros seus habitantes. Ainda assim, sempre haveria aqueles que olhariam para as muralhas pelo lado de dentro e enxergariam uma prisão. Desses, uns poucos podiam ser persuadidos a ver a verdade, mas os demais seriam pacificados a ferro e fogo. Caso contrário, fariam ruir a última grande civilização, e com ela a chance de um futuro pacífico para a humanidade.

Talvez não fosse Hakim o mais indicado para representar um bastião de esperança em tempos incertos. Mas os sacerdotes — a facção dominante do clero, pelo menos — insistiam que os agouros e presságios não mentiam, que a profecia não falharia e que as estrelas, finalmente, estavam alinhadas. O que significava que apesar de suas dúvidas, Hakim devia ostentar o manto de Deus-Rei até o fim dos seus dias. Mas o que realmente lhe inspirava confiança eram os trezentos cavaleiros atrás de si, prontos para matar e morrer ao seu comando.

O restante da cavalaria estava sob as ordens da arconte Liriel, flanqueando a infantaria rebelde para depois se unir à força principal, como instruíra Hakim. Ele os atacaria de frente, para que pudessem vê-lo bem, montado em seu cavalo de batalha, vestido com a armadura de adornos dourados e o manto branco do Deus-Rei, e se desesperar. Os arcontes Laurent e Sigismund cavalgavam a seu lado. Hakim nunca vira um par tão curioso, nem tão feroz em batalha.

Graças a um informante, souberam que os rebeldes planejavam movimentar o grosso de suas forças, incluindo seus comandantes, num assalto contra Valash Nur, um dos fortes na fronteira entre Var Khalad e seus protetorados. O golpe demoraria a ser sentido pelo império e os insurgentes poderiam angariar apoio dos camponeses após a libertação de terras que um dia pertenceram ao reino amarantino de Tanánn. Mas Hakim empregara os melhores cartógrafos e requisitara guias nativos para montar a emboscada perfeita. Assim que o exército rebelde pôs os pés em campo aberto, antes que fossem capazes de formar uma linha defensiva, os Santos Cavaleiros caíram sobre eles.

A Ordem dos Santos Cavaleiros era temida em todos os reinos hereges. Treinados desde a infância, seus membros eram retirados de orfanatos ou ofertados por suas famílias em troca de prata, comida e bênçãos do Deus-Rei. Eram doutrinados na religião khaladina e ensinados a obedecer cegamente ao deus e seus arcontes. Em combate, moviam-se em total comunhão com seus cavalos e companheiros.

Os homens dos protetorados conheciam a reputação dos cavaleiros, e ao avistarem o próprio Deus-Rei liderando a carga e ostentando a Máscara Colérica — símbolo da sua ira divina, com presas animais e uma língua bifurcada projetando-se a partir de uma terrível face dourada —, foram incapazes de resistir. A investida de Hakim contra a infantaria inimiga dividiu o exército rebelde em dois.

As linhas de infantaria cuidadosamente organizadas ruíram diante da maré de aço e cascos. Homens foram perfurados por lanças de cavalaria e pisoteados, tanto pelos cavalos quanto por seus próprios companheiros em fuga. Gritos de dor e desespero misturaram-se a brados de glória. Desfeita a coesão entre os rebeldes, Hakim fez com que seus homens cavalgassem para longe do inimigo e se reagrupassem.

Com a parede de escudos quebrada, a infantaria khaladina iniciou um massacre contra os inimigos desorientados. Os homens de Var Khalad contavam pouco mais de metade dos rebeldes, mas eram assistidos por oitenta grão-arqueiros, disparando pesados virotes metálicos capazes de perfurar escudos e placas de aço, com força e pontaria sobre-humanas, enquanto oito taumaturgos “línguas-de-fogo” conjuravam pilares chamejantes, para o horror dos insurgentes.

Um contingente menor do exército rebelde permaneceu firme: bárbaros, homens de clãs sem lei vindos da Terra Arrasada ao leste. Hakim esporeou Baluarte, seu garanhão castanho, e contornou o campo de batalha, preparando-se para liquidar o restante da rebelião. Seus Santos Cavaleiros o seguiam. O inimigo firmou uma nova linha de defesa, erguendo escudos e nivelando as lanças com disciplina mortal. Hakim localizou o chefe guerreiro pelo seu elmo decorado com uma longa cauda escamosa, de um tom iridescente de verde. Aquele velho bárbaro era o responsável pela solidez da formação.

Hakim ergueu seu escudo — branco, com o sol chamejante de Var Khalad como emblema — e baixou sua lança, sentindo todo o peso da arma acomodar-se à sua postura sobre o cavalo. Era branca e adornada com espirais douradas, mas estava banhada com sangue do anteparo até a ponta assassina. Embora a maioria dos rebeldes fosse armada com escudos simples e lanças com pontas de madeira endurecidas pelo fogo, aquele grupo continha apenas guerreiros dos clãs selvagens, portando bom aço saqueado das mais diversas partes do continente. Mesmo com armadura, os cavalos corriam sério risco diante daquelas armas em uma parede de escudos tão tenaz.

Hakim bradou a ordem de ataque como se todos os pulmões em Var Khalad fossem seus. O som reverberou dentro do elmo corado e encheu seus ouvidos. Mal pôde crer que a voz temível que saiu de sua boca realmente lhe pertencia. Naquele momento, acreditou plenamente que havia um Deus-Rei em algum lugar dentro de si.

Os Santos Cavaleiros mantinham-se lado a lado enquanto os cavalos galopavam ferozmente em direção aos bárbaros. Nenhum deles deixou a formação ou abriu espaço. Mesmo quando a parede de escudos inimiga não cedeu, mesmo quando lanças trespassaram os pescoços grossos dos cavalos de guerra e o aço velho de espadas pilhadas mordeu aço novo e abençoado das forjas de Var Khalad.

Os cavaleiros encontraram um oponente à altura. Homens cujo único propósito era a guerra e os espólios que ela trazia, homens sem fé e sem lei, mas com experiência militar de sobra. Hakim deixou sua lança, que ficara presa na caixa torácica de um selvagem, e sacou a espada — um metro e vinte de aço imaculado, que os registros clericais denominavam Fendetreva. Golpeou o bárbaro a sua direita enquanto bloqueava um golpe com o escudo. Procurou o chefe guerreiro de elmo escamado, mas um segundo atacante, brandindo uma alabarda e gritando blasfêmias, o distraiu. Pressionando os joelhos, Hakim fez Baluarte se virar para evitar o golpe e preparar o contra-ataque.

Podia ouvir Laurent gargalhando ao seu lado, brandindo sua estranha lâmina e banquetecendo-se de matança. Sigismund também estava lá, mas não gritava nem ria. Hakim só tinha certeza da sua presença, pois em pouco tempo não havia mais inimigos atacando à sua esquerda. Uma pequena brecha se formara na parede de escudos graças aos golpes do martelo de guerra do arconte. Hakim forçou passagem pela abertura e gritou para que os Santos Cavaleiros persistissem na ofensiva. Viu dois de seus homens sendo derrubados das selas e apenas um conseguir aparar os golpes subsequentes com o escudo.

Não havia mais sinal do chefe guerreiro em meio ao clangor da batalha. Hakim fendeu elmos, perfurou placas peitorais e aparou tantos golpes com o escudo que cada nova pancada fazia seu ombro arder. Talvez o homem tivesse removido o elmo ou se retirado para a retaguarda, mas Hakim ouvia uma voz áspera berrando ordens aos selvagens. Sentiu um puxão forte e lutou para manter o equilíbrio, sua espada cortou o antebraço de alguém que tentara derrubá-lo. Mal havia se endireitado na sela quando viu a lança dardejar em sua direção.

O chefe guerreiro emergiu por detrás de um grupo compacto de bárbaros portando escudos largos. O homem enorme impeliu sua lança curta contra o rosto de Hakim, que levantou o escudo, mas, por estar desalinhado na sela, não pôde se defender corretamente. Por puro instinto, seu cavalo se virou e recebeu o golpe no lado direito do pescoço. A proteção de couro se esfacelou diante da força do chefe guerreiro. Hakim apeou e conseguiu cair com o escudo virado para cima.

Baluarte relinchou de dor, seus olhos completamente brancos de desespero. A ferida jorrava escarlate e banhava os inimigos, desorientando-os. Um selvagem com um imenso machado acertou a espinha do corcel e derrubou-o de lado. Hakim havia perdido sua espada na queda e ainda estava agachado tentando recuperá-la. Os

bárbaros tiveram que transpor o corpo do cavalo para alcançá-lo. Agarrou o punho da espada, mas antes que pudesse se levantar, dois lanceiros estavam sobre ele.

Ergueu o escudo sem saber se suportaria os ataques. Ouviu um berro gutural vindo da esquerda e o som de metal e ossos esmagados. Sigismund baixara seu martelo de guerra sobre a cabeça de um dos atacantes, partindo-lhe o elmo e esmagando-lhe o crânio. Houve uma pequena chuva de fragmentos de osso, sangue e matéria encefálica. O horrível espetáculo deixou todos em volta atônitos. Hakim levantou-se com um golpe contra a virilha do segundo homem, que caiu guinchando.

À direita, Laurent uivava, retalhando a face de um dos homens que protegia o chefe guerreiro com movimentos rápidos. Sua lâmina exótica aquecia o ar a sua volta à medida que o arconte cortava os inimigos, deixando escapar filetes delgados de fumaça, graças à taumaturgia colérica. Hakim sentiu o suor escorrer sob o elmo, encharcando ainda mais seu cabelo trançado. Respirou fundo, o braço do escudo doía.

— Não haverá misericórdia para os que desafiam o Deus-Rei! — berrou. Seus cavaleiros ecoaram em uníssono:

— Sem misericórdia!

O líder bárbaro investiu contra Hakim, mas o escudo de Sigismund o impediu. Laurent, ainda sobre seu cavalo, mantinha os homens à direita ocupados. Hakim arremeteu seu escudo contra o chefe de guerra para tirar-lhe o equilíbrio e atacou com um movimento perfurante de cima a baixo, usando a espada como se fosse uma lança. O velho guerreiro gritou em desafio quando Fendetreva atravessou seu pulmão, deixando escapar um chiado estridente ao cair. Hakim sentia-se exausto e seu braço já não tinha forças para levantar o escudo, mas tudo que os bárbaros viram foi o Deus-Rei, com sua face dourada congelada numa monstruosa expressão de raiva, desferir o derradeiro corte contra seu melhor lutador. Encheram-se de medo.

Sigismund balançou seu martelo num arco amplo, afastando de Hakim os bárbaros perplexos. O arconte de armadura negra era imponente o suficiente para debelar aos berros um adversário atordoado pela perda de seu comandante. No instante seguinte, ouviu-se o estrondo trovejante de cascos e brados de carga. Liriel trouxera o restante dos Santos Cavaleiros para massacrar a retaguarda inimiga, que não teve tempo de reposicionar os escudos para deter a investida.

Estava acabado. Laurent veio de encontro a Hakim, conduzia pelas rédeas o enorme castrado cinza de Sigismund. Ofereceu-o como remonta. Foi difícil subir no dorso do animal com o braço esquerdo lesionado e, mesmo que o cansaço fizesse sua armadura parecer ainda mais pesada, o Deus-Rei cavalgou novamente, erguendo Fendetreva, manchada de sangue infiel. Deixou que Sigismund

comandasse o massacre dos bárbaros derrotados em seu lugar e contornou o campo de batalha com Laurent ao seu lado. Recuaram até uma pequena elevação ao norte, atrás da qual aguardavam carroções de suprimentos e uma tenda de lona montada às pressas pelos sacerdotes.

Do alto, puderam ver que a infantaria khaladina já subjugara os demais insurgentes, um grupo maltrapilho de amarantinos. Diferente dos bárbaros, aceitariam a derrota. O Deus-Rei mostraria misericórdia ao poupar suas vidas e enviá-los para o trabalho servil nas férteis plantações dos protetorados. Gloriosas labaredas douradas pontilhavam o campo de batalha nos locais onde os taumaturgos concentravam suas energias.

Hakim observou seus Santos Cavaleiros ceifarem até o último dos guerreiros bárbaros, que desconheciam a rendição. Apreciou a graça mortal de Liriel — que lutava sem escudo, coberta dos pés à cabeça em vestes monásticas — com a cimitarra. Então se retirou para o acampamento improvisado.

— Saudações, meu senhor. Um dia vitorioso em sua glória! — saudou Kamash, seu senescal, que fez uma reverência impressionante, curvando-se até quase tocar o chão com o nariz pontudo.

— Não há glória na matança, Kamash, mas às vezes há justiça. — Hakim saudou-o com um gesto simples da mão direita, uma bênção.

— Sua sabedoria ilumina a todos nós, meu senhor.

— Cuide para que os prisioneiros estejam alinhados e prontos para receber o perdão divino. Certifique-se de que seus líderes bem-nascidos sejam limpos e bem alimentados, caso tenham sobrevivido.

O senescal fez uma nova medida, ainda mais elaborada, e bateu palmas num ritmo suave. No mesmo instante, criados adentraram a tenda carregando uma tina metálica e baldes com água perfumada.

— Deixarei o senhor sob os cuidados de seus humildes servos. Louvado seja, ó Deus-Rei.

Apenas quando Kamash havia se afastado do aposento, os criados se puseram a despir Hakim.

Nenhum mortal poria os olhos sobre a face do Deus-Rei, com a exceção dos arcontes e membros do alto clero. Os homens e mulheres encarregados de ajudá-lo com sua higiene pessoal eram cegos e mudos. Alguns de nascença, mas a maioria havia se submetido a um procedimento cirúrgico em troca do privilégio de servir ao deus de Var Khalad e viver confortavelmente em seu Grande Templo.

Por isso nenhum dos soldados, cavaleiros e sacerdotes menores suspeitava que Hakim ocupava o lugar do verdadeiro Deus-Rei. Em suas mentes e corações eles serviam ao mesmo deus de seus pais e avós. Sequer imaginavam que ele morrera há alguns anos e que havia sido recentemente substituído. Apenas os altos sacerdotes e

os arcontes sabiam da verdade, e mesmo eles acreditavam que Hakim era, de alguma forma, o legítimo Sucessor do Deus-Rei, portador da divindade na terra e fonte viva do poder dos taumaturgos.

Enquanto deixava que o despissem e banhassem, Hakim se perguntava se os serviçais mais velhos, ao tocá-lo, não percebiam alguma diferença. Não podiam ver seu rosto jovem ou sua pele morena, mas deviam ser capazes de notar que o homem que serviram por toda sua vida tinha mudado de aparência nos últimos anos. Ainda assim, nenhum criado agia como se suspeitasse de algo.

Despido, Hakim parecia a qualquer um apenas como um jovem descendente dos ilhéus de Uru Hatham, a ilha afundada séculos atrás pela mesma Devastação que criara uma Terra Arrasada no coração do continente. Os ilhéus, exilados após o cataclismo, foram um dos primeiros povos a seguir a liderança do Deus-Rei e assentar as bases do atual império. O pai de Hakim pertencia a uma facção nômade do povo hathamita, liderando sua própria caravana mercante. Sua mãe nunca pisara em solo imperial, conhecera seu pai em suas viagens e falecera durante o parto.

Após lavá-lo e perfumá-lo, os criados serviram-lhe hidromel suave e frutas frescas. Mal tocou a comida. Os serviçais o auxiliaram a pôr uma nova armadura, idêntica à que usara na batalha, mas incólume, sem manchas de sangue na capa branca ou marcas de golpes no metal polido e adornado com ouro. O elmo coroadado possuía uma face diferente dessa vez, a Máscara Melancólica, que exibia uma expressão cadavérica, de pesar profundo. O Deus-Rei lutaria e mataria, mas lamentaria os mortos, pois toda a humanidade era sua família, mesmo aqueles que se voltavam contra seu dever divino de protegê-la, ou seu direito igualmente divino de governá-la.

Laurent o aguardava fora da tenda. Tinha o escudo preso às costas e refrescava sua face encovada com um cantil d'água. Ainda portava a curiosa espada sem empunhadura.

— Algo lhe aflige, meu senhor — disse Laurent em tom sarcástico ao notar a nova máscara. — Podemos massacrar mais insurgentes para melhorar seu humor.

— É o seu humor que se alegra com o massacre, Laurent. Não me culpe por sua sede de sangue. — Hakim confiava nele. Ainda que seu comportamento fosse desagradável, ao menos era honesto.

— Perdoe seu humilde servo — Laurent riu, despejando o conteúdo do cantil em seu rosto magro, corado pelo calor da batalha, esfregou a barba rala e os cabelos louros com satisfação. — Às vezes, confundo meus próprios desejos com vontade divina. Isso beira a heresia, não é? Só não mande cortar minha outra mão ou vai ter que segurar meu cantil — sorriu o arconte. Perdera a mão direita ainda jovem, e sua espada sem guarda ou empunhadura era, na verdade, uma lâmina longa fundida à manopla metálica de sua armadura acobreada.

— Não faça pouco da vontade divina, Laurent — advertiu Hakim. — É graças a ela que você tem um ofício. — Hakim permitiu-se compartilhar do sarcasmo do companheiro. — Venha comigo, temos soldados para abençoar e traidores para absolver.

Voltaram ao campo de batalha para testemunhar o horror da carnificina. Seus guerreiros haviam empilhado os mortos de forma caótica — homens e cavalos ensanguentados numa massa disforme. Apenas os corpos dos Santos Cavaleiros teriam tratamento diferente. Seriam exumados e levados de volta à capital para um funeral heroico. Seu equipamento passaria aos novos membros da ordem, como herança sagrada.

Durante a luta, sentira-se eufórico, mas ao aproximar-se da matança que causara, Hakim ponderava que a máscara dourada de face pesarosa que agora ostentava era mais do que adequada. Por um instante, pensou distinguir Baluarte entre os corpos: a boca equina escancarada, os olhos brancos cobertos por moscas, uma pata ainda acometida por tremores, o casco escavando o chão copiosamente em funestos espasmos.

— Sigismund, O Bexiguento, está atrasado! Todo esse tamanho te deixa lerdo, meu amigo! — Laurent acenou para o enorme homem de armadura negra.

— Laurent, O Enfadonho — respondeu o gigante, seu rosto marcado pela varíola não revelando mais que um leve desconforto. — O companheiro arconte o incomoda, meu senhor? — perguntou a Hakim, que não sabia se o homem falava sério ou se estava se referindo à expressão em sua máscara. — Com certeza incomoda a mim.

— Não dê a ele o gosto de ouvir isso, Sig.

— Tarde demais, não há como me impedir agora! — Laurent riu. — Sou um cirurgião e você é meu paciente, Sigismund. Sei exatamente onde cortar para provocar uma reação!

— Só uma intervenção divina pode parar isso que você chama de senso de humor, Laurent — riu Hakim, um som que destoava da expressão agonizante em sua máscara. — Felizmente eu sou o Deus-Rei, e ordeno que feche a boca por alguns instantes. Kamash deve estar nos esperando.

Os homens da retaguarda e os intendentess da tropa tinham erguido um acampamento simples. Havia apenas um comprido pavilhão para os feridos e três tendas menores: uma para os línguas-de-fogo, outra para os grão-arqueiros e a última para os líderes da rebelião, senhores destituídos de suas terras, mas ainda influentes nos protetorados, agora prisioneiros do império.

Kamash aguardava próximo à tenda dos nobres capturados. Enquanto ia a seu encontro, Hakim observou que seus sacerdotes já se encarregavam da triagem e atendimento aos feridos, e sentiu tanto orgulho de seus médicos quanto de seus

guerreiros. Os taumaturgos, porém, necessitavam de cuidados especiais devido à natureza de seus prodígios milagrosos, e receberiam transfusões dos fluídos corporais — ou humores — que a magia santa do Deus-Rei drenava de seus praticantes.

O senescal recebeu-o com outra saudação de difícil execução, mais parecida com um passo de dança. Estava rodeado por um punhado de cavaleiros, que optaram simplesmente por se ajoelhar.

— Meu senhor, há poucas baixas em nossas fileiras — disse Kamash, antecipando a primeira preocupação de Hakim. — Quanto aos líderes da insurreição, três sobreviveram sem ferimentos graves, mas um deles tentou cortar a própria garganta com os talheres que lhe fornecemos para a refeição. Tive de deixá-lo sob os cuidados dos sacerdotes de campo e servi-lo de mingau de aveia numa tigela de madeira.

Laurent deixou escapar uma gargalhada diante da história do senescal. Sigismund suspirou, resignado a tolerar o companheiro.

— Obrigado Kamash — disse Hakim. — Onde está nosso convidado de honra?

— Lorde Riénn está pronto para encontrar seus compatriotas. — O senescal estalou os dedos, e dois cavaleiros se levantaram, arrastando pelos ombros um homenzinho ruivo de meia idade, vestindo linho verde e uma capa de pele de raposa. Ostentava um único anel dourado e um medalhão velho e gasto. Suas roupas estavam amarrotadas e manchadas de terra por ter sido forçado a se ajoelhar, mas mantinha um semblante de dignidade.

Riénn preservara o suficiente de seu prestígio nos protetorados imperiais para ser informado das intenções rebeldes de seus antigos aliados nobres. Porém, com suas terras em Nagrath sob domínio imperial e com pouquíssimos homens dispostos a segui-lo, optou por delatar a rebelião a Var Khalad e agir como espião em troca de favores. Ele sorriu e tentou imitar a mesura de Kamash, mas perdeu o equilíbrio na metade do gesto.

— Salve Var Khalad, salve o Deus-Rei. — O tom de Riénn era formal, minimamente respeitoso.

— Var Khalad o saúda, Krennas Riénn — respondeu Hakim, consciente de que sua presença intimidava o pequeno lorde. — Seus serviços foram de grande valor para o império. Suponho que deseje receber a recompensa prometida?

— Sim, meu senhor. Agradeço humildemente. — Não havia muita humildade em sua voz.

— Seus compatriotas precisam saber que Var Khalad aprecia a cooperação. Acompanhe-me até eles para que possam testemunhar seu momento de glória.

— Evidente, meu senhor — disse Riénn, com um leve sorriso de satisfação. Virou-se para a tenda onde os ex-senhores derrotados aguardavam. Um dos cavaleiros o impediu, a manopla de aço quase esmagou seu ombro.

— Não esses compatriotas. — A voz do Deus-Rei por trás da máscara abandonou toda a cortesia. — Aqueles. — Hakim apontou para onde seus homens haviam levado o remanescente da força rebelde.

Laurent riu novamente.

— Meu senhor, o que importam eles para o nosso acordo? — Riénn perdeu o sorriso e franziu a testa.

— Seu trato foi com o clero khaladino, não com o Deus-Rei. — Hakim sentia-se estranho ao referir a si mesmo dessa forma, mas o argumento funcionava. — Você queria se vangloriar em frente aos nobres de sua antiga nação, mas o que vai fazer é calar-se enquanto eu exponho a vergonha de sua traição para os homens que o viam como símbolo de esperança.

— Não! Você não pode! — guinchou Riénn. Laurent interpôs-se entre ele e Hakim.

— Parece que este aqui está questionando a autoridade de nosso senhor, o portador da divindade na terra e fonte viva do milagre da taumaturgia. — O arconte tinha os olhos selvagens fixos em Riénn. — Não é mesmo, meu caro Sigismund?

— Acho que ele tentou proibir o Deus-Rei de fazer algo — concordou o brutamontes, desanimado.

— Sim! — Laurent continuou. — O que fazemos com cães miseráveis que ousam desafiar a vontade divina, rapazes?

Os cavaleiros desembainharam suas espadas. Riénn gemeu. Kamash observava a cena, fingindo-se escandalizado.

— Poupe-me! Eu imploro! Pelo amor de... Pela graça do Deus-Rei! — suplicou o lorde, atirando-se de joelhos aos pés de Hakim.

— Krennas Riénn, pelos serviços prestados ao Império, lhe será concedida uma posição na Baixa Corte. — Hakim não se sentia particularmente misericordioso. A Baixa Corte de Var Khalad não passava de uma prisão palaciana para a nobreza dos protetorados.

— Como? — indagou Riénn, soluçando. — Não foi esse o combinado! Fui prometido uma posição de Lorde Comandante! Terras em Nagrath!

Laurent agarrou o nobre pelo colarinho e puxou-o para cima. Sua testa estava a centímetros da de Riénn, a face encovava uma caricatura do ódio.

— Como ousa questioná-lo, seu verme? — Laurent aproximou sua lâmina do rosto de lorde Riénn e a arrastou lentamente sobre a pele, abrindo um corte da têmpora ao queixo. Riénn tentou gritar, mas Laurent levou o joelho contra seu ventre, tirando-lhe o fôlego.

— Tragam-no! — ordenou Hakim aos seus cavaleiros.

Os rebeldes foram alinhados em fileiras, desarmados, agrilhoados e postos de joelhos. À chegada do Deus-Rei e seus arcontes, foram ordenados a ajoelhar-se e curvar-se sobre a terra úmida. Vendo que o Deus-Rei permanecia incólume, mesmo após enfrentar tropas amarantinas e os bárbaros da Terra Arrasada, muitos obedeceram imediatamente. Os demais foram forçados pelas botas dos guerreiros khaladinos.

— Levantem-se e observem, homens dos protetorados! — bradou Hakim, a voz potencializada pela máscara. — Krennas Riénn, lorde de Tanánn! — Enquanto o Deus-Rei discursava, Riénn foi empurrado adiante pelos cavaleiros. — Este é o homem que revelou a posição de suas tropas a Var Khalad! Ele, que vocês chamam de senhor, delatou seus planos secretos aos meus sacerdotes! Quantos de seus irmãos e companheiros morreram graças a este homem?

O lorde baixou a cabeça, envergonhado. Um cavaleiro puxou seus cabelos ruivos com força, para que encarasse a multidão. Muitos vaiaram-no.

— Você confessa seu crime diante de mim e desses homens, lorde Riénn?

O nobre nada disse.

— Rejeita minha acusação? Questiona minha autoridade?

O olhar de Riénn foi da multidão à máscara de Hakim, e então à expressão assassina de Laurent.

— N-não, Senhor — balbuciou. — Eu confesso.

As vaias aumentaram, a raiva instalou-se na multidão. Sussurros, chamando o lorde de “traidor” e “maldito”, irromperam das fileiras dos derrotados.

— São esses os senhores a quem preferem servir? — perguntou Hakim à multidão de cativos. — Homens mesquinhos, capazes de trair os que depositam sua confiança neles pela promessa de riqueza e ganho material? Homens que mentem e conspiram, usando-os como peões em um jogo enquanto fingem que lutam pela liberdade?

Os insurgentes berravam insultos, a maioria a Riénn. Os que falavam contra o Deus-Rei eram calados com pontapés.

— Quando o povo de Tanánn, Brannoch, ou qualquer dos Reinos Amarantinos foi verdadeiramente livre? — Hakim continuou. — Vocês sempre foram tratados como gado por nobres corruptos em seus esquemas e disputas por terras e riquezas. Quando a Devastação trouxe carniçais, bruxas e abissais, seus velhos senhores se refugiaram na segurança de seus castelos! — A lembrança daqueles dias sombrios sempre provocava reações extremas. Hakim sabia disso, e prosseguiu. — Seus antepassados foram deixados para morrer, e quando a matança terminou seus senhores venderam os cadáveres para a Solúmbria!

À menção da terra dos necromantes os prisioneiros agitaram-se terrivelmente, as correntes chacoalhando. Hakim aguardou até que se acalmassem.

— Desde que pus os Reinos Amaraninos sob minha proteção, não há mais disputa por terras, nem feras espreitando à noite! Fui enviado dos Céus Exteriores para salvá-los dos horrores do mundo. Var Khalad é a sua salvação! — Hakim ergueu Fendetreva, ainda manchada com o sangue de seus inimigos. Os Santos Cavaleiros bradaram vivas ao Império e ao Deus-Rei. Os amaraninos ainda mostravam inquietação, mas alguns olhavam para Hakim com outros olhos. — Serei verdadeiro com vocês: pretendo usá-los. Var Khalad necessita de trabalhadores fortes e dispostos. Aqueles de vocês que desejarem o perdão divino serão enviados para servir nas minas, salinas ou plantações de outros protetorados. Ao se insurgirem, perderam o direito de permanecer em sua terra natal, mas concedo-lhes a oportunidade de uma nova vida em outras paragens. Em troca, tudo que peço é que se curvem e proclamem sua fé.

Os prisioneiros entreolharam-se, confusos. Bastou que um deles se curvasse para que os demais seguissem. Os reticentes foram forçados a se dobrar pelos cavaleiros. As tropas khaladinas e os homens subjugados ecoaram em uníssono:

— Salveo Deus-Rei! Salve Var Khalad!

CAPÍTULO 02

Moira esgueirava-se em silêncio pelo terreno pantanoso. A fina bruma que envolvia o ar começava a se dissipar com o calor da manhã. Vestida de couro e peles, parecia um animal rastejando pelos arbustos. Teria de continuar sua tarefa diária sem a proteção da neblina, mas o toque gentil do sol em seu rosto era agradável.

A Terra Arrasada, por onde vagavam os membros de seu clã, era quase sempre gélida, mesmo no verão, e plantar em seu solo árido e desolado era trabalho árduo. Por isso, tinham vivido como nômades desde a grande guerra que culminara na Devastação, o cataclismo que varreu da terra os reinos conquistados pelos clãs do Povo das Cinzas, agora exilados pelas nações que resistiram à catástrofe.

Moira pertencia ao enfraquecido clã Brnehald. A linhagem vinha decaindo em número e força há anos, presa fácil para bandos de saqueadores. Não possuíam chefes guerreiros capazes de uni-los, então muitos de seus jovens se juntavam a bandos dos outros quatro clãs enquanto o resto tentava sobreviver nas regiões mais isoladas da Terra Arrasada.

Foram os pais de Moira que lideraram seu bando até aquele trecho pantanoso ao norte da Solúmbria, território dos Senhores da Morte. Após a Devastação, dizia a velha Arja, as pessoas daquela região desenvolveram artes malignas capazes de enganar a morte e comandar hordas de cadáveres, empregando esse poder para estender seus domínios da costa sul até os pântanos, onde outros horrores paridos pela Devastação rastejavam, famintos por carne humana. Naquela região temida, seu bando montou um pequeno assentamento. Bem onde o solo pedregoso e infértil da Terra Arrasada começava a ceder espaço para a lama e a vegetação emaranhada dos pântanos.

O pai de Moira insistia que a região não era tão ruim quanto as velhas histórias faziam parecer, que os Senhores da Morte eram homens de carne e osso, com os quais se podia negociar, e que sua má reputação manteria os saqueadores longe. O velho ferreiro Rodwyn tinha empenhado toda a sua bruta teimosia na ideia de que os clãs deveriam se unir sob um único líder, abandonar a vida de nômades saqueadores e firmar os pés no solo.

A maior dificuldade dessa empreitada era cultivar alimento. Assim, todos os dias, parte dos jovens era mandada para forragear nos pântanos, penetrando cada dia mais fundo no solo enlameado da Solúmbria, enquanto os adultos caçavam e os idosos se empenhavam em fazer suas poucas plantações sobreviverem.

Moira aceitou a responsabilidade de bom grado, por seus próprios motivos. Examinava a folhagem em busca arroz-bravo ou espinafre d'água, atenta às formas e cheiros que sua mãe, a caçadora Sylvia, lhe ensinara a perceber. Carregava consigo uma lança de madeira endurecida no fogo e um arco curto. Já sabia usá-los contra feras, homens e carniçais, mas ainda não testara sua utilidade contra os abomináveis servos dos Senhores da Morte. Sentia medo, mas também uma estranha animação com a ideia de enfrentar inimigos terríveis e sair vitoriosa.

Quando achou que já havia colhido ervas e sementes suficientes para aquele dia, voltou-se para as águas turvas do pântano, tentando enxergar a lama do fundo. Deixou de lado as armas e as ervas e retirou da sacola uma faca de cortar turfa, grande e gasta pelo uso constante. Fazia o mesmo sempre que ia forragear nos pântanos: usava a ferramenta para encontrar ferro.

Seu pai aprendera o ofício de ferreiro ainda jovem, após ferir a perna em uma batalha, e se tornou muito bom em forjar armas com o ferro dos pântanos para os guerreiros do seu pequeno bando. Contara a Moira sobre como o ferro do alto das montanhas era levado até a lama pantanosa pelo gelo derretido: o Deus das Cinzas — pai dos ancestrais dos clãs — tendo derrotado o primogênito do Rei das Montanhas em um duelo, feriu-o mortalmente, fazendo chorar de pesar todas as montanhas do mundo, para que suas lágrimas levassem o ferro que armaria o seu povo.

A jovem garota cinzenta pensava nas histórias do pai enquanto vasculhava com afinco o solo pantanoso, procurando pelos sinais da presença do ferro, que deixava a terra vermelha e a superfície d'água com uma fina camada de óleo iridescente. Cortava partes do solo úmido com a faca curva, então escavava com sua lâmina larga e trazia à tona pequenas quantidades de minério avermelhado, ainda impuro. Seus braços ficariam enlameados até os cotovelos, delatando o trabalho que fazia em segredo. Mas, para não levantar suspeitas, sempre se lavava na água turva do pântano antes de retornar.

O trabalho seria mais fácil se feito por duas pessoas, mas Moira não queria dividir o produto de seu esforço. Já havia acumulado uma boa quantidade de ferro nas últimas semanas. Em pouco tempo usaria a fornalha e os equipamentos do pai para transformá-lo em aço. Sonhava com o dia em que empunharia a própria espada.

Perdida em pensamentos, não notou a ausência da lança quando recolheu o arco e a sacola carregada. Foi apenas quando sentiu a ponta cutucar suas costas que se deu conta do quão descuidada havia sido. Ao não voltar para casa antes da neblina se esvaír, expusera-se ao inimigo. Virou lentamente a cabeça para trás e se deparou com um sorriso infantil de triunfo.

— Lydia! Abaixei isso! — exclamou Moira. — Nossa mãe já não lhe proibiu de caminhar sozinha pelos pântanos?

— Não vim sozinha, vim com você! Estou te seguindo desde que partiu — disse a garota com um risinho.

Lydia era a irmã caçula de Moira. Seis anos mais nova, magra como um graveto e de cabelos castanhos bem curtos. Moira herdara os ombros largos da mãe e a altura e o cabelo exótico — negro com mechas cor de fogo — do pai, que se vangloriava disso ao dizer que ainda havia brasas ardentes entre os filhos das cinzas. Ambas tinham os mesmos olhos azuis-claros, quase acinzentados. Moira fazia o que podia para manter a irmã longe de encrencas, mas Lydia tinha um dom natural para a coisa.

— Estas terras são dos Senhores da Morte, sabe o que eles fazem quando encontram um de nós por aqui? Roubam nossas almas e deixam nossos corpos para alimentar os monstros do pântano! — ralhava Moira com a irmã.

— Bobagem! — Lydia retrucou. — Não tem monstros aqui, só crocodilos, e eles só saem quando está bem quente. A última Senhora da Morte que passou por aqui até conversou com nosso pai! Estava perdida e precisava de ajuda!

— Sua peste! Vamos voltar agora. Ande na minha frente e não faça barulho — comandou Moira, imitando o tom que sua mãe usava para repreendê-la quando menor.

— Eu não fiz barulho nenhum enquanto te seguia, fiz? É você que tem que tomar mais cuidado, grandalhona. Parece um javali fuçando no pântano! — caçou a irmã caçula.

— Quando chegarmos, vou bater em você com essa lança até a madeira envergar!

— Então é melhor conseguir me pegar, Senhora Javali! — Lydia pôs-se a correr, rindo e chapinhando pela água.

Moira se deixou contaminar pela alegria da irmã e soltou um riso desdenhoso. Correu atrás da menina. Devagar, a princípio, para dar à irmã uma falsa sensação de vitória antes que a alcançasse com suas pernas mais fortes e compridas. Mas quando percebeu que Lydia corria para o sul, na direção oposta ao assentamento, Moira apressou o passo.

Lydia enveredou-se por entre as árvores e pulou sobre poças e arbustos emaranhados. Moira era mais rápida, mas não tão ágil, teria problemas para alcançar a irmã. Não quis gritar para não chamar atenção indevida. Lydia ria ao correr.

— Volte aqui, sua peste — Moira sussurrou, mas a irmã não deu ouvidos.

Lydia desapareceu por trás de um grupo compacto de salgueiros-chorões, espremendo-se por entre as árvores. Moira imprimiu mais velocidade e quase

deixou cair a sacola. Contornou troncos nodosos para encontrar a irmã onde o terreno entrava em declive. Estava parada, olhando curiosa para uma poça d'água cristalina, repleta de flores brancas de lótus. Foi quando Moira viu a criatura.

Com o corpo parcialmente encoberto pela fragrante vegetação, Moira só conseguia ver parte da coisa, que ergueu a cabeça após sorver a água em sedentos goles. A criatura levantou os olhos grandes para as irmãs, a face pálida adornada pelas pétalas de lótus que boiavam.

A forma alongada da cabeça lembrava vagamente a de um cão, mas a pele cinza esverdeada que envolvia o crânio era lisa e as feições traziam um arremedo de humanidade. Orelhas grandes e pontudas moviam-se quase imperceptivelmente para captar o som. As narinas abriam e fechavam de modo quase obsceno, a boca exibía um sorriso que revelava dentes demais. A coisa falou:

— Que belas crianças! — A voz era aguda e um pouco arrastada. — Vieram em busca de água? Belas flores para enfeitar seus cabelos? Tenho ambas em grande quantidade!

Moira reconheceu a criatura como um carniçal, lacaio das bruxas dos pântanos, um monstro comedor de cadáveres. Era esquálido, como se a fome pudesse matá-lo a qualquer momento, mas subestimar sua força seria um erro fatal. O carniçal tinha uma pele amarelo-esverdeada e livre de pelos. Quase passaria por humano, se não fosse a face bestial, quase canina, e as garras compridas que se projetavam de seus dedos longos e ossudos. Carniçais nunca andavam sozinhos. Lydia olhava-o com um misto de apreensão, curiosidade e terror. Não havia traço da alegria infantil de antes.

— Venha aqui, fique atrás de mim — disse Moira a irmã, tentando soar ao mesmo tempo calma e incisiva.

— Ora, criança, não tenha medo — respondeu o carniçal, ainda sorrindo. Estendeu um braço esquálido e com uma mão ossuda arrancou um botão lótus do caule. Ofereceu-a a Lydia como oferta de paz. A garota continuou imóvel.

— Fique longe dela! Lydia, venha aqui agora! — Moira sacou o arco e buscou uma flecha em sua sacola, mas em meio à comida, ao ferro e à faca de turfa, demorou para encontrá-la. Lydia pareceu despertar de um sonho, fitando os arredores.

— Você já é velha demais — disse o carniçal a Moira. — Já ouviu histórias demais e seu coração está cheio de ódio — ele soava magoado. — Sua irmã ainda é jovem, não polua sua mente com essas falsidades. Venha, criança. Tem fome? Posso te oferecer um banquete esta manhã!

Moira encontrou a flecha e armou o arco num movimento brusco. Mal teve tempo de mirar e a seta voou de seus dedos, atingindo a água a poucos passos da criatura. As gotas lançadas ao ar pelo mergulho da flecha tiraram Lydia de sua

indecisão e ela correu para junto da irmã mais velha. O carniçal riu, mais um chiado que uma risada.

— Humanos querem matar tudo que cruza seu caminho, até uns aos outros. Não percebem que temos fome? Eu e os meus precisamos de sustento tanto quanto vocês. Não cometi nenhum crime e você me condena com seu olhar.

— Vocês roubam crianças! Raptam filhos e filhas no meio da noite! — Moira estava furiosa. — Transformam garotos inocentes em bichos horríveis como vocês! Deixe minha irmã em paz ou prometo que a próxima flecha vai poluir a água com seu sangue podre!

Moira sentiu a irmã encolher-se atrás de si. O sorriso equino do carniçal não deixou seu rosto, mas pareceu se alterar de algum modo, tornando-se mais ameaçador.

— Meias-verdades não contam histórias inteiras, humana insolente. Nós resgatamos suas crianças da vida cruel e sem sentido que vocês levam, e pagamos caro por isso. Deixamos nossos próprios filhos em lares humanos, como substitutos!

Moira engasgou-se. Lydia deixou escapar um gritinho agudo de horror.

— Não somos tão diferentes assim — continuou o carniçal —, especialmente quando jovens. Quantos vivem na sua aldeia? Quantos bebês nasceram este ano? Talvez algum deles seja parente meu! — O carniçal gargalhou.

— Vá embora, monstro! Volte para o buraco imundo de onde saiu! — Moira armou o arco mais uma vez. Não soltou a flecha, apenas fez a mira e esperou. Pensou ouvir Lydia chorar baixinho.

— Já disse que tenho fome, humana cruel. Vai me negar o sustento que necessito para sobreviver? Não veio você a estes pântanos forragear alimento? Pois deixe-me seguir adiante para buscar o meu.

— Não há cadáveres aqui. Caminhei por quilômetros ao norte e não vi nada que pudesse dar sustento a criaturas como você.

— Não há morte adiante, mas haverá em breve. Eu e meus irmãos vamos aguardar o massacre. Humanos adoram matar uns aos outros e nossas bruxas podem sentir essa morte chegando pelo ar, como uma nuvem de chuva vindo regar a colheita!

As palavras do carniçal não fizeram sentido. Parecia que estava tentando confundi-la. Mas tudo se encaixou como uma horrível revelação: o assentamento, seu lar, estava prestes a ser atacado.

— Lydia, vamos para casa. Agora!

Correram como se os próprios Senhores da Morte estivessem em seu encalço. Moira ouviu a despedida do carniçal, que ria tão alto que parecia uivar.

— Vá, criança humana! Vá se juntar ao meu banquete! Vou reconhecer seu cadáver pela cor dos seus cabelos!

Ataques de outros bandos não eram raros na Terra Arrasada, mas o bando de Moira sofrera muitos saques recentemente e não tinha força para lutar ou recursos para pagar pela paz. Refugiaram-se nas fronteiras da Solúmbria para evitar novos embates enquanto recuperavam as forças.

Mesmo abandonando toda a cautela e movendo-se o mais rápido que podiam, o terreno pantanoso era traiçoeiro e as irmãs se demoraram a alcançar o assentamento. Moira teve tempo de empurrar Lydia para dentro do minúsculo quarto que dividiam e gritar para seu pai um alerta apressado. Sua mãe retornaria de uma caçada pouco depois, a tempo de escutar o som de cascos se aproximando.

Moira subiu numa elevação rochosa para enxergar melhor os atacantes. Reconheceu o estandarte do clã Torgren — um crânio de lobo adornado com chifres de carneiro e penas negras que encimava uma lança de guerra. Em meio aos filhos das cinzas daquele bando havia estranhos, vestidos com túnicas brancas e portando o melhor aço que Moira já vira. Carregavam um segundo estandarte, que não pertencia a clã algum. Era feito de tecido branco e ostentava um sol vermelho e dourado.

Os Brunehald já corriam para defender o assentamento, mas eram poucos, a maioria muito velha ou jovem demais para lutar. Moira viu seu pai sair da cabana coberta de turfa, mancando e berrando ordens. Usava apenas calças e o grosso avental de ferreiro, mas brandia um feroz machado de batalha. As mulheres também corriam, a maioria com arcos de caça. Ouviu, por cima do som estrondoso dos cavalos e dos gritos dos homens, a voz de sua mãe.

— Vá buscar sua irmã! Montem em Sanguinário e sigam para oeste, juntem-se ao bando de seu tio Andvar! — disse a caçadora enquanto ajustava a corda em seu arco, sem tirar os olhos do inimigo.

— Não, mãe! — desafiou Moira. — Vou ficar aqui e lutar como você!

Moira sempre vira a mãe como a mulher corajosa e decidida que era, e qualquer um que a olhasse naquele momento, pintada em tons de negro e verde como camuflagem e portando um arco de guerra, não teria dúvida de que se tratava de uma lutadora. Mas quando os olhos da mãe e da filha se encontraram, carregavam a verdade não dita que jamais se veriam novamente.

Moira reprimiu as lágrimas e desceu da rocha com um salto, esforçando-se para não olhar para trás. Correu para buscar a irmã e encontrou-a num canto da cabana, chorando sob uma pilha de cobertores. A lança que usara para surpreendê-la estava jogada num canto, enlameada. Moira apanhou-a.

— Vamos Lydia, temos que encontrar Sanguinário.

— Quero ficar aqui! Ninguém vai me achar aqui embaixo! — disse a menina entre soluços, tentando em vão acreditar nas próprias palavras.

— Temos que buscar ajuda! Tio Andvar não está longe e o bando dele é grande e forte. — Moira não sabia se aquilo era verdade, mas precisava dizer algo para tirar a irmã dali.

Lydia pôs a cabeça para fora das cobertas, os olhos inchados vertiam filetes de lágrimas.

— Não tem ajuda dessa vez, Moira. Vamos morrer.

Moira puxou a irmã para fora e, no mesmo movimento, levantou-a do chão, segurando-a como um bebê de colo, tão magra e frágil.

— Não diga besteiras, vamos agora e voltaremos com lanças pela retaguarda desses bastardos. — Começou a caminhar com a irmã no colo. Seria uma cena cômica, mas ninguém assistia. Os Torgren haviam formado uma linha e escarneciam da defesa patética dos Brunehald.

— Não é besteira — choramingou Lydia. — Eu sei. Quando aquele... Aquela coisa falou comigo, eu senti. Eu não sabia o que era até ele falar, mas eu senti a morte chegando no vento.

Moira empalideceu.

— Você só está assustada. Vamos, Sanguinário está logo ali! — Deixou Lydia correr até o cavalo e seguiu-a.

Sanguinário era um dos últimos cavalos do bando, um cavalo de batalha, nascido para perseguir, interceptar e atropelar infantaria. Fora saqueado de um comboio mercante antes de Lydia ter nascido. Era velho, mas tinha um brilho nos olhos que revelava sua vontade de continuar galopando. Encontraram-no pastando a grama seca que bordejava a Terra Arrasada. Montaram sem cela ou arreios. Só quando se puseram em movimento — com Lydia agarrada no pescoço do garanhão e Moira segurando a lança na mão direita — foi que Moira se permitiu olhar para trás.

Os Torgren tinham iniciado sua carga. Homens gritavam e cascos trovejavam. O líder do bando inimigo usava um elmo tomado de algum nobre da Vascócia, esmaltado em vermelho e encimado por asas de morcego. Pela aparência da armadura e pela ausência do olho esquerdo, Moira supôs que aquele fosse Dorrage, um chefe guerreiro odiado pelos clãs por vender seus serviços de mercenário a outros povos.

Dois cavalarianos abandonaram a retaguarda atacante e cavalgaram no encalço de Sanguinário. Moira bateu no lombo do cavalo e liberou a pressão de seus joelhos sobre sua barriga. O animal relinchou e disparou para longe do assentamento. Os perseguidores imprimiram mais velocidade. Moira respirou fundo. Puxou a crina de Sanguinário com a mão livre e pressionou-o gentilmente com os joelhos. O cavalo bufou em desaprovação, mas desacelerou.

— Lydia, eu preciso que você o guie.

Lydia puxou de leve a crina da montaria. Moira se aprumou no dorso do garanhão e segurou a lança com as duas mãos, atenta. O som de cascos alcançou-as.

Um dos cavalarianos tentou emparelhar com Sanguinário pela esquerda. Era um jovem imberbe, talvez mais novo que Moira. Usava um meio elmo amassado e vestia lãs grossas. Seu cavalo parecia subnutrido.

Quando o jovem cavalariano pensou ter chegado perto o bastante, tentou investir com sua lança contra o flanco de Sanguinário. Moira percebeu o movimento e pressionou novamente com os joelhos, gritou para a irmã e Lydia impeliu o garanhão a mudar de direção, guinando para a direita e evitando o golpe.

Os cavalos já não estavam mais emparelhados e a cabeça da montaria inimiga estava agora na altura do quadril de Sanguinário. Moira golpeou a boca do animal com o cabo da lança com tanta força que quase perdeu o equilíbrio. O cavalo relinchou e caiu de lado, por cima da perna de seu cavaleiro, que também relinchou.

Moira riu, triunfante, e sentiu Lydia animar-se um pouco. Mas, ao virar sua montaria para a direita, deram oportunidade ao segundo homem de investir contra elas. Sentiram um impacto leve, e Sanguinário não fez nenhum som, mas passou a favorecer a perna direita traseira. Havia sangue na sua coxa, de onde uma lança curta se projetava como um membro paralítico.

Moira fez o cavalo parar. Apeou e puxou a lança que machucava o animal. Não o perfurara profundamente, Moira agradeceu ao Deus das Cinzas por isso. O cavalariano que as perseguia não estava perto o suficiente para feri-lo mortalmente, mas Sanguinário não aguentaria uma jornada prolongada sem tratamento.

— Lydia, se embrenhe nos pântanos e espere até eu voltar, Sanguinário vai te levar até lá, mas não cavalgue com ele na lama, entendeu?

A menina apenas olhava a irmã, com lágrimas nos olhos e a face avermelhada. Moira bateu de leve no flanco bom do garanhão, que trotou para longe. Seu perseguidor já estava muito perto, mas também desmontara. Sacou da bainha em suas costas uma espada bastarda que parecia mais feita para esmagar que para cortar.

Moira pôs sua lança na frente do corpo, segurando-a com ambas as mãos, como um bastão. O oponente avançou devagar. Era corpulento e tinha barba trançada. Usava um gibão de couro reforçado e seu elmo de ferro era adornado com chifres de carneiro. Aproximou-se da jovem de cabelos negro-ruivos com um sorriso lascivo. Os poucos dentes que lhe restavam eram amarelados e sujos.

— Largue isso, garota — disse o homem. — Venha comigo e deixo você viver.

Ela não respondeu, firmou os pés no chão e retesou os músculos do corpo. Enterrou bem fundo a tristeza e o desespero, pois de nada adiantariam se fosse morta ou capturada. Precisava viver para cuidar de sua irmã.

O grandalhão avançou com a espada em uma das mãos, mas não a brandiu contra Moira. Subestimava-a como adversária e a queria viva. Tentou intimidá-la com seu tamanho e moveu-se para agarrá-la com a mão livre. Ela o fez se arrepender com um golpe rápido do cabo da lança em seus dedos cobiçosos. Poderia ter quebrado-lhe a mão se quisesse, mas percebia a vantagem em ser subestimada.

O homem recolheu o braço, seu sorriso sumiu. Investiu contra ela novamente, tentando usar o peso de seu corpanzil desajeitado para derrubá-la. Moira liberou toda a tensão em seus músculos em um salto, colocando-se às costas do oponente. Usou a lança como bastão novamente e golpeou as pernas do saqueador na parte de trás dos joelhos. Ele caiu com um grunhido abafado. Moira arremeteu a ponta afiada da lança contra o braço da espada.

O grandalhão se jogou no chão para evitar o golpe, era mais rápido do que parecia. Caiu sobre o braço livre e usou-o para içar-se para cima e para trás enquanto descrevia um arco horizontal com a lâmina. O movimento foi desajeitado e Moira virou-se para escapar de seu alcance, mas a espada atingiu sua lança, cortando fora a ponta afiada. Ela golpeou-o na cabeça, mas a madeira resvalou no elmo de ferro e conseguiu apenas arrancar um dos chifres que o adornavam.

O saqueador levantou-se com um urro de ódio e um golpe com a ponta da espada bastarda contra o ventre de sua presa. Moira rolou para o chão e recebeu apenas uma pancada nas costelas. Aquela coisa havia perdido o fio há semanas e o maldito nem se incomodara, contente em usá-la para esmagar e perfurar.

Antes que Moira pudesse ficar de pé, o saqueador ergueu a arma. Havia desistido de levá-la com vida. Moira teve tempo apenas para erguer a lança quebrada contra o golpe fatal de seu algoz. A espada bastarda zuniu ao cortar o ar de cima a baixo, o impacto com o cabo da lança estilhaçou a madeira e enviou ondas de dor aos braços de Moira.

O brutal guerreiro Torgren refreou o golpe no último instante, com a espada a centímetros do rosto da vítima. Moira não imaginava que fosse possível parar um golpe violento como aquele uma vez que o movimento fosse iniciado. Ele abriu novamente seu sorriso imundo. Algo em sua expressão fez Moira pensar em seu encontro com o carniçal. O saqueador moveu a ponta da lâmina devagar, com um riso baixo e gutural, até encontrar as tiras de couro que prendiam o manto de peles de Moira.

— Pensou que a saída deste mundo ia ser fácil? — O sorriso se esvaiu por um instante e o grandalhão cortou as tiras com alguma dificuldade, a ponta da espada quase perfurando a garganta de Moira. — Vou me divertir com você antes de te mandar para o Deus das Cinzas!

O homem jogou a espada de lado e se ajoelhou sobre sua presa. Moira gritou e tentou lutar, mas o saqueador pôs todo seu peso contra suas pernas e segurou seus braços. O hálito do grandalhão era tão fétido quanto a aparência de seu sorriso sugeria. Moira cerrou os dentes e lançou a cabeça para frente com força, mas sua testa acertou o protetor de nariz do elmo do agressor. Ele a encarou com olhos cobiçosos e buscou algo no cinturão com a mão esquerda.

Primeiro veio o clarão, depois uma estranha onda de calor os arrebatou. O grandalhão levantou os olhos, impressionado. Moira olhou à direita e viu a ponta de sua lança, pouco mais que uma lasca de madeira, dura e afiada. Alcançou-a enquanto seu algoz olhava incrédulo para a fonte da luz misteriosa, alheio à sua prisioneira. Os sons de cascos e gritos de escárnio encheram a manhã. Moira atacou.

Golpeou-o com um movimento súbito e violento, que fez seu próprio braço doer. A ponta da lança buscou a jugular do saqueador como um animal sedento busca água no deserto. Ao encontrá-la, o espesso caldo brotou como um manancial. A lança sorveu-o com alegria. O grandalhão levou as duas mãos à ferida recém-aberta, mas o sangue jorrava num ritmo frenético, impossível de estancar. Seus olhos estavam tão esbugalhados que pareciam querer abandonar o corpo moribundo.

Moira empurrou seu algoz, que caiu de barriga para cima no solo pedregoso. Ela se levantou com um salto, sem tirar os olhos do homem, que emitia um ruído agudo e rouco, como um gato selvagem. Moira não sabia se enxergava vermelho devido ao sangue em sua face ou ao ódio que subia pelo seu ventre como uma fera faminta.

Encontrou a espada bastarda e empunhou-a. Perfurou a barriga do saqueador — trespassando couro e carne. Ergueu a espada e perfurou novamente a virilha, os ombros, o tórax, o crânio. Gritava para dar vazão à fúria que agora alcançava seus pulmões, mas não percebia. Quando voltou a si, estava olhando para o que distraíra o corpulento guerreiro Torgren.

Um pilar de fumaça espessa se desenrolava até o céu, e estranhas chamas amarelas cobriam toda a extensão do assentamento. Apanhou seu manto e correu em direção ao fogo, deixando para trás a massa disforme que um dia fora um homem. No caminho, encontrou o saqueador mais jovem que a perseguira, ainda tentando rastejar para longe do cavalo que se debatia no chão. Se ele suplicou pela própria vida, ela não escutou. Ouvia apenas a fera faminta do ódio urrando em seus ouvidos.

O assentamento estava destruído. As chamas cobriam tudo o que ainda não virara cinza e Moira sentiu o cheiro de carne queimada invadir-lhe as narinas. A fumaça impedia sua visão e ameaçava entupir seus pulmões. Aquele fogo era algo

que jamais havia visto: chamas amarelo-douradas de aspecto leitoso bruxuleavam numa estranha dança, como se dotadas de algum propósito macabro.

Podia ver de relance os restos mortais carbonizados daqueles que um dia conhecera e amara. Não conseguiu repelir a ideia de que os espíritos assassinados de seu bando estavam agora presos às chamas, forçados a dançar na eternidade. Eram o Povo das Cinzas, afinal.

Cobriu a face com o manto de peles, tentando evitar a fumaça, e começou a procurar por sobreviventes. Encontrou apenas os rastros do enorme bando Torgren, forçando passagem em direção à Solúmbria. A linha de defesa Brunehald se posicionara atrás da barreira improvisada de pedras e terra que circundava o assentamento. Havia cadáveres Torgren junto aos Brunehald massacrados.

Moira avistou a cabana de sua família. Ainda de pé, envolta em fogo dourado. Correu para dentro em busca dos pais, mas encontrou apenas fumaça e barro das paredes que se desfaziam. Quis chorar, mas as lágrimas não caíam. O calor do incêndio as secava direto na fonte. Começou a soluçar e a fumaça aproveitou a oportunidade para adentrar-lhe a boca.

Saiu pelos fundos até a pequena forja do pai, apenas uma construção tosca abrigando bigorna e fornalha. As chamas ficaram para trás, mas a fumaça a perseguiu com intensidade redobrada. Moira tossia. Em meio aos escombros, a fúria dava lugar ao desespero. Buscou pelos barris d'água que seu pai utilizava na têmpera do aço. Qualquer líquido que houvesse já tinha evaporado, mas havia algo em um dos barris. Uma espada curta que Moira apanhou com as mãos enroladas no próprio manto, para evitar o aço quente. As runas ao longo da espiga do cabo inacabado soletravam seu nome.

Moira abraçou a arma como a um recém-nascido, e ali nos escombros se deitou e deixou que a fumaça a levasse para junto de seus pais.

CAPÍTULO 03

Trombetas e gritos de júbilo abafavam o ranger das antigas engrenagens que giravam para abrir os portões de Imrath, a cidade de ouro branco. Ao atravessar os grandiosos portões principais, Hakim pôs-se à frente dos homens, como de costume, para que todos pudessem testemunhar o retorno do Deus-Rei. A brisa marinha penetrava as frestas em sua máscara, refrescando-o. Os arcontes seguiam-no de perto e os taumaturgos vinham logo atrás.

Hakim conhecia bem seus homens e ousava chamar de amigos os três arcontes — seus principais generais — que nomeara pessoalmente. A taumaturgia, no entanto, permanecia um mistério para ele. Sabia que exigia sacrifício de seus usuários, drenando-lhes força vital, cada aspecto da magia divina desgastando um conjunto de órgãos em particular. Mesmo tendo estudado extensivamente a teoria da magia divina, os poderes fantásticos dos taumaturgos lhe pareciam antinaturais, embora úteis demais para serem descartados.

As tropas foram recebidas com fanfarra pela população, que se congregava ordenadamente, graças à vigilância sacerdotal e aos esforços da guarnição de Imrath. Artesãos, comerciantes, mendigos e fidalgos acotovelavam-se para ter uma visão privilegiada de seu protetor, de capa branca imaculada e máscara dourada de feições curvilíneas e graciosas, encimada por delicados chifres em espiral, exibindo uma perpétua expressão de deleite — comumente referida pelo sacerdócio como a Máscara Sanguínea. Vendedores ofereciam ramalhetes de lavanda aos congregados, para que fossem atirados aos pés do Deus-Rei como mandava a tradição. Hakim preferia flores de laranjeira, mas era deus há menos de dois anos e achou melhor não interferir nos costumes.

Imrath fora erguida sobre os alicerces de outra cidade, uma ruína parcialmente preservada sob camadas de rocha montanhosa que foram removidas pelo cataclismo da Devastação. Historiadores imperiais afirmavam que o Deus-Rei viera dos Céus Exteriores para arrebanhar os sobreviventes, tendo liderado os puros de espírito — homens e mulheres vindos de todos os cantos de Noltora — até a enorme cidade recém-desencavada. Sobre os alicerces ali revelados, fundara a gloriosa Imrath, de torres imponentes e ruas amplas.

Hakim liderou suas tropas em procissão pela avenida principal até a praça central, onde uma comitiva aguardava para recebê-lo. Os homens da infantaria ficaram para trás, juntando-se à guarnição no controle da população que se amontoava ao redor da praça circular, e os Santos Cavaleiros seguiram adiante, deixando apenas o Deus-Rei com seus arcontes, línguas-de-fogo e grão-arqueiros.

Em um palanque alto, quatro homens e uma mulher levantaram-se de assentos acolchoados e prostraram-se diante dele, de joelhos e testa no chão. A multidão imitou o gesto. Ricos e pobres, cidadãos imperiais e homens dos protetorados, curvados em devoção.

O primeiro a reerguer-se foi Rasser Sidonus, Sumo Pontífice do Deus-Rei. Hakim o conhecia melhor como Ras, antigo companheiro de viagens e professor em sua infância. O homenzarrão parecia mais um andarilho de barba desgrenhada e manto marrom puído, mas equilibrava um diadema cristalino sobre a testa e seus dedos grossos tinham mais anéis do que um ourives dedicado poderia fazer em um ano. Abriu os braços e o sorriso para Hakim.

— Todos saúdem o Deus-Rei! Senhor de Var Khalad!

Os outros quatro membros do alto clero levantaram-se quase em sincronia e repetiram a saudação. Eram muito diferentes de Ras, delicados, com ares de nobreza antiga. Não haviam sido sempre subordinados ao pontífice desgrenhado — não até Rasser encontrar Hakim.

Os taumaturgos que o acompanhavam iniciaram um cântico grave e monocórdico que era pouco mais que um sussurro. Posicionaram-se em círculo ao redor de seu senhor, entoando sua nota solitária.

Hakim encarou a multidão que assistia sua chegada. Alguns ainda de joelhos, outros começando a se levantar. Ergueu o punho direito, a manopla refletindo o brilho do sol. Os taumaturgos ergueram os braços e o cântico subiu algumas oitavas.

— Bravos súditos do Império do Sol! A ameaça rebelde foi extirpada definitivamente dos protetorados. O futuro de Var Khalad está seguro!

Chamas cor de ouro explodiram nos céus acima do palanque, traçando padrões incomuns com seu movimento. A multidão maravilhada enaltecia sua divindade com preces e canções.

Após a cerimônia, Hakim se dirigiu a um dos salões de banquetes em seu Grande Templo, acompanhado de seus arcontes e do Sumo Pontífice.

— O chefe dos escribas está desolado desde a sua partida, meu senhor.

Hakim ainda estava se acostumando a ser tratado com deferência por Ras, que passara a enxergar como um segundo pai desde muito cedo em sua vida. Sua ascensão à divindade fez com que o velho monge se distanciasse, mesmo tendo sido ele a insistir que era de Hakim que a Profecia de Sucessão falava.

— Prefiro um escriba desolado e vivo a um contente e morto — explicou Hakim. — Mestre Balam tem quase oitenta anos, Ras! Seria suicídio acompanhar o exército em marcha só para registrar minhas palavras durante a expedição.

Os arcontes assentiram em um raro momento de concordância unânime. Os três sentavam-se à mesa com Rasser e Hakim, discutindo o ocorrido desde o início

da campanha contra os rebeldes até o retorno das tropas enquanto comiam.

— Ele me incomodou durante dias com suas teorias sobre o valor dos relatos em primeira mão para a pesquisa histórica — explicou o pontífice —, o mínimo que eu poderia fazer era informar ao senhor sobre o descontentamento do nosso mais importante escrivão.

— Mande mestre Balam aos meus aposentos esta tarde e lhe farei um relato detalhado sobre nossa incursão nos protetorados, mestre Sidonus — interveio Liriel, ainda coberta em mantos clericais, mas sem a coifa de malha, revelando a face corada e os cabelos claros.

— O último sacerdote que foi chamado aos seus aposentos foi excomungado por violar o celibato — provocou Laurent, com um sorriso nada discreto. — Devemos temer pela virtude de nosso melhor escriba?

— Só posso garantir que você jamais precisará temer um convite meu, Laurent — replicou Liriel.

— O relato de Liriel será de grande valor aos escribas imperiais — continuou Hakim, ignorando a troca de farpas. — Fale-me de assuntos mais urgentes, Ras. Algum ataque de abissais? Os mercenários retornaram das grutas?

Os Sacerdotes referiam-se às catacumbas meio inundadas abaixo de Imrath como “grutas”. A antiga cidade sobre a qual a capital imperial fora construída se estendia para baixo como um labirinto subterrâneo, e o avanço do mar naqueles corredores escuros propiciava uma vantagem aos abissais.

— Apenas uns poucos ataques nos protetorados de Yrham e Brannoch — respondeu o pontífice, debruçado sobre a mesa enquanto atacava ferozmente o banquete. — Sem baixas entre os nossos, apenas pescadores e trabalhadores das salinas que pegaram em armas contra as monstruosidades. Os mercenários informaram que as grutas estão seguras. Apenas um deles faleceu. Os sacerdotes dizem que adoeceu com a umidade. Parece que o senhor assustou mesmo aqueles monstros! — Rasser riu.

Nos anos seguintes à morte do Antecessor, o Deus-Rei verdadeiro, os altos sacerdotes fizeram tudo ao seu alcance para manter o Império unido e seguro, e tanto a região costeira de Var Khalad quanto o litoral dos protetorados tiveram de ser reforçados com novas guarnições e postos de observação, pois as terríveis criaturas anfíbias conhecidas como “abissais” haviam iniciado uma campanha contra a superfície. Atacaram de forma inesperada, vindos das profundezas do oceano, dando fim a praticamente toda a pesca e impedindo a maior parte do comércio marítimo. Hakim já lutava pelo império naquela época ainda sem o manto de divindade, e graças a ele e seu mentor os horrores aquáticos foram banidos pela descoberta de uma arma improvável.

— Não Ras, nós os assustamos juntos. E enquanto as salinas continuarem produzindo vamos tornar impossível qualquer avanço daqueles demônios.

— Quem diria que criaturas marinhas poderiam ser afastadas com sal? Foi o senhor quem descobriu a fraqueza do inimigo e nos trouxe a salvação. Eu apenas convenci o alto clero a aceitá-la.

A guerra contra os abissais drenara boa parte dos recursos do império, deixando a fronteira leste em maus bocados, vulnerável aos bárbaros da Terra Arrasada e às maquinações da Cabala de necromantes da Solúmbria. Hakim descobrira acidentalmente os efeitos que grandes quantidades de sal sobre a pele causavam aos monstros anfíbios, trazendo o fim do conflito e dando a Ras a última evidência que faltava para provar ao sacerdócio que seu pupilo era o sucessor profetizado pelo imperador moribundo.

— Alguma notícia de nossos... “embaixadores especiais”? — indagou Liriel.

— Acho que ela quer saber sobre os espiões — esclareceu Sigismund, casualmente partindo ao meio um fêmur de cordeiro para sugar-lhe o tutano.

— Alguns necrológios foram ativados em Nova Mordrávia. Mortes violentas, mas sem propósito, como de costume naquela terra infeliz — contou Rasser. — A Guilda dos Caçadores nos mandou a cabeça de um de nossos espiões. Enviei mensageiros informando-os que não poderíamos retribuir o favor porque os últimos “enviados” da Nova Mordrávia a Var Khalad foram incinerados e seus restos mortais grudaram nas paredes.

— Mordravos desgraçados! Ainda não tiveram a decência de devolver a minha mão! Velho — Laurent se referia a Rasser sem a menor cerimônia, e o sumo sacerdote nunca parecia se importar —, quero acender a próxima pira quando pegarmos outro mordravo espionando os taumaturgos!

— O que mais, Ras? — quis saber Hakim. — Algum movimento por parte da Cabala?

— Em Solúmbria, os necromantes continuam a aperfeiçoar sua arte profana. Fontes seguras afirmam que a Cabala produz cada vez mais de seus “reforjados”: mortos-vivos capazes de lutar tão bem quanto soldados viventes, mas que nunca se cansam, sentem medo ou adoecem.

— Isso já era esperado, mas e a fonte desse poder? — Hakim indagou, preocupado. — Os homens que enviamos junto com Dorrage Torgren precisam descobrir exatamente onde atacar, enquanto os bárbaros distraem os malditos com suas pilhagens.

— Ao que tudo indica, eles mantêm o segredo bem guardado em suas necrópoles. Apenas nelas podem produzir reforjados. Nossos taumaturgos estão trabalhando em algo com efeitos similares, um aperfeiçoamento dos necrológios.

Hakim conhecia bem a dedicação de seu mentor à segurança do império, e confiava em seu julgamento, mas aquilo o preocupava. A taumaturgia era uma arma formidável, mas acima da compreensão humana. Agora os taumaturgos buscavam se aproximar da odiada prática da necromancia? Por anos o império temera e odiara os rituais profanos desenvolvidos na Solúmbria, sempre buscando formas de combater um eventual ataque de seu exército de mortos-vivos. Hakim temia que a solução os levasse a praticar os mesmos horrores que a Cabala.

— Podemos discutir o assunto dos necrológios mais tarde, Ras. Quais as notícias dos nossos agentes na Vascócia?

— Os vascoces continuam empenhados em manter o acordo comercial conosco, mas nossos missionários não têm obtido sucesso em converter a população local para a fé no Deus-Rei.

— Em que mesmo aquele bando de mineiros sujos e criadores de ovelhas fedorentos acreditam, Liriel? — Laurent provocou-a novamente. A arconte riu da tentativa óbvia de irritá-la.

— Não sei se posso explicar de uma forma que você entenda. Seria algo como... Divindades da colheita. — Liriel achou graça da própria explicação enquanto brincava com seu cálice de vinho. — A deidade feminina rege a fertilidade, e a masculina a virilidade. Dois assuntos certamente distantes da sua experiência.

O arconte maneta deu um único riso um pouco estridente demais. Sigismund interveio com sua própria indagação.

— E quanto aos clãs do Povo das Cinzas? — perguntou o enorme guerreiro em tom de pesar.

— Desorganizados e confusos, como sempre — disse Rasser com a barba suja de molho. — Dorrage Torgren aceitou nosso suborno e partiu com seu bando para assolar a Solúmbria, acompanhado de um destacamento de Santos Cavaleiros e taumaturgos línguas-de-fogo. O destino daqueles que se aliaram aos insurgentes em Tanánn já foi selado. Você já não pertence mais aos clãs, Sigismund. Seu lugar é aqui em Var Khalad, não se esqueça de seu juramento.

— Meu destino é o destino do Deus-Rei, pontífice. Hakim salvou minha vida e por isso eu a devo a ele.

À menção em voz alta do nome, Liriel e Laurent trocaram olhares preocupados com Rasser. Hakim, entretanto, sentiu-se satisfeito em saber que alguém ainda se lembrava de quem ele fora antes de vestir o manto e as máscaras.

Após o jantar, os arcontes recolheram-se a seus aposentos. Todos dormiam em alojamentos especiais no Grande Templo, a morada do Deus-Rei. Hakim ficou sozinho com Rasser, que para ele nada tinha de sacerdotal.

— Quando vai acontecer, Ras?

— Acontecer o quê?

— O retorno do Antecessor. — Era algo que temia, mas precisava aceitar. Ossos do ofício. — Eu estudei a Profecia de Sucessão e suas interpretações por muito tempo, a maioria delas acredita que em algum momento após a sua morte, o espírito do Deus-Rei reivindicaria o corpo do Sucessor.

— Nem todas elas. — Ras tentava diminuir suas preocupações. — Irmão Darius e eu...

— Estudei o que vocês escreveram também — interrompeu-o. — Você me obrigava a ler todos os dias entre as aulas de matemática e esgrima, se lembra? Sinceramente, acho o texto de Esperius mais coerente.

— Você só pode estar brincando! — esbravejou o pontífice, visivelmente ofendido. — Se fosse por Esperius, teríamos sentado e esperado pela salvação até o império apodrecer! Eu peregrinei por Noltora até te encontrar, e só por isso as muralhas de Imrath ainda estão de pé! Esperius até foi contra sua consagração como Sucessor! Isso não prova que minha interpretação é a mais acertada?

— Você soube como determinar quem seria o Sucessor de que falava a profecia, mas isso não quer dizer que toda ela vá se concretizar da forma que imaginou. Você sempre me disse que o Antecessor estava acima da nossa compreensão. Ele criou a taumaturgia, capaz de converter sangue em água, ar em chamas, osso em aço! O Retorno que ele mesmo previu não pode ser só uma metáfora!

— Hakim, confie em mim. — O sacerdote corpulento falava com calma, mas sua postura era rígida e sua expressão tensa. — Você é o novo deus de Var Khalad, e isso não mudará enquanto viver. Com o tempo, seu talento para o comando vai ser temperado pela experiência e pela sabedoria, e quando chegar ao auge da sua capacidade, terá se igualado ao Antecessor. Será esse o retorno do Deus-Rei.

— Conheço bem esse discurso, não me convence. Vi necromantes comandando cadáveres como marionetes, bruxas conjurando pragas sobre vilarejos inteiros, criaturas impossíveis que saltam das ondas para a terra e arrasam fortalezas. Contra isso não temos esperança de vencer sem intervenção divina. Eu sou só um homem.

— Um imperador. Um comandante de exércitos. Soberano de cavaleiros santos e fazedores de milagres! Um deus, Hakim, um deus para seu povo!

— Sempre quis travar grandes batalhas, liderar tropas. Você, Rasser Sidonus, deu isso a mim. Mas em troca eu deveria ser um deus e levar toda Noltora à salvação, e isso eu não sei se posso fazer. Posso debelar rebeliões, repelir monstruosidades e conquistar reinos hereges com um exército sob meu comando, mas milagres estão além de minha capacidade.

— Você pode. Eu tenho fé em você.

Aquelas palavras despertaram uma ira oculta, vinda do medo que se instalara desde que Hakim fora apontado como Sucessor do verdadeiro deus: o medo de perder sua própria humanidade.

— Sua fé não foi capaz de manter o império unido quando o verdadeiro Deus-Rei morreu! Pelos Céus Exteriores, você pôs sua fé num deus moribundo!

A expressão de Ras adquiriu uma sobriedade familiar. Hakim a conhecia desde os doze anos de idade. Ela dizia: “você pecou e será punido”. O pontífice ergueu a mão enorme e cheia de anéis. Hakim aparou o movimento súbito do braço e segurou o pulso roliço do velho mentor com força.

Os olhos de Ras se encheram com a compreensão do que acabara de fazer. Arrependido, abaixou a cabeça e em seguida o corpo, ajoelhando-se.

— Perdoe seu mais humilde servo, meu senhor. Esqueci do meu lugar e mereço seu castigo.

— Você sabe que odeio quando me chama de senhor sem necessidade. Eu o insultei e você reagiu como costumava fazer quando eu era só um garoto insolente. Não há motivo para pedir perdão.

Rasser suspirou e ergueu o corpo pesado com alguma dificuldade.

— Há sim. Escondi algo de você. A resposta para o que lhe aflige. — Ele soava desconfortável em confessar o pecado. — O Antecessor não pode retornar à vida em outro corpo, porque seu corpo original não está totalmente morto.

— O que você quer dizer?

— Venha comigo — Ras convidou, pesaroso. — Haverá sacerdotes, então ponha uma Máscara.

O Grande Templo se parecia mais com um palácio. Abrigava, além de Hakim e seus arcontes, perto de duzentos de servos e sacerdotes que mantinham o local em ordem. Suas paredes eram sólidas como as de uma fortaleza, sustentadas por uma fundação anciã. As construções antigas estendiam-se em uma rede subterrânea de corredores interconectados, abrigando os restos mortais de seus habitantes originais — que mal passavam de pó àquela altura. Pela ação do tempo e da água do mar, que ao avançar sobre a terra durante a Devastação penetrara também naquelas catacumbas, boa parte das ruínas adquirira um aspecto de caverna natural, suas arestas e hieróglifos dando lugar à rocha esculpida por vento e maré. Por isso eram chamadas de grutas pelos sacerdotes.

Os engenheiros da Academia Imperial haviam elaborado um sistema de aquedutos subterrâneos a partir das catacumbas, escoando esgoto para longe de Imrath e mantendo um fluxo constante de água doce para os poços da cidade. Os pontos em que o mar invadia os túneis eram aterrados e murados, com grandes quantidades de sal estocadas junto às barricadas. Tudo para impedir que os abissais tentassem se infiltrar em Imrath por meio das grutas. Bandos de mercenários

exploravam a imensidão de corredores e salões subterrâneos, procurando por sinais de vulnerabilidade e combatendo eventuais incursões abissais.

Até essas grutas Rasser guiou Hakim, descendo dos níveis inferiores do Grande Templo até as catacumbas mais profundas. Hakim usava a Fleumática, uma Máscara pouco ornamentada, se comparada às outras três. Seus traços minimalistas e um tanto rígidos sugeriam uma expressão introspectiva que deveria encorajar os fiéis a contemplar sua relação com a divindade. Por trás dela, Hakim sentia-se extremamente desconfortável com o labirinto claustrofóbico das ruínas, e contemplava com inquietude a ideia de que seu mentor havia escondido dele uma informação crucial sobre o próprio Deus-Rei.

Tentou memorizar quais corredores e escadarias deveria percorrer se quisesse retornar sozinho. Por mais que se esforçasse para conhecer cada metro quadrado do império e ter ao menos uma ideia vaga da tarefa que cada um de seus homens desempenhava, ele era apenas um, e não podia conhecer tanto quanto gostaria. Acabou negligenciando os subterrâneos de sua própria capital.

Cada corredor possuía múltiplas salas laterais, a maioria vazias, mas algumas iluminadas por tochas. Sombras de sacerdotes projetavam-se nas paredes, parecendo ocupadas. Finalmente, Ras parou diante de um grande arco e anunciou a presença do Deus-Rei.

Adentraram um salão amplo e bem iluminado, um misto de capela e laboratório. Com certeza havia sido expandido após a descoberta das ruínas. O cômodo abrigava uma quantidade enorme de sacerdotes usando estranhas máscaras alongadas, como as de médicos. Em um instante, todos abandonaram quaisquer funções que possuíam para ajoelharem-se diante de seu deus. Estantes altas abrigavam tomos poeirentos e pergaminhos amarelados. Mesas de trabalho sustentavam vidros de todos os formatos e tamanhos, onde substâncias exóticas eram decantadas e destiladas.

— Bem-vindo, meu senhor, à fonte da taumaturgia.

No centro do salão havia um enorme vão, como uma pirâmide invertida, com degraus que levavam a um patamar inferior onde jaziam quatro vasos enormes, feitos de vidro grosso. Diante dos vasos, uma enorme laje de pedra sobre a qual repousava uma réplica de mármore da armadura de Hakim, o elmo portando um amálgama das quatro máscaras do Deus-Rei.

— Rasser, aquilo lá embaixo é... — Hakim hesitou. — Um sarcófago?

— Antes que seu espírito retornasse aos Céus Exteriores, o Antecessor confiou a um grupo de seus sacerdotes o dever de exumar seu cadáver. Apenas o alto clero soube da ordem. — Ras parecia contrito ao revelar a história. — Eu mesmo só soube quando foi decidido que eu seria nomeado Sumo Pontífice.

— Você escondeu isso de mim por quase dois anos? — Hakim e Ras haviam retornado juntos à Imrath para uma cerimônia secreta de coroação, após expulsarem os invasores abissais.

— Havia rebeliões para debelar, meu senhor. O império estava em mau estado, com tantas questões para resolver. Não tivemos tempo para discutir assuntos esotéricos. — Ras tinha um bom argumento. Após o último conflito com os anfíbios, grupos revoltosos de amarantinos se aproveitaram do caos, e os bárbaros passaram a testar as defesas fronteiriças com mais frequência.

— Você falou em cadáver, mas disse que o corpo não estava morto. Explique-se.

— A exumação aconteceu dias após a passagem. Os sacerdotes retiraram os órgãos do deus falecido e perceberam que alguns deles permaneciam frescos, pulsantes. Tudo graças aos humores da taumaturgia.

A taumaturgia era o maior presente do Deus-Rei para seus seguidores. Hakim nunca quis praticá-la, preferindo o domínio da lança e da espada, mas estudara seus princípios básicos e entendia o suficiente para temer seu poder. Ela permitia que milagres fossem alcançados através de quatro fluidos corporais, ou humores: sangue, fleuma, bile negra e bile amarela. Taumaturgos eram conhecidos por ter uma vida longa, sem doença ou fraqueza, desde que mantivessem seus humores corporais em equilíbrio, o que exigia sangrias e transfusões periódicas.

— Os órgãos foram preservados? — perguntou Hakim, tentando identificar as formas escuras dentro dos vasos, suspensas em líquidos de cor previsível: vermelho, branco azulado, negro e amarelo.

— Mais do que isso, foram alimentados e nutridos diariamente. Graças a eles, o dom da taumaturgia permanece conosco. — Ras direcionou Hakim ao lance de escadas que levava ao sarcófago e aos vasos canópicos. — Veja por si próprio.

Hakim teve uma sensação desagradável ao descer os degraus. A taumaturgia era concedida a fiéis fervorosos pelo Deus-Rei, segundo os livros que estudara. Sempre imaginou que fosse uma arte ensinada, mas do jeito que Rasser falava, parecia algo ligado inteiramente ao Deus-Rei, que se perderia com sua morte.

Aproximou-se do sarcófago e notou cada detalhe da escultura. A sensação ruim transformou-se num arrepio. Estava olhando para um túmulo que representava a armadura que vestia em batalha. Era um mau agouro.

Contornou a enorme laje de pedra e inspecionou os vasos. O vidro era grosso e o líquido quase opaco. Assustou-se ao discernir as duas primeiras formas: fígado e pâncreas, fontes de bile negra e amarela. Eram assustadoramente grandes, jamais caberiam nas entranhas de alguém.

— Eles se desenvolveram fora do corpo — explicou Ras, sua voz grave ecoando do nível superior do aposento. — Alimentados com humores frescos de

fiéis sepultados em Imrath, heróis como os cavaleiros que caíram em defesa de Tanánn, ou mesmo de sacerdotes especialmente designados para esse dever sagrado. Cada órgão secreta uma versão concentrada de seu fluido respectivo, que quando injetada em alguém com humores desequilibrados, concede a dádiva da taumaturgia.

Hakim estava boquiaberto, grato pela máscara que escondia seu espanto. No terceiro vaso, um coração ciclópico bombeava lenta e incessantemente o sangue que preenchia seu recipiente. Mal conseguiu indagar Rasser sobre sua explicação, pois o conteúdo do último vaso o lançou num estado de terror profundo.

Em meio à fleuma branco-azulada, um cérebro horrivelmente inchado flutuava calmamente. Os lobos direito e esquerdo pareciam projetar-se em direções opostas, cada um facilmente superando sozinho o tamanho de um crânio humano, unidos por um cerebelo que se dobrava, como se envergado sobre o peso das metades deformadas. Algo no aspecto daquele órgão encheu o coração de Hakim de pavor. Nas nervuras e reentrâncias da titânica massa encefálica havia algo inteiramente desumano. A inteligência dentro daquela mente não poderia de nenhuma forma se comportar como a divindade professada pelo clero khaladino.

O som frenético de passos ecoou vindo dos corredores, interrompendo a lição do pontífice e a perplexidade de Hakim. Um jovem acólito portando uma tocha se lançou apressado para dentro do salão, sua respiração entrecortada por silvos e chiados.

— Abissais! Abissais no Portão do Mar!

CAPÍTULO 04

Não havia salão de banquete ou solar de hidromel à espera dos valorosos Brunehald, tampouco corvos atrozes e lobos espectrais para banquetear-se dos perjuros e traidores. A morte era uma planície cinzenta e interminável, fria como a Terra Arrasada. Naquela imensidão estéril e escura, Moira viu-se sozinha. Apenas o vento soprava para enxugar suas lágrimas. Perdera os pais e a irmã caçula em vida e não os reencontrou na morte.

A ventania varria grãos de poeira que dançavam na paisagem incolor. Uma estrela branca brilhava solitária, emprestando ao pó seu brilho pálido. Moira respirou fundo — ainda podia fazê-lo — e decidiu caminhar. Quando tudo que encontrara nos destroços de seu lar fora um presente inesperado feito por seu pai, decidiu desistir. Tendo feito exatamente isso e despertado em meio ao que lhe pareciam os ermos cinzentos do além-túmulo, o sofrimento parecia um tanto menor.

Não sentia cansaço ou fome, e estava acostumada ao frio. Vagou a esmo sem contar o tempo, tentando entender onde exatamente estava. Talvez houvesse de fato um salão e ela só precisasse encontrá-lo. Talvez devesse fazê-lo antes que os corvos e os lobos chegassem. Parou por um instante e examinou o solo. Apoiou-se sobre um joelho, retirou as luvas de pele e sentiu o cascalho com as mãos. Os grãos eram ásperos e irregulares, em tons diferentes de cinza, branco ou amarelo. Ao levantar-se, percebeu um movimento sutil no limite de sua visão.

Olhou para os lados, tentando encontrar o que quer que fosse. Tensionou o corpo, temerosa. Que espécie de predador espreitaria as almas dos mortos? Enquanto pensava em como se defender, percebeu que tinha a espada inacabada em seu cinto, sob o grosso manto de peles. A lâmina tinha um aspecto estranho, como se o calor das horrendas chamas amarelas tivesse deformado o metal. A espada sem cabo — apenas a espiga gravada com runas — estava empenada e amassada em vários lugares, sinais de uma têmpera feita às pressas ou interrompida abruptamente.

Algo pairava a poucos metros do chão à sua frente. Era como uma névoa branca estranhamente sólida, ou um rolo de fumaça que se recusava a se dissipar, brilhando tênue sob a luz da estrela solitária. Moira quase podia enxergar a sua forma, se forçasse a vista. Tinha os contornos de um homem, mas apenas a metade inferior da face era visível, encoberta por um capuz de neblina. Tinha lábios curvados numa expressão de pesar e os braços estendidos em súplica.

Um som ecoou pela planície. Uma cacofonia terrível e desesperada de lamentos e gritos. O frágil brilho do ser suplicante ficou ainda menor, e sua

expressão de sofrimento agravou-se. Ele flutuou para longe, carregado por um vento próprio. O som aumentava, tornando-se insuportável. Moira preparou-se para correr, mas não pôde deixar de olhar para trás por um instante. Algo tocou seu ombro.

Moira acordou gritando.

— Ah! — gritou de volta um jovem de cabelos escuros, soltando o bastão comprido que usara para cutucar o ombro de Moira. Assustado com o despertar súbito, ele caiu sentado.

— Ela acordou, tia Gris!

Moira estava de volta ao mundo dos vivos. Teria sido tudo um sonho? Olhou em volta e se viu numa cama de palha improvisada, sob uma espécie de tenda. Podia ouvir a melodia suave de uma flauta. Sentia o chão de madeira balançar suavemente, estava se movendo. Era algum tipo de carroça enorme. Apanhou o bastão caído e lançou-se sobre o desconhecido, pressionando a arma contra seu pescoço.

— Quem é você? O que quer? — Moira rosnou, tentando soar ameaçadora. Ele parecia ser forte e saudável, mas não lutou, apenas gritou por socorro.

— Tia Gris! Tia Gris! Ela acordou e quer me matar!

O carroção parou subitamente e Moira perdeu o equilíbrio, dando ao rapaz uma chance para escapar. Ele a empurrou de lado, mas recebeu um chute enviesado na barriga e rolou para longe. Moira não podia ficar totalmente de pé sob a lona, então apoiou-se sobre um joelho e brandiu o bastão contra o jovem.

A aba da entrada da tenda dobrou-se para dentro e a luz do sol encheu o ambiente, iluminando o rosto do estranho. Era apenas um rapaz, não muito mais novo que ela. Uma senhora baixa e encurvada entrou pela abertura e olhou para ele, severa.

— Garoto malcriado! O que fez para incomodar a pobre menina? — ralhou a senhora, que vestia uma capa grossa de viagem e tinha os cabelos presos sob um lenço.

— Ela me atacou! Bateu em mim com o bastão e me derrubou, tia! — respondeu o jovem, exasperado. — Eu não fiz nada, nadinha!

— Está dizendo que uma garota indefesa que nós tiramos desacordada de uma pilha de cinzas acordou sem mais nem menos e te bateu com seu próprio bastão? — duvidou a velha. — Seus pais trabalharam muito duro a vida inteira, não merecem um filho mentiroso e imprestável, Tristan! Não aguento mais suas histórias! — Sua expressão de desaprovação deu lugar a amabilidade e gentileza quando a senhora se voltou para Moira. — Perdoe o meu sobrinho, querida. Ele é um rapaz esforçado, mas tem a cabeça fraca. Você está bem?

Moira não estava. O corpo doía após tanto correr e lutar. Mas o pior de tudo era a dor em seu coração. Desejou estar de volta na planície gélida da morte para procurar pelos pais. Mas se ela própria havia sobrevivido, talvez Lydia também tivesse conseguido escapar. A velha percebeu a dor e a confusão em sua mente.

— Oh, querida, é claro que não está bem. — Aproximou-se para abraçá-la, e Moira se viu incapaz de repelir ou retribuir o gesto. — Tristan, vá buscar água para a menina, já! — Continuou abraçando-a até que o rapaz saísse da tenda, apressado. — Pode chorar se quiser, só estamos nós duas aqui, agora.

As lágrimas não saíram, mesmo com o nó apertado em sua garganta. Moira não conseguia pôr seu sofrimento para fora. Em vez do pranto, um novo sentimento brotou de dentro dela, algo cáustico que lhe apertava a boca do estômago e subia pelo corpo. Chegou sutil e sibilante a seu coração e o enlaçou como o abraço de uma serpente. Moira sentiu pela primeira vez o desejo de vingança queimar em seu peito.

— Senhora, agradeço pela ajuda, mas preciso encontrar minha irmã. — Moira olhou firme nos olhos da idosa. — Mandeí que se escondesse nos pântanos quando Dorrage Torgren atacou, ela deve estar perdida e assustada.

— Pelos protetores, criança, os pântanos! Não é lugar para ninguém entrar sozinho. — A velha pareceu culpada. — Deixamos a fronteira há quase um dia de viagem, e preciso chegar até a cidade com meu carregamento o mais rápido possível. Não posso levá-la de volta e não aconselho que vá sozinha nesse estado.

— Estão todos mortos! — Moira bateu o bastão contra o piso de madeira. — Nossos pais, nossos amigos, todas as pessoas que conhecemos se foram para sempre! Eu e minha irmã só temos uma a outra. Prefiro arriscar a vida do que abandoná-la!

— Eu entendo, querida, mas não posso permitir que faça uma tolice dessas. — A idosa não parecia nem um pouco afetada pela expressão enraivecida da filha das cinzas. — Seus pais podem ter partido dessa vida, mas não te abandonaram. Eles serão seus protetores agora, do outro lado do véu.

— Não sei do que você está falando. Os mortos não podem proteger nada.

— Tem certeza disso? Por que seu povo preferiu se assentar nas regiões agrestes entre os pântanos da fronteira e a Terra Arrasada? Por que não adentraram Solúmbria e abriram caminho até os campos verdes do interior?

— Por causa dos Senhores da Morte...

— É assim que vocês chamam os necromantes? — A velha riu. Um som melodioso que emprestou doçura à voz rouca. — Eles não são senhores, criança, são mensageiros e guias. Eles fazem a ponte entre nós e nossos antepassados, garantindo a segurança tanto dos que se foram quanto dos que ficaram.

Moira estava agora nas terras daqueles homens pavorosos que comandavam os mortos. Havia sido salva por dois deles, embora ambos parecessem bastante inofensivos.

— A senhora é uma necro... Necromante?

— Oh, meu bem, não! Você me lisonjeia falando assim. Sou uma simples mercadora e Tristan é meu ajudante. Os pais dele são ossuários, o que quer dizer que sabem um pouco de necromancia, o suficiente para ganhar a vida com ela. Mas ele é tonto demais para aprender a arte, ligado demais à vida — explicou a velhota enquanto o sobrinho chegava com um cantil de couro cheio d'água. Moira apanhou-o das mãos do rapaz esperando alguma resistência, mas ele entregou o tesouro imediatamente.

Bebeu longos goles, percebendo o tamanho da sede que sentia. Mesmo saciada, sorveu mais líquido, querendo afogar a inquietação dentro de si.

— A senhora é muito gentil, mas vou partir assim mesmo, preciso procurar minha irmã. Obrigada por tudo. — Moira saiu da estranha tenda antes que sua anfitriã pudesse impedi-la, e sufocou um grito ao ver o ser que puxava o vagão.

Preso ao veículo por grossas tiras de couro, havia um amontoado de ossos de diversos animais, arranjados de forma quase organizada. Costelas, vértebras, omoplatas e outros tantos que Moira não sabia nomear formavam uma espécie de enorme torso unido por três colunas diferentes que partiam de um ponto comum e arqueavam-se até se reunirem na outra ponta. Caixas torácicas que poderiam tanto ser de vacas, cavalos ou búfalos haviam sido partidas e remontadas sobre a estrutura, criando uma monstruosidade assimétrica. Oito patas esqueléticas sustentavam o corpo mal ajambrado. Dois pares terminavam em cascos de cavalo, um terceiro era dotado de cascos fendidos, como os de um bode. O último par possuía dedos longos, compostos de múltiplos ossinhos. Dedos de gente. Três crânios, talvez de búfalo, adornados com múltiplos pares de chifres diversos, completavam a monstruosidade estática.

Moira virou-se rapidamente, pronta para saltar do carroção e sair correndo, mas viu a velha segurar um embrulho de couro com as duas mãos espalmadas, estendendo os braços em sua direção como se fizesse uma oferta de paz. Era a espada feita por seu pai.

— Isso estava com você quando a encontramos. É da sua família, não é? Você estava abraçada a ela.

Foi o suficiente para que as lágrimas pudessem correr livres. Moira agarrou o embrulho como se a velha pudesse decidir tomá-lo para si a qualquer momento e segurou-o novamente como a um recém-nascido. Observou a lâmina degradada e as runas um pouco tortas gravadas no metal, sentindo um arrepio subir por seus dedos. Era a última lembrança de sua família e amigos, de todos os que um dia já amara. O

pranto silencioso deu lugar a um uivo de pesar, um grito terrível que escapou de sua garganta como uma fera enjaulada. Nos pântanos além da estrada, pássaros levantaram voo.

— Lamento muito, querida. Seus pais agora protegem você do outro lado do véu, e não podemos mudar isso. Mas se sua irmã ainda vive, como você disse, acho que conheço uma maneira melhor de encontrá-la do que simplesmente correr sem rumo pelos pântanos.

— Como? — Moira ergueu os olhos para a senhora.

— Se essa espada tinha alguma ligação com alguém que se foi, um necromante poderia usá-la para se comunicar com seu espírito. Os mortos sabem muitas coisas. Seus pais, com certeza, olham por você e sua irmã, e devem saber onde ela está agora.

A ideia era tentadora. Falar com seus pais, vê-los novamente, dizer o quanto os amava e o quanto sentia falta deles, perguntar-lhes como encontrar Lydia e o que fazer agora que as duas estavam sozinhas no mundo.

— Vocês nos odeiam. Nos expulsam dessas terras sempre que nos afastamos demais da Terra Arrasada. Como eu posso acreditar que você vai me ajudar e seus dominadores de mortos não vão me matar?

— Minha jovem, eu a resgatei de um assentamento em ruínas, cedi minha cama e compartilhei minha água com você. Por que ter todo esse trabalho se eu a odiasse? Não seria mais fácil abandoná-la, desacordada, até que os carnicais chegassem para escamotear os restos da matança?

— A senhora tem razão, foi muito gentil e eu a ofendi.

— Ora, não precisa fazer essa cara. Você passou por coisas horríveis, mal posso imaginar. Mas não deixe a amargura vencer, querida, tudo pode melhorar com um pouco de esforço. Nós somos de povos diferentes, que muitas vezes lutam entre si, mas a diferença entre nós é pequena. Não vou deixar que uma linha em um mapa me diga quem eu devo ajudar ou odiar.

Os clãs do Povo das Cinzas também não respeitavam fronteiras, mas odiavam-se mesmo assim. Só se ajudavam quando dois bandos precisavam derrubar um terceiro, mais forte.

— Obrigada. Estamos muito longe do seu destino?

— Vai aceitar minha ajuda, afinal? — A velha sorriu amplamente, revelando dentes perfeitos demais para serem verdadeiros. — Se viajarmos sob o luar, chegaremos antes do meio-dia. Você pode dormir enquanto eu guio.

Ela tirou do manto uma flauta feita de osso amarelado, adornada com penas coloridas. Levou-a aos lábios e, sentando-se diante do horror ósseo, começou a tocar. Não era exatamente uma melodia, apenas algumas notas simples em sequência. A besta começou a se mover sobre a estrada de terra irregular, fazendo o

carroção tremer. Moira abraçou os joelhos, olhando assustada para a criatura, depois para a flauta. A velha tirou o instrumento dos lábios, sorrindo.

— Não precisa ter medo! Ele parece assustador, mas só serve para puxar carga e amedrontar bandidos. Não é um monstro, é uma ferramenta de trabalho!

Com o cessar das notas, a coisa feita de ossos estacou subitamente.

— Está vendo? Ele não se move a menos que eu toque para ele. Tristan, venha cá! Guie-o para mim enquanto eu converso com nossa convidada.

O jovem saiu dos fundos do carroção e apanhou a flauta das mãos da senhora, quase com reverência. Pôs-se a tocar num ritmo suave, incorporando as notas soltas da velha em uma melodia agradável, sem floreios. A coisa tornou a mover-se. Moira percebeu que as cordas que a prendiam ao veículo não eram as únicas amarradas na criatura. Os ossos estavam unidos por múltiplas tiras de couro de tamanhos diferentes. O som da flauta movimentava apenas os ossos maiores, e as cordas amarradas a eles puxavam e repuxavam os ossos adjacentes, cujas cordas puxavam ainda mais ossinhos. A besta se movia como uma marionete, num ritmo cadenciado. A velha se aproximou.

— Oh, meus protetores! Nós não nos apresentamos! Você já sabe o nome de Tristan, e eu sou Griselda, mas pode me chamar de Gris. E você, querida, como se chama?

A resposta demorou a vir, as palavras saíam vagarosamente, concentrada como estava no assombroso movimento da marionete de ossos.

— Meu nome é Moira.

Ela depositou suas esperanças naquela estranha força capaz de comandar a morte como a um títere.



— Chegar atrasado não combina nem um pouco com você, mas dizem que o isolamento embaralha os miolos.

— Como sempre, Jarisev, você me envia elaborados pedidos de ajuda, desperdiçando tinta e pergaminho com súplicas, mas age como se eu precisasse de você, e não o contrário.

— Mas você precisa, Morsov. Com quem mais você pode conversar para manter a sanidade se está fugindo da lei de dois países? Você deu à Solúmbria e à Mordrávia um inimigo em comum! Mais alguns anos foragido e eles podem começar a cooperar para te caçar!

Morsov riu. Era um som suave, tímido e extremamente raro saindo do irmão mais novo de Sev.

— Assim que me capturassem voltariam a se odiar. Entrariam em guerra pelo direito de me julgar e condenar.

— Na verdade, eles poderiam chegar a um acordo facilmente. A Cabala confiscaria sua pesquisa e a Guilda dos Caçadores te queimaria numa estaca.

— Solução elegante. Já pensou em seguir carreira diplomática? Pela forma que escolheu nosso local de encontro, suponho que já esteja colaborando para facilitar minha captura. A pergunta é: a troco de quê?

— Como todo irmão caçula, você é um chorão. Estamos perfeitamente seguros no meio de toda essa gente.

Se encontraram nos arredores da necrópole de Akhenatos, que fervilhava com atividades de todos os tipos. Vestiam mantos cinzas com glifos que os identificavam como necromantes menores.

— Viu quantos soldados estão se amontoando na necrópole? Passei por três patrulhas enquanto atravessava o mercado. Se um decurião notar algo de errado com Istvan — Morsov apontou discretamente para o morto-vivo imóvel a seu lado —, pode querer investigar.

— Como diabos isso é minha culpa? Você insiste em andar por aí com um espírito ilegalmente incorporado e acha que eu sou imprudente?

O espírito em questão era uma das razões pelas quais Morsov era considerado um criminoso. Para Sev, parecia só mais um servo morto-vivo, coberto por um manto feito de remendos de várias cores vívidas. Com o capuz e máscara que encobriam seu rosto, ninguém perceberia nada de estranho além do fato de um morto andar. Mas na Solúmbria os mortos trabalhavam e os vivos jaziam em caixas de madeira, então manter um servo espiritual incorporado num cadáver especialmente preparado não seria digno de nota para ninguém além de um necromante particularmente observador.

— Istvan está ligado a mim, a nós — Morsov lembrou ao irmão. — Não posso simplesmente abandoná-lo. Toda essa conversa não nos ajuda em nada, onde está o seu contato?

— Deve chegar a qualquer momento, nos encontrará no Herói Enforcado.

A necrópole propriamente dita era uma pirâmide esbranquiçada no centro de uma cidade muito viva. Mercadores conduziam seus negócios sob a vigilância dos agentes da Cabala. Esqueletos reanimados trabalhavam em forjas, carpintarias e curtumes. Os ossuários que os animavam, depois de dias desacordados num transe necromântico que os permitia controlar cerca de uma dezena de marionetes esqueléticas, gastavam o fruto do trabalho em tavernas barulhentas, abastecidas com cerveja barata e comida de procedência duvidosa. O Herói Enforcado, dentre os estabelecimentos mais afastados da necrópole, até que tinha boa reputação.

— Então, Sev, você quer viajar até Var Khalad pelo modo mais difícil?

— Difícil até nos juntarmos a uma caravana mercante.

— E como você pretende convencer um príncipe mercador, o único tipo de comerciante rico e louco o suficiente para atravessar a Terra Arrasada, a nos aceitar em sua comitiva?



A primeira coisa que chamou a atenção de Moira foi a profusão de cores. Aquela cidade parecia brilhar com remendos variados de cores muito mais chamativas. Bandeiras e postes pintados ladeavam as ruas que circundavam a estranha estrutura branca no centro da cidade. As casas também tinham cor em suas paredes, embora muitas fossem inteiramente brancas ou cinzentas.

Alguns pareciam evitar a cor a todo custo, usando tecidos marrons, cinzas, brancos ou negros, enquanto outros vestiam-se de modo extravagante, misturando tons sem nenhum critério. Amarelo e roxo, azul e laranja, violeta e verde-escuro. O contraste era tanto que beirava o ridículo.

Então Moira percebeu que os que vestiam cores estavam todos mortos.

Havia muitos deles, a maioria vestindo capuzes, elmos ou máscaras. Foi só quando viu os primeiros ossos polidos surgindo por entre a manga de uma túnica amarela e uma luva de couro vermelho que se deu conta do que se passava. Abafou um grito de espanto.

— Bem-vinda a Akhenatos, querida — disse tia Gris, parecendo divertir-se. — Pode parecer estranha para uma... forasteira. Mas é um bom lugar para se viver.

Akhenatos. O nome soava estranho em seus lábios, como se sua língua não quisesse pronunciá-lo, o que era perfeito para um lugar onde os mortos se vestiam como reis e eram tratados como bestas de carga. Moira via corpos reanimados carregando todo tipo de fardo, sempre acompanhados por alguém vestido de cinza.

Quando passaram por um grupo de guerreiros armados com bom aço, viu elmos sem aberturas para olhos, nariz ou boca. Duas mulheres e um homem, vivos e vestidos de negro, pareciam conduzir o grupo, olhando para tudo e todos ao redor com suspeita. Aqueles eram os Senhores da Morte das histórias da velha Arja. Magos que negavam o descanso dos caídos, obrigando-os a marchar e a matar para engrossar ainda mais as fileiras de seu exército amaldiçoado.

— Eles não aparecem por aqui com tanta frequência — comentou a velha, sentindo a apreensão de Moira. — Devem estar se reunindo por causa daqueles guerreiros terríveis que atacaram sua gente. Se eles entraram na Solúmbria, Akhenatos está em perigo.

Dorrag Torgren e seu bando de assassinos tiraram tudo que Moira amara na vida. Sua família, seus amigos, sua casa. Simplesmente porque estavam no

caminho. Vieram assolar as terras dos Senhores da Morte, trazendo consigo aquele fogo estranho.

Será que aquela chama dourada seria capaz de dar cabo dos mortos-vivos? Rezou ao Deus das Cinzas para que não. Para que Dorrage e todo o clã Torgren fossem trucidados por uma horda de horrores sem vida, para que os Senhores da Morte tomassem suas almas e escravizassem seus cadáveres, para que os homens que carregavam o estandarte do sol fossem comidos vivos, bem devagar.

— Querida? Você está bem?

Percebeu que estava agarrando com força sua espada, as mãos fechadas sobre a lâmina. Se não estivesse embrulhada em couro, teria cortado-lhe a carne. Moira levou uma mão ao rosto e sentiu a face quente e molhada.

— Vou ficar bem se puder descobrir onde está minha irmã — mentiu. Ela sabia que não ficaria bem, porque havia descoberto dentro de si outro desejo, outra necessidade.

Moira queria vingança.

— Tente se acalmar, meu bem — sugeriu a amável senhora. — Tenho que me encontrar com uma pessoa, depois vamos consultar uma necromante muito habilidosa, uma das melhores em toda a Solúmbria. Ela vai te ajudar.

Griselda guiou o carroção até os fundos de uma construção ampla e baixa. Deixou Tristan sozinho com o veículo e a criatura macabra que o puxava, tomando conta da mercadoria. Moira não se lembrou de perguntar do que se tratava o carregamento. Havia um estábulo ali, mas apenas dois cavalos estavam vivos, os outros eram apenas ossos equinos horivelmente imóveis em suas baias.

O cheiro era surpreendentemente agradável. Sem dúvida os Senhores da Morte tratavam os corpos de seus servos com alguma erva ou óleo para afastar o odor de podridão. Para completar a estranheza, Moira ouviu o som alegre de risos e cantoria. Naquela terra maldita onde os mortos caminhavam entre os vivos, havia um salão de hidromel.



— Quem é a garota, Gris? E por que ela está vestida como uma selvagem? — perguntou o mais alto dos homens encapuzados. Ele tinha um cavanhaque branco bem cortado. O outro homem era mais baixo e robusto. Havia um morto-vivo com eles, sentado à mesa como um membro do grupo. Moira só percebeu que se tratava de um dos horríveis servos-cadáver pelo manto multicolorido que o envolvia. A vestimenta parecia feita de remendos, como a lona do vagão de Griselda.

— O nome dela é Moira e eu prometi ajudá-la — respondeu Griselda. — Pensei em levá-la à Mestra Vendris para...

O homem baixo a interrompeu bruscamente.

— Vendris, aquele rio de veneno? Não consigo imaginar nenhum problema que ela seja capaz de resolver sem criar outro muito maior, por pura diversão.

— É bom ver você também, Morsov. — Griselda parecia ser amável com todos, menos com seu sobrinho Tristan. — Se você acha que pode se sair melhor que a principal necromante de Akhenatos em ajudar essa pobre jovem, ficarei muito grata!

A provocação tinha um tom doce, mas Morsov empertigou-se e resmungou por trás da barba negra emaranhada.

— Sou mais capaz do que qualquer fantoche que a Cabala deseje apontar como Mestre, tia Gris. A senhora sabe bem. Conte-me o que a garota precisa.

— Griselda, sempre admirei sua vontade de ajudar os outros, mas eu paguei adiantado por seus serviços e gostaria de sair da vista dos decuriões da Cabala — o homem de barba branca interveio. Ele soava cortês, mas algo em sua postura traía uma sensação de urgência. — Aqueles elmos sem olhos me dão nos nervos...

— Não seja tão indiferente, Sev! — Tia Gris repreendeu o homem. — Ela precisa de uma simples informação, um direcionamento! Morsov está aqui, ele pode fazer isso em alguns minutos!

— Muito bem — resmungou Sev. — Ajude a garota, Morsi.

— Do que você precisa, minha jovem? — perguntou o necromante.

Do que ela precisava? Saber se a irmã havia sobrevivido ao massacre? A resposta talvez devesse ficar escondida, alimentando sua pouca esperança. Moira tinha tantas perguntas, mas não sabia se confiaria suas dúvidas mais íntimas aos Senhores da Morte.

Não havia tempo para indecisão. Ela tinha que saber o que acontecera a Lydia. Era sua irmã mais nova e, se estivesse viva, precisaria de sua ajuda.

— Ela perdeu os pais na Terra Arrasada — Griselda explicou antes que Moira pudesse dizer uma palavra sequer. — Bárbaros sob as ordens de Var Khalad atearam fogo ao seu assentamento e massacraram seu clã.

— Clã? — Sev ergueu uma sobrelanceira grisalha. — Então ela realmente é uma selvagem! Uma exilada como você, irmãozinho.

Moira não gostou nem um pouco de ser chamada de exilada, nem entendeu a comparação com Morsov. Sev notou seu olhar gelado e ergueu as mãos levemente, uma postura desarmada. Tinha um sorriso sem graça nos lábios, como um pedido de desculpas.

— Suas brincadeiras só vão nos atrasar, Sev — disse Morsov. — Sinto muito pelo seu clã, Moira, você deseja que eu me comunique com eles?

— Meu clã não foi todo massacrado, apenas o bando que meu pai liderava. Eu preciso... Falar com ele ou minha mãe. — Moira sentiu uma pontada de dor ao se

referir aos pais como se ela ainda pudesse simplesmente conversar com eles. Como se não estivessem perdidos nos salões da morte. — Minha irmã pode estar viva, preciso saber como encontrá-la.

— Ela tem uma espada feita pelo pai — Griselda acrescentou, pesarosa. — Foi seu último presente.

Morsov ouviu e assentiu, sério.

— Entendo. Deixe-me tocar a arma, vai me ajudar a contatar os espíritos, se eles ainda não tiverem feito a travessia final.

Moira pôs a espada sobre a mesa com cuidado e desfez o embrulho de couro, revelando o metal deformado. Morsov fechou os olhos e estendeu a mão sobre a espada. O ar do salão pareceu adensar-se e a música tornou-se indistinta. Istvan, o morto, remexeu-se sob o manto de retalhos coloridos.

Os olhos do necromante abriram-se abruptamente. Sua mão pairava a centímetros da espada.

— Sinto muito, minha jovem. A arma deve ser destruída.

Moira se moveu antes que Morsov terminasse a frase, quase saltando por cima da mesa para proteger a última lembrança de seus pais. Jarisev podia tê-la impedido, mas estava distraído, desinteressado por problemas alheios. Morsov gritou algo em advertência, mas já era tarde. Moira agarrou o aço nu com as duas mãos e o puxou para si.

Um grito terrível encheu o salão. Era um lamento agonizante, entremeado ao urro raivoso de uma fera. Moira sentiu uma força projetar-se como um vento maligno a partir da lâmina. Conhecia a fonte daquela força e daquele grito. Era o mesmo som que ouvira quando pensava estar morta e caminhando pela estranha planície cinzenta. Era a coisa que a tocara e a fizera despertar aos gritos. De algum modo, ela trouxera aquele horror consigo.

CAPÍTULO 05

Hakim saiu pelo portão principal com os pulmões arquejando como foles após a tortuosa subida pelas escadarias das catacumbas. Kamash foi ao seu encontro em uma câmara privada, trazendo-lhe Fendetreva e a armadura de batalha, que incluía o elmo ornado com a Máscara Colérica. Um pequeno destacamento dos Santos Cavaleiros aguardava junto ao Grande Templo com uma montaria selada e paramentada para a batalha, especialmente consagrada para uso do Deus-Rei. Lançou-se ao galope sem dar qualquer ordem aos homens. Sabiam seguir sem esperar instruções.

Cavalcando pelas avenidas de Imrath, sentiu no ar a apreensão que se abatia sobre os residentes. Embora as defesas fossem bem mantidas e as tropas se mobilizassem com a eficiência que só o treinamento árduo pode conferir, os comerciantes, os servos, as esposas e as crianças não conseguiam esconder o pânico. Fechavam-se em seus lares e oficinas, ou corriam apressados para o abrigo mais próximo. Mesmo que todo o poderio khaladino estivesse concentrado em Imrath, sempre haveria baixas em uma batalha. Embora o brilho do sol refletisse no ouro branco das torres da cidade, a morte pairava como uma nuvem negra nos corações de seus moradores.

Imrath era arquitetada para defender-se de ataques vindos do mar. As embarcações eram mantidas em estaleiros fortificados, os atracadouros protegidos por barreiras grossas, com torres de vigia onde besteiros e grão-arqueiros ansiavam por alvos fáceis. A extensão costeira da cidade era limitada em ambos os lados por falésias pedregosas, lajes titânicas cortadas da própria terra pela mesma Devastação que fizera os mares engolirem o litoral de Noltora, dilapidando o continente. Duas muralhas paralelas entre essas elevações protegiam a fronteira marítima, sobre as quais estavam montados os trabucos e catapultas que disparariam rochas e barris de sal contra os invasores anfíbios. Os muros descreviam uma forma côncava que circundava uma faixa de praia artificial, aterrada com cascalho para que homens e cavalos pudessem lutar desimpedidos do lado de fora.

Quando Hakim alcançou a plataforma de luta entre as duas muralhas, a primeira linha de defesa já enfrentava os invasores. Os abissais eram horrores anfíbios que se moviam com rapidez espantosa sob as ondas, sua presença denunciada por barbatanas dorsais de cores iridescentes que iam do azul-marinho a um lilás doentio. Em terra, suas formas antropoides perdiam a agilidade, as barbatanas pendiam para baixo enquanto caminhavam encurvados. Seus estranhos pés palmados eram incapazes de sustentar o andar bípede por muito tempo, então

agachavam-se como macacos após poucos passos vacilantes. Seus corpos eram robustos, de aparência inchada, e a pele lisa e pálida tinha um aspecto escorregadio.

Aquela era a primeira linha de ataque abissal. Monstros estúpidos chamados de “trôpegos” pelos clérigos e simplesmente de “sapos” pelos soldados. Não portavam armas além das garras afiadas em seus braços longos e dos dentes compridos nas bocarras horrendas, prognatas como as das barracudas. O pior eram os olhos: grandes orbes infladas e imóveis, sem pálpebras ou expressão. Era impossível identificar qualquer vida ou intenção por trás daqueles olhos mortos de peixe.

Laurent comandava a infantaria fora dos portões. Vestia sua armadura acobreada e ornada com pontas ameaçadoras, a lâmina recurva se projetando do punho metálico afixado ao coto do braço do arconte. Reunia seus tenentes e homens de maior confiança — criminosos perdoados e homens cruéis como ele — para empregar sua tática favorita contra os abissais.

Entre os soldados de Laurent e as criaturas, havia um grande contingente de amarantinos — homens vindos dos protetorados, condenados à vida servil ou destinados a apodrecer em masmorras como prisioneiros. Eram armados com aço enferrujado e escudos de tábuas. Alguns, ainda algemados, brandiam porretes com pregos nas pontas. Os tenentes vestiam armaduras completas e portavam açoites além de espadas. Laurent e seus homens de confiança formavam uma parede de escudos entre os condenados e os portões, impedindo-os de recuar. Com os açoites, os tenentes fustigavam qualquer um que hesitasse em atacar.

— Mexam-se, seus porcos! — uivavam os soldados.

— Tragam cabeças de peixe para o jantar! — ataçava Laurent, rindo e impelindo a ralé. — Os que viverem poderão usar os chicotes na próxima luta! Lutem, pecadores! Lutem pelo perdão do Deus-Rei!

Os homens davam tudo de si. Temiam mais a Laurent e seus capatazes que aos monstros de andar cambaleante e olhar inexpressivo. A turba investia contra os homens-peixe e as feras revidavam com violência implacável. Hakim observou os servos e prisioneiros perfurarem e golpearem o inimigo, e viu os trôpegos, que nada vestiam, ignorar cortes e contusões. Lançavam-se sobre seus atacantes, impulsionados por suas pernas batracoides, rasgando e mordendo impiedosamente.

Era como se não possuíssem nervos para receber a dor. Eram burros demais ou violentos demais para ceder a golpes capazes de incapacitar um homem. Só paravam ao morrer, após uma sucessão de lacerações e pancadas, vertendo sangue viscoso e enegrecido, as garras e a boca abrindo e fechando numa derradeira mostra de agressividade.

Hakim desceu da plataforma para juntar-se ao destacamento dos Santos Cavaleiros diante dos portões. Liriel comandava os homens em sua ausência,

coberta de branco dos pés à cabeça, como uma monja. Além do elmo e da coifa de malha, uma espécie de véu de anéis metálicos cobria-lhe a face.

Apenas os olhos vivazes e astutos podiam ser divisados. A arconte iniciou a saudação ao Deus-Rei de Var Khalad, erguendo o braço direito. Os cavaleiros seguiram-na.

— Salve o Deus-Rei! Herdeiro do Sol! Chama Eterna dos Céus Exteriores!

— Hoje o inimigo bate à porta do império e clama por sangue! — bradou Hakim detrás da Máscara Colérica, com a voz de um deus guerreiro. — Mas o sangue vermelho e santo da humanidade não se derramará facilmente! Antes verteremos o fluido vil e podre que corre nas veias desses demônios do mar! Enegreceremos as ondas que pariram essas aberrações! À carga, meus mais Santos Cavaleiros!

O aglomerado de homens e cavalos comprimiu-se numa formação de batalha perfeita. O metal das armaduras ressoava ritmicamente, as placas retinindo umas contra as outras a cada respiração dos cavaleiros, de tão próximos que estavam.

— Liriel, vá até Sigismund e certifique-se que os grão-arqueiros estão prontos para os escamados. Depois, vá supervisionar os trabucos. Quando os gigantes emergirem, salgaremos a costa!

A guerreira murmurou sua anuência e partiu, deixando o cavalo aos cuidados de um pajem. Hakim e os cavaleiros viram-na correr e saltar até as ameias da muralha exterior com a graça sobrenatural do sangue taumatúrgico, dádiva reservada as irmãs mais elevadas da Ordem do Zéfiro. Hakim se perguntou como Liriel reagiria à visão do coração embalsamado nas catacumbas, que pulsava para emprestar-lhe a velocidade.

Mais dos terríveis sapos abissais emergiram sobre a praia, agrupando-se desajeitadamente antes de atacar a infantaria precária de condenados, que resistia, mas minguava. A parede de escudos de Laurent moveu-se para interceptar as feras que passaram pela turba de amarantinos. As criaturas produziam um som monótono enquanto lutavam. Gutural e indistinto, não se alterava quando eram feridos, nem quando matavam.

A infantaria de Laurent quebrou a linha desordenada dos abissais e abriu espaço para que a cavalaria pudesse se juntar à refrega. O som das trombetas marcou a abertura dos portões. Hakim cavalgou em divino esplendor de batalha, embora suspeitasse que o inimigo era incapaz de reconhecer a imponência de seus trajes. Os cavaleiros lançaram-se sobre as criaturas anfíbias como uma única besta de guerra, cujo rugido era o relinchar dos cavalos e o clangor do metal.

Os trôpegos não tinham esperança de resistir a uma investida montada. Ao saltarem sobre os cavalos acabavam empalados pelas lanças dos cavaleiros. Alguns servos foram incapazes de sair do caminho e acabaram atropelados junto com as

criaturas. Suas almas seriam recebidas nos Céus Exteriores como heróis. Seus corpos, Hakim agora sabia, serviriam de combustível para os milagres da taumaturgia.

Trespasaram dezenas de homens-peixe antes que as lanças se quebrassem. Eles não vestiam qualquer proteção, seus ossos eram estranhamente flexíveis e sua carne era mole, impotente contra a madeira de freixo. Os trôpegos restantes não recuaram, mas pareciam hesitar em deixar a água. Aglomeravam-se como um cardume e aguardavam alguma ordem desconhecida, dando aos Santos Cavaleiros a oportunidade de reagrupar-se junto à muralha. Hakim não sabia dizer o que sentiam aqueles olhos vazios, mas imaginou que fosse medo. Então os gigantes emergiram.

Como se a maré subitamente recuasse, formações rochosas surgiram acima da linha d'água, impedindo o avanço das ondas, que se quebravam sobre as pedras com golpes de espuma branca. As rochas ergueram-se, imensas, projetando longas sombras humanoides sobre a praia. Cada gigante era formado por diversos pedregulhos cobertos de algas, corais e cracas. Erguiam-se com cerca de seis metros de altura, as rochas interligadas por estranhas colunas de carne viscosa que se distendiam e contraíam em movimentos desconcertados, fazendo o papel de membros.

Havia dezenas dos bizarros seres de pedra que, em vez de avançar contra as muralhas da cidade, permaneciam parcialmente submersos, os estranhos membros flácidos entre as extremidades rochosas balançando loucamente. Os primeiros gigantes a emergir deram passos vacilantes para frente e agitaram os membros superiores.

— Mantenham a formação, homens! — rugiu Hakim com a voz do Deus-Rei.

Ergueu Fendetreva e esporeou o cavalo. Puxou as rédeas para que empinasse, desafiador.

Era o sinal para que os trabucos disparassem. No mesmo instante, uma das criaturas colossais descreveu um arco no ar com seu punho rochoso que, no ápice da trajetória, desprende-se do membro viscoso que o impelia, cruzou o ar como um enorme projétil e chocou-se contra a muralha exterior, fazendo chover pedra branca e argamassa sobre a praia.

Os trabucos khaladinos não tardaram a contra-atacar. As equipes de artilharia liberaram os contrapesos em sincronia, atirando barris recheados de sal contra os monstros que continuavam a arremessar seus apêndices rochosos contra os defensores. Quando uma rocha se desprendia, da extremidade da coluna viscosa que a sustentava brotavam dois pares de antenas, como as de um caramujo ciclópico. A forma quase humana dos gigantes era um engodo. As criaturas eram moluscos atrozes que habitavam um conjunto de pedregulhos em vez de se refugiarem em

conchas. Os trôpegos se aproveitaram do caos criado pela artilharia para avançar aos saltos.

O Deus-Rei ordenou Laurent a recuar. Pouco antes do último homem retornar ao interior das muralhas, um trabuco despencou das ameias, derrubado por outro projétil rochoso, esmagando homens e bloqueando parcialmente a passagem principal. Hakim vociferou um grito de guerra carregado de fúria e liderou seus cavaleiros contra o inimigo.

Os barris de sal dos trabucos atingiram os alvos em cheio, arrebatando-se nas rochas e liberando seu conteúdo. A carne mucosa dos moluscos, exposta após livrar-se de sua cobertura de pedra, murchava e se comprimia em contato com o sal. Os gigantes não tardavam a despencar, esmagando os trôpegos reunidos a seus pés.

Perdendo a maioria das lanças na primeira investida, os cavaleiros sacaram espadas para enfrentar os homens-peixe restantes. Não podiam mais empalá-los quando saltavam, usando então os escudos para proteger-se do impacto. Os Santos Cavaleiros eram a ordem de cavalaria máxima do império, homens treinados para combater qualquer ameaça. Mas, na batalha, a diferença entre a vida e a morte se esconde nos lapsos de concentração e nos instantes de incerteza, e mesmo o guerreiro mais experiente pode conhecer a derrota quando as circunstâncias se amontoam contra si.

Hakim viu alguns de seus melhores homens arremessados ao chão por um escorregão do cavalo, uma finta mal executada ou um escudo posicionado centímetros abaixo do ideal. Quando um cavaleiro caía, múltiplos trôpegos tentavam cravar presas e garras em seu pescoço. Um homem teve o elmo amassado pelos cascos do próprio cavalo. Outro, ao pôr um companheiro de pé, descuidou-se e foi derrubado quando um abissal saltou sobre ele.

A batalha era onde Hakim sentia-se em pleno controle de si mesmo. Sofreu pelos companheiros perdidos, mas não parou de avançar nem de bradar ordens. Gritava para que mantivessem a formação unida e escorraçassem aquelas aberrações de volta ao mar. Empurrou os últimos sapos para a maré rasa, salgada pela artilharia dos trabucos. A pele fina e porosa dos trôpegos também sofria em contato com o sal. Rapidamente tornavam-se letárgicos e, embora seus olhos inexpressivos jamais traíssem qualquer dor ou desconforto, encolhiam-se e convulsionavam sob a chuva de sal.

— Para os portões! Recuar e reagrupar! — O Deus-Rei ordenou, quando os trabucos pararam de disparar e os últimos inimigos jaziam nas águas rasas. Hakim inspirou o odor marinho que quase mascarava o fedor da podridão de sangue e entranhas derramados. O suor formava córregos em suas costas e o calor dentro do elmo ameaçava cozinhar sua mente. O sol brilhava sobre o massacre.

Laurent e Liriel o aguardavam nos portões, cada um liderando seu próprio destacamento dos Sagrados Cavaleiros. Hakim fazia questão de liderar a primeira carga, mas tanto Ras como os arcontes insistiam para que descansasse e deixasse um deles encarregar-se da refrega de tempos em tempos. Nada seria pior do que levar-se à exaustão e cortejar o fracasso por orgulho ou anseio matador.

Os cavaleiros sob o comando de Hakim apearam enquanto cavalos descansados e novas lanças eram trazidos dos estábulos. O Deus-Rei pôde aproveitar um momento de solidão numa tenda armada por seus fiéis servos cegos e seu senescal. Retirou o elmo coroadado e despejou um jarro d'água na cabeça, bebendo e refrescando-se em um único movimento.

Olhou para a Máscara Colérica. A face de um deus irado e vingativo, uma criatura monstruosa de presas arreganhadas e língua feroz. Perguntou-se como seria a face do Deus-Rei verdadeiro, seu Antecessor, que ostentara aquela mesma máscara. A face por trás da qual se escondera aquele cérebro grotesco, inumano. Afinal, o Deus-Rei era o deus de quem? De homens ou de monstros?

Foi interrompido por gritos de fora da muralha. Os escamados haviam emergido. Vestiu o elmo e correu para as ameias, onde Sigismund teria os grão-arqueiros a postos. O arconte parecia ainda maior, encerrado em armadura negra e elmo em formato de balde. Saudou Hakim quase berrando, com pompa de oficial militar.

Os grão-arqueiros estavam perfeitamente alinhados e repetiram a saudação de Sigismund sem se mover. Mantinham as armas em punho e as mãos preparadas para disparar. Vestindo capas negras que simbolizavam sua função, cada grão-arqueiro era tão alto quanto o arconte bárbaro. A taumaturgia da bile negra os fazia crescer de forma impressionante, amplificando a resistência dos ossos e músculos, permitindo-os manusear os grão-arcos, instrumentos mortais maiores que arcos longos de guerra, feitos com ossos e tendões tirados de abissais e reforçados com uma liga metálica do mesmo ouro branco que adornava as torres de Imrath, trazida pelos sobreviventes da destruição de Uru Hatham.

— Minhas bênçãos sobre suas flechas, nobres arqueiros — Hakim os saudou. Eram outra classe de taumaturgo, diferente dos línguas-de-fogo, com tradições próprias às quais davam muito valor. — Que cada disparo leve a morte aos meus inimigos.

— Somos instrumentos de vossa vingança, ó Herdeiro do Sol — responderam em uníssono.

Hakim chamou Sig para perto de si e caminharam pelas ameias, observando a praia. Os escamados emergiam em meio aos cadáveres de seus irmãos derrotados. Caminhavam eretos ao deixar o mar. Eram uma raça superior de abissal, mais altos que um homem comum. Portavam estranhas armas e armaduras feitas de coral e

partes de animais marinhos. Alguns brandiam aço roubado e ostentavam diademas de ouro branco em suas testas largas, saqueado de ruínas submersas.

Eram mais humanoides na forma de agir, mas tinham o corpo recoberto de escamas iridescentes — por isso o sal não os afetava tão rapidamente — e longas caudas reptilianas. A boca ainda era larga e animalesca, mas os olhos grandes e que nunca piscavam eram astutos e cheios de malícia. As faces achatadas eram ladeadas por enormes guelras membranosas e possuíam numerosos filamentos, como os bigodes de peixes-gato, formando uma espécie de barba esparsa e comprida. Avançavam em formação de batalha e guinchavam uma linguagem rudimentar que mesclava chiados e gorgolejos.

— São muitos dessa vez, Hakim... — O arconte se engasgou ao mencionar a real identidade de seu comandante. — Desculpe-me... Senhor.

— Longe de ouvidos curiosos estamos seguros, Sig. Mas é melhor ter cuidado.

— Perdão, senhor. Os grão-arqueiros me deixam nervoso. Não me veem como um deles. Não passei pelas mesmas... mudanças.

— Mas você também foi tocado pela bile negra. É o mais apto a comandá-los. Então façamos o melhor possível de uma situação desagradável.

Por trás do elmo negro, o arconte revirou os olhos e suspirou. Grão-arqueiros recebiam bênçãos de dois humores taumatúrgicos: bile negra e fleuma, para dar-lhes força e perspicácia. A combinação alterava as disposições dos homens, tornando-os inaptos à liderança. Tinham que ser comandados por alguém estranho à sua ordem. Sig era o melhor candidato, por dividir com eles a melancolia e a força da bile negra.

Abaixo, Laurent liderava a formação principal de cavaleiros, batendo de frente contra os escamados. As criaturas eram fortes e ardilosas. Enfrentavam os cavaleiros de igual para igual. A maioria das incursões abissais era composta de bandos de trôpegos liderados por uns poucos escamados, mas dessa vez havia um bom número deles, o suficiente para preocupar Hakim.

— Pela honra de Var Khalad! — bradou Sigismund. — Façam chover a vingança sobre a retaguarda inimiga!

— Pela honra! — ecoaram os grão-arqueiros.

Cada grão-arco disparou um virote metálico de um metro e meio de comprimento. O ouro branco do império criava uma liga com o aço capaz de conferir aos projéteis um voo leve e seguro, e a força sobrenatural dos grão-arqueiros vinha acompanhada de precisão assassina. A primeira saraivada voou alto e refletiu a luz solar antes de atingir as linhas traseiras dos escamados. Os virotes desceram velozes e certos, perfurando armadura e escama. No solo, os homens de Laurent penavam para repelir as investidas das criaturas.

Mais flechas voavam enquanto Sig bradava suas ordens. O grão-arco era uma arma pesada e difícil de operar. As grossas cordas de tendão ofereciam enorme resistência e o empuxo do arco drenava a força taumátúrgica do arqueiros, que precisavam de alguns instantes para se recuperar. Aos poucos, a pressão dos escamados sobre a linha de defesa arrefeceu, após saraivadas sucessivas, e Liriel pôs-se a contorná-los com seu destacamento para acossá-los pelos flancos. Havia pouco espaço para manobrar os cavalos numa formação coesa, e os cavaleiros eram forçados a se aproximar da linha d'água. Assim, foram apanhados.

As criaturas emergiram da água atulhada de corpos. Das ameias, Hakim e Sigismund as tomaram por escamados montados em crustáceos enormes. Surgiram quando os primeiros cascos tocaram a água, flanqueando as tropas de Liriel antes que pudessem atacar a retaguarda inimiga.

Carregavam lanças de osso, coral e nenhum escudo, mas as montarias eram como caranguejos, com uma das pinças atrofiada e pontiaguda, e a outra enorme e larga, que protegia habilmente os corpos magros que as cavalgavam. Eram maiores que os cavalos e pareciam amedrontá-los. O ataque surpresa permitiu que os monstros quebrassem a formação de Liriel e se misturassem à massa de homens, impedindo que as flechas os acertassem sem o risco de fogo amigo.

— Devíamos ter nos preparado para algo assim — disse Sig. — Eles não viriam a Imrath sem algo para nos surpreender, não depois dos seus barris de sal.

— Concentre-se em alvejar os escamados — Hakim respondeu, ríspido. — Meus cavaleiros já devem estar prontos para uma nova refrega. Quando os homens de Laurent derem cabo dos escamados, Liriel já terá restaurado a formação das tropas, então faça os virotes voarem sobre aquelas coisas. Depois traga os línguas-de-fogo para fora com seus melhores homens.

Hakim desceu das ameias aos saltos, testando os limites do movimento de sua armadura pesada. Como de costume, uma montaria descansada o aguardava. Reuniu seus cavaleiros e partiu novamente como a cabeça de uma grande fera da guerra.

O campo de batalha se tornara difícil de atravessar. Pedregulhos e fragmentos da muralha exterior se somavam aos corpos. Passaram pela parede de escudos de Laurent, que uivava e gargalhava ao retalhar os escamados, sua lâmina brilhando com calor místico. Hakim alcançou o destacamento de Liriel, mas cavaleiros desgarrados pela confusão do ataque vinham na direção contrária e forçaram-no a desacelerar. Mais crustáceos emergiam enquanto os cavaleiros tentavam organizar um contra-ataque.

Quando finalmente chegou perto o suficiente de um dos monstros, viu que não se tratava de cavaleiro e montaria, mas de uma única criatura grotesca. Do centro do corpo azulado de caranguejo monstruoso, de onde deveriam projetar-se os olhos, brotava um torso delgado, vagamente feminino, encimado por uma face mais

humana que bestial, mas escamada e de expressão odiosa, ladeada por guelras e coberta por longos cabelos empapados d'água, presos por tiras de algas.

A coisa horrenda enfrentava dois outros cavaleiros, mas girou sobre as múltiplas patas espigadas para aparar a espada de Hakim com a pinça enorme. Foi como acertar uma rocha. As lanças de freixo quebravam-se contra o corpo de crustáceo das criaturas, mas se provaram letais ao atingir a metade superior dos novos abissais, que se protegiam habilmente com suas pinças pesadas.

A luta junto à água favorecia os inimigos, então Hakim ordenou aos cavaleiros que cedessem terreno. Os horrores crustáceos os perseguiram com estocadas de suas lanças de osso, suas pinças menores golpeavam as patas dos cavalos. Recuaram até uma região segura, mas alguns cavaleiros foram derrubados. O cavalo de Liriel fora partido ao meio, e a arconte estava sem escudo, brandindo duas espadas contra uma das coisas-caranguejo. Duas das criaturas se interpuseram entre Hakim e a monja guerreira.

Os virotes de grão-arco caíram no centro da massa inimiga, que não atacava numa formação comum de cavalaria, mas como uma onda selvagem que estocava e golpeava sem parar. Os cavaleiros tinham que manter seus cavalos sob controle e se proteger tanto de pinças quanto de lanças. As enormes flechas se abateram sobre os monstros quitinosos, surtindo pouco efeito. O corpanzil de caranguejo das criaturas parecia não se abalar mesmo após perfurado, e a maioria delas protegeu-se com as pinças, que ficaram cravejadas de virotes. Só quando os projéteis as atingiam acima da carapaça, trespassando completamente o torso delgado, as abissais perdiam o controle das múltiplas patas e pareciam dançar loucamente antes de tombar para um lado, inertes.

Um dos inimigos entre Hakim e Liriel tombou após o terceiro virote, mas o outro bloqueava habilmente seus golpes e não dava descanso com a lança de osso. Hakim sentia o braço do escudo vibrar com cada impacto. Viu Liriel saltar para baixo do corpo quitinoso de seu próprio adversário e rolar imediatamente para evitar ser pisoteada pelas patas de caranguejo. A monja guerreira cravou suas lâminas na parte inferior do corpo da criatura e rasgou-a, fazendo jorrar uma torrente de líquido espumante. Tinha encontrado uma fraqueza.

A lança óssea resvalou contra a armadura do Deus-Rei e Hakim voltou sua atenção para o monstro à sua frente. Saltou do cavalo e lançou-se contra a criatura, que estocou com a lança, de cima para baixo.

Rolou no último instante e caiu pesadamente sobre o escudo. O peso da armadura roubava-lhe velocidade, mas Hakim evitou o golpe. A coisa-crustáceo atacou novamente com a pinça maior, num movimento amplo que a deixou desprotegida, Hakim gritou em desafio e lançou o corpo para frente, erguendo o

escudo para bloquear. Passou pela guarda da criatura e impeliu a lâmina de Fendetreva adiante, contra o torso exposto.

Sentiu a carne da coisa se romper e o calor de suas entranhas se derramando sobre a espada, mas outra sensação veio à tona: algo quente e molhado escorria por sua face e cabelos trançados. Havia um buraco em seu elmo mascarado. Sangue brotava de algum lugar em sua cabeça, impedindo sua visão.

Era difícil raciocinar, mas, laboriosamente, compreendeu. A investida baixara sua guarda por um instante. O escudo o protegeu de um golpe lateral da pinça monstruosa, mas pinça menor do crustáceo havia aberto caminho pelo elmo até o cérebro. A besta caiu após alguns instantes, eviscerada pela espada larga. Hakim, o Deus-Rei de Var Khalad, permaneceu de pé, chiando sob a máscara dourada enquanto sentia o sangue inundar o interior do elmo.

Antes que a visão escurecesse por completo, viu Liriel correndo em sua direção, a túnica imunda com o sangue do inimigo.

CAPÍTULO 06

O guincho de dor e ódio preencheu o salão. A força que Moira sentiu projetar-se de sua espada conjurou terríveis imagens em sua mente. Ela viu uma massa disforme e enegrecida de espectros, com faces carbonizadas emergindo através de uma nuvem escura, rostos contorcidos de pavor e sofrimento. O conjunto de almas torturadas retorcia-se freneticamente, mudando de forma como o crepitar de uma chama. Carregavam um odor nauseante, o cheiro inconfundível de carne queimada.

Moira lembrou-se do massacre que se abatera sobre seu bando. Seriam eles naquela visão grotesca? Uma das faces desesperadas lembrava a velha Arja, que contava histórias para os jovens. Outra, a bocarra escancarada num urro infernal, poderia ter pertencido a Svein, o melhor tratador de cavalos que Moira já conhecera.

Poderiam todos que um dia amara terem sido reduzidos àquela condição pela magia torpe manejada pelos homens que cavalgavam com os Torgren? Homens com o estandarte do sol, capazes de projetar horríveis labaredas douradas. Moira sentiu vontade de chorar, de se esconder e fugir do horror, mas as lágrimas foram impedidas pelo sentimento cáustico que espreitava seu coração. Agarrou-se à sede de vingança para não ser varrida pelo pesar e pelo medo.

Obrigou-se a manter os olhos e os ouvidos atentos, contrariando o impulso natural de fugir dos espíritos torturados que emergiam de sua espada. Para além das formas carbonizadas, das faces contorcidas pela dor e pelo ódio, pensou enxergar aquele estranho céu que vira no sonho com a terra dos mortos. Um negrume frio e infinito, mas pacífico, com uma única estrela solitária para servir de guia na escuridão.

Quando deu por si, os gritos haviam mudado. O som aterrorizante dos espectros dera lugar a gritos mais mundanos. Todos naquele salão de hidromel pareciam ter ouvido e visto o mesmo que Moira. Muitos desmaiaram de medo, outros corriam para as saídas, gritando. Os serviçais mortos-vivos jaziam dobrados em posições estranhas, como se a força que os impelia os tivesse abandonado.

Tia Gris estava ao seu lado, inconsciente. O homem magro e alto, Sev, se debatia com uma expressão de medo abjeto. Morsov e seu escravo morto-vivo pareciam imunes à onda de terror. O necromante abaixou-se rapidamente para pegar a espada que Moira derrubara com o susto. Tomando cuidado para não tocá-la diretamente, fechou-a no embrulho de couro e enfiou-a sob as dobras de seu manto cinzento. Ele agarrou Moira pelo braço e a puxou para perto de si.

— Temos que sair daqui agora! Onde está o vagão de Griselda?

Moira desvencilhou-se do homem com um safanão, ainda tomada pelo ódio que acompanhava seu desejo vingativo. Antes que pudesse perguntar a Morsov o que estava acontecendo, viu por uma das amplas janelas do salão de hidromel o motivo da urgência: uma patrulha de soldados cadavéricos marchava em sua direção, liderada por dois homens e uma mulher em trajes negros de guerreiro.

Moira guiou Morsov até o estábulo, nos fundos do salão, ele carregava tia Gris enquanto o criado morto Istvan levava seu irmão. Sob o manto do necromante, projetava-se um segundo par de braços — ossos amarelados pelo tempo, atados com algum tipo de tripa ou tendão animal — que o ajudavam a carregar a idosa desacordada.

Já no estábulo, Moira correu imediatamente em direção aos cavalos vivos, querendo galopar para bem longe dos malditos Senhores da Morte e seu país macabro, mas os animais relinchavam e escoiceavam, seus enormes olhos apavorados revirando-se nas órbitas. As montarias reanimadas estavam inertes em suas baias, algumas desfeitas por completo num quebra-cabeça de ossos, couro e tendões.

O carroção de Griselda continuava a esperar por sua dona, mas a besta que o puxava havia caído sobre as próprias patas. Moira saltou para dentro do veículo à procura de Tristan, que parecia ainda estar se recuperando do maior susto de sua vida. Mesmo sem fôlego, ele soltou um grito agudo ao vê-la.

— Silêncio! — Moira sussurrou. — Onde está a flauta? Precisamos fazer essa coisa andar, rápido!

Tristan ameaçou deixar escapar outro gritinho ao ver o corpo inconsciente de sua tia ser içado ao carroção por um necromante com quatro braços. Moira levou a mão à boca do rapaz em um movimento abrupto, para sufocar o som. Viu a confusão e o medo em seus olhos e sentiu pena dele.

— Ela vai ficar bem, mas você tem que nos tirar daqui. Toque a flauta, agora!

— Não — interveio Morsov, que acabara de ajudar Istvan a carregar Sev, que ainda balbuciava e se debatia, para dentro da lona da carroça. — Façam silêncio. Eu posso movê-lo sem o amuleto enquanto distraio a atenção dos guardas, apenas tomem conta de Sev e Gris enquanto eu estiver em ossuário. — Ele devolveu a espada a Moira, cuidadosamente envolvida em couro. — E não deixe que vejam a lâmina!

Ela entendia que havia algo de errado com a arma, mas o que Morsov queria dizer com “ossuário”? Moira já ouvira o termo, mas não sabia do que o necromante falava. Tristan assentiu e engatinhou até a tia, que parecia dormir um sono desconfortável.

— O que você vai...

Antes que Moira terminasse a pergunta, os olhos de Morsov se esfumaçaram até ficarem brancos, então se fecharam. Ele caiu para trás, mas Istvan gentilmente o apanhou e o deitou de costas. Moira reparou nas mãos do servo reanimado, cinza-esverdeadas, mas sem sinal de decomposição. Seus dedos longos e fortes terminavam em unhas compridas, com uma sugestão animalesca de garras.

A besta de carga pôs-se de pé com um estalar de seus tendões de corda. Moira espiava por uma estreita abertura na lona do carroção e podia ver o portão ainda aberto entre o estábulo e o salão de hidromel. Os homens de negro ordenaram seus lanceiros mortos a adentrar ao recinto. Os cadáveres tornados inertes pelos espectros carbonizados saltaram do chão, atacando os invasores. Até mesmo os cavalos esqueléticos despertaram em súbito movimento, saltando de suas baias para se juntar ao combate. Só então Moira sentiu a besta puxar a carroça.

Em vez de distanciar-se o máximo possível do local, como Moira teria feito, o construto de três cabeças transportou-os ao largo do estabelecimento, juntando-se ao tráfego de transeuntes e outros vagões, todos puxados de forma semelhante e ornamentados com uma mistura de cores alegres. Um observador atento poderia distinguir qual deles havia saído do estábulo, mas os guardas estavam ocupados com os atacantes inesperados.

Moira observou a luta enquanto passavam por uma das janelas do salão. A mulher comandava a patrulha. Sacou do cinturão um estranho chicote, o couro trespassado por pequenos ossos afiados. Ao estalar a arma contra o piso, seus soldados mortos-vivos assumiram uma formação de combate. Os dez lanceiros formaram uma parede defensiva sólida, protegendo os dois homens e sua líder. O grupo variado de mortos-vivos que investia contra eles tinha poucas chances de penetrá-la. As lanças perfuraram facilmente primeiros atacantes, mas alguns deles eram simples esqueletos reanimados e não podiam ser trespassados enquanto arranhavam e tentavam agarrar os escudos.

Os dois homens, brandindo maças, avançaram para esmagar os ossos dos atacantes, que então caíam como marionetes com as cordas cortadas. A parede poderia ter avançado com facilidade, mas ainda havia pessoas inconscientes caídas pelo recinto, o que exigia que lutassem com cautela para não as ferir. Foram os cavalos que surpreenderam os guardiões, saltando sobre mesas e corpos em direção à parede de escudos. Moira ouviu brados de ordem e novos estalidos do chicote, mas a carroça se distanciou das janelas e impediu-a de assistir ao resto do conflito. Lentamente, a besta de carga os levava para longe dos guardas.

Enquanto Morsov permanecia adormecido, amparado por seu criado morto-vivo, Jarisev recuperou os sentidos. Sentou-se de pernas cruzadas sob a lona da carroça e limpou o canto da boca com a manga de seu manto cinzento.

— Pelo casco partido do diabo, o que foi aquilo, garota?

— Algo aconteceu quando toquei a espada. Os cadáveres escravos pararam de se mover, e todos desmaiaram ou enlouqueceram de medo. Todos menos eu, seu irmão e o... Istvan.

Sev olhou para Morsov, desacordado, e ofereceu um sorriso meio confuso, meio acusador a Moira.

— Isso veio depois — explicou. — Outros Senhores da Morte vieram em direção ao salão de hidromel e nós carregamos vocês até aqui, Morsov fechou os olhos e os mortos se levantaram novamente, para atacar os...

— Ossuário — interrompeu Sev, coçando sua barba bem cortada, que parecia estranha a Moira, acostumada aos desganhados homens dos clãs. — É o truque principal dos necromantes, até onde eu sei. Eles perdem o controle do próprio corpo, mas podem dominar coisas mortas ao redor. É a pedra fundamental sobre a qual a Cabala construiu Solúmbria.

Ele falava sobre coisas que Moira não entendia. Enquanto isso, sua irmã continuava desaparecida, ferida ou morta. Ela não tinha tempo para os jogos dos Senhores da Morte. Estendeu os braços para alcançar Morsov, querendo sacudi-lo até que acordasse.

Jarisev segurou-a, alarmado. Moira deu um puxão para trás e se desvencilhou do homem. Uma mão fria, cinza-esverdeada, tocou-lhe o pulso. Istvan, o morto envolto em um colorido manto de retalhos, permanecia mudo, apoiando gentilmente a cabeça de seu mestre com o braço esquerdo. Moira não esperava delicadeza vinda de uma coisa morta.

— Se machucá-lo enquanto está desse jeito, vai nos pôr em perigo — advertiu Sev. — Com Gris desmaiada e o garoto cuidando dela, o único jeito do necrodonte se mover é se Morsov o estiver controlando.

— Necrodonte? A coisa que puxa o carro?

De algum modo, aquele estranho transe permitia que Morsov, ao mesmo tempo em que impelia os mortos contra os guardas, animasse perfeitamente a estranha besta de carga. Sev suspirou.

— Se ele perder a concentração, o carroção vai parar e os ossos da coisa vão se desmontar. Pararemos no meio de uma avenida movimentada, chamando mais uma vez a atenção dos decuriões.

— Brasas te queimem, Jarisev! Vocês estão me arrastando para uma luta que não é minha! — Se a lei dos Senhores da Morte queria os irmãos, que os tivesse. Moira seguiria adiante e descobriria um jeito de chegar até Lydia. — Não tenho por que de me esconder. São vocês os criminosos procurados!

— Você é uma criminosa também, garota tola! — Sev sussurrou rispidamente. — Se Griselda trouxe você da Terra Arrasada como disse, então sua mera presença aqui é um crime.

Moira sabia que o Povo das Cinzas era proscrito por causa dos crimes de guerra de seus ancestrais, mas também sabia que não havia diferença física entre uma mulher dos clãs e uma Senhora da Morte. Ela poderia abandonar Gris e os irmãos, conseguir um disfarce e então...

Então o quê?

Ela não sabia para onde ir. Não conhecia a terra ou os costumes. Pelo Deus das Cinzas, ela mal conhecia metade das palavras que os Senhores da Morte usavam! Sua melhor opção era esconder-se com Morsov e Jarisev até encontrar uma pista sobre o paradeiro da irmã. A alternativa seria muito mais arriscada. Resignada, acomodou-se no piso de tábuas do vagão, que subia e descia por uma avenida calçada por pedras irregulares.

Sev devia ter percebido seus pensamentos, pois sorriu de leve, com ares de triunfo. Calmamente, retirou das dobras do manto um chapéu estranhíssimo: azul-escuro, alto, como um cone com a ponta cortada, e com abas largas que escureciam sua face. Destoava completamente do manto cinzento. Moira não conseguiu deixar de rir do visual ridículo.

— O que é isso?

— Nada demais — respondeu Sev. — Só mais um crime: uso de vestes tradicionais mordravas. Se estivéssemos na Nova Mordrávia, usar o manto de necromante é que seria o crime. Vocês têm leis na Terra Arrasada? Além daquela que diz que o mais forte leva tudo?

— O Juramento dos Fortes é mais que uma lei, é o costume antigo, a sabedoria dos anciões. Mas cada chefe guerreiro faz as leis de seu bando. — Moira abaixou o olhar, tentando não pensar em nada que a lembrasse dos clãs ou sua família. Tentou enxergar por entre as tábuas da carroça, mas havia apenas escuridão.

— Jarisev?

— Sim?

— A carga de Gris é algum tipo de contrabando, não é? — Sev riu.

— Só mesmo um criminoso para reconhecer outro.

Cruzaram silenciosamente as ruelas e avenidas. Primeiro em direção à necrópole, diante da qual mercadores anunciavam produtos revoltantes: ossos, órgãos e couro de cadáveres frescos, o odor mascarado por grandes piras de incenso fragrante. Antes que outros decuriões direcionassem seus subalternos mortos a inspecionar a carga de Griselda, desviaram-se por um beco até uma rua ampla e praticamente vazia que rumava para longe da enorme pirâmide esbranquiçada.

Moira reparou nas construções ao redor. Casas apertadas umas contra as outras, feitas com tijolos de barro cozido, que pareciam opulentas para quem estava acostumada a uma vida nômade, dormindo em tendas ou sob as estrelas. Sua

própria casa no assentamento, agora destruída pelo fogo, havia sido pouco mais que um telhado de turfa sobre um buraco no chão.

Muitos dos lares eram pintados com cores vivas e adornados com estranhos amuletos de osso, dispostos em pares e amarrados com fitas do mesmo tecido colorido que envolvia os mortos-vivos. Talvez as cores fortes e alegres fossem uma forma de esconder o horror de viver cercado por restos mortais.

Griselda voltou a si. Abriu os olhos, mas não se levantou. Tristan ofereceu-lhe água de um cantil. A amável senhora bebeu vagarosamente.

— Oh, meus protetores, minha cabeça dói! Onde estamos?

— Indo até um refúgio — respondeu Sev. — Como se sente, Gris?

— Terrível, meu filho, mas vou sobreviver. Fomos atacados?

— Sua garotinha liberou uma torrente de sombras inquietas na taverna.

— Moira? Ela está bem?

Moira sentiu uma onda de vergonha. Aquela idosa a resgatara, mesmo sabendo que pertencia aos clãs exilados que o seu povo chamava de bárbaros e selvagens. Prometera ajudá-la a troco de nada, e mesmo ferida por culpa sua, ainda se preocupava mais com Moira do que consigo mesma.

— Eu apenas toquei minha espada... Não sei o que aconteceu. Me desculpe.

— Bobagem, criança! Você não teve culpa — sorriu-lhe a velha, que apesar da face enrugada tinha todos os dentes no lugar. — Deu tudo certo no final, não foi?

Moira obrigou-se a sorrir de volta. Embora o tom das palavras de tia Gris fosse reconfortante, as coisas pareciam estar longe de dar certo.

O necrodonte embrenhou-se por vielas cada vez mais estreitas, caminhos tão sinuosos que Moira achou que a carroça rasparia nas paredes das casas amontoadas. Pararam em um pequeno pátio com um poço de onde crianças retiravam água. Só poderiam prosseguir a pé por becos escuros.

Morsov despertou como quem acorda de um cochilo mal dormido, amparado pelo silencioso Istvan. A face do necromante de barba negra estava corada, e sua respiração subia e descia devagar, como se tivesse passado a viagem se exercitando. Moira queria interrogá-lo sobre os espectros, a espada e o paradeiro de sua irmã, mas ele virou-se imediatamente para Sev.

— Creio que não fomos seguidos até aqui. Não senti nenhuma presença suspeita por todo o meu ossuário.

— Você consegue agir numa área grande o suficiente para sentir alguém no nosso encalço, mesmo enquanto move a besta de carga? — perguntou Sev, apreensivo.

— Se você entendesse o suficiente de necromancia, saberia que isso foi extremamente ofensivo às minhas habilidades. A Cabala não pôs um preço em minha cabeça por ser menos capaz do que eles.

Sev despiu-se do manto, revelando um casaco de couro tingido de azul-escuro como seu chapéu esquisito, e desceu do vagão com um salto, seguido pelo irmão e seu criado. Moira os seguiu.

— Gris e Tristan não vêm conosco? — Moira perguntou. A velha e seu sobrinho não faziam menção de abandonar sua carga misteriosa. Tristan voltou a tocar a flauta de osso e o necrodonte tornou a se mover, circundando o pátio para retornar por onde vieram. A besta tinha um movimento diferente, mais desengonçado e mecânico do que quando Morsov assumira seu controle.

— Ela não precisa se esconder — respondeu Morsov, seguindo adiante com passos rígidos, Istvan sempre por perto, pronto para ampará-lo. — Griselda é uma comerciante conhecida e respeitada o suficiente para não levantar suspeitas.

— É o que faz dela uma contrabandista tão bem-sucedida — disse Sev, enquanto acenava distraidamente para os meninos ao redor do poço.

— Não se preocupe comigo, querida — disse Gris, massageando as têmporas para afastar uma dor de cabeça. — Vá com eles. Pode não parecer, mas são bons homens. Nos encontraremos de novo em breve!

Despediram-se da mercadora, que ainda parecia abalada pelo horror libertado por Moira. Sev dissera algo sobre “sombras inquietas”. Se aquelas coisas tinham nome, talvez não fossem tão incomuns naquelas terras dominadas pela morte.

Jarisev guiou-os pelo emaranhado de casinhas. Moira manteve os olhos bem abertos, tentando memorizar o caminho de volta. A ideia de perder-se completamente naquele labirinto lhe dava calafrios. Chegaram enfim a uma casa quadrada, espremida entre outras duas, com a pintura vermelha e amarela bastante gasta. Era adornada com um crânio de cada lado da porta, que era encimada por um emaranhado de fitas e ossinhos pequenos.

— Isso é uma cerca fantasma — explicou Morsov. — Se algum necromante ou morto-vivo cruzar seu caminho, vai me alertar do perigo.

— Só você vai saber? — Moira indagou. — E se estiver dormindo ou tiver saído quando acontecer?

— Talvez você possa aprender a usar as cercas, mas requer muita prática.

As paredes pareciam velhas, mas a porta era nova e reforçada. Sev investigou a fechadura com uma peça fina e lisa de metal, destrancando-a com cuidado. Moira viu uma sala praticamente sem mobília, salvo por um grande baú empoeirado e algumas prateleiras. Um aposento simples, mas bem espaçoso para quem passara a maior parte da vida dormindo em cabanas.

— Vamos passar a noite aqui e nos esconder por um tempo — disse Sev — Temos colchões e roupas limpas. Depois que estiver acomodada, vamos discutir o que fazer com você.

A raiva irrompeu de dentro de Moira e seus olhos marejaram. As lágrimas que ainda derramaria por sua família tentavam a todo custo rolar sobre sua face, mas ela as mantinha presas dentro de si, fazendo-as de reféns. Como ele ousava tratá-la dessa forma? Como alguma criança perdida, indesejada. Um velho magricela como ele não duraria uma semana na Terra Arrasada.

— Não há nada para discutir! Não há “o que fazer” comigo! Só me digam se vão me ajudar a encontrar minha irmã!

— Escute, garota — disse Sev, devolvendo a rispidez. — Eu não entendo nada sobre falar com os mortos, mas eu sei muito sobre vingança. Se meu trabalho por aqui correr bem, as pessoas que fizeram aquilo com seus pais vão pagar caro por todas as famílias que destruíram.

— Moira, você vai ter que ser paciente — interveio Morsov, um sorriso triste por trás da barba espessa. — Eu pretendia usar a espada como um elo com os espíritos de seus pais, para encontrá-los e me comunicar com eles. Mas a arma não é mais uma simples herança de família, temos de achar outro jeito de ajudá-la.

— Infelizmente eu, Morsov e Gris estamos no meio de um trabalho importante. Precisamos convencer um homem perigoso a nos ajudar a atravessar a Terra Arrasada em segurança. — Sev deu-se conta de que falara demais e praguejou.

Moira sentia que estava perdendo tempo precioso. Se Lydia estivesse viva, estaria sozinha e em perigo. Sentiu raiva de Sev, Morsov e até de Griselda, que ofereciam esperança, mas a desviavam cada vez mais do caminho. Porém Sev deixara escapar algo novo, uma parte do misterioso objetivo dos dois irmãos.

— Vocês não vão sobreviver por lá. Não sem um guia. Se me ajudarem a encontrar minha irmã, posso guiá-los pelas rotas mais seguras da Terra Arrasada. — Moira queria tornar-se tão indispensável aos irmãos quanto a ajuda deles era para ela. — Sei de trilhas que os bandos nunca tomam para saquear e de fontes que não foram poluídas pela Devastação.

— Chega! Vamos entrar de uma vez! — disse Sev, trincando os dentes. — Discutiremos isso quando estivermos seguros.

Moira encarou Sev e ele sentiu a raiva fria em seus olhos. Ela faria aquele homem se arrepender por menosprezá-la daquela forma.

— Vamos, Moira — insistiu Morsov. — Perdoe os maus modos do meu irmão. A velhice o deixou rabugento.

Eles planejavam uma viagem pela Terra Arrasada e queriam roubar alguma coisa. Se os acompanhasse, poderia retornar ao local do massacre de seu bando e usar as habilidades de Morsov para encontrar sua irmã. Mas Moira sabia muito pouco sobre o plano deles. Precisava aprender mais, e isso significava manter-se

calma e atenta. Sufocando a urgência e o desespero, respirou fundo. Era hora de traçar seu próprio plano.

Ergueu a espada, protegida pela capa de couro, deixando apenas parte do metal distorcido à mostra. Aproximou a mão do aço danificado. Sev se moveu como uma cobra para tirar a arma de suas mãos, mas Moira saltou para trás no último instante, ainda sem tocar o aço. Sev praguejou baixinho e fez uma careta de dor. Morsov apenas observava, incrédulo. Levantou as mãos, apaziguador, e um segundo par de mãos — apenas ossos — se projetou por debaixo das dobras de seu manto, replicando o movimento.

— Para trás, vocês dois! — Moira comandou, num meio sussurro, meio rosnado. Ela era quase tão alta quanto Sev e maior que seu irmão. Parecia imponente, com mechas ruivas selvagens sobre o negro profundo dos cabelos e sua capa rústica de peles. — Se eu tocar a espada, vou despertar aquela coisa... As sombras. Os guardas vão nos achar e acabar com seu plano.

— O que você pensa que está fazendo, criança? — Sev questionou, a voz calma, mas o corpo tensionado, procurando uma oportunidade para agir. Suas mãos estavam flexionadas, como se esperassem uma arma para agarrar.

— Meu nome é Moira, velho! Se você vai me arrastar para um esconderijo nas entranhas dessa cidade maldita, é melhor eu saber por que estamos nos escondendo. — Moira estava farta de ser tratada como uma jovem tola, perdida e incapaz, era hora de assumir o controle. — Você falou sobre vingança contra os homens que destruíram meu bando e assassinaram minha família. Está na hora de me contar tudo sobre esse seu trabalho, Jarisev.

O velho permaneceu tenso, mas algo em sua expressão se alterou. Era como se ele estivesse vendo Moira pela primeira vez. Algo nela despertara seu interesse.

— Está bem, Moira. Você venceu, por enquanto, mas abaixe essa espada antes que eu mude de ideia.

— Eu dou as ordens, Jarisev — rebateu Moira. — Você vai entrar por essa porta, depois colocar suas armas no chão, bem devagar.

— Moira, você não precisa fazer isso — interveio Morsov, aflito. — Nós ainda vamos te ajudar a achar sua irmã.

Ela encarou o necromante, perfurando-o com olhos de gelo. Meneou a cabeça na direção de Istvan, o morto-vivo.

— Você vai fazer essa coisa morta entrar junto com seu irmão, e vai seguir os dois. Depois, vai começar a falar tudo o que sabe sobre o que aconteceu com minha espada, e me mostrar como falar com os mortos.

Os irmãos se entreolharam, sérios. Por um instante, Moira achou que tudo acabaria ali. Eles a dominariam, lhe tirando a espada e a vida. Para sua surpresa, Jarisev ergueu as mãos em sinal de rendição e obedeceu às suas ordens,

acompanhado de Istvan e Morsov. Estava na hora de entender no que ela estava se metendo. Depois, ela encontraria a irmã, ou o que sobrara dela.

Então Moira teria sua vingança.

CAPÍTULO 07

Hakim sonhou com água. Primeiro, uma nascente que jorrava até transformar-se num rio caudaloso. Depois, uma foz turbulenta, um embate feroz entre espuma e lama. Um borrão de imagens sem sentido, apenas cor e luz. Então o oceano: profundo, frio e insondável. Bolhas emergiam, primeiro devagar, depois num turbilhão que o arrebatou, impulsionando-o para cima. Novamente um borrão. Ainda era a profundidade sombria e salgada do mar, mas havia uma sensação claustrofóbica.

Visões de cor e luz infiltravam-se naquele negrume terrível, mas Hakim era sempre conduzido para longe. Uma maré submersa o impelia por túneis emaranhados. As águas irrompiam pelas passagens subterrâneas, num jorro confuso e desesperado.

Imerso no caos, Hakim divisou um ponto luminoso acima e as águas borbulharam ao seu encontro, emergindo de profundezas salobras para o sol e o ar fresco. Finalmente, viu algo por entre os jatos de espuma. Era Imrath, com suas torres de ouro branco. Em meio à estranha visão, soou em sua mente uma única palavra em uma voz calma, mas que lhe encheu de medo.

Acorde.

A voz o fez pensar em galerias subterrâneas, em vasos canópicos contendo órgãos inchados e desumanos. Era a voz do verdadeiro Deus-Rei. O Antecessor.

Hakim ergueu-se, sugando o ar como um afogado trazido à terra. Não sabia onde estava, lembrava-se apenas da praia e dos terrores anfíbios que tentavam a todo custo assassinar seus homens. Liriel o observava, sentada numa cadeira ao lado da cama. Sem o traje cerimonial que usava em batalha, revelava muito mais de sua figura.

— Que bom que acordou. — A arconte sorria enquanto Hakim ofegava. — Mais alguns minutos e eu teria me aproveitado do senhor nesse estado tão vulnerável.

— Os abissais... — Hakim disse entre uma respiração e outra. — A muralha noroeste, o ataque... Imrath está em segurança?

— O senhor não tem o que temer das criaturas. Os grão-arqueiros fizeram um bom trabalho, e Sigismund trouxe línguas-de-fogo para queimá-las. As sobreviventes recuaram logo depois que o senhor... — Liriel hesitou, sua fachada despreocupada cedeu, revelando apreensão verdadeira. — Depois que se feriu.

Hakim levou a mão à têmpora direita e deu-se conta que, salvo por algumas faixas de gaze e os lençóis do leito, estava nu. A vergonha da exposição era menor que a vergonha da derrota, entretanto. Investigou o local onde devia estar o ferimento, mas não o encontrou. Havia uma pequena cicatriz circular onde a pinça quitinosa da criatura o havia perfurado.

— Quanto tempo eu perdi? — O Deus-Rei de Var Khalad não podia cair em batalha diante de toda a capital imperial e passar dias desacordado. Deuses não se ferem, muito menos convalescem.

— Um dia — respondeu a monja, fitando-o com interesse. — Sem dúvida o resto do império pode aguardar mais algumas horas pelo retorno de seu deus. O que faremos com esse tempo livre?

Hakim ignorou a pergunta.

— Como eu estou vivo, Liriel? Eu senti a garra da criatura perfurar meu crânio. O ferimento devia ter me matado antes que pudessem me trazer até aqui!

— O senhor é um deus ou não? — A arconte riu. — Tem realmente tão pouca fé em si mesmo?

Hakim se levantou da cama, olhos dardejando pelo aposento a procura de suas vestes. Havia um baú no canto oposto à cadeira de Liriel. Foi até ele e apanhou um par de calças e manto brancos, bordados com filigranas douradas.

— Hakim... — Ela usou o nome com relutância. — Por favor, volte a repousar. Você sofreu um ferimento grave e está vivo graças à taumaturgia. Eu só estava tentando melhorar seu humor.

Sua angústia não era causada pelos avanços de Liriel, mas pelo sentimento de derrota e pelas estranhas visões que já se dissipavam em sua mente, sumindo como um eco. Hakim sentou-se, deixando os ombros caírem para frente com o peso de sua responsabilidade.

— Meu humor vai permanecer como está até eu entender o que aconteceu.

— Você não acredita na própria divindade, mas age como se pudesse carregar o império nas costas. — Liriel caminhou até a porta, cada passo insinuando uma oportunidade perdida. — Mandarei chamar Rasser e pedirei aos criados que lhe preparem um banho. Enquanto aguarda, pense com carinho no tempo que poderíamos ter aproveitado.

O Deus-Rei dispensou todos os servos assim que o sumo sacerdote se apresentou. Uma enorme tina de cobre com água perfumada foi trazida ao aposento, mas Hakim sentia-se pouco à vontade para adentrar até mesmo uma poça, depois do sonho confuso com a maré. Perfumou-se com os óleos deixados pelos servos e começou a vestir a armadura do Deus-Rei. As quatro Máscaras repousavam num pedestal, aguardando que Hakim elege-se a face que deveria exibir ao mundo.

— Eu não poderia ter me recuperado tão rápido sozinho, Ras.

— Não só pôde como o fez, meu senhor.

— Não sei se vou me acostumar a ser tratado dessa forma por você.

— E eu nunca vou me acostumar a ser o membro mais importante do clero! —
Riu o pontífice desgrenhado, a enorme barriga subindo e descendo. — Mas acho que posso aprender a gostar disso.

— Eu fui descuidado, deixei que o inimigo me abatesse diante dos portões da capital. Não sei se mereço toda essa deferência, velho amigo.

— Eles nos surpreenderam com novas monstruosidades, não estávamos preparados.

— Mas Liriel me disse que a taumaturgia deu cabo das coisas-caranguejo. São terríveis, sim, mas podem ser mortas.

— A taumaturgia realizou mais de um prodígio ontem, meu senhor. — Era exatamente o que Hakim temia.

— Eu estudei os tomos sagrados com todo o afínco que suas exigências podiam me proporcionar, Ras, e nenhum taumaturgo até hoje pôde realizar uma cura desse tipo. A única forma de fazê-lo é...

— Conceder ao ferido a dádiva da taumaturgia — completou Ras.

Hakim cerrou os dentes e retesou a coluna. Desde criança sonhava em comandar exércitos, travar guerras gloriosas. Quando finalmente teve a oportunidade, o horror do campo de batalha não o surpreendeu. Matar e ver amigos morrendo tornou-se trivial. Abissais e carniçais não o incomodavam, salvo pelo cheiro desagradável. Mas havia algo que ele temia do fundo do coração: magia. Nenhum homem ou mulher devia ser capaz de certas coisas.

A magia antiga dos feiticeiros thelêmicos trouxera a Devastação ao mundo, criando a Terra Arrasada e dizimando reinos inteiros. Bruxas, necromantes e taumaturgos não praticavam a mesma magia, mas todos desafiavam as leis da natureza. Ele reconhecia o valor da magia divina do império, mas nunca desejou conhecê-la além da teoria.

— Você jurou que não usaria isso em mim, Rasser! Eu confiei em você!

— Não tivemos escolha, Hakim. — Ele parecia sincero, a ponto de deixar de chamá-lo por um título honorífico. — O ferimento o mataria mesmo que nossos cirurgiões pudessem de algum modo pôr seus miolos no lugar!

— Pelos Céus Exteriores! Eu nunca devia tê-lo obrigado a me levar até aquela câmara mortuária. — Hakim contemplava as Máscaras do Deus-Rei, escondendo sua expressão de ódio e asco. — Os humores do Antecessor, você os injetou em mim! — Lembrou-se dos enormes jarros que repousavam nas entranhas do Grande Templo, e dos órgãos monstruosos que continham, secretando os fluídos místicos de um deus morto. Humores capazes de conceder a um homem comum o poder de realizar milagres.

— Eu faria tudo de novo para salvar sua vida. Mesmo que você não fosse o Sucessor profetizado.

— Qual deles, Rasser? De qual líquido eu vou me tornar dependente para o resto da vida?

— Se você estudou como diz, sabe a resposta.

Era óbvio, embora Hakim desejasse não saber. A taumaturgia só abençoava os enfermos. Era necessário que os humores estivessem em desequilíbrio, seus órgãos enfraquecidos, para que a magia adentrasse suas veias com intenção de repará-los. Ao receber a “dádiva”, até mesmo um moribundo recobriria o vigor, tornando-se um taumaturgo.

— Fleuma. Eu fui ferido na cabeça, e o humor produzido pelo cérebro e pulmões é a fleuma. — Hakim encarou a Fleumática, a Máscara menos detalhada das quatro. As feições austeras sugeriam calma e contemplação, mas o que ele viu foi o cérebro titânico boiando no vaso canópico. Bipartido e monstruoso, o órgão parecia dotado de uma inteligência alheia à humanidade. Hakim levou a mão à testa e imaginou que podia sentir os humores daquele órgão pavoroso percorrendo o seu próprio crânio.

— Eu ouvi a voz dele, Ras. A voz do Antecessor. Ouvi num sonho, mas tenho certeza de que era a voz dele.

— Se ouviu, foi uma bênção, prova de que você é o Sucessor legítimo. — Ras pôs a mão anelada no ombro de Hakim, que se tensionou ainda mais.

— Eu sei que ele foi o seu deus, mas é horrível, Ras. Não é humano!

— A humanidade precisa de um guia, Hakim. Uma luz na escuridão. Você é essa luz agora. É sua obrigação e responsabilidade. Estou aqui para garantir o seu sucesso mesmo quando o fardo parecer pesado demais.

Hakim baixou a cabeça e respirou fundo. Ele acreditava nas palavras do antigo mentor, mas não conseguia se acalmar. A respiração vinha entrecortada, ofegante. Os pensamentos estavam embaralhados. Ras estendeu-lhe a outra mão, que segurava uma delicada seringa de vidro.

— Seus humores estão em desequilíbrio — disse o velho clérigo em tom professoral. — A primeira dose de humor taumatúrgico é concentrada e bastante forte, vinda direto da fonte, mas foi consumida totalmente no processo de cura. A partir de hoje, você receberá doses diluídas de fleuma taumatúrgica. É melhor se acostumar logo a injetá-las sozinho.

Hakim tomou a seringa nas mãos, contemplando a primeira de muitas em seu futuro. Era um aparato finamente confeccionado, moldado por um mestre vidraceiro. A agulha finíssima era feita do ouro branco recuperado de Uru Hatham, o único metal capaz de ser trabalhado até alcançar tamanha delicadeza na forma.

Hakim conhecia bem a anatomia humana. Estudara a disciplina no passado para saber onde golpear e que partes de si mesmo proteger. Aproveitou-se desse conhecimento para encontrar pelo toque uma veia em seu pescoço. Apertou a agulha contra a pele, perfurou-a com cuidado, e pressionou o injetor devagar. A medida em que o fluido se misturava à sua corrente sanguínea, sentiu a calma adentrar-lhe a mente como a primeira onda da maré alta cobrindo as areias da praia.

— Vou precisar de um frasco de metal, que não se quebre quando eu estiver lutando. — A ideia de depender daquilo para manter-se sob controle ainda era desagradável, mas Hakim já sentia a fleuma realçando o aspecto pragmático de sua personalidade, e já avaliava a situação racionalmente, como um fato da vida que exigia que tomasse as providências apropriadas. O sumo sacerdote sorriu, satisfeito.

— Você terá um professor de minha confiança para lhe mostrar os prodígios da fleuma. Mas fica aqui sua primeira lição prática: o desequilíbrio dos humores deve ser evitado. Uma dose é suficiente por até uma semana, se você não realizar prodígios taumatúrgicos nesse tempo.

Hakim sentia-se melhor, seus humores finalmente equilibrados e circulando em harmonia em suas veias. Mais do que isso, a fleuma taumatúrgica, produzida nas entranhas do Grande Templo através das entranhas de seu deus, tornava mais fácil para sua mente separar-se de questões emocionais particulares e ponderar friamente qual caminho seguir. Rapidamente, a atenção de Hakim voltou-se para o estado da cidade após o ataque repentino. Aquele era o problema real, seu dever vinha em primeiro lugar.

— Temos que redobrar a vigília no Portão do Mar, Ras. Esse ataque pode ter sido o primeiro de muitos, os fortes costeiros devem ser alertados sobre essas novas criaturas-crustáceo. — Os medos de Hakim continuavam a rastejar no fundo de sua mente, mas sua forma de encará-los mudara. Sob o efeito da fleuma, os temores agora lhe pareciam com questões de defesa de fronteira ou táticas do campo de batalha. Eram obstáculos que requeriam planejamento e ação. No momento, a prioridade era Var Khalad, depois Hakim lidaria com questões pessoais.

— Já foi feito, meu senhor — respondeu Ras, satisfeito ao vê-lo assumir o comando. — Enviei mensagens às guarnições litorâneas. Em breve teremos relatórios detalhados da situação no império e seus protetorados. Mas ainda há uma questão que precisamos discutir.

— Danos à cidade? Baixas civis? — Hakim sentiu-se egoísta e tolo por seu rompante anterior, diante do que poderia ter acontecido ao povo que jurara proteger e liderar.

— Boa parte das fontes públicas foi inutilizada durante o ataque. Acreditamos que esse era o verdadeiro plano do inimigo, que pode significar um cerco prolongado.

— O que houve com as fontes?

— Os abissais devem ter aberto passagem pelas grutas abaixo da cidade, e a água do mar subiu borbulhando pelos poços de água doce. Enxames de pequenos crustáceos e lesmas rastejaram para fora. Temo que sejam venenosos.

Os abissais eram oponentes ferozes, mas Hakim nunca tinha visto esse tipo de engenhosidade por parte das criaturas. Precisava aprender mais sobre o inimigo antes que sua ignorância o levasse à ruína.

— Os poços devem ser selados e guardas postos de prontidão para evitar que coisas maiores emerjam. Vamos distribuir água do suprimento imperial para a população e trazer mais do Vale de Nagrath. A água da represa é limpa o suficiente.

— Teremos que racionar até a chegada do carregamento, mas as estradas do sul estão entre as mais bem mantidas do império, então não deve demorar.

— Quero que a Academia Imperial dedique todos os seus esforços ao problema. A água contaminada deve ser estudada, e qualquer um que entre em contato com ela ou com as criaturas que a contaminam deve ser posto em quarentena. Os engenheiros devem encontrar uma maneira de escoar essa água o mais rápido possível, através das grutas mais profundas.

— Será feito. Ordenarei aos mercenários encarregados dos túneis que encontrem uma passagem apropriada.

— Mande taumaturgos com eles. Se o inimigo encontrou uma nova abertura para as grutas, as passagens inferiores estão comprometidas. — A magia era uma coisa temível, sim, mas extremamente útil, e Hakim não via paradoxo em temê-la e empregá-la ao mesmo tempo, desde que seus efeitos nocivos não recaíssem sobre seus homens. Os taumaturgos infundidos com bile amarela podiam produzir labaredas de fogo que dariam cabo de qualquer inimigo que rastejasse nas grutas.

Hakim voltou-se novamente para as máscaras. Era hora de fazer uma aparição pública, assegurando que o Deus-Rei estava pronto para retribuir a ofensa dos hediondos abissais. Tomou a Máscara Fleumática nas mãos, sem ignorar a ironia da escolha. Vestiu a face de um deus pensativo e misterioso, um deus dotado de visão e sabedoria. Um deus morto, mas que vivia através de seu Sucessor.

E através de órgãos inchados, alienígenas, pulsantes de poder arcano.

CAPÍTULO 08

Jarisev era um ladrão, disso Moira já suspeitava. Mas a ideia de roubar dos mortos lhe parecia completamente absurda. Na Terra Arrasada, os clãs ofereciam seus mortos ao Deus das Cinzas, queimando seus corpos. Foi só quando Morsov lhe falou sobre o surgimento da necromancia que Moira compreendeu a estranha profissão de Sev.

A Devastação que se abatera sobre o mundo, fazendo as águas engolirem a terra e criando a Terra Arrasada, foi a última tentativa desesperada de um grupo de feiticeiros de acabar com o cerco que os assolava. Os reinos antigos, tementes das artes profanas praticadas na cidade-estado de Thelemos, haviam se unido numa cruzada contra a feitiçaria. Perto do fim da guerra, quando os feiticeiros estavam praticamente erradicados, os ancestrais do Povo das Cinzas se viraram contra os outros reinos, até então seus aliados na contenda.

Os últimos senhores de Thelemos aproveitaram a oportunidade para conjurar seu último e mais potente sortilégio. Do centro da cidade-estado, uma onda de magia selvagem se expandiu num instante terrível. A Devastação varreu os exércitos inimigos, derrubou fortalezas, inundou países inteiros. Infelizmente para os feiticeiros, sua magia destruiu também a própria cidade e todas as terras ao redor. Tornou-as inférteis, venenosas, mortais. A região varrida pelo cataclismo tornou-se praticamente inabitável, ganhando a alcunha de Terra Arrasada, permanecendo inóspita e desolada desde então.

Moira sabia do passado dos clãs, nações orgulhosas vindas do norte gelado — uma terra ancestral, engolida pelo mar como tantas outras. Eram o povo criado pelo Deus das Cinzas para governar o mundo. Haviam tentado travar a Última Guerra, mas falharam. Foram perseguidos e exilados por traírem os povos do passado. Morsov contou-lhe sobre o que se passara fora da Terra Arrasada, enquanto os remanescentes do Povo das Cinzas aprendiam a sobreviver em regiões hostis.

Dos reinos de antigamente, a Mordrávia não era o mais próspero. Após a Devastação, o único grupo capaz de manter os mordravos seguros foi a Guilda dos Caçadores, formada com o objetivo de enfrentar feiticeiros e monstros. A Guilda desenhcou novas fronteiras para o antigo reino, fundando a Nova Mordrávia numa região relativamente a salvo do cataclismo mágico. Os sobreviventes além das fronteiras foram considerados maculados e deixados para lutar pela própria sobrevivência, extirpados como um braço gangrenoso ou uma perna inutilizada.

Não havia abrigo, água ou comida suficiente para todos. O recurso mais abundante naquele novo mundo de ruínas eram os corpos dos mortos, explicou

Morsov, e logo muitos grupos de sobreviventes passaram a canibalizar seus irmãos caídos. Uma atitude desesperada numa época desesperada.

Mas a Devastação libertara um poder desconhecido, uma força compreendida apenas pelos extintos feiticeiros. Os sobreviventes que passaram a se alimentar dos mortos sofreram estranhas mudanças. Deixaram de ser totalmente humanos e passaram a depender exclusivamente da carne humana para seu sustento. Eram os primeiros carniçais. Dentre eles, as fêmeas sofriam mutações ainda mais radicais, tornando-se bruxas horrendas, dotadas de poderes inatos, uma forma distorcida e mais vil da feitiçaria thelêmica.

Os necromantes vieram depois. Descendentes dos sobreviventes mordravos que se recusaram a abandonar sua humanidade em troca de alimento. Esses peregrinos buscaram a salvação da escassez que os afligia e dos carniçais que os espreitavam. Foi nas ruínas de uma cidade-satélite de Thelemos que a encontraram.

Morsov não revelou o que havia nas ruínas. Contou que lá ocorreram tantos massacres que a própria Morte resolveu estender sua mão em socorro aos vivos, manifestando um manancial de poder espiritual no local que se tornaria a Primeira Necrópole — Enthanaktra. Lá, os peregrinos aprenderam a comunicar-se com os espíritos e a reanimar matéria morta com o poder cedido pelos falecidos.

A Guilda dos Caçadores assistia a tudo com assombro. Seus antigos contrerrôneos, deturpados pela magia nefasta, agora ansiavam por cadáveres frescos. Carniçal, bruxa ou necromante, para os líderes da Nova Mordrávia, eram igualmente abomináveis. Com isso, os mordravos tornaram-se extremamente protetores dos locais de descanso de seus próprios mortos, fortificando-os, e escondendo os restos de seus entes queridos em torres silenciosas. Não demorou muito para que passassem a guardar seus tesouros junto aos defuntos. Isso atraiu homens como Sev à detestável profissão de ladrão de túmulos.

Ao mesmo tempo, os peregrinos formaram uma Cabala de necromantes que ergueu as primeiras necrópoles, fundando a Solúmbria. Passaram a comercializar a matéria morta que era a base de seus novos poderes. Protegiam-na dos carniçais, mas cobiçavam-na com o mesmo fervor. Morsov enfureceu-se ao descrever como a Cabala, em vez de cumprir seu dever para com os espíritos aflitos, preferia escravizá-los para abastecer seu poder necromântico.

— Mas e seu servo Istvan? — Moira questionou. — Não é uma alma escravizada?

— Sim e não — respondeu Morsov, pesaroso. — Istvan escolheu de própria vontade ocupar este corpo e nos acompanhar nessa jornada. É o que ele precisa para desfazer suas amarras neste mundo — Uma amarra é uma lembrança da vida que prende a alma à terra. Uma paixão ou arrependimento, uma emoção muito forte, não resolvida.

— Como servir a você resolve isso? Do que Istvan se arrepende?

Morsov suspirou. Ao seu lado, o cadáver permanecia imóvel sob o manto de muitas cores. Ele usava uma máscara estranha, feita de madeira. Moira só notara depois de tentar enxergar sob o capuz que lhe cobria a cabeça. Era costume na Solúmbria vestir os cadáveres que abrigariam espíritos com cores alegres e cobri-lhes as faces com máscaras para esconder sua expressão vazia.

— Istvan é nosso tio — confessou Morsov. — Meu e de Sev.

— Você prendeu um espírito de seu próprio sangue num corpo apodrecido? Vocês é que são selvagens, não os clãs!

Morsov, normalmente comedido, tensionou-se. Ergueu um dedo comprido em riste. Inadvertidamente, um dos braços esqueléticos que, de alguma forma, se prendiam sob seu manto imitou o movimento.

— Primeiro, esse corpo não está podre e nem vai apodrecer. Eu mesmo o preparei com ervas especiais e óleos balsâmicos. Em segundo, Istvan veio até mim como uma alma torturada. O passado o atormentava tanto que em breve ele se tornaria apenas uma sombra, como aquelas presas em sua espada.

Moira olhou para a arma que ainda segurava por sobre o couro, a única garantia de que Sev e seu irmão levariam a sério suas demandas.

— Essas... Sombras são a minha família? Meu bando? — perguntou, sentindo o poço de tristeza que se abria sob seu peito, mas também o calor terrível da raiva contra os Torgren e o Império do Sol, responsáveis pela matança que parira aqueles horrores encerrados no aço.

— Uma sombra é um eco imperfeito da alma. Quando uma emoção é forte demais para o espírito, ela o domina por completo, eclipsando sua identidade. Não sei quem exatamente foram essas sombras, mas essa espada agora é um grilhão para elas. Uma amarra permanente.

Moira quis largar o objeto, enojada. Notou Jarisev no limite da sua visão. O velho ladrão, desarmado, organizava os suprimentos estocados no refúgio, mas seus movimentos tinham um ar calculado, como se esperasse Moira hesitar por um instante. Ela não daria essa chance ao ladrão. Cerrou os dentes e apertou o cabo da lâmina.

— É por isso que você disse que a espada tinha que ser destruída? Isso vai ajudá-los?

— Destruir a espada os libertaria para sofrer até que todas as suas amarras sejam desfeitas. Presos à espada eles se mantêm dormentes, mas a Cabala proíbe que sombras inquietas sejam agrilhoadas dessa forma.

— Nenhum filho das cinzas já se curvou perante as leis dos Senhores da Morte, e eu não serei a primeira. — Moira já era caçada, que bem faria desfazer-se da espada? — Há algo que você possa fazer por essas sombras, Morsov?

— Talvez eu possa me comunicar com elas, descobrir como aliviar sua dor, mas é um processo trabalhoso e sem garantia de sucesso.

— Mostre-me como fazer — disse Moira, resoluta.

— Moira, você nunca...

— Mostre-me!

Morsov coçou a barba, pensativo.

— Talvez... Sim... Alguém que tenha chegado perto o suficiente da morte... Quando Griselda a encontrou, você estava desacordada, não é mesmo?

— Coberta de fuligem, sob os escombros da forja de meu pai.

— Você sonhou com algo?

— Sonhei que estava morta, numa planície escura.

— Muito bem. Você terá que retornar ao lugar do sonho.



O maldito Morsov estava se divertindo com aquilo. O idiota estava adorando dar aulas de história e necromancia à garota. Sev revirava compartimentos ocultos no chão, retirando cuidadosamente mudas de roupa e fardos de carne seca enquanto prestava atenção em Moira. A selvagenzinha tinha algum aço dentro de si, mas vacilaria em algum momento, ou dormiria no meio das lições chatíssimas de seu irmão. Talvez Morsov estivesse fazendo aquilo de propósito. Quanto mais ela focasse naquela conversa fiada, menos precisaria saber sobre o plano, assim ninguém poderia fazê-la falar.

Tio Istvan continuava imóvel. Se queria tanto se redimir por tê-los abandonado quando crianças, por que não procurara Sev quando ainda estava vivo? O tio tinha sido um ladrão quase tão bom quanto ele. Poderiam ter ficado ricos juntos. Em vez disso, tinha de caminhar por aí num corpo que, apesar do falatório de Morsov sobre bálsamos e ervas, não passava de um cadáver ambulante.

Moira amoleceu por um segundo quando Morsov mencionou as sombras inquietas presas na espada, mas voltou a si rapidamente. Melhor assim. Sev ainda não havia encontrado o que procurava ao fingir que conferia os suprimentos estocados. Amaldiçoou a si próprio por deixar-se colocar naquela situação. Como todo grande ladrão, tinha seus defeitos incorrigíveis: medo de mortos-vivos e um fraco por órfãos precisando de ajuda.

— Concentre-se na memória daquele lugar — tagarelou Morsov. — No céu negro, na única estrela pálida que ilumina a vastidão. Nós a chamamos de Ranthep, a Eterna.

Moira estava realmente seguindo as instruções de seu irmão. Aquilo a poria num transe necromântico. Se ela tentasse realmente alcançar as sombras na espada,

talvez não fosse capaz de lidar com elas. Talvez ela as libertasse por um instante, mesmo sem querer, e aquele sentimento de pavor tomaria conta de Sev.

Ele tinha de agir rápido, onde estava aquela maldita faca? Finalmente, encontrou a coisa, escondida sob uma pedra solta debaixo de uma tábua solta. Por que ele tinha que ser tão bom em esconder as coisas?



Moira concentrou-se na lembrança do vazio desolador, preenchido apenas pela luz mortiça da estrela solitária. Sentiu uma vibração emanando da espada que segurava com força sob o couro.

— Feche os olhos — instruiu Morsov.

Ela não devia, mas queria vê-los, mesmo que apenas por um instante, mesmo que fossem ecos distorcidos pela dor e pelo medo. Precisava ter certeza de que, em meio aos rostos carbonizados, não veria o pai e a mãe, negros como carvão e gritando seu nome. Moira fechou os olhos. Sentiu novamente a estranha vibração. As sombras queriam encontrá-la também. Sentiu o vento gélido soprar na imensidão. Não era tão diferente do vento na Terra Arrasada. O frio do vento deu lugar ao frio do aço. Moira sentiu a lâmina em seu pescoço.

— Muito bem, querida. A aula do professor Morsi acabou. Sou eu quem vai lhe ensinar agora — disse Jarisev, que pressionava delicadamente uma faca recurva contra o pescoço de Moira, enquanto imobilizava seu braço esquerdo, impedindo-a de tocar sua espada.

Moira jogou a cabeça para trás, para acertar o nariz do velho ladrão, mas Sev esquivou-se sem esforço. Ela sentiu um puxão forte no braço e a dor a fez silvar. A lâmina permanecia encostada em seu pescoço, sem tirar sangue.

— Lição número um: conheça seus limites. Largue a espada.

— Acabe logo com isso. Não vou lhe dar a espada que meu pai forjou.

— Me dar? E o que eu faria com esse lixo amaldiçoado? Apenas solte-a, prometo que você a terá de volta. Um dia.

Moira se contorceu, mas Sev a mantinha firme em seu aperto, movendo habilmente a lâmina para evitar derramar sangue, mas mantendo-a tão próxima que Moira ainda sentia a mordida de seu gume. Ele não queria feri-la. Não ainda.

— Morsov, pegue a arma da mão dela.

O necromante pareceu consternado, mas obedeceu. Moira apertou a espada contra o peito. Quando Morsov se adiantou para pegá-la, ela soltou o embrulho. Com a mão livre, socou o estômago do homem mais baixo. Sua mão bateu contra algo duro e ossudo. O par de braços ósseos bloqueara o golpe enquanto Morsov

apanhava cuidadosamente a espada que caía. Ele lançou um olhar magoado a Moira.

— Oh, ela é boa! — Jarisev riu. — Escute aqui, garota, eu já fui um órfão perdido e cheio de ódio, só por isso minha faca ainda não provou o sangue de seu pescoço.

— Brasas o queimem, ladrão!

— Toda essa raiva tem que escoar para algum lugar, como um rio, ou vai transbordar e se transformar num pântano. — Sev abandonara o sorriso, relaxando o aperto, mas mantendo a lâmina rente a seu pescoço. — Segunda lição: saiba quem é seu inimigo. Somos nós ou os homens que tiraram tudo de você? Seu lar, sua família?

Moira permaneceu imóvel, o braço doía.

— Você queria saber sobre meu trabalho aqui na necrópole — continuou Jarisev. — Vou lhe contar: amanhã iremos ao encontro de um homem perigoso. Você pode ir junto, se prometer se comportar. Depois, viajaremos à Terra Arrasada. Se Morsov puder apontar o caminho para sua irmã, você segue seu rumo, se não, posso empregar seus serviços como guia.

Moira relaxou, considerando a oferta. Sev afastou a faca devagar e ela se virou para encará-lo. O sorriso de triunfo em seu rosto era insuportável, o chapéu de abas largas era ridículo. Jarisev lhe dava nos nervos. Porém ele e Morsov eram sua melhor chance de sair em segurança da Solúmbria e procurar por Lydia.

— Conte-me mais sobre esse homem e sobre o porquê de irem à Terra Arrasada.

— Hoje não — disse o velho ladrão, irredutível. — Amanhã lhe falarei dele. Sobre nosso destino, não direi uma palavra até que eu saiba que posso confiar em você. Mas tenho a impressão de que você vai gostar quando souber. — O sorriso voltara aos lábios de Sev, enrugando ainda mais seu rosto convencido.

Moira não estava satisfeita com o acordo, mas talvez não precisasse mesmo saber. Quando tivesse ideia do paradeiro de sua irmã, deixaria para trás aqueles dois e seu tio morto-vivo. Rumaria pela Terra Arrasada com Lydia e encontrariam outro bando Brunehald, ou talvez o bando misto de seu tio Andvar. Talvez recorressem aos anciões em sua montanha, que conheciam o plano do Deus das Cinzas para os cinco clãs.

— Conte-me sobre o Império do Sol, Morsov. Por que se aliaram a Torgren?

A saga cantada pelos escaldos falava apenas da torpeza e corrupção dos reinos exteriores, que exilaram os clãs em seu fracasso, mas seriam ainda conquistados, quando o Povo das Cinzas se tornasse forte o bastante. Com as rixas constantes entre os bandos guerreiros e a disputa por recursos na Terra Arrasada, essa força talvez nunca surgisse.

— Var Khalad ostenta o estandarte do sol para simbolizar a força e a pureza de seu Deus-Rei. — Morsov tinha um tom de desprezo ao falar daquele povo. — Eles dizem que seu imperador é um deus vivo, um imortal enviado dos céus para salvar a humanidade.

Moira queria saber mais sobre Var Khalad, ter ainda mais combustível para alimentar seu ódio pelo estandarte do sol. Sobre os Torgren, sabia tudo o que precisava. Seu líder, Dorrag, já havia sido considerado pelos anciões como o chefe guerreiro que unificaria os cinco clãs, mas ele preferia aceitar o ouro e o aço de outros povos, tornando-se um mercenário conhecido e temido por todos daquele lado da Espinha do Dragão.

Var Khalad, explicara Morsov, desprezava a necromancia e não simpatizava com a filosofia da Guilda dos Caçadores, que rejeitava a existência de qualquer divindade. Frequentemente, os imperiais pagavam mercenários para que semeassem destruição tanto na Solúmbria quanto na Nova Mordrávia, mas o último ataque fora sem precedentes. O bando de Dorrag Torgren era o maior contingente de selvagens que já penetrara nas fronteiras do país, e tinha o apoio de taumaturgos línguas-de-fogo do império.

A magia de Var Khalad tinha uma origem misteriosa, supostamente um presente de seu deus imperador. Seus praticantes podiam conjurar as hediondas labaredas douradas ou verter água pura das veias em vez de sangue. Havia rumores sobre mulheres caminhando no ar e guerreiros capazes de golpear com a força de dez homens ou manejar imensos arcos de guerra, mas pouco se sabia sobre a taumaturgia por aquelas bandas. Se realmente queria vingança, precisaria saber como enfrentar tanto poder, encontrar uma fraqueza. Precisava de algo que a tornasse tão poderosa quanto os línguas-de-fogo.

— Hipócritas — interveio Jarisev. — Dizem que a necromancia é uma abominação, que reviver os mortos é um pecado imperdoável aos olhos de seu ridículo deus mascarado, mas fazem a mesma coisa, de um jeito bem menos elegante.

— Eles têm seus próprios necromantes? — perguntou Moira.

— Não, mas têm isso — respondeu Sev, jogando para ela um estranho objeto dourado, a superfície repleta de estranhas inscrições. — Necrológios.

Moira inspecionou o artefato. Era arredondado e cabia em suas mãos com facilidade. Estava manchado com algo que parecia sangue seco.

— Eles te abrem e enfiam isso em suas tripas, depois costuram de volta. Se for morta, seu corpo se contorce e se levanta novamente, raivoso como um animal. Coisa horrível de se ver.

Morsov se interessou repentinamente pelo objeto.

— De onde você tirou esse, Sev? É perigoso.

— Aliviei um pobre coitado de sua vida entediante como capitão da guarda do Barão Grostin. Ele gostou tanto da experiência que voltou pedindo mais! Peguei a coisa como pagamento. Foi há algumas semanas, antes de você responder minha correspondência, irmãozinho.

— O morto olhou para você? — Morsov ficou preocupado repentinamente. — Você sabe que os taumaturgos do império podem espiar através dos olhos dos reanimados!

Sev deu de ombros.

— Me encarou por tempo o bastante para que eu lhe enfiasse aço goela abaixo, mas meu belo rosto não é conhecido pelas bandas imperiais. Além do mais, passei as noites seguintes roubando joias das torres silenciosas e crematórios daquela região. O assalto à torre de Grostin foi apenas mais um numa onda de roubos. Eles não vão suspeitar de nada.

O que quer que Jarisev estivesse tramando, envolvia o Império do Sol. Moira desejou que fosse algo grande, um golpe mortal contra os malditos taumaturgos e seus línguas-de-fogo.

— Você fez bem em mascarar suas intenções. Mas se Var Khalad realmente pôs um necrológio na torre silenciosa do barão... — Morsov parecia impressionado. — Então os segredos que o velho Grostin guardava eram realmente valiosos!

— Claro que eram! — exclamou o irmão mais velho. — Se você tinha dúvidas, por que aceitou ir comigo à tumba de Amarante?

Moira prestou atenção no nome. Não fazia ideia do que se tratava, mas percebeu que Sev deixara escapar mais um detalhe importante de seu plano.

— Pode-se dizer que foi por curiosidade acadêmica.

— Se você duvidava que minha informação era verdadeira, por que viajar comigo através da Terra Arrasada?

Sev havia dito “através”, notou Moira, e não “até”. O objetivo final do ladrão ficava além da vastidão desolada habitada pelos clãs. Talvez a tal tumba pertencesse ao Império do Sol. Mas Sev falara em vingança, o que poderia haver em um túmulo capaz de ferir o império de um deus?

— Se você estivesse correto — respondeu Morsov —, eu poderia estudar os montes funerários amarantinos de perto. Se você estivesse errado... — Um sorriso branco de escárnio contrastou com a barba preta do necromante. — Eu poderia rir da sua cara de tolo quando fracassasse.

Sev soltou uma imprecisão em alguma língua estrangeira, Moira não conseguiu compreendê-la em meio as gargalhadas do irmão mais novo. O ladrão arremessou vidro com algo escuro e malcheiroso, que se espatifou aos pés do necromante, sujando suas vestes.

— Isso é vinho vasgocês! — exclamou Morsov. — Por que você teria uma coisa dessa guardada numa casa segura?

— Avinagrou há algum tempo, mas resolvi guardar para uma ocasião especial.

O aposento inteiro agora tinha um cheiro podre e adocicado que em nada lembrava uvas. Moira fez o possível para cobrir o nariz enquanto Istvan se encarregava da limpeza. Começava a entender os irmãos e seus objetivos misteriosos, mas cada nova resposta trazia suas próprias perguntas, e vê-los provocando um ao outro só trazia à tona a sua própria solidão. Lydia, sua irmã, estava perdida, ou pior.

Algumas noites após sua chegada a Akhenatos, Moira acompanhou os dois irmãos por entre as casinhas que rodeavam a necrópole. Chegaram a uma praça ornamentada pela estátua de bronze de uma mulher de manto e capuz. A carroça da velha mercadora estava a sua espera, mas não havia sinal de Griselda. Tristan guiava o necrodonte com a flauta de osso e penas.

— Minha t-tia ainda não se recuperou do choque — disse o rapaz, com uma leve acusação por debaixo do tom pesaroso. — P-pediui que levasse vocês até o senhor Nephris. Disse q-que ele aceitaria o pagamento m-mesmo se ela não aparecesse.

Duas das cabeças do necrodonte haviam sido trocadas. Uma delas agora portava um único chifre no meio do focinho, e a outra havia sido trabalhada com madeira e tinta, ganhando a aparência de um crânio animal completamente liso, sem olhos ou narinas, pintado de vermelho. Moira achou que a lona de remendos coloridos que recobria a carroça também havia mudado, mas não era capaz de dizer se a extravagante mistura de vermelhos, azuis, amarelos e lilases seguia algum padrão reconhecível.

Sev detestou a notícia. Passou um bom tempo inspecionando o misterioso contrabando e o interior do vagão enquanto Morsov conversava com Moira. Ela sabia que o necromante queria apenas distraí-la para que a carga de Griselda permanecesse secreta, mas Morsov falava sobre os conceitos elementares da necromancia e ela decidira que aprenderia tudo o que pudesse sobre a arte dos Senhores da Morte.

Quando Sev finalmente deu-se por satisfeito, embarcaram no carroção e Tristan os guiou para uma região distante da pirâmide esbranquiçada que se assomava sobre as casas amontoadas. As ruelas deram lugares a vias amplas, calçadas com pedras. As casas se tornaram mais esparsas e cada vez maiores.

O vagão estacionou diante de portões de ferro trabalhado, encravados em meio a uma enorme extensão de grades e cercas vivas — havia um brasão gravado no metal, representando uma ave estilizada de asas abertas. Tristan saltou e caminhou até a entrada, onde um homem que tinha a cintura larga demais para ser chamado de

guarda — embora portasse um porrete e vestisse uniforme — abriu caminho após uma troca de palavras apressada.

O necrodonte prosseguiu sua marcha carregando a mercadoria misteriosa e o estranho bando criminoso. Por trás das grades de ferro, havia um caminho ladeado por jardins belíssimos que deixaram Moira boquiaberta. Os outros pareciam não notar a riqueza vegetal diante de seus olhos, como se fosse trivial. Antes que pudesse perguntar, assustou-se ainda mais com a bizarra construção que surgiu além das sebes do jardim.

Era quase toda feita de madeira, com pedras sólidas apenas na fundação. Não havia muros de terra ou fortificações externas, embora tivesse o tamanho de um pequeno castelo. As janelas eram enormes e não ofereciam nenhuma cobertura. Cortinas extravagantes de seda e renda impediam que se visse o interior da estranha fortaleza de madeira.

— Que tipo de senhor da guerra põe telhas de barro no teto de seu castelo? — perguntou, incrédula.

Sev gargalhou.

— Acho que você nunca viu uma construção tão grande que não servisse para abrigar guerreiros — disse Sev. — Isso é uma casa, Moira, como as outras ao redor de Akhenatos. Bem, talvez não como todas as outras. Chamam isso de mansão.

Pelo Deus das Cinzas, uma casa como aquela poderia abrigar um bando inteiro.

— Sua família vive aqui?

— Minha família... somos só eu e Morsov. — Sev pareceu entristecer-se. — Não vivemos juntos há anos. Essa casa pertence a Rictor Nephris, um vigarista, mentiroso e trapaceiro. Todas as qualidades necessárias para um comerciante de sucesso.

— Tudo isso, essas plantas, essa mansão, pertencem a um único homem? Brasas me queimem, isso é loucura!

— Talvez seja, garota, mas se não houvesse homens com mais coisas do que conseguem carregar, minha carreira estaria acabada. — Sev parecia se divertir com o espanto de Moira. — E, se você pensar bem, seu povo também não teria de onde tirar o sustento.

— Esse homem, Nephris, você pretende roubá-lo?

— Sombras inquietas, garota! Não! — Sev exagerou na exclamação, fingindo ofensa, e então sorriu. — Ele vai me ajudar a roubar de outra pessoa.

Dos portões da mansão, um pequeno conjunto de servos — todos vivos — se apressou para atender os recém-chegados. Moira pôs os pés para fora da carroça antes que alguém viesse lhe oferecer ajuda. Vestia calças, uma camisa de linho e um justilho de couro que Sev lhe emprestara. Usava seu pesado manto de peles sobre as

vestes, mesmo não fazendo frio. Vesti-lo a fazia sentir-se mais segura. Estava desarmada, sua espada ainda sob os cuidados de Istvan, que a carregava em uma bainha escondida sob as vestes coloridas.

Os serviçais olhavam-na, intrigados. Talvez fossem as vestes masculinas e o manto fora da estação, mas suspeitava que fossem os cabelos. Estavam presos numa trança, mas as mechas avermelhadas ainda sobressaíam, dando um toque selvagem ao negro da cabeleira. Brasas ardentes, como foram um dia os cabelos e barba do pai. Não se viam cabelos assim naquelas terras vigiadas pelos mortos, e com a notícia de um bando de guerreiros vindos da Terra Arrasada para saquear e pilhar o interior da Solúmbria se espalhando, era de se esperar que a aparência de Moira despertasse suspeita.

Tristan ficou com o carroção e tangeu o necrodonte tocando a flauta de osso, guiado por criados a algum lugar nos fundos da enorme propriedade. Moira observou novamente como o construto se movia quando animado pela flauta. Havia um espírito preso ao instrumento, como as sombras em sua espada, Morsov explicara, e sua energia podia realizar diversos prodígios, como reanimar ossos e tendões.

Os necromantes negociavam com as almas perdidas dos mortos, oferecendo-lhe refúgio e consolo temporários em troca de servidão. A doutrina da Cabala pregava que era bom e piedoso dar um propósito nobre a espíritos desgarrados. Morsov discordava. Acreditava que o propósito da necromancia era ajudar os mortos a encontrarem seu caminho para além da vida, da mesma forma que os mortos ajudaram os peregrinos abandonados pela Nova Mordrávia a sobreviver após a Devastação.

Os servos convidaram os visitantes a entrar. Eram esperados pelo senhor Nephris no salão de banquetes. O pórtico de entrada era sustentado por colunas esculpidas em formas voluptuosas de mulheres segurando vasos e cornucópias cheias de frutas. Moira sentiu um cheiro delicioso emanando do interior da mansão. Carne ensopada. Ela não comia direito há dias e animou-se com a possibilidade de um banquete, mas sentiu-se culpada por poder desfrutar de uma refeição quando todos que conhecera jamais poderiam comer novamente.

Sev notou a mudança em sua expressão e caminhou a seu lado. Pôs uma mão sobre seu ombro com cautela, como se esperasse uma reação agressiva.

— Rictor pode parecer estranho à primeira vista, mas é um bom anfitrião, se estiver disposta a aceitar suas esquisitices. Tente copiar meus modos à mesa e ele relevará o fato de suas roupas serem totalmente impróprias para a ocasião. — O próprio Sev continuava a usar o casaco azul-escuro e o chapéu esquisito, mas agora havia um lenço de seda despontando para fora do colarinho de sua camisa.

— Já participei de banquetes antes, não precisa se preocupar.

— Duvido que os chefes guerreiros de seu clã usem tantos talheres quanto os comerciantes abastados da Solúmbria. E pelo casco partido do diabo, não chame atenção ao fato de Rictor ser um carniçal.

CAPÍTULO 09

Bardos e poetas romantizavam a guerra, revestindo-a de poesia e mistério. Diziam que os verdadeiros guerreiros, quando imersos em conflito, eram acometidos pela “calma da batalha”, um estado quase místico em que percebiam com clareza os movimentos dos adversários, livres do medo e da ansiedade que dominam os instantes anteriores ao confronto. Quando criança, Hakim acreditara naquilo, mas quando deixou de ler novelas e passou a estudar manuais de campanha, percebeu que era apenas de um recurso literário.

Lembrava-se de lutar como um soldado em sua primeira parede de escudos contra um enxame furioso de bárbaros que uivavam e berravam. Os homens ao seu redor tremiam de medo ou tentavam afogá-lo em bebida. O próprio Hakim por pouco não desertou ao encarar os olhos ensandecidos de um dos atacantes, sem enxergar neles o menor traço de piedade. A experiência o ensinara que calma e batalha eram termos inconciliáveis.

Havia, porém, nos veteranos de muitas campanhas, uma naturalidade no ofício da matança, quase como memória muscular, imprimindo fundo no inconsciente os movimentos de empurrar e puxar, levantar o escudo e baixar a espada. Golpear e Bloquear. Esporear e trespassar.

Quando o fedor nauseante dos corpos e a sensação claustrofóbica da parede de escudos eram superados por um soldado, a guerra tornava-se uma formalidade: passos ensaiados numa dança macabra. Um bom guerreiro dominava técnicas para matar e evitar ser morto da mesma forma que um artesão dominava técnicas para esculpir madeira e barro em formas úteis ou belas.

Era nisso em que Hakim acreditava, graças à sua experiência como soldado e comandante de tropas, mas ele nunca havia lutado sob influência da taumaturgia. A fleuma era o humor que regia os domínios da mente, estimulando a quietude e a reflexão. Mesmo no calor da batalha, ouvindo os brados ferozes de seus homens e o guincho horrendo dos abissais que avançavam, Hakim sentia-se sereno.

Ele havia lutado contra aqueles seres anfíbios em incontáveis ocasiões, e já podia antecipar como atacariam. Quando seu sangue se acelerava com cada virada do combate, a fleuma circulando em suas veias pulsava no sentido contrário. O próprio tempo parecia dilatar-se para que Hakim absorvesse as novas circunstâncias. Ele reagia de acordo com sua nova percepção, defendendo-se e explorando as falhas do inimigo com eficiência sobrenatural.

Brandindo sua espada larga como um instrumento cirúrgico, o novo Deus-Rei rasgava as gargantas dos guerreiros escamados. Uma guarda de honra protegia seus flancos do ataque incessante de tridentes e lanças enferrujadas. O inimigo portava

ação roubado, que mesmo enferrujado pela água do mar era mais letal do que as armas de rocha afiada e coral que usavam com frequência.

Hakim liderava uma falange de infantaria contra uma incursão de agressores escamados. Diversos fortes costeiros haviam reportado a crescente atividade dos peixes-diabo nos dias seguintes ao ataque ao Portão do Mar, e o Deus-Rei enviara suas tropas aos pontos onde os ataques seriam mais prováveis. Ele próprio partira com seus homens à fortaleza de Nuehem, a leste da capital, para proteger uma das salinas mais importantes da costa norte do império. Lutavam a pé, pois o terreno não favorecia uma carga de cavalaria.

O golpe pesado de uma alabarda poderia tê-lo pegado desprevenido, mas a fleuma em suas veias, embora não acelerasse os reflexos, aguçava sua visão. Hakim percebeu o movimento pelo canto do olho e rolou para o lado, mantendo o escudo erguido. Avançou num contra-ataque calculado, fingindo uma estocada e executando um corte lateral no último instante, que inutilizou o braço do escamado e fez cair sua alabarda. A bocarra obscena e olhos imensos da criatura não traíam qualquer expressão além de ódio pelos seres da superfície.

Os homens de Hakim lutavam em desvantagem, no terreno arenoso e parcialmente alagado da salina. Moviam-se com dificuldade, confiando que sua formação defensiva impediria que fossem pegos desprevenidos. Os abissais tornavam-se muito mais perigosos na água, mesmo que não passasse da altura das canelas. Moviam-se com destreza e atacavam com crueldade.

Hakim aparou novas investidas com seu próprio escudo enquanto ferroava um escamado que tentava arrancar o escudo do homem à sua direita. Com um gancho retorcido na ponta de um cabo longo, o monstro quase conseguiu. Eram maiores e mais fortes que um homem comum, mas não dominavam formações de batalha, lutando de forma caótica. Hakim perfurou-lhe o olho antes que desarmasse seu soldado. Procurava o líder daquele bando, mas não via nenhum guerreiro melhor equipado, nem ouvia outro som que não os chiados e gorgolejos incompreensíveis daquelas gargantas batráquias.

— Mantenham a parede firme! Essa é só a primeira onda! — vociferou para sua guarda de honra. Os sargentos da falange ecoaram o comando.

Não havia sinal das criaturas bestiais que seus sacerdotes chamavam de trôpegos, nem dos horríveis moluscos gigantes lançadores de pedras. Eles eram mais vulneráveis ao sal e pereceriam rapidamente ao combater nas poças salgadas da salina, de modo que apenas guerreiros escamados compunham a força atacante. Com o tempo, mesmo esses não resistiriam à salinidade muito superior à do oceano, mergulhados como estavam nas piscinas salgadas.

Se fossem capazes de interromper a produção de sal, tirariam de Var Khalad sua maior vantagem contra os abissais. Hakim temia que esses ataques fossem o

prelúdio de mais uma longa guerra contra a superfície. Quando as criaturas emergiram pela primeira vez, logo após a Devastação, apenas o Antecessor foi capaz de detê-las.

Bateu a espada contra o próprio escudo duas vezes, sinalizando o avanço às tropas. O gesto foi copiado pelos tenentes e sargentos, e a parede de escudos empurrou violentamente o inimigo. Os escamados eram maiores e mais fortes, mas seus guerreiros menos disciplinados já sucumbiam à letargia que o sal provocava em sua espécie, secando suas guelras. A linha de atacantes quebrou-se com o impacto bem coordenado das tropas khaladinas. Hakim baixou a lâmina brilhante de Fendetreva contra o peito exposto de um dos abissais que vacilara com o empurrão dos escudos. Ao longo das fileiras imperiais, espadas e lanças perfuravam e cortavam antes que os inimigos pudessem se reagrupar.

O sol fustigava os combatentes. Hakim sentia o suor se misturando ao sal marinho carregado pelos ventos. Os escamados atacavam partes da parede de escudos em grupos de três ou quatro, impedidos de flanquear os defensores por uma tropa de arcos longos na retaguarda. Hakim trouxera um destacamento inteiro de grão-arqueiros e quatro taumaturgos língua-de-fogo, que aguardavam a ordem do Deus-Rei para fazer chover morte sobre os horrores aquáticos.

Ao longe, a maré se assomou violentamente contra a praia numa onda avassaladora. Espuma e areia brancas se elevaram numa cortina momentânea, que baixou para revelar novos invasores vindos das profundezas. Uma tropa de elite dos escamados, adornada com o ouro branco da perdida Uru Hatham.

Portavam escudos largos de coral rígido, incrustados com estranhas formações de minério negro. Flanqueando a nova massa de escamados, as horríveis mulheres-caranguejo avançavam brandindo tridentes de osso, coral e rocha, as pinças aterradoras se abrindo e fechando em antecipação ao massacre.

Hakim ergueu a espada sobre sua cabeça e saudou Var Khalad. Na retaguarda, os grão-arqueiros e línguas-de-fogo atenderam ao sinal. Os arcos colossais foram retesados ao máximo, enquanto os taumaturgos se aproximaram da falange principal, protegidos por seus próprios guardas de honra, exortando uma litania de condenação aos inimigos do Deus-Rei.

O inimigo arremeteu ferozmente contra os defensores que trucidavam a primeira linha ofensiva. Foi então que Hakim divisou o líder. Os jatos de espuma marinha e o sol refletido na areia branca dificultavam a visão, mas a fleuma taumatúrgica clareava sua mente. Pensou tratar-se de uma versão masculina das coisas-caranguejo, avançando sobre patas quitinosas de crustáceo, mas era um escamado montado em outra criatura. Um horror que se equilibrava sobre longas pernas de artrópode, mas com enormes mandíbulas de tubarão.

Dessa vez, a novidade não surpreendeu o Deus-Rei de Var Khalad. As mulheres-caranguejo eram apenas o começo. Os abissais conjuravam novas formas horrendas das profundezas negras do oceano e libertavam todo seu terror sobre a superfície numa nova tentativa de conquista.

Hakim permaneceu firme e encorajou as tropas a manterem-se unidas na muralha de escudos. Aguardariam pacientemente até que a investida inimiga estivesse ao alcance dos virotes dos grão-arcos. Sob a Máscara Colérica, Hakim bradou com uma voz amplificada e distorcida seu comando final.

— Que a condenação dos Céus Exteriores se abata sobre as crias impuras do abismo! — Baixou a espada, e os homens da segunda e terceira fileiras de infantaria ergueram piques e lanças. Flechas de tamanhos impossíveis foram disparadas pela força descomunal dos grão-arqueiros. Muitos escamados foram empalados instantaneamente pelos projéteis. Outros ergueram os estranhos escudos negros como proteção, defletindo as flechas e diminuindo seu impacto.

As mulheres-caranguejo avançavam mesmo quando suas carapaças eram trespassadas por três ou quatro virotes metálicos. Os grão-arqueiros continuavam a disparar os projéteis em saraivadas mortais, e muitos atravessavam as patas articuladas, partindo-as com o impacto. Quando acertavam o torso delicado das atacantes, elas desfaleciam imediatamente, mas a metade inferior continuava a avançar por alguns metros até colapsar. Algumas caíam por cima dos escamados, esmagando-os com seu peso.

Hakim entoou uma prece silenciosa. O inimigo atacara exatamente como havia antecipado. Mesmo enfraquecida pela chuva de virotes metálicos, a carga inimiga alcançou a parede de escudos e as enormes pinças dos crustáceos caíram sobre os flancos da falange, que revidaram com lanças e piques.

Os cânticos dos línguas-de-fogo chegaram finalmente ao seu ápice, e labaredas douradas inflamaram o ar ao redor das criaturas. Aquela nova forma de abissal era ainda mais resistente ao sal, mas o fogo taumatúrgico se provara uma contramedida extremamente eficaz. Duas colunas de chamas, uma de cada lado da massa de inimigos, torravam os artrópodes com torso de mulher que ousavam se aproximar.

Os escamados já haviam se chocado contra os defensores khaladinos e os atacantes afunilavam-se entre as paredes flamejantes e a muralha de escudos. A tática de Hakim criara o momento perfeito para o contra-ataque, concentrando as forças inimigas numa zona de morte onde grão-arcos poderiam alvejá-las a contento. Flechas caíam sobre o centro e a retaguarda dos abissais enquanto a parede de escudos detinha a investida das monstruosidades.

A elite dos escamados lutava ferozmente, e Hakim teve trabalho para se desvencilhar de ataques simultâneos contra seu escudo. Mal se recuperara de uma sequência de golpes, quando o líder escamado irrompeu da linha inimiga. Sua

montaria horrenda tinha cauda e mandíbulas de tubarão, e poderosas patas articuladas a impeliam a saltar sobre os inimigos. A besta não produzia som algum, além dos cliques das patas quitinosas.

Mandíbulas colossais se abriram para dilacerar Hakim, que tentou recuar, mas a parede de escudos estava tão bem firmada que não havia espaço. As patas afiadas da criatura fincaram-se nos corpos dos guardas de honra mais próximos, perfurando suas placas peitorais com facilidade aterradora. Hakim impeliu o escudo para frente para evitar a mordida. Aquele horrendo corcel marinho e seu cavaleiro escamado perfuraram sozinhos a linha de defesa do império. Hakim manteve o equilíbrio, apesar do ataque súbito, e desvencilhou-se rapidamente do escudo, que foi partido pelas mandíbulas assassinas da criatura. Múltiplas fileiras de dentes esmigalharam madeira e metal sem o menor esforço.

Hakim não se deteve, os movimentos da batalha estavam entranhados em seus músculos. Atacar e recuar, aparar e estocar. O toque de taumaturgia que corria em suas veias transformava essa memória física na verdadeira calma de batalha das antigas sagas. A mão destituída de escudo imediatamente reforçou a empunhadura da espada, erguida em retaliação à mordida.

Baixou a lâmina com toda a força sobre a fera. O ambiente claustrofóbico impedia um corte limpo, mas Fendetreva abriu um sulco profundo no focinho do bicho. Sangue negro borbulhou da ferida como uma nascente de lodo. Hakim berrava a plenos pulmões, como se sua voz também empunhasse a espada.

Um lanceiro cravou sua arma no flanco da montaria ferida, enquanto outros homens se adiantavam das fileiras de trás para ocupar o lugar dos guardas de honra caídos. Um deles aparou um golpe da alabarda do cavalariano escamado, salvando a pele de Hakim. Reerguendo a espada numa postura agressiva, o Deus-Rei decepou uma das patas crustáceas do tubarão. Um chute violento em outra pata fez a besta tombar. O cavalariano desequilibrou-se por um momento, mas Hakim não pôde se aproveitar da oportunidade, pois outros escamados foram ao socorro de seu líder.

Hakim evadiu-se dos novos atacantes, que foram interceptados por seus guardas de honra. O líder dos escamados reergueu-se, ameaçador, com quase dois metros de altura. Um diadema de ouro branco adornava sua fronte larga e achatada, semelhante à de um tubarão-martelo. O escamado avançou contra Hakim, protegido por um escudo retangular gigantesco.

Sem seu próprio escudo, Hakim precisava ser rápido ou morreria. Girou a lâmina em um arco letal, defletindo a alabarda inimiga e abrindo espaço adiante. Sua guarda pessoal moveu-se para os flancos e deixou a retaguarda livre para uma retirada.

O cavalariano escamado pareceu compreender as intenções do Deus-Rei, embora sua face inexpressiva só demonstrasse raiva ou profunda insatisfação. A

criatura bateu com o cabo retorcido de sua arma contra o escudo negro e guinchou uma ordem a seus subordinados, que abriram espaço. No meio do caos da batalha, entre a parede de escudos e a massa de atacantes, formou-se uma pequena arena de combate singular.

O escamado meneou a cabeça de forma estranha, suas guelras protuberantes abrindo-se e fechando-se num movimento deliberado. O mesmo coral carmesim que se espalhava sobre sua montaria dentada parecia brotar por entre suas escamas. Hakim não retribuiu a hedionda reverência, apenas investiu com tudo que tinha.

O líder dos escamados ergueu seu escudo e estocou rapidamente com a parte superior da alabarda, pontiaguda e mortal. Hakim desviou, mas seu golpe foi aparado pelo escudo inimigo. Subitamente, o escamado girou sua arma para a esquerda, tentando bloquear o recuo de Hakim, que golpeou apressado, de cima para baixo para impedir o cabo da alabarda de se chocar contra sua armadura.

A estranha calma taumátúrgica permitia ver com clareza os movimentos do inimigo. O escamado era habilidoso, mas tentava mascarar sua proeza com a alabarda adotando uma postura defensiva. Ele esperava que Hakim se descuidasse por um momento, então atacaria. Hakim fez seus pés dançarem e fez Fendetreva cantar, testando o alcance do inimigo e explorando as falhas em sua defesa. Daria à criatura a abertura que ela desejava.

O escamado girou mais uma vez a alabarda, deixando parte do corpo desprotegida. Hakim saltou para frente, evitando a lâmina inimiga. Brandiu a espada em um movimento semicircular. Um ataque óbvio.

O líder dos escamados interrompeu seu movimento inicial com rapidez assustadora e puxou a alabarda de volta para si, estocando logo em seguida com a parte superior da arma contra o torso de Hakim. O espigão enferrujado perfurou a armadura de placas, a cota de malha e o couro, tamanha era a força do cavaleiro abissal. Penetrou fundo a barriga do Deus-Rei. O movimento de Hakim cessou imediatamente, a centímetros da lateral do oponente. Olhou para o próprio ferimento, recordando-se de seus estudos sobre taumaturgia.

A fleuma era o humor que regia os domínios da mente, concedia a Hakim clareza sobrenatural durante a batalha. A bile amarela era o humor da emoção irrestrita, estimulando a inquietação e a cólera. Era o que tornava os línguas-de-fogo tão fanáticos e temperamentais.

Além disso, a bile amarela conectava-se ao poder elemental do fogo, permitindo aos taumaturgos incendiar o ar à sua volta a partir do calor do próprio corpo, ou emprestando calor infernal à lâmina de Laurent. Já a fleuma, permitia que o taumaturgo dominasse a água dentro de si, fazendo-a brotar a partir de chagas e ferimentos. Foi por isso que Hakim não se abalou ao constatar que do ponto onde a arma o perfurara escorria água cristalina em vez de sangue.

Havia dor, sem dúvida, mas não havia choque. Hakim fora ferido por diversas vezes no passado, mas dessa vez sua mente permanecia intacta, totalmente no controle do corpo. Um ferimento grave o suficiente fazia mais do que mutilar, obrigava a mente da vítima a desligar-se da realidade como mecanismo de defesa.

A taumaturgia fleumática mantinha o usuário no domínio completo de sua consciência mesmo diante de situações abjetas como aquela. O coração de Hakim batia no ritmo da batalha, e os músculos continuavam tensionados, ansiosos por movimento. Apesar da perfuração, não haveria perda de sangue, apenas desidratação.

O escamado guinchou quando Hakim baixou a espada sobre o cabo da alabarda, ainda presa à sua armadura, estilhaçando-o. Guinchou ainda mais quando o Deus-Rei de Var Khalad — aquele deus com uma hedionda face dourada de presas e língua bipartida — avançou sobre ele com brutalidade, uivando e sedento por sangue, tratando uma ferida mortal como uma farpa entre os dedos. Quando o abissal teve presença de espírito suficiente para reerguer seu escudo, já era tarde demais.

Hakim partiu o crânio do peixe-diabo, estilhaçando sua coroa de ouro branco. Ao redor, seus homens massacravam inimigos. No momento em que testemunharam o milagre de seu senhor, as tropas khaladinas inflamaram-se de vigor fervoroso. Os escamados, atordoados pela demonstração de poder místico, ofereceram pouca resistência.

Hakim removeu o espigão de sua barriga e sentiu uma sede terrível — o primeiro sinal de desidratação. O poder da taumaturgia era espantoso, mas não ilimitado. A resistência ao ferimento se manteria enquanto houvesse água suficiente em seu corpo e fleuma mística circulando em suas veias. Improvisou um curativo com um pedaço rasgado de sua capa, e um de seus guardas lhe trouxe um cantil. Sorveu longamente, encharcando a máscara, mas não se saciou.

Tirou do cinturão um frasco metálico. Não havia como usar uma seringa quando seu corpo estava revestido de armadura. Bebeu com cuidado. A preciosa Fleuma do Deus-Rei de Var Khalad inundou-o lentamente.

— Uma vitória gloriosa, meu senhor — disse o velho taumaturgo, em tom divertido. Garad fora apontado por Rasser para instruir Hakim nos caminhos da taumaturgia, embora ostensivamente o ancião tivesse sido promovido ao posto de senescal, para que pudesse acompanhá-lo durante seus afazeres diários sem causar estranheza.

— Eles retornarão. Não temos como persegui-los até as profundezas. Vão recuar e lamber suas feridas até estarem prontos para atacar novamente. — Hakim e seu novo tutor observavam os trabalhos frenéticos que sucediam o massacre. Médicos organizando a triagem dos feridos, soldados carregando cadáveres,

homens ateando fogo aos corpos dos abissais. Hakim ordenara aos sacerdotes que preservassem os restos das mulheres-crustáceo e do corcel abissal para estudos.

— Bem observado, senhor. — Garad pertencia aos feldari, outro dos grupos que primeiro atenderam ao chamado do Deus-Rei. Sua pele também era morena, mas num tom diferente da de Hakim, quase avermelhado. Os feldari eram ávidos perseguidores de conhecimento, não raro ocupando posições entre os escribas e professores imperiais. Tinham predileção por plumas e cores claras. — Mas nós também vamos cuidar de nossas perdas e afiar nossas lanças para quando os abissais retornarem.

— Eu não poderia ter dito melhor, Garad. Como acha que me saí com a conversão taumatúrgica? — O abdome de Hakim estava enfaixado com um curativo de linho, fruto do bom trabalho de seus cirurgiões de campo. Uma túnica branca e dourada substituíra as camadas de armadura. A ferida já estava suturada e sararia facilmente.

— Alterar a composição e o fluxo dos próprios fluidos corporais exige um domínio excepcional da taumaturgia — comentou Garad, apenas seus lábios sorridentes visíveis sob a curiosa máscara prateada, semelhante a um bico de ave, usada pelos membros de sua tribo.

— Se é um professor tão competente, por que ainda não comecei a praticar a projeção astral, ou a consultar necrológicos?

Garad inclinou a cabeça e coçou a barba rala e branca que crescia sob o queixo, parecendo surpreso.

— Seus estudos na arte foram realmente profundos! — Hakim nunca tinha certeza de como o velho taumaturgo realmente se sentia, já que sua máscara aviana sequer possuía abertura para os olhos. — A projeção seria pouco útil ao senhor. Talvez devamos nos concentrar nos necrológicos antes, ou nos sonhos. Teve algum sonho incomum desde que recebeu a bênção da fleuma?

— Não — mentiu Hakim. Confiava na própria Máscara para esconder sua expressão. — Mas a projeção astral pode ser bem útil. Eu poderia observar a posição de um exército inimigo de um local seguro, projetando minha consciência sobre o campo de batalha.

— Uma bela aplicação prática para uma habilidade tão subestimada, meu senhor. Mas logo verá que dominar a viagem astral pode ser ainda mais complicado do que converter sangue em água.

— Julgarei qual dos prodígios é mais complicado quando tiver dominado a arte. — Hakim sentia que Garad estava conduzindo seu aprendizado de forma deliberadamente vagarosa. — Retorne aos afazeres de senescal por hora, haverá tempo para novas lições em breve.

Com uma reverência menos espalhafatosa do que as de Kamash, o velho taumaturgo deixou Hakim a sós com seus pensamentos. Caminhou até os sacerdotes que se preparavam para transportar o hediondo corcel abissal. A boca do tubarão permanecia aberta, exalando um odor pútrido.

Hakim havia sonhado com coisas estranhas, mas era algo que não ousaria contar para Garad, ou qualquer outro. Queria falar sobre o sonho com Ras, mas desde o ataque à Imrath o sumo sacerdote estivera cada vez mais atarefado. O alto clero aceitava Hakim como Sucessor do Deus-Rei principalmente por causa do recuo dos abissais, conforme profetizado pelo Antecessor moribundo.

Com o retorno das criaturas, muitos dos sacerdotes mais antigos estavam menos inclinados a aceitar Rasser como pontífice, e o pontífice estava ocupado travando uma luta política para manter sua posição. Hakim concederia ampla permissão ao velho amigo para fazer o que fosse necessário para isso, justamente por causa dos seus sonhos recorrentes.

Hakim sonhava com o Deus-Rei verdadeiro. Seu Antecessor.

Nos sonhos, Hakim sempre emergia da água em meio a um lago plácido, que se estendia até o horizonte, refletindo uma luz difusa e prateada do céu. Não sabia ao certo se flutuava sobre as águas ou se o lago era incrivelmente raso. Então ouvia a voz.

No início era apenas um rumor, um murmúrio indistinto do som da superfície do lago sendo lentamente acariciada pelo vento. Mas em meio ao ruído, formavam-se palavras.

— Eu resisti... Como também deves fazer.

Soavam abafadas, como se o falante estivesse atrás de uma barreira ou tivesse a boca cheia de algodão. Hakim se virava para encontrar seu interlocutor e via o Antecessor como um homem enorme, trajando a mesma armadura dourada que usava em batalha.

Sentava-se sobre a linha d'água, apoiando um braço titânico sobre um dos joelhos e segurando algo em sua mão. Hakim não conseguia ver o quê. O elmo imenso continha as quatro máscaras, estranhamente pequenas para aquele ser enorme

— Herdeiro... — Era tudo o que Hakim podia compreender.

Na primeira vez em que vira o Antecessor em sonho, Hakim caíra para trás de espanto e acordara quase imediatamente. Mas a medida em que o sonho se repetia, tentava se comunicar com ele. O verdadeiro Deus-Rei parecia absorto pelo objeto que segurava e Hakim não podia divisar.

— Sobre teus ombros... A humanidade...

— Eu não consigo entender! Como eu posso ser seu sucessor se nem sou capaz de compreender sua mensagem? — Quanto mais Hakim se desesperava, mais a voz

tornava-se ininteligível, um balbuciar sem sentido.

— Interferência...

Por vezes o lago infinito se transfigurava em outro local, como é próprio dos sonhos, mas o Antecessor permanecia imutável, professando sua mensagem. Hakim sonhou com o Grande Templo, com os montes funerários entre Nagrath e Tanánn, com uma praia de rocha basáltica que nunca havia visto, com as catacumbas abaixo de Imrath. Sonhou com profundezas ainda maiores, uma caverna submersa onde o cadáver de um enorme monstro marinho se decompunha lentamente.

Confinado em túneis parcialmente inundados com aquele ser desumano, dono daqueles órgãos inchados, daquele cérebro fendido, Hakim era tomado pelo pavor, e sempre acordava antes que o verdadeiro Deus-Rei terminasse de falar.

— Nas profundezas... Além do véu... Antigos rituais...

A menção ao “véu” despertara o interesse de Hakim na projeção astral, a que certos tomos de taumaturgia se referiam como “perscrutar além do véu”. Os próprios taumaturgos fleumáticos eram denominados “perscrutadores”, por sua percepção amplificada. Hakim acreditava que a infusão de fleuma taumatúrgica em seu cérebro estabelecera alguma ligação, embora tênue, entre sua mente e a mente do Antecessor.

Temia que o uso da fleuma pudesse fortalecer essa ligação a ponto de que sua mente e a dele tornassem-se indistintas. Talvez essa fosse a verdadeira sucessão, com a mente de Hakim dando lugar ao encéfalo horripilante do verdadeiro Deus-Rei. Mas seus medos não tinham nenhuma substância, nenhuma evidência. Hakim precisava saber mais, e para isso arriscaria aprofundar-se nos prodígios da taumaturgia.

Os sacerdotes terminaram de mover o cadáver da montaria abissal, carregando-o em uma espécie de liteira puxada por servos amarantinos. Hakim quis segui-los, intrigado pela biologia bizarra da criatura, mas outro sacerdote, um jovem noviço, correu a seu encontro. Ajoelhou-se fervorosamente a seus pés e curvou-se tão de súbito que os cabelos esvoaçaram.

— Meu senhor! Ó Enviado dos Céus Exteriores, ouça minha súplica!

— Fale, jovem. — Hakim costumava se divertir com a presteza dos noviços, mas naquelas circunstâncias ela apenas o aborrecia. — Minha graça lhe será concedida, se for merecedor.

— Um sobrevivente, meu senhor! Há um sobrevivente!

— Sua súplica seria mais bem direcionada aos cirurgiões! Leve o soldado à triagem imediatamente!

O noviço sacudiu a cabeça e estendeu as mãos à frente.

— Perdoe-me, mas não é um dos nossos, meu senhor.

Aquele rapaz era parte do grupo encarregado de coletar espécimes das coisas-caranguejo, que os homens ainda debatiam sobre como apelidar, para que fossem dissecadas e estudadas. Uma delas sobrevivera às chamas e às flechas.

Hakim desembainhou a espada e virou-se para encarar a criatura. A fleuma pulsou em suas veias e o inundou com a sensação de clareza. Sentiu a boca seca e um fraco latejar na cabeça, sintomas de desidratação vindo à tona novamente. Encontrou a coisa-crustáceo cambaleando em meio aos cadáveres e afugentando os sacerdotes com seu despertar repentino. As pinças assassinas permaneciam abaixadas e o torso vagamente feminino estava curvado. Tinha as palmas viradas para cima, em súplica. A mulher-caranguejo rastejou lentamente até Hakim e prostrou-se diante dele.

Estava se rendendo.

CAPÍTULO 10

Rictor Nephris se esforçava para manter uma boa aparência com vestes bem cortadas e porte aristocrático. Mas Moira não conseguia olhá-lo sem enxergar uma criatura, um comedor de carniça esqualido e retorcido, coberto do mais fino verniz de humanidade. Nem a flor na lapela, nem a discreta demão de maquiagem rosada sobre o rosto, nem a impressionante peruca de fios louros poderiam esconder o monstro de quem soubesse onde procurar.

Era franzino e seus membros eram exageradamente compridos, dobravam-se de modo desconcertante, evidenciando proporções anômalas. O rosto parecia descolado do crânio, pendendo para baixo como cera de vela derretida. As orelhas eram enormes e o nariz comprido apontava para cima, como um focinho de porco.

A boca era larga e os lábios finíssimos deixavam entrever o contorno dos dentes, que pareciam excessivos quando sorria, e sorria demais. O que devia ser uma demonstração amigável de alegria se assemelhava a um esgar ensandecido. Moira lembrou-se do carniçal que encontrara nos pântanos com a irmã, que lhes falara sobre bebês trocados no berço. Não sentiu medo de Rictor, apenas asco.

— Bem-vindos! Que honra receber tão estimados visitantes em minha humilde morada — saudou a criatura, surpreendentemente articulada. — É uma rara ocorrência reunir tão distintos irmãos sob o mesmo teto, e a querida senhora Gris... — Só então parou para reparar em seus convidados. — Onde está Griselda? E quem é essa bela jovem de cabelos extraordinários?

Moira e os irmãos haviam tomado seus lugares à mesa. Jarisev numa ponta, Morsov e Moira do lado direito. Istvan repousava num canto distante, de pé em meio a estofados suntuosos, ainda carregando o fardo que continha algumas provisões de seus sobrinhos e a espada de Moira. Rictor chegara por uma entrada lateral e sentara-se na cabeceira oposta à Sev, amparado por um par de pajens. Seus trejeitos e floreios enquanto falava eram tantos, que sequer percebera a presença de Moira até aquele momento.

— Gris sentiu-se indisposta essa manhã, Rictor — respondeu Sev. — Nos transmitiu suas sinceras desculpas e disse que lhe compensaria pela desfeita.

— Oh, um infortúnio dos mais tenebrosos, ser privado de sua ilustre companhia. — Rictor tinha uma queda pelo dramático, gesticulando afetadamente enquanto discorria sobre a mercadora como se fosse algum tipo de heroína cantada nas sagas.

— Não se preocupe, meu caro — continuou Sev. — Trouxemos o carregamento especial de Tia Gris para você.

— Evidente que sim! Meus criados já recepcionaram o jovem Tristan e o maravilhoso presente que vocês tão delicadamente me ofertaram. — Rictor voltou-se para Moira. — Mas e a bela senhorita, a quem meus olhos devem o prazer de desfrutar de sua singular beleza?

Moira sentiu calafrios ao ser tratada com tanta amabilidade por um ser tão asqueroso. Nunca fora chamada de bela, e tinha certo orgulho disso. Os outros jovens de seu bando a temiam por seu temperamento, e preferiam evitá-la. Tristan certamente lhe lançava olhares quando achava que ela não estava prestando atenção, mas Nephris, com seus olhos miúdos e amarelados, lhe parecia precisamente o tipo de pessoa do qual não se deve chamar a atenção.

— A jovem é minha nova aprendiz, senhor Nephris — interveio Morsov, e talvez suas palavras não fossem de todo mentirosas.

— Formidável, mestre Morsov! Mas essas madeixas flamejantes não me escapam ao olhar. Seria esta brilhante neófita nas artes cabalísticas uma parente de seu atual cliente, Jarisev?

Sev nunca falara sobre um cliente. Moira imaginava que os irmãos agiam por conta própria.

Afinal, por que roubar algo para alguém, quando se podia roubar para si próprio?

— Não faço ideia de onde Morsov tirou essa moça — Sev continuou a mentir. — Mas garanto que ela não vai interferir no nosso arranjo, nem prejudicar o cronograma.

— Evidente que não! Tenho certeza de que se trata de uma aprendiz talentosa, mas será que é capaz de desbravar os pântanos e a Terra Arrasada?

— Eu sou Moira, filha de Sylvia e Rodwyn, dos Bruneald. Durmo sob o firmamento inconstante da Terra Arrasada, e dos pântanos dos Senhores da Morte sempre tirei à força meu sustento. — Os ares de falsa nobreza do homem-carniçal eram enfadonhos, mas Moira tentou se apresentar de uma forma que o intimidasse sem ofendê-lo.

— Oh, mas como ruge essa leoa! — divertiu-se Nephris, e a saudou ao modo dos clãs, levando a mão direita ao coração, batendo duas vezes e levando-a a testa em um breve sinal de respeito. — Seja bem-vinda à minha mesa, filha das cinzas! — A criatura sabia mais sobre os costumes de seu povo do que qualquer outro nas terras dos Senhores da Morte.

— Podemos tratar de negócios agora ou após a refeição — interveio Sev, preocupado com a interação entre Moira e o estranho mercador. — Como você achar melhor, Rictor.

— Por que não discutimos enquanto comemos? É muito mais agradável!

Nephris bateu palmas e, como um grupo de emboscada que recebe um sinal, copeiras e serventes adentraram o salão por uma passagem ampla oposta à entrada principal, carregando bandejas com os mais variados pratos. O cheiro do banquete tomou o aposento por completo, dominando os sentidos de Moira. Havia cordeiro, javali, legumes cozidos e peixe ensopado.

Desde o portão que levava à mansão, Moira não vira um morto-vivo sequer, ao contrário do que acontecia ao redor na necrópole. Todos em Akhenatos pareciam possuir ou trabalhar em conjunto com cadáveres e esqueletos reanimados, decorados com cores vibrantes, mas Nephris só tinha servos vivos. Seria mais uma mostra de riqueza, ou haveria outro motivo para a ausência das criaturas?

— Espero que a refeição seja de seu agrado. — Rictor sorriu, deliciado com sua própria opulência. — Deixei meus cozinheiros exercitarem a criatividade esta noite, aproveitem!

Moira observou Sev e Morsov servirem-se de pequenas porções de alguns dos pratos — um pouco de pão, queijo e sopa de legumes. Moira os imitou, receosa de provar qualquer carne que lhe fosse oferecida por um carniçal. Rictor Nephris sorria para seus convidados com sua boca grande demais e seus lábios finos e repuxados. Seria um arreganhar predatório de dentes se seu rosto não estivesse meticulosamente maquiado. O carniçal não comia. Sev quebrou o silêncio desconfortável.

— Diga-me, Rictor, como estão os preparativos para nossa viagem? Que príncipe mercante irá nos receber em sua caravana?

Moira ouvira falar dos homens que se chamavam príncipes mercantes. Pertencentes a um povo que perdera suas terras, assim como os clãs do Povo das Cinzas, e jurara nunca mais se fixar em uma única nação. Seus líderes comandavam enormes caravanas, protegidas por verdadeiros exércitos. Eram os únicos, além dos clãs, que ousavam atravessar as regiões interiores da Terra Arrasada.

Se um deles estava envolvido nos esquemas de Jarisev, seria um aliado poderoso. O pai de Moira sempre lhe contava sobre como, na juventude, ousara saquear uma das Grandes Caravanas dos hathamitas. As cicatrizes que ele mostrava enquanto narrava a luta eram as maiores e mais feias que o velho ferreiro orgulhosamente carregava.

— Após uma exaustiva busca — respondeu Nephris —, obtive as permissões necessárias para três mercadores se juntarem à Grande Caravana do Príncipe Haramad Ur-Lehesh. Os três devem encontrar o comboio principal quando a lua nova despontar na Ravina dos Ecos, em uma semana. Suponho que a jovem Moira vá tomar o lugar da adorável Griselda na empreitada.

— Sim — confirmou Moira, antes que Sev aprontasse algum truque. A Ravina dos Ecos era um ponto relativamente seguro da Terra Arrasada, e não ficava tão

longe da fronteira onde seu bando se assentara. — Já cruzei as terras ao redor da Ravina e posso guiá-los até lá em segurança.

— Não duvido que possa — retrucou Sev, parecendo incomodado. Talvez não quisesse revelar informações ao carniçal. — Mas entre Akhenatos e a Terra Arrasada temos um bom trecho de Solúmbria para percorrer, e nós não somos exatamente cidadãos modelo, Rictor.

— Não devemos nos esquecer dos bárbaros que adentraram o país — acrescentou Morsov enquanto secava a sopa que pingava de sua barba com um guardanapo. — Tanto os selvagens como as tropas despachadas pela Cabala para caçá-los serão um problema para nós.

Selvagens. Moira odiava o termo. Mesmo Morsov e Gris, que se mostravam simpáticos com ela, enxergavam seu povo como inferior. Não devia ser assim. O Deus das Cinzas criara conquistadores, uma raça de guerreiros indomáveis, não a ralé a que todos pareciam se referir quando mencionavam os clãs.

— Sua segurança até a fronteira também foi arranjada, mestre necromante — Nephris acrescentou, dando um leve tom irônico às duas últimas palavras. — Mas ela vai depender da carga especial que me trouxeram.

O contrabando de Griselda. Moira finalmente saberia o que a simpática senhora teria a oferecer à criatura desprezível que os Senhores da Morte permitiam possuir tanta fortuna e influência em suas terras.

— Inspecionei tudo pessoalmente — disse Sev. — Seu pessoal nos recepcionou e se encarregou da mercadoria. Ainda não lhe informaram?

— Mas é claro, querido Jarisev. — O sorriso e os galanteios do carniçal faziam Moira querer esmurrá-lo. — A carga foi recebida e inspecionada cuidadosamente. Mas ainda resta um teste final.

— Teste? — Sev parecia confuso.

— O teste gastronômico, é claro! — O franzino carniçal disfarçado de homem soltou um riso estridente e anasalado. A piada, qualquer que fosse, não agradou a Moira. Sev se limitou a ajeitar seu chapéu de abas largas enquanto Morsov solicitava mais vinho a um servente.

Nephris bateu palmas mais uma vez. Uma jovem criada entrou vacilante no salão. Trazia uma bandeja pequena, coberta por uma redoma de prata. Depositou a bandeja em frente a seu amo e, fechando os olhos e prendendo a respiração, retirou a cobertura prateada.

A refeição especial de Rictor Nephris consistia em um monte de carne e tripas semiapodrecidas. O cheiro era horrível, e o bizarro tom azulado da carne dava ao prato uma aparência ainda mais revoltante. Moira não aguentaria mais um minuto na presença daquela criatura odiosa e sua refeição profana. Levantou-se, a cadeira fez um estrondo ao quase cair para trás. O maldito carniçal sequer deu atenção ao

rompante, tinha olhos fixos na podridão em seu prato, lambendo os lábios ansiosamente.

— Hmm, frutos do mar! Que iguaria!

Sev segurou Moira pelo braço. Ela se desvencilhou com um puxão. Ele suplicou em voz baixa:

— Não estrague tudo aqui e prometo que vamos encontrar sua irmã.

De que valia a palavra de um homem que roubava dos mortos e negociava com comedores de carniça? Moira estava pronta para... O que, exatamente? Lançar-se porta afora, sem a menor ideia de como procurar por Lydia?

Se pudesse domar sua repulsa, ao menos teria uma chance de reencontrá-la. A palavra de Sev, embora não valesse muito, já era alguma coisa. Foi quando Moira decidiu que não poria tudo a perder, que Nephris levantou os olhos em sua direção.

— Algum problema, minha jovem? — A expressão de cordialidade abobalhada mudara.

Nephris soava bastante sério, quase hostil.

— N-não! Preciso apenas me refrescar. — Moira podia domar o nojo, mas não podia impedir que sua face pálida enrubescesse.

— O lavatório fica à esquerda. — Nephris sorriu novamente, exibindo dentes demais.

Uma das criadas acompanhou Moira. Quando retornou, Nephris tinha a cara enfiada no monte de tripas, enquanto Sev inspecionava alguns papéis sobre a mesa. Morsov cutucava sua comida com os talheres, fazendo um esforço imenso para não vomitar.

— Delicioso! — disse o carniçal, que por um instante abandonara qualquer pretensão de parecer humano. — Há anos eu não degustava carne de abissal. Como Gris conseguiu contrabandear tanta carga da Costa Perdida?

Moira conhecia as criaturas marinhas chamadas abissais. O clã Skodnir ora lutava, ora negociava com eles. Certa vez, vira um chefe guerreiro que ostentava as barbatanas e o crânio de um deles como elmo. Não sabia se achava Nephris mais ou menos repulsivo agora que sabia que sua refeição especial não era de carne humana.

— Segredo profissional, Rictor — disse Sev sem tirar os olhos dos papéis. — As cartas de ingresso à Grande Caravana Ur-Lehesh estão em ordem, mas como vamos passar despercebidos até a fronteira?

— Abaixo de minha adega — respondeu Nephris, de boca cheia — há um túnel que ultrapassa os limites de Akhenatos e desemboca nos Charcos Setentrionais. Tracei uma rota bem específica que vocês deverão seguir para que a integridade de sua expedição seja mantida. Está tudo aí, junto das cartas.

Sev folheou os documentos até encontrar o mapa. Estudou a rota por uns instantes e esmurrou o tampo da mesa.

— Está me achando com cara de idiota, Rictor? Quer que atravessemos o charco pelo Poço de Bruxas?

— De modo algum, meu bom amigo. — Nephris sorriu, recuperando a fachada cordial. — Vocês contornarão a orla do poço, sem jamais espiar por entre os galhos ou descer suas encostas, depois seguirão para o norte até a fronteira.

— Isso é o mesmo que oferecer a própria cabeça para as bruxas! — Foi a vez de Morsov se revoltar. Istvan largou o fardo e adiantou-se para perto da mesa, silencioso. — Elas por acaso vão tolerar um necromante e seu servo incorporado em seus domínios?

— O Pacto de Lunarrubra assegurou sua passagem, Mestre Morsov. — Nephris agora estava totalmente solene, como se o hediondo banquete não tivesse passado de um sonho febril. — O senhor, seu servo, seu irmão e sua aprendiz seguirão incólumes, desde que se atenham à rota estabelecida.

— E quem garante que não trairão sua palavra? — perguntou Moira, para espanto do carniçal. — Você já recebeu seu pagamento e o comeu!

— Ora, minha bela jovem, é simples. — Nephris lançou-lhe outro daqueles pavorosos sorrisos, os dentes enormes e equinos manchados de sangue negro de abissal. — Se o Pacto os quisesse, os teria aqui e agora, e nenhum ouvido em toda Akenathos ouviria seus gritos.

Moira retribuiu o escárnio do carniçal com outro de seus olhares gélidos de ódio. Ele espantou-se por um momento, mas relaxou quando Sev interveio.

— Não se preocupe, Moira, nós temos o que eles querem — disse, apontando uma faca de carne para o prato de Nephris, agora totalmente limpo. — De onde veio aquilo, tem mais. Mas só depois que tivermos nos juntado à caravana.

— Viu só, querida? Não há com o que se preocupar. Apenas deixe os adultos negociarem e tudo se resolverá. Falando em negócios, Jarisev, tenho notícias importantes de seu empregador.

Sev suspirou, cansado.

— O que Krennas quer dessa vez? Já não lhe disse que um artista precisa de espaço para produzir?

Nephris riu, servindo-se de uma garrafa de vinho semelhante à que Sev atirara contra o irmão no esconderijo.

— Que belo artista você é, meu caro! Lorde Riénn está em Imrath, desfrutando da hospitalidade do Deus-Rei, confinado à Baixa Corte khaladina.

Aquilo chamou a atenção de Moira. Sev realmente servia aos interesses de alguém, e quem quer que fosse, havia sido capturado pelo inimigo. Foi a vez de Sev servir-se de uma bebida, como se o álcool pudesse amortecer a notícia.

— Além de roubar artefatos lendários bem debaixo do nariz dourado do tal deus-imperador, o paspalho quer que eu o tire de uma prisão para nobres? Na

capital da porcaria do império?

— Exatamente. Deixou bem claro que o pagamento seria dobrado, mas que devia ser liberto antes que o selo do túmulo fosse violado.

— Se ele está nas mãos do Império do Sol, não deve ter sido torturado para revelar seus planos? — Moira questionou. — Todo esse teatro de vocês vai voar como fuligem ao vento se o inimigo souber o que procuram.

Sev parecia não ter se dado conta daquele fato até agora. Morsov apenas encarava o irmão, apreensivo.

— Com certeza ele deve ter entregado alguns de seus companheiros rebeldes aos sacerdotes do Deus-Rei — cogitou Jarisev, pensativo. — Isso os deixaria satisfeitos por um tempo.

— Está tudo sob controle, meus caros! — Nephris gargalhou, ou teria ganido? — Lorde Riénn veio até mim para chegar a Lunarrubra, e o Pacto lhe concedeu proteção muito além dos truques dos necromantes!

— Que tipo de proteção as bruxas podem oferecer? — Sev quis saber.

— Segredo profissional, nobre Jarisev! Mas esteja seguro de que um pacto de bruxas é o melhor parceiro de negócios que um homem poderia querer!

De fora do salão de banquetes, ecoou uma voz feminina, límpida e poderosa.

— É curioso finalmente ouvir isso de seus lábios nojentos, senhor Nephris. — A mulher que invadiu o salão vestia um imaculado manto branco com runas de prata espiraladas. Um capuz cobria-lhe o rosto. — Quando já não preciso de mais provas para trancafiá-lo para sempre!

Morsov ficou de pé imediatamente, Istvan saltou para perto de seu mestre, revelando a curiosa máscara entalhada sob o capuz colorido. A recém-chegada segurava um báculo fino e comprido, encimado por um crânio diminuto. Com uma batida do cajado, seu próprio guardião se aproximou, um guerreiro alto e magro, recoberto de reluzentes placas de armadura, mas de pele dura e enegrecida como carvão. Uma estranha emanção espectral, como uma chama prateada, brotava de seus olhos, narinas e boca. O guerreiro espectral portava uma espada longa e sangrenta em uma das mãos e segurava um embrulho de tecido na outra.

— Vendris! — Morsov exclamou. — Não há mais estudiosos em Akhenatos para você plagiar? Tinha que vir atrás de mim?

A mulher riu. Sua alegria era verdadeira, quase contagiante. Os pajens e copeiras aproveitaram para correr. Moira a observava, atordoada.

— Morsov, sua soberba sempre superou seu talento — falava como se estivesse reencontrando um velho amigo. — Seguimos a pista desse carniçal há muito tempo, ter você aqui é só um acidente fortuito.

— Mestra Vendris! — Nephris guinchou, estridente e desesperado. — Isso é um ultraje, uma calúnia! Onde estão as evidências contra minha pessoa?

— As evidências estão por toda parte — respondeu a necromante. — Na sua cara imunda de carniçal, por exemplo.

— Absurdo! Você não pode provar! Minha genealogia foi meticulosamente traçada até os primeiros peregrinos de Solúmbria! Isso é uma afronta!

— Você tem razão, Rictor, não posso — concordou a mulher, abrindo um pequeno rolo de pergaminho que retirou do manto. — Mas posso provar que negociou e recebeu contrabando de material necromântico ilegal, que se associou a um praticante renegado pela Cabala e que conspira com as tribos selvagens que invadiram o país. — Vendris olhou para Moira ao dizer aquilo. — Como se não bastasse, acabo de presenciar uma declaração sua sobre fazer negócios com o Pacto de Lunarrubra.

— Ei, senhorita — chamou Sev, que permanecia sentado, com os pés sobre a mesa —, não tem nada sobre mim aí nesse papel?

— Vejamos... — Vendris dispensou uma breve olhadela ao ladrão de túmulos. — Diz aqui: criminoso mordravo decadente... Curioso, são três sinônimos.

— Guardas! Guardas! — Os gritos de pavor de Nephris ecoaram no salão. — Tirem essa horrível mulher daqui!

O chamado permaneceu sem resposta. Vendris bateu a ponta do báculo contra o chão duas vezes.

— Aqui estão os pobres coitados que você chama de guardas, carniçal. Eles servem a Akhenatos agora.

Homens ostentando a libré de Nephris — o mesmo brasão gravado nos portões de ferro da mansão — adentraram o salão com passadas lentas e vacilantes. Eram seis ao todo, quatro vindos da cozinha, com porretes de madeira, e mais dois ladeando Vendris e seu guardião enegrecido, portando alabardas. Todos estavam mortos. O sangue brotava por feridas em seus peitos, pescoços e barrigas, abertas pela espada do morto-vivo de olhos coruscantes.

Moveram-se em direção à mesa, cercando Moira, os irmãos e o carniçal. Sev perdeu a compostura diante da visão dos cadáveres ambulantes, tirou os pés do tampo da mesa e fez menção de levantar quando as palavras da necromante o interromperam.

— Rictor Nephris — anunciou Vendris em tom solene —, está preso por contrabando e conspiração com inimigos da Cabala. Você e seus comparsas devem entregar-se imediatamente ou sofrer as consequências.

Moira sentiu a tensão percorrer seu corpo. Estava desarmada e indefesa diante da ameaça dos guardas reanimados, e ainda havia a necromante e seu terrível guardião. Nephris parecia atordoado pela chegada de Vendris, e meio praguejava, meio balbuciava sons sem sentido, um cão choramingando à noite. Morsov não tirava os olhos da necromante rival.

— Moça, digo, Mestra Vendris — interrompeu Sev, determinado a atrair a atenção da mulher. — Esse homem não é nosso comparsa, nem amigo. Alguma chance de nos deixar de fora dessa história de conspiração?

— Nenhuma. Vocês negociaram contrabando com o carniçal em troca de favores. Favores prestados por inimigos da Cabala.

— Você parecia gostar muito de provas há um minuto atrás — continuou Sev. — Onde estão suas provas de nosso envolvimento nesse assunto?

— Tenho uma testemunha ocular. Mostre a eles, Khef.

O guardião lançou o embrulho de pano que carregava. O tecido desfraldou-se no ar, mas seu conteúdo continuou a trajetória até cair com um baque molhado sobre a mesa de jantar. Era a cabeça decepada de Tristan. Moira saltou para trás. Morsov gritou.

— Sua víbora! O garoto era inocente!

Vendris não se dignou a responder, bateu com a ponta do báculo no chão novamente e os guardas reanimados avançaram. A tensão que permeava o aposento explodiu num frenesi de batalha.

Sev foi o primeiro a se mover, derrubando a mesa de lado para bloquear a passagem do guardião de Vendris e dos alabardeiros. Istvan rompeu sua costumeira imobilidade com um salto por cima da barreira improvisada. Caiu de quatro, rastejando como um animal e atacando outro morto-vivo.

O guardião de Vendris movia-se tão rápido quanto qualquer ser vivente, alcançou Nephris antes que o carniçal pudesse escapar. Uma estranha aura crepitava ao redor do morto de pele enegrecida, deixando um rastro esbranquiçado e incandescente no ar.

Morsov tinha uma arma oculta sob o manto negro, uma foice de cabo ósseo e lâmina de obsidiana que brandiu contra os guardas que entraram pela cozinha. Com o manto aberto, era possível ver a armadura óssea que protegia o torso do necromante: costelas humanas entremeadas com algum tipo de fibra, de onde partia o curioso par de braços esqueléticos, cada um segurando uma lâmina curta e afiada. Com destreza, o necromante deteve a investida dos atacantes, mas não conseguia derrubá-los.

O salto de Moira levou-a para perto de seu objetivo: o fardo que Istvan largara. Lá estaria sua espada e as sombras inquietas agrilhoadas a ela. Virou-se para pegá-lo, mas um dos alabardeiros a alcançou e Moira foi forçada a esquivar-se para longe. O morto-vivo era lento, mas sua alabarda ainda era uma ameaça.

Nephris guinchou uma última vez enquanto a espada longa de Khef perfurava sua barriga. Istvan, tendo derrubado seu alvo, virou-se na direção do segundo alabardeiro. O manto colorido estava rasgado, deixando entrever braços magros e

longos e mãos esverdeadas, dotadas de garras. O guardião de Morsov não habitava um corpo humano.

Moira não conseguia escapar de seu atacante. Ele encurralou-a contra a parede, mas foi atingido no rosto por uma faca de arremesso. Sev tinha algumas escondidas na bota. Os movimentos do alabardeiro tornaram-se ainda mais trôpegos. Moira abaixou-se para escapar de um golpe e lançou-se contra o morto-vivo, furando sua guarda. Agarrou a arma pelo cabo e puxou com força. Uma segunda faca atingiu o pescoço do morto e seu aperto cedeu.

Moira viu Morsov e Sev defendendo-se dos guardas restantes. Estavam machucados, mas resistiam. Adiantou-se para pegar sua espada e se deparou com Vendris, que havia baixado o capuz alvo. Era uma mulher linda, de pele morena e feições suaves. Finas cicatrizes brancas, quase prateadas, cobriam-lhe a face em padrões rúnicos similares aos de seu manto. Segurava a espada embainhada de Moira.

— Isso pertence à Cabala agora. Renda-se ou sua alma vai ter o mesmo fim destas aqui.

Aquela mulher matara o pobre Tristan, talvez até Tia Gris, e agora queria roubar a última lembrança que Moira possuía de sua família. A espada fora feita por seu pai, e os espíritos ligados à lâmina, ainda que torturados e retorcidos, eram de seu bando, seu clã.

Brandiu a alabarda contra a necromante, uma estocada poderosa. Ouviu o som de metal raspando em metal, a lâmina da alabarda resvalou em uma placa peitoral. Khef se interpusera na direção do golpe. O guerreiro espectral tinha a face arranhada por Istvan, e a estranha emanção esbranquiçada jorrava dos cortes.

Moira se afastou e firmou os pés no chão. Sua arma tinha mais alcance que a do inimigo. Uma espada não ofereceria perigo contra o cabo mais longo de uma alabarda. Mesmo assim, Khef avançou. Sem pressa ou ímpeto assassino, mas com toda a habilidade de um mestre espadachim. Moira investiu sucessivamente contra o oponente. Cada estocada era respondida com um aparo, cada corte lateral com uma esquiva.

Khef seguiu avançando, lâmina em riste. Moira fingiu uma esquiva para a esquerda e saltou para o lado oposto, golpeando de cima para baixo e trazendo todo o peso da arma contra o braço do guardião espectral. A espada caiu no chão com o braço decepado, duro e negro como ébano. Khef continuou a avançar. Do coto que lhe restava, o estranho brilho que o envolvia jorrou como uma erupção.

A aura assumiu uma consistência estranha, como fumaça líquida. Brotava do braço decepado em tiras compridas, que golpeavam o ar como tentáculos. Moira hesitou, não entendia o que estava acontecendo. A fumaça espectral a envolveu,

bloqueando sua visão, enchendo seus pulmões. Estava sendo enforcada por uma mão fantasmagórica.

Jarisev saltou sobre o guardião. Não tinha arma, as facas de arremesso gastas contra os guardas, mas brandia uma picareta pequena em uma das mãos. Baixou sua ponta afiada contra a abertura do elmo do horror espectral. O aperto relaxou e Moira foi ao chão, lutando para respirar. O guardião agora atacava Sev com seu braço fantasmagórico. Morsov avançou sobre Vendris com sua foice, mas a necromante aparou o golpe com o báculo.

— Rápido, Moira, a espada! — gritou Morsov.

Vendris precisou segurar o báculo com as duas mãos para aparar os golpes do necromante, e deixou a lâmina cair. Ofegante, Moira arrastou-se até a arma. Istvan lutava ferozmente, mas não seria capaz de impedir todos os guardas mortos-vivos. Jarisev sufocava em meio ao abraço do guardião espectral. Moira alcançou a espada, puxando-a para fora da bainha. O metal empenado refletiu o brilho tremeluzente do guardião.

Moira sentiu a vibração que emanava da lâmina, sutil e ao mesmo tempo incontrolável. Subia por seus dedos e chegava como um terremoto à sua mente. Fechou os olhos e se imaginou nos Ermos Cinzentos da morte, como Morsov a instruíra.

Na imensidão negra havia paz. Apenas o vento frio e a luz mortiça da estrela solitária para lhe acompanhar. Mas então ouviu os gritos, o som odioso que se aproximava. Gritos de dor, gritos de raiva. *Vocês estão sofrendo* — pensou. — *Clamando por vingança.*

Então saiam através de mim e vinguem-se.

Os gritos ecoaram como um rugido demoníaco no salão. Os ouvidos de Moira encheram-se com a dor e a fúria de seus contrerrâneos massacrados. As sombras eclipsaram toda a luz ao redor, e os cadáveres dos guardas caíram inertes.

Vendris e Morsov também tombaram, atordoados pela súbita explosão de emoções, mas se mantinham conscientes. Istvan cessou seu ataque, mas permaneceu em pé, assim como o hediondo Khéf, que perdera o brilho fantasmagórico — como uma vela apagada por um sopro — e largara Sev ao chão. O velho ladrão padecia de um novo ataque de nervos, mas não tinha ar suficiente nos pulmões para expressar seu terror, apenas inspirava em golfadas desesperadas.

As sombras retornaram ao aço, a massa disforme de rostos contorcidos espiralando de volta para sua prisão, sugadas por uma correnteza invisível. Moira saltou sobre Vendris e chutou o báculo ósseo de suas mãos. Apontou a espada para a garganta da mestra necromante.

— A mansão... Está cercada... — Vendris tentou mostrar desdém pela ameaça de Moira, mas sua voz saiu embotada, marcada pelo pavor repentino que as sombras provocavam. — Meus melhores decuriões vão colocá-la abaixo.

Morsov levou uma das mãos à cabeça. Tinha um dos olhos roxo e inchado, os braços ósseos pendiam inertes de sua armadura. Pôs-se de joelhos e firmou o punho no cabo de sua foice. Brandiu a lâmina de obsidiana no ar em um gesto arcano. Assumiu o controle dos cadáveres, que se reergueram, gemendo baixo, e cambalearam para cercar a necromante e seu guardião.

— Acabou, Vendris — disse o necromante. — Ordene que seu reforjado recue.

O brilho esbranquiçado voltou a crepitar em Khéf, brotando como fogo de suas feridas e acendendo seus olhos como faróis profanos. O guardião se moveu na direção de sua mestra rendida, mas parecia não saber como agir. Istvan se colocou entre ele e Sev. Com o manto de remendos coloridos rasgado e aberto, Moira viu que Istvan habitava um cadáver de carniçal. A máscara entalhada ainda encobria sua face alongada e canina.

— Eu sou a mestra de Akhenatos, renegados. — Vendris recuperara sua confiança, mesmo sob a ponta amaldiçoada da espada de Moira. — Ousem me desafiar e serão carcaças vazias antes de o sol nascer.

— Faça o que ele diz! — Moira ordenou, impelindo a lâmina contra o pescoço de Vendris, a ponta riscando a pele. — Ordene que a criatura parta daqui!

A necromante riu.

— Eu devo me acovardar diante de uma selvagem ignorante, que mal sabe manusear um grilhão corretamente? Deixe os adultos negociarem, sim?

Moira não seria mais tratada como uma criança, nem aceitaria ser chamada de selvagem. Ela era uma Brunehald, filha das cinzas, com brasas nos cabelos para provar. A raiva pelo martírio de seu povo impeliu seu braço, e a lâmina retorcida da espada perfurou a traqueia de Vendris. Um corte sujo e brutal.

Aquele era seu primeiro sangue, sua primeira morte. Caçar animais jamais se igualaria ao ato de vitimar outra pessoa. Havia um peso por trás do ato. Seu primeiro inimigo abatido fora uma Senhora da Morte.

Uma dor lancinante subiu pelo braço de Moira. A vibração das sombras ressurgiu com força total, reagindo à morte da necromante. Embainhou a espada, deixando o corpo de Vendris cair. Sev, começando a se levantar, gritou.

— Chifre torto e casco partido! Mantenha aquelas coisas dentro da maldita espada!

Um rumor gutural chamou a atenção dos três para o guardião espectral. A aura pálida que coruscava ao redor da pele negra consolidou-se, tornando-se quase opaca, então arrefeceu por completo. Khéf tombou de joelhos com um clangor de placas metálicas, apoiando-se no braço restante. Seus olhos vazios se acenderam

com algo novo, um lampejo de consciência verdadeira. A criatura olhou ao redor, e então para si mesma. Olhou para Moira, e em seus olhos ela viu pesar e desespero profundos.

— Saryeh, Jafat... — suplicou a criatura, chamando nomes desconhecidos. — Eu regressei... Por vocês... Mas não consigo mais ver seus rostos. O que é isso? O que fizeram comigo? **EU NÃO CONSIGO VER SEUS ROSTOS!**

As emanações espectrais retornaram como um incêndio branco, eclodindo através da carne negra e ressequida do monstro. Até mesmo a armadura rachou e entortou com a expulsão de energia. O grito de Khef estendeu-se até uma nota impossível. No instante seguinte, restava apenas pó e metal retorcido.

— Morsov? — Moira chamou, assustada. — O que aconteceu com ele?

— A Cabala os chama de reforjados... O fruto mais formidável e mais cruel de suas maquinações.

— Não temos tempo pra explicações — interrompeu Sev, erguendo-se com a ajuda de Istvan e fazendo uma careta de dor. — Ouço passos lá fora.

Moira não conseguia ouvir nada. O lamento pavoroso de suas sombras e o grito do guardião caído ainda ecoavam em sua mente. Aos poucos, percebeu o som vindo de um dos corredores.

— Pelas cozinhas, rápido! Morsov, use os guardas para bloquear as portas! — Sev meio saltava, meio mancava, Istvan caminhava a seu lado para apoiá-lo.

O necromante comandou os guardas com um novo movimento da foice. Moira correu para fechar as portas do salão e seguiu os irmãos enquanto os mortos-vivos alinhavam-se para bloquear a passagem. O corpo de Vendris permanecia no chão, o manto encharcado de sangue escarlate.

CAPÍTULO 11

Hakim encarava o líquido azulado com apreensão. O humor fleumático era a chave para seus novos poderes, mas estava consumindo as doses em ritmo acelerado, graças às lições de Garad. A lembrança daquela massa encefálica desproporcional ainda lhe causava calafrios. Para dominar as técnicas da taumaturgia, teria que consumir cada vez mais.

O taumaturgo tornado senescal quis saber sobre o incidente com a mulher-abissal, mas Hakim recusou-se a falar. Determinara aos sacerdotes que prendessem a criatura nas masmorras e preparassem uma forma de transportá-la quando a comitiva imperial deixasse Nuehem. Hakim e Garad retornaram às lições naquela mesma noite, em aposentos reservados ao Deus-Rei pelo intendente mor da fortaleza.

— Vamos prosseguir com a projeção astral — disse Hakim, perfurando uma veia no braço esquerdo com a seringa, injetando o fluido taumatúrgico.

Garad apanhou um pedaço de osso entalhado com padrões em espiral e enrolado em fios de linho coloridos.

— Para projetar sua consciência para além do véu, perscrutar, como dizem os tomos sagrados — lecionou o taumaturgo mascarado —, o senhor precisa exercitar sua percepção. Alcance a energia taumatúrgica em suas veias e concentre-se. Tente direcionar a fleuma fluindo em você para seus olhos e concentre-se em enxergar além. — Parecia um conceito demasiado abstrato, mas não se podia esperar outra coisa da magia.

Hakim sentia as ondas de tranquilidade avançarem sobre sua mente com cada batida de seu coração. Concentrar-se tornou-se fácil pela própria natureza da fleuma. Imaginou se os prodígios sanguíneos e coléricos não seriam mais difíceis de dominar, por incitar emoções mais fortes. Por isso os línguas-de-fogo eram tão reclusos, deviam batalhar constantemente contra a ira sobrenatural queimando em suas veias, convertendo-a em fé inabalável. Controlando a respiração, Hakim abandonou seus devaneios e focou na própria circulação.

Sentiu os humores dentro de si. A fleuma mística do Deus-Rei pulsando em suas veias. Comandou-a em pensamento. Ordenou que fluísse até seus olhos, que elevasse sua percepção. Comandou-a a expandir sua consciência e levá-la além.

Não estava mais diante de seu professor. As paredes de pedra escura, decoradas com tapeçarias, desfizeram-se em trevas. Havia uma figura encurvada e uma luminosidade fraca, mas logo desapareceu. A escuridão foi invadida por uma

profusão de luz e cores cambiantes, que mesclavam e dissolviam-se umas nas outras.

Formas geométricas despontaram do cenário psicodélico, brotando e colapsando sobre si mesmas a cada instante. Mesmo em estado de calma sobrenatural, Hakim não seria capaz de suportar aquilo por mais tempo. Uma mão tocou-lhe gentilmente.

— Retorne, meu senhor. Mantenha o controle.

Sua visão voltou ao normal. Garad sorria.

— O que diabos foi aquilo?

— Não fomos feitos para contemplar os Céus Exteriores. Nem mesmo o senhor poderia compreendê-los. O senhor perscrutou além de múltiplos véus e se aproximou de esferas desconhecidas e inconcebíveis. É importante que isso não torne a acontecer.

— Como eu evito que aconteça? Me concentrei por um instante e já me senti desorientado.

— É um atestado à sua potência taumatúrgica. — Garad sorriu. — Perscrutar o véu exige dupla concentração: primeiro para atravessar, depois para refrear o avanço dos sentidos. Se esforçar-se apenas para perfurar as barreiras da percepção, cruzará tantas camadas da realidade quanto seu poder permitir.

— Parece perigoso.

Garad gargalhou.

— Como o senhor acha que fiquei cego? — A máscara sem olhos e os movimentos confiantes do velho taumaturgo escondiam bem sua deficiência. — Por isso sugeri praticarmos outros prodígios, mas o senhor insistiu.

— Devia ter me avisado do risco antes de começarmos. Qual o próximo passo?

— Tente novamente. Não apenas ultrapasse a barreira, mentalize o ponto exato onde quer projetar sua consciência. O outro lado desta sala será o suficiente, depois experimente olhar para trás.

Hakim repetiu o processo. Concentrou-se nos padrões da tapeçaria que ornava o piso. Mais uma vez comandou o fluido arcano dentro de si a ampliar sua percepção, agora com uma ideia clara do que desejava perceber, e teve a impressão momentânea de que estava caindo. De súbito, não estava mais diante do taumaturgo.

Ainda permanecia no aposento, mas estava diante de uma das paredes de pedra lavrada. Sua visão estava escurecida e embaçada e sentia-se estranhamente leve. Olhou para as próprias mãos, levemente translúcidas. Não vestia mais armadura, apenas uma túnica e calções brancos.

— Então é assim que o Sucessor se vê — disse Garad. — Fascinante.

Hakim virou-se para encontrá-lo e viu uma cena absurda: Duas versões de Garad: o velho que já conhecia, de pé segurando um estranho osso entalhado, e um homem de meia idade, alto e forte, vestido não como senescal imperial, mas com um traje cerimonial feldari, usando a mesma máscara semelhante a um bico recurvo.

— Não se assuste, meu senhor. Essa é a forma como nossas consciências limitadas concebem a experiência da viagem astral — explicou o novo Garad, de voz estranhamente límpida. — Como não admitimos uma existência incorpórea, conjuramos simulacros de nós mesmos para representar a transferência dos sentidos de um local a outro.

— Acho que isso é um pouco demais até para mim, Garad. — Enquanto falava, Hakim percebeu que sua garganta não vibrava. Seus lábios sequer se mexiam. Comunicava-se apenas em pensamento, as palavras de algum modo alcançando a mente de Garad, como as dele alcançavam as suas. — Preciso de uns minutos para me habituar.

Enquanto tentava compreender a situação, percebeu que o velho Garad não se movia, ao passo que o simulacro gesticulava e conversava animadamente. Sua forma também era translúcida, e Hakim viu o que havia por trás da projeção astral do taumaturgo. Era o seu próprio corpo, de pé e imóvel, como um manequim trajando a armadura do Deus-Rei.

Sentiu um súbito puxão, uma sensação que o impelia em direção a si mesmo. Concentrou-se novamente, mantendo a projeção por pura força de vontade. Aquilo não escapou a Garad.

— Impressionante! A maioria dos perscrutadores perde o controle da projeção ao avistar o próprio corpo em transe pela primeira vez.

Hakim compreendia que a experiência era desconcertante, mas quando se olhava vestido com aquela gloriosa armadura dourada, capa branca e máscara sagrada, não chegava a se reconhecer. Talvez isso o ajudasse a manter o controle.

— Como nossos corpos se mantêm de pé?

— Se prestar atenção, sentirá a fleuma pulsando através de você, forçando uma espécie de paralisia. O mesmo poder que impele sua consciência para fora, protege seu corpo de se machucar. Se for atacado ou movido bruscamente, a viagem astral será interrompida.

— Se eu projetar minha mente para mais longe, o retorno será mais demorado?

— O regresso é sempre instantâneo, mas pode haver um choque mental se a consciência tiver se afastado demais. Entretanto não é o perigo corpóreo que deve temer quando enviar sua consciência para além do véu. Observe.

A projeção de Garad tremeluziu por um instante, seu corpo físico movendo-se minimamente para manusear o estranho pedaço de osso em suas mãos. Uma terceira

projeção surgiu prostrada diante deles, descolorida e embaçada. Estava envolta por um manto esfarrapado. Ao encarar Hakim, a figura revelou uma face cadavérica. Uma expressão de sofrimento profundo marcava a aparição. Hakim reconheceu-a imediatamente, um dos espíritos escravizados pelos necromantes. Com um sobressalto, adotou uma postura de luta.

— Essa pobre alma está aprisionada em um dos amuletos contrabandeados que confiscamos nos protetorados — explicou Garad. — Os necromantes subjagam os mortos para extrair-lhes a energia.

— Imagino que nessa forma astral estejamos vulneráveis a espíritos como esse — acrescentou Hakim. Garad assentiu.

A visão daquele espírito escravizado trouxe à memória todas as discussões que Hakim tivera com os altos sacerdotes sobre como proteger Var Khalad da necromancia. Não bastassem os abissais atacando com força renovada, ainda havia a constante ameaça dos exércitos de mortos-vivos da Solúmbria. Se a Cabala desejasse, suas tropas poderiam atravessar a Terra Arrasada facilmente. Seus soldados não precisariam comer, beber ou descansar. Por isso Hakim concordara em pagar quilos de ouro ao líder bárbaro Dorrag Torgren, para que seu bando assolasse o território dos necromantes com saques e matança, desestabilizando-os enquanto um pequeno destacamento imperial se encarregaria de encontrar vulnerabilidades nas defesas dos necromantes.

— Observe esta criatura atormentada. Familiarize-se com sua visão, meu senhor. Quando projetar sua forma astral, poderá encontrar outros espíritos que não sejam tão complacentes.

— Então ensine-me a combatê-los.

Batidas apressadas na porta interromperam a lição, os baques reverberavam através de suas formas astrais. Hakim concentrou-se e num piscar de olhos já estava novamente dentro da armadura do Deus-Rei. Garad desfizera sua projeção ainda mais rápido e já se adiantava para abrir a porta.

Um noviço exasperado trazia uma mensagem urgente. Era flanqueado por dois dos Santos Cavaleiros. O jovem correu aos pés do Deus-Rei e prostrou-se tão zelosamente que Hakim achou que racharia a testa contra o piso de granito.

— Meu senhor, trago mensagens do Sumo Pontífice. — O menino estendeu-lhe uma folha de pergaminho. A tinta mal tivera tempo de secar. A mensagem fora enviada por projeção astral, com um taumaturgo perscrutador de Imrath repetindo as palavras de Rasser ao perscrutador residente em Nuehem, que acabara de transcrevê-la. Hakim leu, intrigado:

Toda glória ao Deus-Rei de Var Khalad.

Meu senhor, espero que esta mensagem o encontre disposto e preparado. O império sofre novos revezes a cada dia. Os poços d'água, isolados após o ataque ao Portão do Mar, voltaram a jorrar água impura, maculada por estranhas criaturas. Um racionamento já foi iniciado, mas a situação é preocupante.

Três necrológicos foram acionados essa tarde. Todos guarnecidos em Nagrath. Identificamos terríveis abalos sísmicos e uma violenta correnteza nos últimos momentos de vida de seus portadores. Tememos que a represa em Nagrath tenha sido destruída, junto com sua guarnição.

Trabalho ferozmente para manter o alto clero unido nesse momento, mas a dissidência já plantou suas sementes vis entre os altos sacerdotes. Irmão Esperius fala abertamente contra o senhor, desafia sua divindade. Creio que essa seja a maior ameaça à estabilidade do império nos últimos anos.

Nuehem fica a poucos dias de marcha de Nagrath. O senhor poderia enviar batedores a partir de sua posição. Tenho certeza de que saberá lidar com o que quer que tenha atacado a represa. Quanto à heresia de Esperius, suplico sua autorização para que eu possa solucionar o problema da forma mais eficiente possível.

Seu servo mais fiel, Rasser Sidonus.

Hakim reduziu o pergaminho a tiras picotadas. Fez sinal para Garad e os demais acompanharem-no. Não havia tempo a perder. Por pior que parecesse a situação, eram esses momentos que davam a Hakim certeza de que sua existência fazia sentido. Sabia como agir em uma crise. Procurou algo nas dobras de sua capa imaculada, produzindo um pequeno anel metálico de ouro branco, engastado com um símbolo sagrado. Depositou-o nas mãos do noviço mensageiro e fechou sua mão encouraçada sobre a mão trêmula do rapaz.

— Esse é meu sinete imperial, meu jovem. Corra até o escriba que o enviou aqui e mostre a ele. Diga-o para responder à mensagem do Sumo Pontífice.

— Q-quais serão s-suas palavras, m-meu senhor?

— O Deus-Rei de Var Khalad, Herdeiro do Sol, Enviado dos Céus Exteriores — ditou Hakim —, ordena a seu Sumo Pontífice que expurgue a heresia do clero através de uma inquisição. — Soava assombroso, mas a ideia era justamente intimidar Esperius e seus partidários. Hakim confiava na sabedoria de Ras para fazer bom uso da oportunidade.

Energizado pela tensão, o noviço correu de volta aos salões dos escribas. Antes que pudesse sumir de sua visão, Hakim acrescentou:

— Ordene à arconte Liriel que auxilie o pontífice em seu santo dever.

Com a partida do mensageiro, Hakim pôs-se a caminhar a passos largos pela fortaleza. Os cavaleiros e o senescal seguiram, tensos.

— Aonde vamos exatamente, meu senhor? — indagou Garad.

— Conduzir um interrogatório.

Entregara a abissal rendida aos sacerdotes para estudo. Era justificável poupar sua vida, se com isso pudessem extrair novas informações sobre os inimigos, como os motivos de seu retorno e as capacidades daquela nova espécie. Um de seus capitães havia batizado as mulheres-caranguejo de “encouraçadas”, e a alcunha rapidamente ganhava popularidade entre os soldados. Talvez aquele não fosse o nome mais apropriado.

Hakim foi até as masmorras, onde seus sacerdotes estabeleceram um misto de laboratório e cativeiro. Havia seccionado as duas metades da criatura, e a mulher de escamas delgadas ainda vivia. Em um tanque de água salgada, repousava o atroz caranguejo blindado. Letárgico, porém vivo, garantiram-lhe os noviços. Uma abertura dentada era visível no topo da carapaça, como uma enorme boca modificada para acomodar a metade superior. A parte humanoide, separada do temível artrópode, exibia, em vez de pernas, uma longa cauda escamada que lembrava tanto um peixe quanto uma serpente.

Os olhos da criatura eram muito expressivos. As escleras negras e íris douradas moviam-se sutilmente, acompanhando Hakim. Eram expressivos demais, humanos demais.

Esse traço de humanidade impedira Hakim de trespassá-la com a espada quando prostrou-se diante dele. Seus olhares se encontraram por uma fração de segundo, e Hakim hesitara. Olhos emotivos, incrustados em uma face delicada, recoberta de minúsculas escamas triangulares e emoldurada por cabelos longos, descoloridos pela água do mar.

Agrilhada a uma parede, ela se debatia, sibilava e cuspiam nos noviços que tentavam nervosamente examiná-la. Uns poucos sacerdotes de grau mais elevado faziam medições e consultavam antigos tratados sobre a biologia abissal — o pouco que haviam aprendido dissecando exemplares do povo anfíbio. Apenas quando Hakim adentrou a masmorra a criatura desistiu de acostrar seus captores. Os sacerdotes estavam muito ocupados se ajoelhando e curvando-se diante do Deus-Rei para aproveitar a complacência de seu objeto de estudo.

— Deixem o aposento — ordenou Hakim, e todos obedeceram, acotovelando-se pelo privilégio de ser o primeiro a cumprir a vontade divina. Apenas Garad e dois Santos Cavaleiros permaneceram no aposento.

— Estou curioso para saber se os relatórios são verdadeiros — disse o senescal cego, um meio-sorriso enigmático despontando sob a máscara prateada e pontuda. Tinha o aspecto de uma velha ave de rapina com penas grisalhas.

— Não confia em seus pares, Garad? — Hakim era cauteloso ao lidar com o perscrutador pelo mesmo motivo que se sentia à vontade diante das massas de fiéis:

as máscaras eram perfeitas para esconder emoções e intenções.

— E quais pares seriam esses, meu senhor? Sacerdotes comuns, ou outros taumaturgos como eu? Ou dentre estes, os perscrutadores? Será que só poderia chamar de iguais os membros de minha tribo, independentemente de sua função ou profissão? Ou será que por pares o senhor se refere aos outros senescais, já que é esse meu emprego atual?

— Só quis saber o que o leva a duvidar dos relatos de nossos mais brilhantes noviços — Hakim rebateu. — Não esperava que fosse ditar um tratado de filosofia, ou teria mandado vir um escriba extra de Imrath para imortalizar sua sabedoria.

— Perdoe meus modos, ó Enviado dos Céus Exteriores. Mas se vamos adotar nossa semelhança com outros como meio de determinar sua credibilidade, temos que compreender primeiro que nossa semelhança é apenas superficial — explicou Garad. — Quem seriam os pares do senhor, afinal?

Os cavaleiros que flanqueavam Hakim se mexeram desconfortavelmente em suas armaduras. A resposta era evidente: ninguém era igual ao Deus-Rei, então ninguém era digno de sua confiança.

— Vamos nos concentrar na prisioneira — disse Hakim, aproximando-se da parede onde a encouraçada estava presa. Seus olhos negros e dourados pareciam atravessar a máscara e encontrar a verdadeira face do Deus-Rei. — Meus sacerdotes dizem que você é capaz de compreender nossa língua — falou pausadamente enquanto observava a criatura. Parecia tão frágil, separada da couraça assassina.

— Pode entender o que dizemos?

Conchas amarradas com plantas aquáticas cobriam o torso delicado. A face que demonstrara selvageria em batalha, no cativeiro o encarava com um misto de apreensão e admiração. Ela falou:

— Entendo o senhor. — A voz era suave, levemente sibilante. Diferente dos brados inarticulados dos escamados. — Não entendo seus padres. — Aquilo era algo sem precedentes na história imperial. Os abissais sempre foram inimigos da humanidade, mas seus motivos eram insondáveis. Até agora.

— O que quer dizer? — Hakim indagou. — Eu e meus sacerdotes falamos a mesma língua.

— Não entendo como pensam — sibilou a criatura em resposta. Quando falava, a estrutura óssea de sua face se movia de modo curioso. Algo que deixava Hakim desconfortável.

— Não abuse de minha paciência. Seja clara.

— Eles acreditam que o senhor vai salvá-los. — Não havia tom de zombaria em sua voz. Sua expressão era fria, de quem atesta um fato. Os Santos Cavaleiros tomaram aquilo como ofensa, e se assomaram diante da mulher anfíbia.

— Ousa duvidar do Deus-Rei de Var Khalad? — perguntou o cavaleiro à esquerda de Hakim.

Chamava-se Corant, um jovem filho de fazendeiros amarantinos.

Não houve resposta. Ela apenas encarava Hakim, tentando arrancar sua máscara com o olhar.

— Responda à pergunta — comandou.

— Jamais o insultaria, senhor. — Novamente, soava sincera, embora sua voz tivesse um incômodo sibilar. — Mas seu destino nunca foi a salvação desses homens.

Os cavaleiros sacaram suas espadas, Hakim precisou intervir para mantê-los sob controle. Eles se afastaram, mas a intensidade de seu ódio pela criatura profana fervilhava no ar da masmorra. Garad apenas escutava com interesse. Hakim dirigiu-se novamente à mulher com cauda de peixe.

— Suas blasfêmias lhe custarão caro, criatura. Se deseja uma morte rápida, vai me responder claramente: como atacaram a represa em Nagrath sem que os víssemos chegar?

Os olhos dela se arregalaram de surpresa, confirmando o envolvimento dos abissais. Ela não esperava que Hakim já soubesse.

— Foi o rio — respondeu com cinismo.

— Me poupe de suas meias palavras. Como conseguiram cruzar a água doce? Seus trôpegos e escamados não são capazes de agir longe do mar. Foram suas irmãs?

— Não, meu senhor. O rio destruiu sua represa.

— O Intrépido flui suavemente pelo vale de Nagrath, suas correntes mal conseguem derrubar uma jangada — explicou Hakim, frustrado. — A represa é uma obra-prima da engenharia khaladina, algo que a escória abissal jamais compreenderia. É impossível o rio ter vencido sozinho aquela barreira.

— Não as águas. A Alma do Rio, meu senhor.

Hakim pôs uma mão sobre o ombro delgado da criatura. Não queria machucá-la, mas deixou o peso de sua manopla passar a impressão oposta.

— Você testa meus limites. O que quer dizer com isso? — Hakim apertou levemente. Podia sentir as escamas delicadas e os ossos estranhamente flexíveis por baixo.

— Uma criatura, meu senhor. Uma criatura anciã que repousava no fundo do rio. — A respiração da abissal se acelerou, revelando medo por trás da revelação. — Gorazesh a acordou.

— Gorazesh? É o seu líder? Seu mestre?

— Não, meu senhor. É um... profeta... um sacerdote, como os seus. Ele pode caminhar sobre a terra e sob o sal. Pode muitas coisas. — Ela parecia aterrorizada

ao pensar no tal profeta. — Eu não sei mais. Por favor, não me machuque.

— Acredito que você saiba muito. Vai me contar tudo, em tempo.

— Sim, meu senhor. — Ela soou igualmente solícita e evasiva.

— Diga-me, por que retornaram? — Hakim exigiu. — Eu os bani com sal e aço. Quantos mais de vocês terei de dizimar até que rastejem de volta ao abismo?

— Os humanos destruíram nosso lar. Tomam tudo de nós, nunca se cansam de tomar. — A resposta não fazia sentido. — Tomaremos seus lares em troca.

— Ridículo. Nenhuma arte ou sortilégio nos permitiria chegar tão fundo nos oceanos. Nenhum homem jamais pisou, ou sequer viu, seu “lar”.

— E ainda assim o destruíram. Azgol Sudraszj ardeu, e Uddra Ranthep desapareceu deste mundo, graças à sua ganância. Muitos lares foram perdidos quando Uru Hatham afundou.

Hakim compreendeu, horrorizado. A Devastação. A última cartada de Thelemos. Quando os feiticeiros detonaram todo seu poder mágico, trazendo cataclismos sobre o continente. Abismos se abriram, montanhas foram aplainadas e outras emergiram. Vulcões vomitaram fogo e até mesmo os oceanos mudaram de lugar, avançando contra a terra e engolindo a costa. Assim, a ilha de Uru Hatham desapareceu sob as águas, junto com seu ouro branco.

A abissal mencionara nomes estranhos juntos ao da ilha perdida, que pareciam ser outras terras, reinos abissais. Talvez a onda de desastres provocada pela Devastação tivesse sido sentida também nas profundezas marinhas, alterando temperatura, pressão, salinidade. Talvez os abissais fossem vítimas colaterais da antiga guerra travada na superfície.

— Como pode estar tão certa de que seu reino foi destruído por humanos?

— Gorazesh nos mostrou. Os humanos sempre querem abocanhar mais do que podem comer. Tentaram controlar uma força capaz de refazer o mundo, e todos pagamos o preço. — Enquanto ela falava, o movimento inquietante da mandíbula era perceptível sob as escamas, e as maçãs do rosto tornavam-se proeminentes, angulosas, quase como espinhos. — Meu povo ardeu pela ambição dos homens. Mas nossa ambição também cresceu, e iremos engoli-los.

— Existem muitos povos dentre os homens. — Hakim queria apaziguá-la. Seria mais fácil extrair informações assim. — Os que trouxeram a Devastação foram todos destruídos por ela.

— Existem muitos povos dentre nós, diversos em forma e propósito, mas os humanos nunca fizeram distinção. Por que faríamos diferente? Gorazesh fala com deus, e diz que deus ordena que sejam devorados por nossos tridentes, como o mar devorou a terra.

— Que deus é esse a quem vocês servem?

Ela riu. Um riso áspero e baixo, quase um raspar.

— Você.

Aquilo não fazia sentido, mas tocava fundo nos medos de Hakim. Sua preocupação crescente com a condição inumana de seu Antecessor. O receio de que a Profecia de Sucessão significasse alguma metamorfose ou alteração mental, sua personalidade dando lugar à do verdadeiro Deus-Rei. Garad finalmente esboçou alguma reação às palavras da mulher-peixe, exclamando sua incompreensão. Os dois cavaleiros se alvoroçaram novamente. Foi a vez do outro, um brutamontes khaladino chamado Victus, perder o controle e investir contra a criatura. Golpeou-a nas costelas com um punho recoberto de aço. Os ossos delicados se dobraram para dentro e ela gritou de dor.

— Fora, vocês três! — Hakim bradou. — Fora!

O senescal fez menção de questionar o comando, mas Corant e Victus o carregaram consigo. Quando a porta foi cerrada, Hakim aproximou-se da criatura e inspecionou o machucado. Longe da carapaça e das pinças gigantes, ela era pouco mais que uma garota indefesa.

— Ainda consegue falar?

— Sim. — Sangue negro escorria pelos lábios finos da abissal.

— Você tem um nome?

Ela sibilou longamente, entretecendo sílabas estranhas, que soavam vagamente semelhantes ao nome que dera a seus reinos destruídos. Hakim só conseguiu compreender uma parte. Algo como Zithrishazir.

— Vou chamá-la de Zith. Quem você pensa que eu sou, Zith?

— Um deus. Meu deus. — Zith tossia a cada duas ou três palavras. — Uma parte dele. Uma parte maior que as outras.

— Por que eu, Deus-Rei de Var Khalad, comandante de exércitos, protetor da humanidade, seria o deus de sua espécie?

Ela o olhou com ar suplicante.

— O senhor é algo mais. Não é seu destino estar entre eles, no fim.

Hakim soltou as travas que prendiam seu elmo mascarado ao gorjal. Usava a Máscara Fleumática novamente. Removeu-a e aproximou o rosto de Zith, olhando fundo no negro e dourado de seus olhos, e lhe revelou sua face morena, deixando as tranças úmidas de suor penderem para os lados.

— Seu deus está morto, Zith, eu tomei seu lugar. Olhe para mim! Sou humano, e vou proteger meu povo até o fim.

Zith ofereceu um sorriso triste, apenas um pequeno rasgo em seus lábios finos e manchados de sangue. Hakim viu dentes afiados, de tom madreperla.

— Meu Antecessor fundou e governou um império de homens por quinhentos anos — Hakim insistiu. — Devo crer que ele era um dos seus?

— Ele se afastou de seu destino. Os humanos encontraram uma forma de controlar seu poder, roubá-lo de nós.

Hakim pensou em seus sonhos com o Antecessor. Não compreendia tudo o que ele dizia, mas por vezes falava algo sobre resistir, como ele próprio fizera no passado. Haveria verdade nas palavras de Zith?

— Já tive o bastante de você por hoje. Viverá mais um dia. Se cooperar com meus sacerdotes receberá cuidados para seu ferimento.

— Não se vá — suplicou Zith. — Não me deixe só com eles!

Hakim não deu ouvidos. Recolocou o elmo e caminhou até a saída. Zith ainda suplicava.

— O senhor não entende. Não os lidera, é seu refém! Farão de tudo para controlá-lo, e quando isso não for mais possível, o destruirão!

CAPÍTULO 12

Os primeiros raios do alvorecer surpreenderam Moira, que pensava que jamais veria o fim daquela maldita passagem subterrânea.

O túnel sob a mansão era estreito e escuro como piche. À medida que avançavam, raízes retorcidas emergiam das paredes e as pedras do piso davam lugar à terra úmida e malcheirosa. As lamparinas a óleo que Moira e Sev saquearam das cozinhas durante a fuga foram indispensáveis.

Morsov surpreendeu-os ao conjurar uma aparição a partir de sua foice, o espírito pairava a alguns centímetros do necromante, sua mortalha translúcida emitindo um pouco de luz fosforescente. Istvan encabeçava o grupo, por segurança. O morto não necessitava de luz para se guiar. Moira se perguntou sobre como as almas desencarnadas que os necromantes prendiam a corpos e amuletos percebiam o mundo dos vivos. Ela o seguiu de perto, com a alabarda em posição de guarda até os braços cansarem.

Tiveram que parar algumas vezes pelo caminho, feridos pela luta contra Vendris. Sev se queixava de dores nas juntas e Morsov tinha um dos olhos e os lábios terrivelmente inchados. Moira não reclamava, mas sentia os próprios machucados, hematomas por todo o corpo, principalmente ao redor do pescoço, onde o morto Khef a agarrara com braços de fumaça líquida. Felizmente, a escuridão encobriria essas marcas.

Rictor Nephris estava morto, e a carga que recebera como pagamento por garantir uma travessia segura permanecia em sua mansão, sem chegar às bruxas de Lunarrubra. Por todo o percurso Moira esperou pelo ataque sorrateiro dos carnicais, acostumados à escuridão e ao confinamento do túnel. Sem Nephris como intermediário e sem pagamento, o acordo estava desfeito.

Quando os pais de Moira revelaram ao bando suas intenções de estabelecer-se na fronteira entre a Terra Arrasada e a Solúmbria, algumas das vozes contrárias se mostraram mais temerosas das bruxas que habitavam os charcos do que dos próprios Senhores da Morte. Fazia sentido temê-las: os necromantes conseguiam manter o Povo das Cinzas afastados de suas fronteiras, mas não conseguiam expulsar as bruxas e os carnicais. Havia pactos de bruxas espalhados por toda Noltora, reivindicando para si os recantos selvagens do continente, e nenhum país, clã ou exército havia conseguido erradicá-las por completo.

Moira já havia enfrentado carnicais, mas nunca uma de suas bruxas. Naquele túnel escuro e silencioso, sua mente não parava de conjurar formas e intenções hediondas para as criaturas. Seriam ainda mais bestiais que seus filhos carnicais?

Talvez fossem fisicamente frágeis, e por isso contassem com eles para espionar, barganhar e matar em seu lugar, mas seu poder era alardeado em histórias assustadoras, contadas ao redor de fogueiras há gerações. Moira tentou perguntar a Morsov sobre as bruxas, mas ele apenas balançou a cabeça. Aquele não era lugar para falar sobre o assunto.

Após uma caminhada árdua e desorientada, sem saber se seguiam em linha reta ou se o túnel sutilmente curvava para outra direção, Moira sentiu o terreno se inclinar para cima. Uma corrente de vento mais fresca, diferente do ar mofado do subterrâneo, revigorou-a. Pôs-se a frente do grupo e correu contra a brisa sem dar ouvidos aos protestos de Morsov e Jarisev. Foi então que o sol a agraciou novamente com sua presença. Moira ficou tão aliviada que perdoou o astro por ferir sua visão, já habituada ao breu.

As paredes eram feitas de pedra novamente. Uma abertura circular subia na vertical até a saída — estavam no fundo de um poço seco. Moira escalou os metros finais da passagem com algum esforço. Espiou pela borda do poço antes de sair para o ar livre. O cheiro de vegetação úmida invadiu suas narinas, expulsando o horrível odor da passagem.

Junto ao poço estavam os restos apodrecidos de algumas cabanas de madeira, tábuas e vigas carcomidas por cupins. Moira ajudou os irmãos a subir, puxando-os enquanto Istvan os empurrava de baixo. O morto-vivo escalou as paredes circulares com facilidade. Era perturbador ver aquele corpo que se deslocava com total economia de movimentos subitamente explodir em agilidade, apoiando-se nos sulcos entre as pedras como nenhum ser vivo conseguiria.

Sob a luz do amanhecer, Morsov inspecionou o cadáver ambulante. O manto colorido estava em frangalhos, deixando entrever diversas lacerações na carne esverdeada. Não havia sangue, mas um óleo grosso e escuro escorria bem devagar, como seiva. Moira viu algo parecido com folhas secas despontando das feridas mais profundas.

— Temos que dar um jeito nesses cortes, meu velho — disse Morsov enquanto retirava agulha e linha do fardo que o morto carregava.

— Eu não sei se você percebeu, Morsov — indagou Sev —, mas ainda estamos bem longe da segurança. Temos que continuar em movimento.

— Se Istvan não estiver em condições de lutar, estaremos ainda mais vulneráveis. Não esqueça do quanto ele foi útil quando Vendris nos pegou de surpresa.

O ladrão assentiu a contragosto e recostou na borda do poço, puxando do bolso o mapa que Nephris traçara.

— Se essa coisa estiver correta, devemos ter uns quatro dias de viagem pela frente até sairmos dos charcos.

— Talvez eu possa traçar um caminho melhor do que esse — disse Moira. Sev coçou a barba, pensativo.

— Talvez não seja má ideia, já que as bruxas não vão gostar de nos ver aqui. Com Rictor feito em pedaços pela mestra necromante de Akhenatos, qualquer caminho que escolhermos será arriscado. Melhor tomarmos o mais rápido.

Moira juntou-se a Sev para inspecionar o mapa. Era muito bem detalhado, diferente da maioria dos que já lera. Na Terra Arrasada, poucos marcos eram confiáveis para orientação, e mapas como aquele rapidamente tornavam-se inúteis. Gurtha, uma das caçadoras mais experientes do bando de Moira, tinha diversos mapas incompletos feitos por forasteiros, e costumava compará-los com suas próprias observações. Ela acreditava que cada mapa era mais ou menos confiável, dependendo das fases da lua e da posição das estrelas, mas nunca fora capaz de provar.

— Devemos seguir até esse rio — disse Moira, apontando uma fina linha azul no mapa de Sev, que passava perigosamente perto da rota traçada por Nephris. — Daqui poderemos ter uma ideia melhor do caminho à nossa frente. Podemos seguir rio acima ou atravessá-lo para ficar longe do Poço de Bruxas.

— Talvez possamos usar velhas trilhas de caça — acrescentou Sev. — Prefiro arriscar topar com um carniçal do que com os crocodilos daqui.

— Se esses lagartos preguiçosos te preocupam, espere até ver os basiliscos da minha terra — Moira riu.

— Seu dever como guia é precisamente evitar que encontremos essas coisas — retrucou o ladrão de túmulos. — Já temos muito com o que se preocupar.

— Acho que Morsov já teve tempo suficiente com Istvan — Moira comentou. — Consegue andar mais um pouco? Vamos aproveitar a luz do dia para seguir adiante.

Os irmãos fizeram uma refeição rápida antes de iniciar a marcha. Moira não sentia fome. Como poderia, depois daquele malfadado banquete?

Reparou que os cantis de Sev e Morsov ficavam vazios muito antes do seu. O Povo das Cinzas parecia feito de material diferente do resto da humanidade. Talvez fossem as gerações passadas em exílio numa terra inóspita e amaldiçoada que os fizessem precisar de menos alimento, mas Moira ainda acreditava nas histórias antigas.

O Deus das Cinzas fizera seu povo à guisa de homens e mulheres para ludibriar os outros deuses, ao mesmo tempo em que os fez mais resistentes e ferozes. Lobos entre ovelhas. Apesar disso, contentavam-se em guerrear entre si e viver como párias nos ermos afligidos pela Devastação.

Embora o auge das cheias dos rios tivesse passado, o período seco ainda estava longe. A lama dominava os charcos e parecia faminta por botas descuidadas. Sev

tinha o passo mais leve, e mesmo com o tornozelo machucado seguia adiante, testando o terreno com um galho. Moira fazia o mesmo com o cabo da alabarda.

Morsov se desviava de vez em quando para coletar ervas e algumas flores. Nada do que o necromante colhia era comestível. Pelo contrário: calêndula do brejo, cicuta d'água e beladona eram bastante perigosas. A quem Morsov planejava envenenar?

— São pra Istvan — disse o necromante quando percebeu os olhares de Moira.

— Ele se alimenta de veneno?

Morsov deixou escapar um riso baixo, um tanto desdenhoso.

— Só se adotarmos uma definição muito grosseira de alimento. O corpo que ele habita sofreu muitos danos, preciso substituir suas entranhas ou a amarra se enfraquecerá demais. Em outras palavras, vou estufá-lo como um boneco de pano com essas ervas.

— Por que não deixar a amarra se desfazer e libertar o espírito de seu tio?

— Porque uma coisa não é igual à outra. O que prende Istvan a esse mundo não é o receptáculo que eu criei para ele. É sua culpa por ter nos deixado quando éramos jovens. — Morsov mudou rapidamente de assunto. — As plantas venenosas são um símbolo importante para a necromancia, que é a arte de equilibrar vida e morte. Elas representam ambos os lados da equação, e podem ser muito úteis na confecção de amuletos.

— E para eliminar sorrateiramente um rival — completou Moira.

— Acho que você tem mais em comum com Sev do que nós três gostaríamos, Moira — constatou o necromante. — A maioria dos necromantes com alguma habilidade trata de se imunizar contra venenos comuns. — Morsov mordiscou uma folha de calêndula para pontuar o fato. Estendeu um ramo à Moira.

— Então os Senhores da Morte comem veneno! Com certeza não vai melhorar sua reputação com o resto do mundo. — Moira arrancou uma ponta da folha amarga e mastigou.

— Não é hora de se imunizar contra toxinas, Moira — Sev protestou. — Vou deduzir uma boa quantia de seu pagamento se você nos atrasar com dores de barriga!

Moira riu. Podia sobreviver a venenos piores. O Povo das Cinzas era feito de outro material, afinal. Quanto ao pagamento, pouco importava. Estava com os olhos focados em seu destino. Tinha lido o mapa corretamente, e Sev concordara em seguir até o rio. De lá ela reconheceria o terreno adiante para decidir qual o melhor caminho a seguir pelos charcos.

Não importando o que encontrasse, os guiaria a nordeste, alongando sutilmente o trajeto. Para mais longe das bruxas e na direção de seu antigo lar. Para onde era mais provável que Lydia tivesse ido.



Sev saboreou a minúscula alegria de finalmente tirar as botas. Depois de horas de caminhada, o tornozelo machucado já não cabia mais no calçado de couro rígido. Pararam para descansar sob alguns salgueiros ao pôr do sol.

O córrego estava bastante próximo, mas acampar em suas margens seria convidar os crocodilos para jantar. Era um afluente sem nome do rio Hétoris, que junto com seu gêmeo Sekhtis irrigavam a Solúmbria. Ambos nasciam no coração do país, mas enquanto Sekhtis dardejava para a Costa Perdida no sul, Hétoris era preguiçoso e indolente, rumando vagarosamente para o norte, se espalhando em vários ramos, transbordando para além das margens e inundando os charcos. Então, subitamente mudando de ideia, corria em curvas sinuosas para o oeste, até o Vale Chamuscado e além. Não podiam ser mais diferentes, aqueles cursos d'água, mas a tradição oral atestava sua consanguinidade. Irmãos gêmeos, portanto. Fraternos, sem dúvida.

Sev e o irmão eram como Hétoris e Sekhtis. Morsov sempre fora mais afiado na busca de seus objetivos, sacrificando tudo em favor de sua pesquisa e estudos. Sev preferiu levar uma vida de hedonismo, de golpe em golpe, roubo em roubo, mais pelo prazer do desafio do que pelo ganho material, e de vez em quando abocanhava mais do que podia, como agora. No fim, ambos os irmãos correram para o mesmo oceano. Eram proscritos e condenados, ainda que por crimes muito diferentes.

Moira acendia um fogo mínimo enquanto Morsov trabalhava novamente no cadáver de carniçal que abrigava o velho Istvan. Estivera tão preocupado em encontrar os reagentes corretos que nem percebeu que estavam sendo vigiados. Sekhtis corria numa única direção, afinal. A garota selvagem também não tinha percebido, mesmo sendo tão atenta. Ela não comera ou bebera o dia todo, acostumada ao rigor da Terra Arrasada. Era teimosa, mas pelo menos não ia atrasá-los.

O pôr do sol veio e se foi, sorrateiro. Sev forçou os olhos para vigiar durante a noite. Ao longo do dia, notara os sinais. Pilhas de galhos cuidadosamente dispostas, crânios de pássaro dentro de poças nas trilhas de lama. Pedrinhas redondas e esbranquiçadas junto às raízes maiores. Os carniçais deixavam as pequenas mensagens das bruxas para quem soubesse lê-las: “você caminha em nosso território”; “essa trilha leva à morte”; “permitiremos que sigam por aqui”.

Sev não vira nenhum carniçal sob o sol. Eles não atacavam de dia, a não ser que fosse uma ordem direta de suas mestras ou que estivessem em número muito superior. Eram carniceiros, afinal. Para que se arriscar contra um bando de vivos armados quando os mortos eram presa tão mais fácil?

À noite as coisas eram diferentes. Eles teriam a vantagem de enxergar na escuridão, e os intrusos cedo ou tarde cairiam no sono. Sev ficou com o primeiro turno de guarda. Morsov vigiaria a seguir, usando a manifestação do ossuário — capaz de comandar matéria morta para defendê-los de um possível ataque. Moira ficaria com a última vigília. Istvan não dormia, por assim dizer, mas sua percepção seria muito reduzida enquanto Morsov descansasse.

Aquele era outro problema. Morsov era um necromante. Não havia ninguém que as bruxas odiassem mais. Alguma rixa ancestral entre a necromancia e a bruxaria remontava desde a Devastação e a peregrinação que fundara a Solúmbria. Para piorar, Morsov reanimara um cadáver de carniçal para abrigar um fantasma humano. Uma ofensa daquelas não passaria despercebida. O pacto de Lunarrubra cobraria um preço alto por sua passagem, se é que aceitariam uma nova barganha após a morte de Rictor.

Sev estava certo de que as bruxas dariam as caras, era só uma questão de tempo. Se conseguissem chegar ao riacho sem impedimentos pela manhã, teriam que decidir por onde prosseguir. Moira aproveitaria a oportunidade para procurar a irmã perdida, e Sev ficou tentado a deixá-la. Mas talvez fosse melhor acabar de vez com as falsas esperanças. Afinal, se uma pequena selvagem dos clãs se embrenhara tão fundo nos pântanos da Solúmbria, alguma coisa já a encontrara. Só restava torcer para que tivessem sido apenas os crocodilos.



Moira acordou antes do nascer do sol. Morsov jazia imóvel, enrolado numa capa grossa. Se estava dormindo ou em transe, era difícil dizer. Istvan não estava com ele.

A umidade tinha feito um estrago em suas roupas, e seu manto de peles mais parecia a pelagem de um animal afogado. Se conseguissem alcançar o tal príncipe mercador, teria de negociar por roupas novas e talvez uma navalha para cortar os cabelos, cujas pontas já se enredavam em nós. Vermelho sobre negro numa confusão selvagem.

Ouviu um movimento atrás de si. Virou-se rapidamente, erguendo a alabarda que dormira a seu lado. Quase gritou ao ver a silhueta esguia e animalesca que rastejava em sua direção. No lusco-fusco da madrugada, as cores do manto esfarrapado de Istvan perdiam a força e ele se tornava apenas um carniçal mascarado. Moira refreou uma estocada no último segundo.

— Desculpe, pensei que fosse uma emboscada.

O morto nada disse. As feições entalhadas na madeira eram solenes, estilizadas com padrões espiralados. Moira sentiu-se estranha. Para ela, a ideia de mortos

caminhando entre os vivos sempre fora uma abominação, mas desde que seu caminho se cruzara com os de Sev e Morsov na Solúmbria, tinha aprendido um pouco sobre necromancia. Se aquele cadáver abrigava um espírito, não deveria tratá-lo com o mesmo respeito com que se trata uma pessoa viva?

— Obrigada por me ajudar lá na mansão. Vendris teria nos matado se não fosse por você.

Istvan permaneceu imóvel, os braços pendendo dos lados do corpo, balançando suavemente como galhos ao vento.

— Quero dizer... Você está aqui por seus sobrinhos, não tinha que me defender, mas defendeu mesmo assim. Obrigada.

Istvan ergueu-se e passou por ela. Ficou imóvel novamente, ao lado de Morsov. Moira sentiu-se estúpida por conversar com um cadáver. Reanimados ou não, mortos não falavam.

Mas as sombras em sua espada falavam. Na verdade, gritavam. Seriam aquelas súplicas desesperadas por vingança e berros de ódio apenas ecos de uma memória horrível demais para se apagar completamente? Talvez elas sequer falassem, e a mente de Moira somente interpretasse os guinchos hediondos como lamentos e gritos porque era assim que ela se sentia. Havia tanto que Moira não sabia sobre o mundo além da Terra Arrasada. Tanta coisa era negada aos Povo das Cinzas. Algum dia ela corrigiria aquilo.

Os primeiros pássaros canoros começavam a acordar. Se os animais faziam barulho, não havia predador por perto, então Moira decidiu reconhecer o terreno adiante. Talvez pudesse chegar ao riacho e retornar antes que os outros acordassem. Precisava muito de um banho.

Alcançou um trecho de rio ladeado por freixos e salgueiros. Notou algumas rochas estranhas pelo caminho, que não pareciam naturais. Alertaria Sev quando retornasse. Não se despiu totalmente, mas removeu o suficiente para lavar os membros e parte das costas. A alabarda permanecia firme na mão direita. Depois de se certificar que não havia nada sob as águas, mergulhou brevemente os cabelos. Quando ergueu a cabeça, não estava mais sozinha. Da margem oposta, em meio aos troncos de freixo, uma mulher a observava.

Moira ergueu a alabarda, pondo a pesada ponta de aço entre ela e a recém-chegada. Era alta, suas formas femininas acentuadas. Moira via o movimento de sua respiração, o peito subindo e descendo tranquilamente. Tentou falar, perguntar o que diabos aquela mulher fazia ali, ameaçá-la. A voz ficou presa em sua garganta. A força abandonou seus braços e teve que baixar a arma. A mulher mantinha o olhar sobre ela.

Sua pele era escura como o tronco das árvores, manchada em padrões semelhantes à madeira. Moira virou-se nervosamente para a margem oposta para

escapar do olhar da estranha. Sua espada repousava sobre as roupas que tirara, dobradas sobre uma pedra esverdeada pelo musgo. Moira cambaleou até ela. Achou que podia sentir sua vibração, o som das sombras agrilhoadas ao metal retorcido. Antes que pusesse os dois pés para fora d'água, a mulher surgiu por entre as árvores daquele lado do rio.

Quando criança, na Terra Arrasada, Moira tivera uma febre violenta. Muitos diziam ser o primeiro teste do Deus das Cinzas, a fervura do sangue para testar a resistência de sua criação. Lembrava-se das dores que sentira naquela época, como se os músculos estivessem todos sendo levados à exaustão apenas para se manter de pé. Sentiu as mesmas dores quando a mulher se aproximou, os olhos escuros fixos nos seus. Deu tudo de si para retribuir o olhar. Seus gélidos olhos azuis queriam apenas fechar-se, descansar no vazio. Mas Moira encarou-a de volta. Mesmo com cada fibra de seu corpo tomada pela fraqueza, ela retribuiu o olhar.

Ela era linda. Vendris pareceria uma garotinha desengonçada a seu lado. Tinha um ar selvagem, mas também uma nobreza primeva que Moira jamais vira. Não vestia nada além de folhas de matizes variados, do verde ao marrom. Seus cabelos pareciam vinhas entrelaçadas, e em sua testa um diadema de metal rústico, trabalhado em forma de lua crescente, denunciava sua origem. Lá estava uma das bruxas do pacto de Lunarrubra, e Moira era impotente para fazer qualquer coisa além de encará-la. A bruxa farejou o ar, sorvendo-o longamente.

— Seu cheiro é curioso, criança humana. É quase o cheiro certo, mas não ainda. Você já teve a marca do sangue?

A garganta de Moira estava inchada e seca. Seria um grande esforço proferir uma única palavra, e diante da pergunta invasiva, preferiu permanecer calada. A bruxa farejou novamente.

— Oh, sim. O cheiro do seu sangue é diferente, mas em sua pele há o cheiro correto. Veio até nós para juntar-se ao pacto?

Com a cabeça latejando de dor, Moira tentou responder. Pôde apenas mover os olhos de um lado para o outro.

— Não — respondeu a bruxa à própria pergunta. — Veio conspurcar nosso território com seus companheiros humanos. Por que se deixa dominar por homens sujos, criança humana?

— Minha irmã. — A voz de Moira saiu rouca e dolorosa. — Preciso... Encontrá-la. A bruxa riu, os olhos brilhando com compreensão inescrutável.

— Sim! Somos todas irmãs aqui. Irmãs em sangue e em propósito. Mas seu sangue é fumaça e madeira queimada, embora a pele cheire a coisa selvagem. Cheiro certo, sangue errado. Posso permitir que viva, mas terá de pagar por cruzar nosso solo sagrado.

Moira rezou ao Deus das Cinzas, sentia medo.

— Nephris... Seu servo... Pagamos a ele.

O sorriso da bruxa deu lugar a uma careta rancorosa, que carregava uma ameaça inexplicável.

— Pagaram em traição e sangue. Um filho querido, tão obediente, perdido graças ao descuido e a incompetência de seus mestres.

Moira não tinha mestres, não obedecia nem a Jarisev, nem a Morsov, nem a ninguém. Mas não tinha forças para fazer a bruxa compreender.

— Ah, você se imagina livre? Dona de si? Então, criança humana, barganhe você mesma pela passagem.

A dor arrefeceu um pouco, o suficiente para afrouxar o nó em sua garganta e clarear seus pensamentos.

— Nós não lhe oferecemos nenhum mal. — Moira conseguiu falar, a voz baixa e roufenha. — Podemos compensá-la, se nos deixar atravessar os charcos.

A bruxa sorriu novamente, com dentes afiados.

— A barganha só se estende a você, criança humana. Você, que tem o cheiro correto e o sangue errado. Pelo aroma de sua pele, lhe permitirei atravessar o pântano, mas pela mácula de seu sangue, sangue lhe será cobrado. O sangue imundo de seus companheiros. Derrame o sangue dos irmãos e lhe daremos o que deseja. Passagem, liberdade, a vida devolvida a sua irmã.

A dor retornara e Moira mal conseguia ficar de pé, paralisada diante da bruxa. Ela prometia muito. Sentiu-se verdadeiramente tentada. Por Lydia, qualquer preço valeria a pena pagar.

Mas Sev e Morsov salvaram sua vida. Mantiveram-na a salvo dos decuriões em Akhenatos e lutaram lado a lado com ela quando Vendris os emboscou na mansão. Poderia realmente sacrificá-los a pedido de uma criatura como aquela?

— Sua resposta, criança humana — exigiu a bruxa. A dor crescia em Moira, como uma febre violenta. Podia sentir as convulsões chegando. — Você não tem muito tempo.

Tempo. Moira não tinha mais tempo. Não tinha mais lar.

Não tinha mais família. Mas ela teria sua irmã.

Sim. Traga minha irmã de volta. Quis dizer, mas a garganta estava travada. Os músculos exaustos. Sentia frio.

— Diga, criança. Aceita meu preço? — Os lábios carnudos da bruxa se abriram num sorriso amplo, revelando dentes de marfim afiado. A dor recuou lentamente, liberando a tensão nas cordas vocais de Moira. Tentou falar. Antes que abrisse a boca, algo se moveu por entre a vegetação. A bruxa desviou sua atenção de Moira, que caiu deitada na margem lamacenta. Os pés descalços da mulher de pele amadeirada tinham unhas negras e curvas como garras.

— Oh, você arrastou a sujeira das necrópoles até aqui?

Moira não compreendeu de início, mas sua cabeça pendeu para o lado e ela viu alguém parado diante da bruxa. Uma silhueta clara contra a escuridão de um céu noturno deserto de estrelas, com um único astro pálido para iluminar-lhe as feições.

Seria Sev ou Morsov? Parecia uma mistura dos dois. Um homem magro, de face ossuda. Os poucos cabelos que lhe restavam desciam ralos das laterais da cabeça até a altura dos ombros. Havia uma expressão carrancuda congelada em sua face. Sua voz dura se fez ouvir, mesmo que seus lábios não se movessem.

Deixe-a, bruxa. Eu protejo essa aí. Suas maldições não servem contra mim.

— Você negocia bem, criança humana. — A bruxa voltou-se novamente para Moira. — Guardou o seu trunfo para o final. Aceite outro preço, então. A minha marca em sua pele, para lembrá-la da misericórdia de Lunarrubra.

Dedos esguios e fortes agarraram-na abaixo do pescoço e a ergueram como se fosse um brinquedo quebrado. Moira sentiu as dores de febre recuarem de seus músculos como uma maré vazante e se concentrarem no ponto onde as garras da bruxa pressionavam, penetrando fundo. Tentou gritar, mas só conseguiu gemer de dor.

Quando a bruxa terminou, deixou-a cair novamente. Dessa vez, de joelhos. Moira levou a mão ao ponto onde as garras a tocaram. Havia um grande sinal negro na base de seu pescoço, do lado esquerdo. A dor desaparecera, a bruxa também. Olhou ao redor e viu apenas Istvan, de pé com sua máscara entalhada e seu manto multicolorido.

CAPÍTULO 13

Hakim passara a infância viajando. Visitara diversas nações ao lado de seu pai, o príncipe mercador Malik Ur-Hazred. Sua caravana cruzara o mundo comerciando produtos dos mais variados, do essencial ao exótico. Depois que deixara a caravana para peregrinar com Rasser e lutar por Var Khalad, Hakim viajara ainda mais, experimentando a vida na estrada sem os luxos que uma Grande Caravana podia proporcionar. Mas nenhuma de suas antigas viagens poderia superar essa.

Hakim singrava o céu noturno ao sabor dos ventos costeiros, flutuando como uma folha outonal. Olhando para baixo, via vilas, estradas, pastos e cidadelas. Algumas tochas ou fogueiras acesas revelavam pessoas acordadas àquela hora, acampando ou guardando vigília. Enxergando de longe toda a extensão do solo imperial, Hakim sentiu um amor renovado pelo povo khaladino e redobrou sua determinação em protegê-lo. Assim que pudesse, faria o mesmo através dos protetorados, para melhor entender seus habitantes, que ainda relutavam em aceitar a proteção imperial, mesmo com seus esforços para mantê-los a salvo dos horrores que ameaçavam a humanidade.

Hakim se retirara aos seus aposentos após o interrogatório de Zith, dispensando Garad e suas lições de taumaturgia. Deitou-se na cama e injetou mais uma dose de fleuma taumatúrgica nas veias. Concentrou-se no fluxo intermitente dos humores dentro de si, deixando a placidez mística da fleuma envolvê-lo, então direcionou sua percepção, como Garad instruíra. Queria projetar-se até Nagrath, a dias de cavalgada de Nuehem. Se os comentários de Garad sobre seu potencial taumatúrgico bruto tinham alguma verdade, seria possível. Afinal, Hakim era ou não herdeiro de um deus?

Surpreendeu-se ao ver o campo aberto sob o céu estrelado, que o iluminava mesmo através do embotamento dos sentidos de sua forma astral. O solo imperial era pedregoso e agreste, tanto nas falésias litorâneas quanto nas planícies do interior. Não era tão fértil e próspero como a terra de seus protetorados, mas havia uma beleza rústica naquele descampado árido, iluminado pelas estrelas.

Aquelas terras eram parte dos campos inférteis do leste. Dali, deveria rumar a sudoeste se quisesse chegar até o vale e sua represa. Mas como sua consciência desincorporada faria a travessia? Já que sua projeção astral manifestava com uma forma humana comum, decidiu usar as pernas. Dado o primeiro passo, caiu no vazio.

Era como se o solo duro tivesse dado lugar a areia movediça, tragando-o para baixo. A projeção fragilizou-se com o instante de pânico, mas Hakim recuperou o

controle. Nenhum mal poderia recair sobre ele, bastava retornar a seu corpo no instante em que se sentisse ameaçado. Concentrou-se em ficar de pé sobre o solo, e sua forma astral ascendeu suavemente. Por uns instantes, chegou a flutuar milímetros acima do chão.

Livre de limitações físicas, aquele corpo etéreo obedecia apenas ao foco e à vontade. Hakim mirou o céu. Desejou estar entre as estrelas, ascender até sua luz. Seu corpo astral atendeu ao comando e subiu. Lentamente, no início, mas ganhando velocidade à medida que se afastava do chão. Um sopro o atravessou e tirou-o do rumo. Não sentiu o esfriar da pele ou o esvoaçar dos cabelos, mas houve uma vibração, um pulso de força capaz de movê-lo. Só entendeu que se tratava do vento ao olhar para a vegetação esparsa do solo e perceber que ela se inclinava na mesma direção em que fora lançado.

Hakim abriu seus braços translúcidos como se quisesse planar, mesmo sabendo que o gesto de nada significaria, já que naquela forma era apenas um conjunto de sentidos atuando longe do corpo, e deixou a ventania carregá-lo. Quando o vento amainou, concentrou-se novamente em seu destino. Sua forma astral manteve o impulso do vento, mas aprumou o curso na direção desejada. Em poucos minutos, Hakim já singrava o ar com a destreza de um gavião.

Além dos sinais comuns de ocupação humana, notou os espíritos. Flutuavam a esmo, perdidos. Alguns pareciam rodeados de sombras, um contorno escuro delineando um buraco na própria existência. Esses eram mais conscientes de si mesmos, movendo-se com um senso de propósito.

Logo chegaria à represa e sua guarnição entre as colinas gentis do Vale de Nagrath. A região fora a primeira grande conquista do Antecessor após a fundação de Var Khalad, que anexara os morros férteis ao norte de Tanánn ao império. O rio Intrépido recortava a paisagem, curiosamente caudaloso naquela noite. Espíritos flutuavam no curso do rio, embora Hakim não compreendesse como a correnteza poderia movê-los. Talvez as águas os impelisses da mesma forma que o vento o carregava adiante.

De repente, o Intrépido deixou de ser um simples rio caudaloso e tornou-se uma torrente terrível, varrendo impiedosamente o interior. Suas margens mal o continham à medida que a água, com aspecto turvo e barrento, avançava. Hakim imprimiu ainda mais velocidade em seu voo, sem saber exatamente como. Sua própria sensação de urgência parecia guiá-lo, mas era tarde demais, a represa havia sido destruída, transformando o Vale de Nagrath em um lodaçal.

Flutuou sobre o forte que guardava a represa, uma construção circular baixa e robusta que abrigava o destacamento encarregado de proteger a região. A água tomara todo o entorno, transformando o forte numa ilha escura. Abençoadamente afastado do dilúvio, ficava o povoado que servia ao forte, cercado por uma paliçada

de madeira. Abrigava trabalhadores e engenheiros. Hakim sempre questionara a curiosa distância entre represa, vila e fortaleza, mas seu Antecessor assim projetara a ocupação do Vale de Nagrath. Diante da tragédia, era possível apreciar melhor a sabedoria do antigo Deus-Rei.

Da represa só restavam escombros, uns poucos fragmentos maiores despontando do lodaçal. O Intrépido seguia seu curso com vigor renovado, agora que não havia desvios e impedimentos. A represa ficava na entrada do vale e direcionava o fluxo do rio para um reservatório escavado na rocha. A água então irrigaria diversas fazendas nas cercanias através de um sistema de canais. Sem ela, o solo ressequido de Var Khalad não era capaz de produzir safras grandes o suficiente.

Um brilho intenso se destacava em meio à água lamacenta, Hakim aproximou-se com cautela até reconhecer a causa da estranha luz. Uma massa de espíritos agonizava em meio a escombros. Trajavam armaduras khaladinas e repetiam inutilmente movimentos defensivos, como se tentassem em vão assumir formação de batalha. Suas formas nebulosas estavam tão próximas umas das outras que mais pareciam uma nuvem fosforescente de gás do pântano. Seus lamentos reverberavam através de Hakim.

A luminosidade das pobres almas revelava uma forma pavorosa em meio à destruição: o que ao longe pareciam pedregulhos desprendidos da rocha lisa da represa eram, na verdade, negras espirais gêmeas. Havia uma concha titânica em meio ao lodaçal, na curiosa forma de espiral bifurcada. Hakim concentrou toda sua força de vontade para não dissipar a projeção em assombro quando uma lesma colossal rolou preguiçosamente para fora da concha, despejando muco nefasto enquanto rastejava. Em sua cama em Nuehem, o corpo imóvel de Hakim rilhava os dentes. Os espíritos guerreiros ignoravam seu estado etéreo e tencionavam travar um combate contra o colosso, Hakim admirou sua bravura imortal.

Zith dissera que a criatura dormia sob o leito do rio. Quantas mais poderiam estar escondidas por Var Khalad? Se outras regiões sofressem o mesmo destino que Nagrath, logo não haveria água nem alimento para sustentar o império. Os malditos abissais estavam finalmente conseguindo o que queriam. Hakim iria impedi-los a qualquer custo.

Flutuou com a brisa ao redor do horrendo molusco. Era maior até do que os gigantes pedregosos que os fortes costeiros estavam acostumados a enfrentar, tão grande quanto um castelo. Mesmo com sal e fogo taumátúrgico, seria uma batalha terrível. O casco espiralado era negro com veios roxos, e refletia a luz das estrelas. Hakim notou curiosas formações minerais ao redor do corpo mole da criatura, formas cristalizadas e escuras como ferro. Lembravam as armas e armaduras dos escamados que enfrentara em Nuehem.

— Observe o instrumento de nossa ascensão, filhote de deus.

A voz soou como se falasse na mente de Hakim. A cabeça ciclópica do caramujo projetava múltiplas antenas terminadas em esferas brilhantes. Talvez fossem olhos, mas não denotavam qualquer inteligência.

— A Alma do Rio não se ocupa de tratar com mortais, sejam eles parte deus ou não.

Hakim sentiu a vibração com mais clareza dessa vez, emanava de um ponto na casca do caramujo. Havia uma forma deslizando por entre as espirais ciclópicas. Estava escuro demais para discernir quem falava em meio ao negrume da concha incrustada de minério. Um súbito puxão arrebatou-o, como um vendaval repentino, na direção do interlocutor misterioso.

Era um abissal, sem dúvida, mas de uma espécie que jamais vira. Grande, com talvez três metros de altura, escamado como a maioria de seus irmãos, mas por entre as escamas azuladas formações de coral carmesim afloravam como uma profusão de tumores horrendos. Tinha quatro braços compridos e delgados que mantinha abertos, exibindo-se diante de Hakim. Deslizava sobre duas caudas serpentinadas recobertas por barbatanas. A cabeça era uma mandíbula brutal, com presas inferiores como navalhas projetadas para cima, e sua face era revestida do mesmo coral vermelho, que projetava pontas como uma coroa. Por trás do coral, três pares de olhos dourados o encaravam sem piscar.

— Por que perde tempo me observando, filhote de deus? Devia ocupar-se de vigiar seus próprios servos, antes que o encerrem em um sarcófago. — A voz da criatura atravessava a forma astral de Hakim como um miasma tóxico.

— Não sei quem você é, monstro — Hakim respondeu em desafio. — Mas acredite quando digo que lhe reservarei o maior requinte que a crueldade humana pode conceber.

A criatura emitiu um som gorgolejante que talvez fosse uma gargalhada.

— Você me conhece. Eu sou a maré inexorável de sua perdição, sou tudo aquilo que você é incapaz de se tornar. Um profeta fiel à verdadeira divindade. — O monstro estendeu seus braços a Hakim e o tocou. Agarrou-o. — Eu sou Gorazesh!

Mesmo em sua forma incorpórea, Hakim foi enredado pelos membros sinuosos da criatura, que o apertou com garras compridas. Sentiu uma dor lancinante, como se algo queimasse dentro de si. Tentou romper a projeção e retornar à segurança de seu corpo físico, mas estava preso.

Sua visão embaralhou-se e tudo se tornou negro, como se a própria realidade se desfizesse. Em vez do solo alagado havia um chão seco e cinzento de pedras e cascalho. O céu estrelado dera lugar ao negrume, com uma única estrela solitária como fonte de luz. O abissal monstruoso enviara sua consciência para uma terra morta e insólita. O aperto da besta se intensificou, impelindo-o mais adiante,

forçando-o na direção daquela dimensão caótica de cores e formas em profusão. Hakim gritou. No instante seguinte estava em Nagrath novamente, preso nas garras terríveis de Gorazesh.

— Eu devia destruí-lo agora. — Espuma marinha borbulhava de sua boca enquanto a besta se vangloriava. — Consumir sua mente ignorante e vingar todas as vidas contidas em Azgol Sudraszj, Mas então você não veria o que vou fazer com seu império. Voe, filhote de deus. Voe para longe!

Gorazesh desfez seu aperto e gorgolejou outra vez em escárnio. Hakim foi arrebatado novamente, visão perdida entre os véus da percepção. O negrume do céu se desfez em pontos coloridos que se expandiam e rodopiavam sobre si mesmos. Um perturbador balé de luzes dominou toda a extensão do firmamento, com Hakim como o único espectador do horrendo espetáculo.

Vermelhos e laranjas eclodiam em roxos e amarelos. Explosões verdes doentias se abriam em tons claros de rosa e lilás. Um conjunto de esferas marrons rodopiava ao seu redor, unidas por listras de um cinza incandescente. Hakim cruzava paragens inabitadas por mortais, sentia que estava cada vez mais próximo dos Céus Exteriores. Talvez naquele inferno multicolor ele finalmente conhecesse a verdadeira face do Deus-Rei, se não perdesse totalmente a sanidade diante do torvelinho de luzes doentias.

Até mesmo sua forma astral começava a se decompor em partes mais simples: braços e pernas seccionando-se em poliedros alongados, as falanges como pequenas esferas alinhadas em torno das mãos. Hakim observou o próprio torso fragmentar-se em cilindros ordenados de modo similar à ossatura de um tórax. Tentou gritar, mas não existia som naquela dimensão. De repente, um puxão.

Outra força o dragara das esferas exteriores, através das planícies escuras da morte, de volta a um lugar conhecido: Imrath. Sua projeção astral translúcida revertera à forma original. Os cabelos trançados, a túnica branca, nenhuma insígnia imperial ou símbolo de divindade. Assim Hakim sempre se vira, como um homem comum, apesar de suas aspirações ousadas e seu dever autoimposto. Tentou sentir seu corpo verdadeiro, a quilômetros de distância. Ainda havia um traço de fleuma taumatúrgica em suas veias, ajudando-o a manter a calma.

Flutuava entre as torres brancas e sobre e domos de ouro branco, descendo vagarosamente até a estranha atração pulsante. Surpreendeu-se ao atravessar uma cumeeira, seus instintos acostumados a ainda possuir massa sólida. Reconheceu a alcova na qual adentrara como os aposentos de Liriel. A arconte repousava em sua cama, parcialmente despida. Segurava um cálice cheio de uma bebida tinta que escorria por seus lábios. A seu lado repousava um jovem, parecendo exausto. Havia um estilete entre os lençóis e um corte fino correndo pelo braço estendido do rapaz.

Desceu ainda mais. Sacerdotes dormiam, estudavam ou rezavam. Guardas mantinham vigília. Atraído pelo empuxo, Hakim alcançou o salão principal, onde costumava discursar perante as massas e ouvir as súplicas de seu povo. A força que o atraía fluía através de sua forma translúcida como uma vibração ampla e constante, diferente da dor aguda e lancinante com a qual Gorazesh o lançara através dos véus. Vinha de algum lugar sob seus pés, chamando-o, impelindo sua forma astral, como fizera o vento. Vinha das grutas, das catacumbas imemoriais escondidas sob a cidade de ouro branco.

Atravessou o piso de mármore, livre de limitações físicas. Os túneis tinham uma aparência menos constritora quando se podia atravessar livremente suas paredes. Hakim observava os corredores enquanto descia. Havia a luz de tochas em alguns pontos. Alguém além dele se esgueirava pelas grutas. Reconheceu os baixos-relevos cuneiformes de certos corredores. O empuxo o carregava em direção aos restos mortais do Antecessor.

Sacerdotes de máscaras douradas rodeavam o sarcófago — quase vinte deles, em dois círculos concêntricos. Vestiam capuzes negros e dourados, inscritos com runas atroz. Havia duas formas deitadas sobre o enorme sarcófago de pedra. Hakim sentiu o ritmo da pulsação se alterar, projetando uma onda mais frenética, numa cadência ritmada. Era um cântico. Os sacerdotes estavam desempenhando algum ritual, talvez estivessem alimentando os órgãos inflados do Antecessor, para que continuassem a secretar humores taumatúrgicos. Mas um dos corpos sobre o sarcófago debatia-se em resistência desesperada. Ras tinha mentido sobre o processo. Não era o uso reverente de honrados falecidos, mas um assassinato ritual.

Hakim reconheceu as formas sobre o jazigo. Irmão Esperius, sempre régio e imponente, se contorcia contra as amarras. O nariz comprido fora quebrado e um filete de sangue manchava a barba branca. Sua boca aberta denunciava gritos de pavor e pedidos de clemência, mas a onda ritmada dos cânticos dos sacerdotes os eclipsavam. Ras acusara Esperius de heresia, e Hakim jamais teve razões para desconfiar do sumo sacerdote, seu amigo e mentor. Aquela execução, porém, em nada condizia com o esperado. Devia haver um julgamento antes de uma punição pública e veloz. O pior de tudo era o outro participante do bizarro ritual. Teria Ras conhecimento daquele culto maligno sob as catacumbas?

Ao lado do alto sacerdote capturado jazia um escamado em estado catatônico, coberto de sal. Pelo movimento vagaroso das guelras coloridas, estava vivo, mas em breve sufocaria. Aquilo não era uma execução por crimes contra o império, nem um ritual de sacrifício em nome de um bem maior. Era um culto profano e blasfemo, uma heresia maior que a de Esperius. Uma traição maior ainda à confiança de Hakim. Qual o propósito daquela loucura?

Hakim sentia-se atraído pelo estranho cântico que reverberava através dos véus da percepção. Seria ele próprio parte do ritual? Teria sido traído a tal ponto? Concentrou-se em um dos cultistas, reunindo toda sua vontade, tentando afastar a mística contemplação dos perscrutadores e inflamar sua cólera. Uma espada fantasmagórica emergiu de sua forma astral. Uma réplica perfeita de Fendetreva.

Não havia tempo para hesitar. Golpeou o cultista com uma estocada entre as omoplatas. Fendetreva atravessou o tórax do homem. Nada aconteceu.

Frustrado, Hakim procurou outra forma de agir, e a espada se desmaterializou tão subitamente quanto quando surgira. Os cultistas alteraram novamente o ritmo de suas entonações, e três dos que ocupavam o círculo interior sacaram adagas de lâmina sinuosa. Esperius já parecia sem forças para resistir, reduzido a uma pilha desesperada de lágrimas e soluços. Em seus lábios, Hakim lia pedidos agonizantes.

Teria ele em algum momento sido um herege? Ou apenas um opositor problemático aos interesses do culto? Aquele grupo seletivo de sacerdotes operara por anos em segredo, desde a morte do verdadeiro Deus-Rei. Rasser só soubera da existência do sarcófago após ser nomeado Sumo Pontífice. Talvez eles o tivessem manipulado a agir contra Esperius.

O escamado permanecia imóvel, seu corpo quase totalmente inerte. Hakim forçou-se a descer sobre a criatura. Poderia uma consciência divorciada do próprio corpo encontrar refúgio em outro corpo inconsciente? Sentiu uma estranha conexão com os membros do abissal, uma sensação úmida e gelada. Concentrou-se em mover uma das mãos palmadas do escamado.

O membro se moveu sem qualquer destreza, mas lançou-se em arco contra um dos sacerdotes. Hakim condensou toda sua vontade para erguer a criatura, forçá-la a lutar. Ainda havia um traço de consciência naquele corpo, um resquício que lutava desesperadamente contra a invasão externa. Hakim conseguiu tomar as rédeas por um instante e o escamado se ergueu, chutando a face mascarada de mais um dos homens enquanto usava as garras para lacerar o peito de um terceiro.

Um golpe pesado no crânio escamoso rendeu o abissal inconsciente outra vez, e Hakim sofreu uma sensação horrível de expulsão combinada com a dor do golpe. Em Nuehem, sangue escorreu pelo nariz de sua casca abandonada. O golpe viera do aparente líder do culto. Um homem corpulento, cuja máscara ostentava protuberâncias como chifres ou guelras nas laterais. Brandia uma maça repleta de rebites de ferro. Havia múltiplos anéis cravejados de pedras preciosas em seus dedos.

Hakim ainda sentia a dor da pancada quando as adagas baixaram, primeiro sobre Esperius, furando-lhe os olhos, o peito e duas vezes o abdome. Em seguida, os mesmos movimentos liquidaram o escamado. Sangue vermelho e negro verteu sobre o sarcófago. Os sacerdotes do círculo interno empurraram a tampa de

mármore enquanto o círculo exterior prosseguia com os cânticos. A abertura revelava uma escuridão sem fim. Não era um sarcófago. Era um fosso.

Dois cultistas trouxeram vasos cheios de líquido — humores taumátúrgicos. Enquanto isso, as adagas trabalhavam, abrindo talhos na carne para chegar aos órgãos, que foram banhados no conteúdo viscoso dos vasos. Até mesmo partes do cérebro foram extirpadas e embebidas em fleuma. Depois de consagrado com os fluidos divinos, cada órgão era atirado no fosso sob o sarcófago. Uma oferenda, mas a quem? Ao quê?

Sua consciência se apagou, adormecendo no vazio.

CAPÍTULO 14

A marca da bruxa era uma condenação. Seu portador estava sujeito a toda sorte de maldições lançadas pela impositora do sinal. Os relatos eram imprecisos quanto à natureza desses infortúnios, mas nada que vinha das bruxas era bom. Moira mal conseguiu dormir nos dias após o encontro às margens do rio, aguardando um destino tortuoso planejado pela assombrosa mulher com pele de casca de árvore e manto de folhas. Porém nenhuma dor excruciante ou maldição diabólica a fulminou. Pelo contrário, a viagem através dos charcos tornou-se mais fácil.

Como atestado do domínio de uma bruxa sobre sua presa, a marca em forma de mancha ou verruga decretava que ninguém mais poderia feri-la. Como resultado, nem Moira nem Sev detectaram carniçais à espreita. Talvez por isso a bruxa tivesse se referido à marca como um ato de misericórdia. Mas por que marcá-la apenas para garantir passagem segura?

Sem dúvida, estava aguardando o momento exato para se valer de sua vantagem sobre Moira. Ela ainda se lembrava do preço cobrado e da barganha ofertada. Morsov e Jarisev em troca de Lydia são e salva. A vida de dois irmãos para reunir duas irmãs.

Moira estava pronta para selar o pacto, mas Istvan interviria no último instante. Contra um espírito incorporado, as maldições da bruxa não fariam efeito. Ela não falou sobre a proposta. Como poderia? Estava a um passo de entregá-los. Se fosse oferecida a mesma barganha novamente, não sabia como reagiria. Quando estava presa pela maldição sufocante e deparada com a possibilidade de ver sua irmã novamente, a primeira reação de Moira foi de aceitar os termos da barganha.

Aquilo não a surpreendeu, pelo contrário, foi a sensação desagradável de traição que a deixou desconcertada. Imaginar o que poderia ter acontecido caso Istvan não a tivesse salvado das garras da bruxa trazia um gosto amargo à sua garganta, tanto pela deslealdade que quase cometera, quanto pela oportunidade perdida de ter Lydia novamente. Talvez fosse a hora de Moira encarar a verdade evidente. A bruxa fora bastante clara na escolha das palavras: “vida devolvida a sua irmã”. Só se pode devolver o que já foi tomado.

Alguma coisa dentro de Moira, talvez uma ligação profunda entre irmãs, ou uma relutância enlouquecida em aceitar sua solidão, gritava que a irmã caçula ainda vivia. Só tinha que procurar mais um pouco e a encontraria. As lágrimas borbulharam e subiram como um nó em sua garganta, ameaçando jorrar como uma fonte termal, em largos veios de tristeza. Mas algo impedia o choro: a emoção plantada em seu coração no dia em que sua família fora massacrada, o sentimento

cáustico que se avultava toda vez que pensava em tudo que perdera, tudo que lhe fora tirado. Aquele ódio que se manifestava como um desejo de vingança insaciável.

Se Lydia estava morta, como seus pais e seu bando, alguém pagaria. Dorrage e todo o clã Torgren, os homens com o estandarte do sol e todo o império de Var Khalad. Eles sofreriam tanto quanto Moira sofrera. Tinham que perder tudo.

— Ei, cuidado com essa alabarda — Sev alertou. — Se continuar apertando o cabo desse jeito ele vai quebrar. Já tentou brandir uma alabarda sem cabo? É péssimo para a coluna.

Moira fingiu um sorriso. Não conseguia esconder bem seus sentimentos. Os irmãos pareciam acreditar que seu comportamento alterado era aceitável, já que fora marcada por uma bruxa. Era compreensível que alguém que pode estrebuchar e morrer a qualquer momento fique um pouco perturbado. Eles não faziam ideia de que a aflição de Moira envolvia também as suas vidas.

— Estamos no caminho certo — disse o ladrão de túmulos. — As ruínas estão ficando mais evidentes.

— Ótimo — Moira retrucou. — Preciso acertar alguma coisa com essa alabarda ou vou acabar partindo-a de verdade.

Moira mostrara a Sev as estranhas formações rochosas despontando ocasionalmente na paisagem dos Charcos Setentrionais. Não eram obra da natureza, dissera o ladrão, mas resquícios de uma ruína anterior à Devastação. Quando os feiticeiros de Thelemos detonaram todo seu poder contra os exércitos que os sitiavam, o impacto não foi sentido apenas nos limites do que hoje era a Terra Arrasada, mas por toda Noltora. Os mares avançaram sobre a costa, fendas se abriram na terra e novas montanhas e vulcões emergiram. Não só a própria Thelemos fora destruída, mas todas as suas cidades-satélites implodiram subitamente.

As ruínas dessas cidades atraíam todo tipo de indesejáveis com seus segredos arcanos perdidos. As bruxas visitariam aquelas ruínas de tempos em tempos, e muito provavelmente seus carnicais estariam aninhados por lá, como cães de guarda. Sev alterou seu plano original quando descobriu a marca em Moira: se ela já estava marcada para morrer, em vez de esperar que a bruxa escolhesse o momento para agir, eles mesmos atacariam. Moira concordou inteiramente, pois lutar era a maneira dos clãs. Estava farta de se esconder, o Povo das Cinzas enfrentava seus problemas de frente.

— Nós ainda podemos esquecer essa ideia ridícula — disse Morsov, que não gostava nada do novo plano. — Se marcharmos com vontade logo estaremos fora dos pântanos. Duvido que essa marca tenha um alcance tão alto.

— Não podemos nos dar ao luxo de testar os limites dos poderes da bruxa — desdenhou Sev. — Não estamos conduzindo mais uma de suas pesquisas.

— Precisamos de você, Morsov — disse Moira. — Sem sua necromancia estaremos em desvantagem.

O necromante suspirou e aquiesceu, pondo a foice de obsidiana em riste. Os braços ósseos escondidos sob seu manto — as articulações reatadas após a briga na mansão Nephris — manuseavam habilmente um par de facas afiadas. Istvan ecoou Morsov, adotando uma postura feral e rastejando sobre os quatro membros com a graça assassina de um predador.

Por entre os juncos e salgueiros despontavam os vestígios das construções dos feiticeiros esquecidos. Lajes dilapidadas e lascas de pedra clara, marcadas com figuras que pareciam recentes demais para fazerem parte das construções originais. As bruxas e carniçais tomaram posse das ruínas, inscrevendo seus próprios sortilégios sobre os antigos blocos. Alguns pareciam ter sido cortados ou lixados de propósito para assumir novas formas angulosas.

— Temos que encontrar outro túnel — comandou Sev. — Os ninhos de carniçal são subterrâneos.

— Morsov, você poderia erguer alguns mortos para nós — Moira sugeriu, mal acreditando na própria naturalidade ao se referir à necromancia. — Com certeza há cadáveres enterrados por aqui.

— Não temos como carregá-lo, muito menos protegê-lo se ele usar o ossuário para animar um ou outro jacaré apodrecido — discordou Sev. — Precisamos de Morsov alerta.

O necromante concordou com o irmão. Moira não compreendeu bem o argumento.

— Você não pode fazê-los lutar como fez com os guardas de Nephris? Você até roubou o controle deles das mãos de Vendris!

— Aquilo foi diferente — Morsov respondeu. — Vendris era muito ardilosa. Depois de dar cabo dos guardas, agrilhoou seus espíritos aos próprios corpos e a seu báculo. Corpos habitados por espíritos podem ser controlados por amuletos especialmente preparados, como minha foice ou o báculo de Vendris, mas para animar a matéria morta ao nosso redor sem espíritos que eu possa convencer a nos ajudar, eu teria que entrar em ossuário.

— Você conjurou uma aparição sob a mansão — lembrou Moira —, ela não pode animar um corpo?

— Seria cruel obrigá-lo — explicou Morsov, como se falasse de um amigo. — Korvr repudia a ideia de habitar carne podre, prefere residir em uma arma.

A arte da necromancia era mais complicada do que parecia. Moira já sabia que para aprendê-la, o necromante precisava ter chegado ele mesmo perto de morrer —

ter caminhado naqueles ermos cinzentos da morte. Morsov falava em convencer as almas, mas também em obrigá-las a agir. Parecia que alguns necromantes se esforçavam para guiar os mortos, enquanto outros se contentavam em explorar o poder que forneciam.

— Deve haver algum espírito vagando pelo pântano, algum viajante perdido que acabou nas garras das bruxas. — Moira tinha uma pessoa especial em mente.

— Não aqui — respondeu Morsov, categórico. — Não nessas ruínas.

— O que elas têm de especial? Como pode ter certeza disso?

— Você pode ver com seus próprios olhos, Moira. Lembra-se de como se conectar às sombras presas em sua espada? Feche os olhos e concentre-se no lugar onde as viu pela primeira vez.

A terra dos mortos, os Ermos Cinzentos. Moira jamais conseguiria afastar a memória daquela vastidão sombria. Recordou-se de vagar a esmo sobre uma planície interminável e descolorida, na direção da luz bruxuleante da estrela moribunda. A espada vibrou sutilmente na bainha, as sombras pulsando dentro do aço imperfeito. Pareciam implorar para serem libertas novamente.

Moira resistiu ao apelo silencioso, fortalecendo a imagem dos Ermos em sua mente, ignorando o cheiro podre e a umidade desconfortável dos Charcos Setentrionais. Imaginou o som seco de cascalho esmagado sob seus pés e o vento gélido que permeava o negrume.

Quando abriu os olhos, estava lá. Podia ver Morsov também, e Istvan. Em vez da máscara ornamental que escondia o rosto do cadáver, o espírito exibia sua face humana, tão parecida com as feições dos sobrinhos. Não havia sinal do pântano. Nenhum salgueiro, cipreste ou rabo-de-gato crescia, mas as ruínas estavam lá. Na verdade, não estavam. Porque não eram ruínas.

As construções erguiam-se sobre o cascalho, desafiando a imensidão vazia daquele céu, refletindo o brilho da estrela solitária. Estruturas semelhantes à pirâmide branca no centro de Akhenatos, mas de formatos mais complexos, com torres e ameias se projetando em ângulos bizarros e confundindo a vista. As não-ruínas pareciam dispostas em um padrão circular, com um forte baixo e atarracado no centro, cheio de arestas e baixos-relevos geométricos. Quis se aproximar, mas Morsov pôs a mão em seu ombro e a terra dos mortos se esvaneceu, sua visão retornada ao mundo dos vivos.

— Nós não vamos lá. Não deste lado do véu — advertiu o necromante. — Mortos muito antigos são perigosos demais.

Moira ficava cada vez mais irritada. A cada passo que tentava dar em direção a uma resposta, mil novas perguntas surgiam como uma tempestade inesperada. Como ela podia ver os Ermos Cinzentos? Se as ruínas eram de um posto avançado

de feiticeiros antigos, a cidade morta abrigaria os espíritos de seus antigos moradores?

— Enxergar além do mundo dos vivos é uma manifestação necromântica simples — ensinou Morsov. — Chamamos isso de “vestir o capuz”. Sua triste experiência com a morte deu-lhe o talento natural para a coisa.

— E então, Morsi? Não acha que chega de aulas de necromancia por hoje? — Sev perguntou, irritado. Ele não era capaz de enxergar os Ermos. — Vamos tratar de achar o ninho para que eu possa atrair os malditos para fora.

— Nós já achamos, Sev — respondeu Morsov. — Moira, pode apontar para esse velho rabugento a direção que eu lhe disse para não seguir?



O ar era seco ali embaixo, mesmo sob o charco. Sev estava acostumado a coisas que não faziam sentido, aprendera cedo a reconhecer o valor do absurdo. Se um buraco escavado na lama não é um pesadelo molhado e pegajoso, mas uma passagem seca e estável, devia haver um bom motivo. Um motivo valioso. O mesmo servia para mortos que andam e bruxas que poupam jovens órfãs com mechas ruivas no cabelo. Quando algo não pode ser explicado facilmente, ganha importância, mesmo que seja apenas pelo valor intrínseco dos segredos.

Sev mantinha sua lamparina coberta com um pano, deixando a luz sair em pequenos intervalos, como um prisioneiro perigoso, e guiava-se pela memória dos instantes luminosos. O tornozelo protestava, mas a dor de coluna eclipsava todos os outros pequenos incômodos. Viajar a pé é um dos primeiros prazeres que a idade rouba dos homens.

As paredes eram de pedra e havia inscrições angulosas por toda parte, como os símbolos que já vira em um dos livros de Morsov. Manter a luz oculta era crucial para se infiltrar num ninho de carniçais. Os malditos podiam enxergar muito bem no escuro, e mantinham seus esconderijos no breu. O brilho poderia cegá-los na hora certa, mas se Sev apenas deixasse a lamparina clarear tudo, seria um alvo fácil.

O ar era pesado também. Não o peso da poeira e do mofo, comum em lugares fechados e abandonados. Era mais denso que o ar de fora. Respirá-lo era desagradável e fez Sev sentir-se desorientado. Já havia passado por aquele trecho? Os triângulos entrelaçados entalhados na parede pareciam familiares, mas o comprimento de seus lados era diferente do último padrão. Talvez depois da próxima curva. Quantas vezes virara à esquerda? Cinco? Quando ele tinha trocado a mão que segurava a lamparina? Tropeçou. Sua coluna estalou.

Degraus? Não, um pedestal elevado. Um altar. Sons no escuro. Passos se aproximando rapidamente. Focinhos farejando, ganidos, unhas longas clicando

contra o chão duro. Um rosnado que queria se tornar um grito. Sev jogou a lamparina contra o chão. O óleo derramou-se sobre a cobertura de pano e a chama surgiu com força repentina. Duas dúzias de olhos refletiram o brilho à sua frente. Os carniçais guincharam de surpresa e raiva. Hora de confiar nos joelhos e na memória de um velho. Hora de correr no escuro.

Cinco vezes para a esquerda? Não, quatro. Uma curva à direita no meio do percurso. Sev amaldiçoou sua espinha preguiçosa que insistia em parar para descansar. Se tropeçasse de novo, caso se inclinasse um centímetro além de sua capacidade, ia estacar. Músculos e vértebras travariam como um mecanismo defeituoso. O fogo deu-lhe segundos de vantagem, mas os carniçais corriam sobre quatro membros, como feras. Eles riam e uivavam enquanto o perseguiam, sabiam que era questão de tempo até alcançar sua presa. Era melhor que Moira estivesse pronta do lado de fora.



— A espada! Diabos, a espada!

O grito de Sev ecoou para fora da passagem. A fortaleza compacta que Moira vira nos Ermos Cinzentos fora reduzida a um pátio desgastado numa parte elevada do charco, no centro do qual um lance de escadas oculto levava direto ao ninho dos carniçais. Sev lançou-se para fora com um salto apavorado. Os carniçais vieram logo atrás, jorrando para a luz do dia como insetos abandonando a toca. Moira pôs-se entre eles e agarrou o cabo de sua espada. As sombras se manifestaram assim que o primeiro centímetro de aço deixou a bainha. A lâmina pulsava com ira acumulada.

Moira se viu novamente nos Ermos Cinzentos, encarando o amálgama de espíritos atormentados. Ainda não sabia como ajudá-los, mas não poderia fazer nada por eles se morresse nas mãos das bruxas, então usaria seu sofrimento como arma. Em meio ao torvelinho de fumaça escura que compunha a massa de sombras, Moira enxergou mais rostos conhecidos.

Mesmo carbonizadas, Sigrin e Vyra eram inseparáveis. Antes, duas belas jovens que faziam troça de Moira por seu tamanho e rudeza, agora pobres criaturas deformadas pelas chamas, que só se lembravam do ódio que sentiram da cavalaria Torgren e do horror das chamas do Império do Sol.

Liberte-nos.

Deixe-nos queimar até o fim.

Deixe-nos queimar na mesma pira de nossos algozes.

Moira não podia atender aos pedidos, mas podia dar vazão temporária àquela ira.

— Saíam mais uma vez, mostrem sua dor a esses malditos!

Retirou a lâmina retorcida e alquebrada da bainha de couro, percorrendo cada imperfeição do aço com os dedos. As sombras aceitaram o comando. Os lamentos mesclados aos gritos já soavam familiares. Moira sentiu nela mesma a necessidade de gritar, a dor de um povo brutalmente assassinado queimando-a, uma chama fantasma subindo por seu braço até o coração.

Os carniçais ganiam e esperneavam ao seu redor. Não portavam armas ou armaduras, vestindo trapos esfarrapados adornados com ossos humanos. Sev também estava no chão, apertando o estranho chapéu de abas largas contra a face e sufocando um grito desesperado. O lamento das sombras parecia sempre afetá-lo, ao contrário do irmão, que podia recorrer à necromancia para resistir ao pânico sobrenatural provocado por elas.

Morsov e Istvan emergiram dos arbustos para surpreender os carniçais. A foice e as garras fizeram dos monstros aterrorizados presa fácil. Moira embainhou a lâmina e sacou a alabarda. Começou a trabalhar nos inimigos caídos. Eram muitos, mas ela foi rápida com os golpes, desferindo estocadas breves contra os monstros indefesos. Quando o horror das sombras inquietas arrefeceu e os primeiros carniçais começaram a levantar, Morsov já estava sobre eles com golpes de obsidiana. Istvan circundava Sev para protegê-lo. O ladrão de túmulos parecia preso em um pesadelo.

Nem todos os carniçais haviam seguido Sev para fora do túnel. A abertura não era grande o bastante para a horda aninhada nos subterrâneos saltar toda de uma vez sobre o invasor. Os monstros restantes observavam Moira com assombro, aglomerados na escuridão, seus olhos grandes rebrilhando contra a luz intensa do dia. Quando havia um banquete para ser devorado ou um único homem para perseguir, era fácil esquecer dos raios solares, mas agora, com inimigos capazes de derrubar seus irmãos, as criaturas hesitavam.

Moira aproveitou a oportunidade. Um inimigo amedrontado era um inimigo derrotado. Brandiu a alabarda e avançou escada abaixo, um brado guerreiro em sua garganta. Ela era uma lutadora de nascença, com a altura e força do Povo das Cinzas. Seus cabelos como brasas, desgrenhados pelo combate, a faziam parecer ainda mais feroz. As desprezíveis criaturas ganiam enquanto recuavam pela passagem subterrânea. Morsov gritou alguma coisa, mas Moira não podia ouvir, não queria. Seus ouvidos estavam cheios com seu próprio grito de guerra, o lamento do inimigo e o som esmagador de aço contra carne nua. Moira só ouvia a canção da matança.

A alabarda esmagava mais do que cortava ou perfurava, o peso da lâmina atravessava a carne e estilhaçava os ossos. Derrubou meia dúzia de carniçais, os mais lentos ou menos afortunados. Os corredores eram escuros, mas a quantidade

de inimigos fazia com que cada golpe acertasse alguma coisa. O piso era nivelado e firme, ajudava-a a correr sem tropeçar.

Não demorou até que a escuridão a envolvesse por completo. As trevas tinham um jeito próprio de amainar a ira de batalha de um guerreiro. Trouxeram consigo um breve silêncio, os ganidos e os gritos deram lugar ao som de pés coriáceos contra a pedra lisa e depois ao vazio. Mas a quietude foi breve. Acostumados ao breu subterrâneo, os carniçais logo reencontraram suas garras. O som de pés chatos avançou na direção de Moira, que mantinha a alabarda em posição de defesa, cruzada diante do peito. Não eram ganidos agora, mas rosnados e risinhos de escárnio.

Um clarão explodiu, acompanhado de um bramido grave e assustador. Uma voz vinda do além, mas diferente dos gritos desesperados e odiosos das sombras. O som tinha intenção e propósito, um grito de guerra. A luz era intensa apenas por contraste com a escuridão dos corredores sob as ruínas, pois tinha a mesma aura mortíça comum aos espíritos. Ainda assim, lhe revelou a posição dos atacantes. Uma garra sorrateira arranhou-lhe o antebraço, mas Moira revidou com uma pancada do cabo da alabarda. Emendou um contra-ataque, projetando a lâmina pesada em semicírculo à frente, cortando os carniçais mais audaciosos.

A emanção luminosa passou por Moira como uma brisa gelada, confirmando suas suspeitas. Morsov lançara uma aparição fantasmagórica contra os carniçais para auxiliá-la. O espírito vestia a mortalha esfarrapada comum à sua espécie, mas usava um elmo com chifres de carneiro e portava machado e escudo espectrais. Talvez tivesse sido um guerreiro dos Hemvald ou um Torgren imundo. A aparição berrava em desafio, que se puseram novamente em fuga amedrontada.

— Vou sentir falta de Korvr — disse Morsov, surgindo pela outra ponta da passagem subterrânea com a última das lamparinas da mansão. — Mas acho que ele encontrará a paz agora, depois de finalmente salvar uma vida.

Jarisev veio logo atrás do irmão, Istvan a seu lado.

— Apressem o passo, tem mais carniçais lá em cima!

Os quatro correram túnel adentro, guiados pela única lamparina e a memória de Sev. Ele encontrara algo importante naqueles corredores empoeirados.

— Por aqui — disse o ladrão de túmulos. — Esses ninhos sempre têm mais de uma saída. Acho que as marcas nas paredes dizem o caminho.

Moira deixou-se guiar por Jarisev, parou de contar quantas curvas e esquinas os túneis faziam. Aclives e declives intercalavam-se em intervalos irregulares, o ar ficava cada vez mais pesado. Os sons dos carniçais em seu encalço aumentavam gradualmente.

Sev parou. Moira quase esbarrou nas costas magricelas do ladrão. Morsov tropeçou. Só não caiu, pois Istvan puxou-o pelo capuz. O movimento súbito do

morto-vivo nunca deixava de assustar.

— Aqui — disse Sev. — Nosso caminho para fora.

Alcançaram um salão cavernoso. A imensidão do lugar não fazia sentido. Os túneis não os levavam tão abaixo, e o teto da caverna era tão alto que parte dela teria que ser visível na superfície. Moira e Sev haviam vasculhado os arredores das ruínas e não viram nada que sugerisse uma estrutura como aquela.

No centro do salão erguiam-se lajes de pedra escura, dispostas num padrão circular. Havia sido cortadas e polidas recentemente, e as mesmas runas estranhas das paredes cobriam sua superfície.

— Essa é uma amostra de nosso poder, pequena Moira. — A voz ecoou, vinda de nenhum lugar em especial. — Podemos levá-la de volta à Terra Arrasada, de volta à Lydia, se me entregar os irmãos.

Sev puxou duas facas de caça de seu cinto, procurando a dona da voz. Morsov brandiu sua foice. Istvan assumiu uma postura feral novamente. Moira apanhou a lamparina e estendeu-a contra a escuridão.

Carniçais se aproximavam de todas as direções, alguns até mesmo escalavam as paredes cavernosas do salão. A bruxa surgiu entre as criaturas, flanqueada por dois carniçais maiores, com músculos saltados, protuberantes como tumores, ambos armados com clavas rústicas de osso polido.

Seu caminhar confiante e gracioso gelava a espinha de Moira. Ela os tinha onde queria. Sentiu a marca em seu pescoço latejar de dor, a carne ao redor sofrendo espasmos e câibras. Uma dormência tomou conta de seus músculos e sua lamparina caiu, mantendo-se abençoadamente acesa.

— Você provou minha misericórdia e minha paciência, criança humana. — Um sorriso de marfim afiado marcava as palavras da bruxa. — Agora é hora de cumprir sua parte da barganha.

— Não deixe que ela meta medo em você, Moira! — Sev gritou, de costas para Morsov enquanto os carniçais cercavam-nos. — Ela te marcou e nem assim conseguiu o que queria!

Os carniçais no salão riram. Uma cacofonia de escárnio contra as palavras de Sev. Moira não sabia por que a bruxa queria tanto que ela lhe “entregasse” os irmãos, como se já não os tivesse encurralados, como se precisasse de permissão. Na outra noite, surpreendida no rio, Moira teria cedido à bruxa. A promessa de rever sua irmã era doce demais para negar. Mas naquela estranha caverna Moira duvidava das palavras da mulher com pele de madeira e dentes afiados. Se seu poder era tão vasto, por que ainda não ceifara as vidas que tanto desejava?

— As vidas deles não são minhas para dar. — Moira tentou soar imponente, mas a dor em seus músculos contraía sua garganta enfraquecia sua voz. — Jogue os

carniçais contra nós e tome seu prêmio pela força, bruxa. Veja quantas vidas imundas deles pagam pelas nossas.

O sorriso da bruxa não cedeu.

— Sua vida já é minha, criança humana. — As câibras de Moira tensionaram em um único puxão excruciante, para pontuar a afirmação. — Mas há algo em você que merece viver, por isso ofereço-lhe a vida de volta em troca das vidas deles. Se não aceitar minha proposta, posso descartá-la e tomá-los por outros meios.

Foi a vez de Moira sorrir, apesar da dor e da febre que ardia.

— Se pudesse me matar, teria feito isso no rio, em meio aos juncos. Você me marcou, mas o pacto marcou você. — Moira acenou com esforço para a lua crescente sobre a testa da bruxa. — Lunarrubra não permitiu que nos matasse.

Aquilo finalmente surtiu algum efeito sobre a mulher. O sorriso deu lugar a uma expressão de desprezo. Moira sentiu as dores de mil febres ameaçando cozinhá-la por dentro. Mas era filha das cinzas, ela própria era uma brasa ardente. Não queimaria daquela forma. Sufocou um grito e forçou-se a encarar a bruxa novamente.

— Você se esqueceu dos mortos, maldita.

Da multidão que os cercava, um carniçal saltou sobre a bruxa. Um carniçal mascarado, vestido em trapos coloridos. Um morto-vivo, imune à bruxaria que lidava com doença e dor. Com golpes silenciosos ele feriu a bruxa, aproveitando o descuido de seus protetores. Sev e Morsov atacaram, um defendendo a retaguarda do outro. Moira sentiu a febre baixar quase instantaneamente e sacou a espada deixada por seu pai, mas sua mão encontrou apenas o vazio onde devia estar o espigão metálico do cabo.

Clavas de osso colidiram em cheio contra o peito de Istvan, esmagando suas costelas, derrubando-o. Algo puxou a capa de peles de Moira, que também caiu. Os carniçais apertaram o cerco contra os irmãos, ameaçando com mordidas e rosnados caninos. A bruxa gargalhou.

— Como pode pensar que é algo além de uma criança? — Ela ergueu uma mão, exibindo o cinturão de Moira, com a bainha oleada que abrigava a espada curta. — Seu brinquete de necromante nunca foi uma ameaça. Vamos, ajoelhe-se!

A dor e a febre retornaram com intensidade redobrada. Moira lutou para manter-se consciente. Não ousaria desmaiar agora. Resistiria até o fim. Tentou levantar, mas caiu para frente, o joelho dobrado, acatando a ordem da bruxa.

Faça a dor parar!

Era uma súplica. Moira estava implorando? Não, aquelas vozes não eram suas.

Liberte-nos!

Jarisev? Morsov? A bruxa tinha pegado os irmãos com sua maldição?

Deixe-nos queimar!

Seu bando. Como não reconhecera as vozes? As sombras na espada falavam com ela. À beira da morte, ela não precisava mais tocar o metal para senti-los.

Deixe-nos arder na pira de nossos algozes! Liberte-nos!

Moira não tinha a espada consigo, a bruxa a tomara. Não podia liberá-los nem por um instante. Silenciosamente, pediu perdão às sombras.

Então arda conosco. Elas responderam. Arderemos através de ti, irmã.

Moira ardeu.

E o mundo arderia junto.

A estranha vibração que Moira sentia ao tocar a espada tomou conta de seu corpo. A chama fantasma que subia pelo seu braço quando as sombras eclodiam furiosas do aço tomou-a por inteiro. A tortura infligida pela marca da bruxa continuava a machucá-la, mas as chamas invisíveis, o fogo que queimara seus familiares, doía mais.

Moira gritou, e os gritos das sombras inquietas encheram o salão cavernoso. Elas estavam dentro dela agora, fazendo-a sentir o que sentiam. Havia dor, tristeza e confusão. E havia uma raiva incontrolável. O Povo das Cinzas era um povo guerreiro, que na morte não se entregava ao desespero. Moira se levantou, apesar da dor, por causa da dor. E todos os Brunehald se ergueram com ela. As sombras usariam seu corpo para exercer sua retribuição. A alabarda em suas mãos parecia não ter peso algum, sua força multiplicada pelos espíritos enfurecidos.

— O que é isso? — A bruxa finalmente fora surpreendida. — A minha marca está sobre você! Ajoelhe-se, ou pereça!

O comando não surtiu qualquer efeito. O calor das chamas invisíveis era lancinante, mas, ao mesmo tempo, a enchia de energia. Fumaça negra exalava de sua respiração em sopros curtos. Seus pulmões eram uma fornalha. Moira lançou-se sobre a bruxa. Ela seria a primeira a pagar.

Os carniçais maiores investiram contra Moira, mas os demais debandaram de medo. Moira não sentia os golpes ou as garras, só a dor do fogo. Manejou a alabarda com a lâmina mais próxima de si e perfurou o abdome do carniçal à sua frente. Manteve a força da estocada e torceu a lâmina para revirar as tripas do inimigo. Ele escancarou as mandíbulas caninas, mas ela não podia ouvir seus gritos. Quando se voltou na direção do segundo atacante, percebeu que ele já havia

golpeado suas costelas. Moira brandiu sua alabarda como um machado, golpeando ferozmente o pescoço do carniçal, um corte limpo, que separou a cabeça do resto do corpo.

— Maldita seja! — praguejou a bruxa, desesperada, agora que seus lacaios debandavam ou eram chacinados. — Você se entregou aos mortos. Sentenciou-se ao sofrimento eterno!

Se aquelas palavras tinham verdade ou não, Moira não se importava. Já conhecia o sofrimento. Sofreria ainda mais se fosse o preço a pagar para ver aquela expressão de horror abjeto na face da bruxa. Quando fulminou o último carniçal, Moira se desfez da alabarda. Agarrou o pescoço da bruxa com as mãos nuas. Para seu crédito, a maldita não tentou fugir, defendendo-se com garras tão afiadas quanto as de seus lacaios. Mas a lâmina que Moira forjara dentro de si cortava mais que o aço.

A lâmina se chamava vingança.

CAPÍTULO 15

Desde que assumira o manto de Deus-Rei, Hakim sempre cavalgou à frente de seus homens. Fosse uma comitiva diplomática, fosse uma tropa de cavalaria, o Deus-Rei seguia em posição de liderança. Pela primeira vez, teve de romper essa tradição. Recolhido à privacidade de uma carruagem imperial, não tinha forças para fazer pouco mais que falar, graças ao longo período que sua consciência passara longe do corpo.

A taumaturgia era alimentada pelos humores místicos do Deus-Rei, destilados a partir de seus órgãos vitais preservados, e a viagem astral de Hakim drenara muito de sua fleuma, humor ligado à mente e à água. Quando Gorazesh lançou sua forma astral naquele negrume infinito, a morada dos mortos, a fleuma taumatúrgica em seu corpo esvaiu-se e a magia passou a drenar seus próprios humores como combustível substituto. Garad encontrou Hakim ainda inconsciente em seus aposentos, convulsionando pela falta de líquido.

Viajando em segurança no interior da carruagem, Hakim podia recobrar suas forças. Garad o aconselhara a não marchar tão cedo, explicando que precisaria de repouso e tratamento — na forma de sangrias e orações. Os argumentos do senescal tiveram pouco efeito. Hakim já não sabia se podia confiar em seu novo tutor. Não sabia se podia confiar em nenhum sacerdote de seu séquito depois do que vira sob o Grande Templo. Por isso tinha que retornar à capital, para debelar aquela conspiração, aquele culto odioso e seus rituais profanos.

Podia simplesmente ordenar que suas tropas em Nuehem marchassem pelos portões de Imrath, adentrassem o Grande Templo, descessem até as catacumbas e parassem à espada os cultistas que conduziram o rito hediondo. Mas isso não poria fim a seus problemas. Ele precisava saber quão fundo a heresia corria nas entranhas do clero. Os cultistas haviam sacrificado justamente Esperius, o alto sacerdote que Ras apontava como herege. O que isso significava? Seria possível que seu mentor e confidente estivesse por trás daquele horror? Hakim não duvidou de sua palavra ao denunciar Esperius. Pelo contrário, encarregou o velho amigo de pôr um fim à oposição.

A resposta era óbvia, mas perturbadora demais. Apenas Rasser e um grupo seleto de sacerdotes conheciam a câmara onde repousava o sarcófago do Antecessor e os imensos vasos canópicos que abrigavam seus restos mortais, o mesmo salão onde Hakim presenciara os ritos profanos. Preferia duvidar dos próprios olhos. Afinal, vira aquilo após o confronto com o monstruoso abissal Gorazesh, que tipo

de sortilégios a criatura conheceria? Podia percebê-lo e atacá-lo mesmo em projeção astral, poderia também poluir sua mente? Dar-lhe visões falsas?

As dúvidas atormentavam Hakim enquanto sua comitiva partia: duzentos de seus mais confiáveis Santos Cavaleiros, quinhentos soldados de infantaria e alguns noviços recém-iniciados na fé do Deus-Rei, e que por isso provavelmente não faziam parte de nenhuma conspiração clerical. A tropa partiu ao Vale de Nagrath. Hakim ordenara seus mensageiros a espalhar a notícia da destruição da represa e da inundação do vale, com um comando para que todas as guarnições na região destacassem suas armas de cerco para um assalto à Nagrath. Com ou sem conspiração, a Alma do Rio tinha de ser liquidada. Aquele problema era mais fácil de resolver. Fogo, sal, trabucos e balestras de cerco dariam conta de qualquer aberração que os abissais conjurassem das profundezas.

Enquanto intendentess e sacerdotes ocupavam-se de cumprir as novas ordens, Hakim seguia rumo ao vale com sua comitiva. O ritmo da viagem era atrasado pelas enormes carruagens, três coches ao todo, que não podiam cruzar o terreno com a mesma agilidade dos homens montados, mas Hakim precisava de repouso enquanto se reidratava, amparado por doses de fleuma taumatúrgica para acelerar a recuperação. Tivera febre e dores de cabeça, mas aos poucos recobrou as energias, gota após gota. Enquanto repousava, os sonhos retornaram. Viu-se novamente sobre um lago cristalino, raso porém amplo, estendendo-se até o horizonte cinzento.

— Herdeiro... — A voz chamava. O gigante encouraçado em aço e ouro, que Hakim sabia ser o verdadeiro Deus-Rei, soava muito distante, como um eco reproduzido até perder o sentido.

— O que aconteceu com você? — perguntou Hakim, novamente. Sempre que sonhava com o lago infinito, tentava compreender as palavras. — Você deixou este mundo em paz, como me disseram os sacerdotes? Ou foi traído, seus órgãos aprisionados em vasos para alimentar os prodígios da taumaturgia?

— Antigos rituais... — continuou o Antecessor, repetindo sua ladainha sem escutar as perguntas de Hakim — Interferência... Nas profundezas...

Dessa vez, as palavras faziam sentido. Rituais nas profundezas, como o que Hakim presenciara. Rituais envolvendo humores taumatúrgicos, causando interferência. Interferindo em quê? Talvez os rituais fossem justamente o que o impedia de compreender totalmente a mensagem do Deus-Rei. Talvez servissem para mantê-lo dormente, inerte, sob controle.

Enquanto sentia o rumor delicado do vento e ouvia os murmúrios ininteligíveis do Antecessor, Hakim contemplou pela primeira vez a possibilidade de ser apenas um fantoche de seu mentor. Como numa reação em cadeia, as peças em sua mente se encaixaram para levar à conclusão de que ele não passava de um brinquedo nas mãos dos sacerdotes. Como ele podia ter sido tão tolo por tanto tempo? Ele sempre

suspeitara, sempre duvidara da noção absurda de que ele pudesse possuir um traço sequer de divindade.

Mas ele sonhava com o Antecessor. Os sonhos começaram por causa de seus novos poderes taumátúrgicos. Os humores místicos correndo nas veias de Hakim alimentavam a conexão entre ele e o verdadeiro Deus-Rei. Estava ligado ao Antecessor, mesmo que duvidasse de si, mesmo que não passasse de um fantoche.

Se não tivesse investigado as palavras que o Antecessor lhe dizia em sonho, se não tivesse perscrutado além do véu, Hakim não teria presenciado o hediondo ritual nas catacumbas sob o Grande Templo. Sem isso, acreditaria que seus sonhos não tinham passado de delírios de grandeza. Mas as palavras faziam sentido após o que vira. Antigos rituais nas profundezas, ligados à taumaturgia, interferindo em algo.

Precisava saber mais. Não podia agir com base em suspeitas e devaneios. Precisava de respostas. Voltou-se para a figura onírica de seu Antecessor, sentado despreocupadamente sobre as águas, entoando sons que talvez fossem palavras, resquícios de uma mensagem que não chegava por inteiro. Uma de suas mãos estava estendida, sempre do mesmo modo em todo sonho. Havia algo nela que Hakim não podia ver e que o Antecessor fitava com interesse. Uma coisa avermelhada que se movia. Sempre que Hakim tentava enxergá-la, a paisagem mudava.

Prestou atenção nos cenários que o sonho apresentava. Embora a ordem nunca fosse a mesma, certas visões se repetiam: as catacumbas sobre o Grande Templo, uma estranha praia rochosa, o colosso marinho em decomposição, os montes funerários nas colinas entre Var Khalad e seus protetorados. Apesar de tudo, talvez os sonhos estivessem levando Hakim ao lugar certo.

— Meu senhor? — A voz veio acompanhada de três batidas ritmadas na porta da carruagem. O gigantesco lago prateado se esvaneceu, e as palavras ininteligíveis cessaram. Hakim estava de volta ao mundo dos despertos e Garad vinha lhe falar. — Chegamos a Nagrath.

O solo imperial era árido por natureza, mas Nagrath era a exceção, uma região de colinas arredondadas, abrigando os antigos montes funerários de ancestrais dos protetorados. Os servos vindos da antiga Tanánn eram mantidos longe dali, para evitar que suas crendices sobre generais vingativos estimulassem a revolta. Mesmo assim, os outros amarantinos trazidos para labutar em Nagrath cochichavam com reverência sobre os mortos há muito enterrados sob as colinas.

O rio Intrépido corria mais fundo por ali, moldando a terra em um vale verdejante antes de rumar para as falésias ao norte. Suas águas abundantes eram represadas na saída do vale e guiadas através de canais. A represa era um dos maiores orgulhos imperiais, assim como a beleza do vale. Ambas estavam arruinadas.

Por uma fresta na lateral do coche, Hakim confirmou o que vira em sua viagem astral: a represa transformada em inúteis montes de rocha, como ilhotas no vale inundado. O forte de Nagrath e sua guarnição haviam sido engolidos pela força descomunal das águas. O Intrépido transbordava, inchado e barrento. Apenas a pequena cidade murada permanecia incólume, embora a água ameaçasse minar parte de suas fundações.

No centro daquilo, uma forma colossal recortada diante do céu azul. Tal qual um castelo negro com duas torres em espiral. A enorme concha férrea repousava sobre as águas como um veterano de guerra repousa nas glórias do passado. O molusco gigantesco era a Alma do Rio, segundo a abissal chamada Zith e o misterioso e monstruoso Gorazesh. O significado daquilo ainda escapava a Hakim, mas em breve ele testaria a resistência da criatura.

Novas tropas alcançavam o estandarte do Deus-Rei em ritmo crescente. Homens vindos do sul e do leste, onde não havia litoral que permitisse incursões abissais. Cada contingente trazia consigo suas balestras e trabucos. Por decreto do Deus-Rei, a construção de novas armas de cerco ingressara na lista de prioridades de cada governante de terras do império e seus protetorados. Deviam estar preparados para novos incidentes como aquele.

Hakim sentiu as têmporas latejando por forçar demais a vista. Tentava divisar a figura aberrante de Gorazesh, escondida entre as protuberâncias minerais incrustadas na concha ciclópica da Alma do Rio. Buscou o frasco de fleuma taumatúrgica preso ao cinto. Estava vazio.

Deu um gole lento em seu cantil d'água. A garganta ainda estava ressecada e os efeitos do uso extensivo da taumaturgia traziam fraqueza e dores de cabeça. Pediu a Garad que buscasse mais fleuma. Deixara os estoques taumatúrgicos de Nuehem quase vazios. Sabia que precisaria de todo o fluido taumatúrgico que pudesse para si e para os línguas-de-fogo. Hakim tinha planos de acender a maior fogueira desde a Devastação, caso as armas de cerco falhassem. Garad retornou com boas notícias.

— Sigismund está a caminho, meu senhor. O arconte enviou um mensageiro à sua frente para informar-lhe que os protetorados do oeste permanecem seguros, por enquanto.

— Obrigado, Garad. E quanto a Laurent?

— Esse não mandou mensageiro. Veio à frente das próprias tropas.

O excesso de zelo de Laurent era interpretado como fanatismo pelos inimigos do império, e como exemplo de diligência por seus subordinados e pelo povo comum. A maioria dos sacerdotes, quando forçados a lidar com o arconte maneta, só viam sua irritante determinação em quebrar o protocolo sempre que possível. Laurent fora um fora da lei, criminoso caçado tanto pelo império quanto pelas

nações hereges. Hakim e Ras o haviam resgatado do cadafalso na Nova Mordrávia, e Laurent de repente viu-se parte da autoridade que sempre desafiara. Seu comportamento excêntrico era apenas uma forma de se rebelar contra o poder enquanto ainda fazia parte dele.

— Eu o saúdo! Ó enviado dos Céus Exteriores! — exclamou o arconte, forçando Garad a ceder a passagem e entrando abruptamente na carruagem. — Sua sabedoria divina poderia me explicar por que decidiram transformar a represa em um caracol gigante?

— O porquê não é nossa prioridade no momento, e sim o “como” — respondeu Hakim. — Como podemos transformar o molusco gigante num cadáver gigante?

— Aquela coisa parece um castelo, então só temos que sitiá-la.

— Bem observado. Mas dê uma boa olhada naquela concha. — Hakim apontou pela fresta de onde observava a ruína da represa. — Está incrustada com minerais. Os abissais que atacaram Nuehem tinham armas feitas do mesmo material, duro como ferro.

— Encontrei coisa parecida em Valash Kha, deram um trabalhão a meus arqueiros — comentou o maneta. — Os peixes desgraçados estão cheios de truques novos, não é? Se não pudermos quebrar a porcaria da concha, vamos cobrir o bastardo com uma montanha de sal!

— Exatamente. Mas esse castelo se move, Laurent. Temos que garantir que ele não fuja pelo buraco de onde saiu.

A Alma do Rio parecia despreocupada, satisfeita em manter-se em sua concha em meio ao lodaçal, mas Hakim temia que, quando os trabucos comessem a disparar, a criatura buscasse refúgio nas águas mais profundas do Intrépido. Por isso ordenou que as tropas preparassem um bloqueio. Com o auxílio de cordas e cavalos de tração, os escombros rochosos da barragem foram arrastados para bloquear o acesso à parte mais profunda do rio. Era o melhor que podiam fazer com o conhecimento limitado que possuíam.

Infelizmente, transportar trabucos e balestras era uma tarefa vagarosa, e o sol já quase se punha quando as primeiras linhas se aprumaram. Trinta armas de cerco posicionadas em dois ângulos diferentes de ataque, deixando um espaço amplo de terreno seco entre ambas. Sigismund traria uma nova leva, tudo de que os fortes costeiros podiam dispor sem prejudicar demais suas próprias defesas, inclusive os barris de sal que secariam a criatura caso os projéteis falhassem.

Antes do ataque, Hakim esgueirou-se até outra das carruagens imperiais. Uma delas trazia os pertences e acomodações de vinte línguas-de-fogo, posicionados próximos às linhas de cerco. A terceira era um mistério para o resto das tropas, guardada por Corant e Victus. O coche tinha sido transformado numa prisão sobre

rodas e acomodava a prisioneira abissal. A madeira tinha sido calafetada como a de um navio e os assentos removidos, dando lugar a uma enorme tina de cobre com água salgada, que mantinha viva a mulher anfíbia. Ela parecia agitada quando Hakim adentrou a cela improvisada.

— Meu senhor, por favor, pare o que está fazendo. Gorazesh vai...

— Silêncio — interrompeu, sério por trás da Máscara Colérica. — Considere-se abençoada por ainda não ter sido executada. Se quer viver, vai me dizer se essa coisa pode ser morta.

— Não, não pode! — Os olhos negros e dourados de Zith pareciam ainda maiores, denunciando seu medo. — É a Alma do Rio, sua destruição terá consequências terríveis!

— Suas palavras são veneno, Zith. Mas sua reação diz que estamos no caminho certo. Você viverá enquanto for útil.

A abissal agitou-se ainda mais, suas súplicas tornaram-se histéricas, incompreensíveis naquela língua sibilante. Seus punhos delgados martelaram contra as paredes de sua prisão quando Hakim a deixou. Lembrou a Victus e Corant que a prisioneira não devia ser molestada, e deu-lhes instruções de levá-la para um lugar seguro após o início do ataque: uma fazenda abandonada, nos limites da capital.

Hakim dirigiu-se às tropas brevemente, disfarçando o melhor que podia a fraqueza que ainda lhe acometia. Inspirou os homens com promessas de glória eterna aos que findassem aquele enorme demônio das profundezas. Encarregou Laurent de coordenar a primeira salva da projéteis, retornando à carruagem. Ainda sentia o corpo dolorido e a cabeça latejando. Injetou duas doses de fleuma taumátúrgica nas veias do pescoço. Precisaria estar bastante disposto para o que viria a seguir.

Cinco enormes virotes das balestras de cerco foram disparados em conjunto. Descreveram parábolas perfeitas no ar, descendo sobre o alvo enquanto o sol se punha no horizonte. Tochas e braseiros foram acesos para dissipar a escuridão e permitir aos artilheiros calcular seus disparos. As pontas metálicas dos virotes tremularam no ar, alterando sua trajetória. A maioria resvalou contra a concha sem efeito, apenas um fincando-se na muralha quitinosa.

Trabucos lançaram pedregulhos pesados com velocidade assassina. Teriam feito em pedaços a maioria das fortificações dos protetorados, mas fizeram pouco contra a enorme concha. Uma nova salva foi preparada enquanto a noite tomava conta dos céus.

A Alma do Rio começou a se mover. A carne cinzenta e mucosa do molusco escorreu para fora. Havia escamas metálicas em sua barriga, rebrilhando contra a luz das tochas. Os movimentos não eram tão lentos quando se esperaria de um caramujo, e logo a Alma do Rio havia saído completamente de seu refúgio

espiralado. De sua cabeçorra brotavam três pares de antenas de pontas redondas que emitiam uma luminescência azulada. O pior de tudo era a completa ausência de som da criatura ao avançar contra a artilharia à sua direita.

A segunda salva de disparos foi destinada a esmagar mais uma vez a concha negra, mas atingiu a carne mole do monstro que se aproximava. O impacto atrasou seu avanço, o maldito sentia dor. Os artilheiros tiveram tempo para preparar uma nova leva de virotes e rochas antes que a besta se aproximasse demais. Hakim procurou por sinais de Gorazesh, sem nada encontrar. Mais disparos atingiram o alvo em meio aos gritos das tropas, espantadas com o tamanho do oponente. Quando a Alma do Rio finalmente deixou as águas e se arrastou sobre o solo seco, a cavalaria trouxe os línguas-de-fogo ao combate.

Vinte taumaturgos se interpuseram entre o horror invertebrado e as armas de cerco, com a coragem inabalável dos fanáticos. Com versos conclamando a condenação dos ímpios, inflamaram os humores coléricos em suas veias. Hakim requisitara todos os línguas-de-fogo de Nuehem e com eles todo o estoque de bile amarela da fortaleza. Os línguas-de-fogo eram os taumaturgos mais numerosos, com vários sacerdotes dedicando-se a dominar os dons flamejantes que a bile amarela — associada ao pâncreas — proporcionava a seus usuários.

A ordem do Deus-Rei foi para consumirem toda a cólera que pudessem sem entrar em combustão espontânea. A temperatura se elevava ao redor dos línguas-de-fogo, com ondas de calor distorcendo o ar noturno. Quando a litania dos taumaturgos alcançou seu ápice, a Alma do Rio já estava quase sobre eles, projetando pseudópodes escamados para esmagá-los. No momento derradeiro, uma explosão dourada baniu a noite. Foi como se um pequeno sol tivesse raiado bem ali. Hakim cobriu os olhos para se proteger.

A chama pairou sobre o molusco ciclópico por tempo suficiente para desintegrar boa parte de sua carne. Até mesmo a concha pareceu se abalar, seus resquícios minerais fundindo-se em fervura. Finalmente a Alma do Rio emitiu um som, um silvo agudo desesperador, atordoando as tropas. A criatura recuou para longe do calor, de volta para a segurança das águas turvas, e os artilheiros se puseram novamente ao trabalho, calculando a trajetória dos projéteis. A cavalaria avançou novamente para proteger os línguas-de-fogo sobreviventes. Quantos ainda restariam? Hakim não sabia, e não tinha tempo de averiguar.

Enquanto as catapultas disparavam contra o colosso ferido, a Alma do Rio mantinha seu corpo flácido submerso. Movia-se para longe do alcance dos projéteis, forçando os artilheiros a mover também os trabucos e balestras. O bloqueio elaborado com os escombros da represa impediria que a lesma titânica fugisse para mais longe. Os trabucos foram carregados com barris de sal. Salgariam todo o lodaçal se fosse preciso. O cerco à Alma do Rio se iniciara.

Hakim despiu-se da armadura e Máscara de Deus-Rei. Trajou túnica e manto comuns, cobrindo a face com um capuz. Tornou-se, para todos os efeitos, mais um cidadão do império, um jovem viajante hathamita. Seus alforjes estavam preparados com suprimentos para uma viagem curta, e havia fleuma taumatúrgica o suficiente para afastar as dores de cabeça. Atou a bainha de Fendetreva às costas.

Dera ordens precisas a seus comandantes e sacerdotes para prosseguir com o cerco, enfatizando que não deveria ser perturbado em sua carruagem até o retorno das tropas à capital. Nem mesmo Garad deveria importuná-lo até que Hakim desejasse. Apenas Laurent sabia de suas verdadeiras intenções. O arconte maneta assumiu de bom grado o comando das tropas. Enquanto seus homens se ocupavam de sitiar um castelo semovente, Hakim tomou um dos cavalos e partiu anônimo rumo a Imrath, em busca da verdade.

CAPÍTULO 16

— Como você sabia que o círculo de pedras nos traria para cá? — Morsov indagou, surpreso.

— Eu sabia que nos levaria a algum lugar — respondeu Sev. — Só não sabia onde.

— E disso você soube como, exatamente? — insistiu o irmão mais novo.

— Sou seu irmão mais velho, sempre vou saber coisas que você não sabe.

— Vamos fingir que isso é verdade — continuou o necromante. — Quero saber como meu irmão mais velho soube que as bruxas escondiam uma passagem mística em seus túneis subterrâneos.

— Bem, lembra de quando o Barão Drestnev me contratou para roubar um caldeirão de chumbo do Pacto de Noitristeza?

— Vagamente. Continue.

— Noitristeza tinha feito seu ninho numa caverna na Floresta de Lazagorov...

— As pedras Sev, concentre-se nas pedras!

— Calma, estou chegando lá. Havia um círculo parecido com esse aqui e com aquele nos charcos. Menires de pedra com inscrições de bruxa e tudo mais.

— Chegue logo na parte em que você aprendeu como fazer as pedras te transportarem para longe.

— Eu estava tentando contá-las. Elas tinham um aspecto esquisito, quando eu olhava de um lado, eram sete, mas quando eu contornei o círculo na direção oposta, eram nove.

— E então?

— Uns carniçais fedorentos me acharam e eu comecei a me esquivar deles enquanto me defendia. Acabei dando a volta em algumas das pedras, sem prestar muita atenção, sabe? Só tentando colocar as pedras entre as garras deles e a minha cara. Dancei ao redor das pedras por um tempo e, quando saí detrás de uma delas, não eram mais as mesmas pedras. Era um círculo diferente, no meio das montanhas. Levei dois dias para encontrar uma vila de pastores de cabras que disseram que eu estava na Vagócia!

— E você nunca pensou em contar isso para ninguém, até agora? A Guilda dos Caçadores pagaria quilos de ouro por uma descoberta dessas.

— Eles não caçam só necromantes e bruxas, sabia? Caçam ladrões também, com o mesmo entusiasmo.

— Ei! Eu posso ouvir vocês dois cochichando aí atrás!

— Tá vendo o que você fez, Morsov? Acordou a garota!

Sev teve suas dúvidas sobre trazer Moira consigo. Não sabia se a jovem seria capaz de carregar o próprio peso ou se seria um estorvo para ele e o irmão, ainda mais com aquela história de família perdida e espada assombrada. Mas ela sabia rastrear carniçais em um pântano e sabia lutar bem melhor do que ele. O problema agora era outro: Sev estava ficando com medo dela.

Moira insistia em carregar a maldita espada como se fosse um amuleto de boa sorte, quando era precisamente o contrário. Não tinha como negar que invocar uma nuvem de almas torturadas, capazes de reduzir o mais bravo dos homens a um chorão indefeso, podia ser bastante útil. A arma salvara a pele deles mais de uma vez desde Akhenatos. Mas era a parte das almas torturadas que o deixava nervoso. Principalmente depois de ver Moira invocar as sombras sem sequer tocar a espada, canalizando-as através do próprio corpo.

Sev não se lembrava do exato momento em que aconteceu. Estava ocupado demais tentando não ser rasgado em pedaços por comedores de carniça. De costas para o irmão, manejava suas facas de caça em movimentos frenéticos, cortando e perfurando as garras ávidas dos carniçais que os rodeavam. Moira gemia de dor enquanto a marca da bruxa fazia seu trabalho terrível, mas de súbito os gemidos deram lugar a gritos. Uma mescla de brado guerreiro com as vozes odiosas das sombras. Pairavam sobre a garota como uma roupa macabra, uma nuvem espectral incandescente. A bruxa pagou caro por suas maldições, primeiro com a dor dos golpes da selvagem, depois com o desespero de ser sufocada até a morte.

Morsov dizia que era possível forçar uma espécie de possessão parcial no próprio corpo, adotando as habilidades do espírito incorporado. O processo era altamente arriscado e por isso a Cabala proibia essa linha necromântica em particular. O próprio Morsov, tão sério e compenetrado, parecia bastante perturbado com o ocorrido. Seu irmão mais novo enfrentava um dilema moral: impedir Moira de manifestar as sombras como um manto nefasto sobre si, ou observar as consequências de longe, como um bom estudioso.

Sev não queria mal à garota, e enquanto ela pudesse despachar bruxas com as mãos nuas a manteria por perto, mas talvez fosse a hora de começar a pensar no que fazer caso a situação fugisse do controle.

— Foi bom vocês terem me acordado — disse Moira, saindo de seu canto na pequena caverna subterrânea que eles haviam escolhido para passar a noite. — Está na hora de seguirmos em frente.

— Como assim? — indagou Morsov. — Nós nem sabemos direito onde estamos.

— Nós não sabemos onde estamos, irmãozinho — interveio Sev. — Mas ela sabe.

De fato, Moira sabia. Eles estavam na Terra Arrasada.

Com a bruxa liquidada e a horda de carniçais despachada pelos túneis imundos de onde tinha saído, tiveram de agir rápido. Sev sabia que o círculo de pedras no centro do salão podia tirá-los dali. Só não sabia onde parariam. Mas depois de assassinar uma bruxa de Lunarrubra, tinham que fugir ou outras viriam em seu encalço. Melhor arriscar.

Após massacrar os carniçais e esmagar a traqueia da bruxa, a nuvem de sombras sobre Moira se retraiu, voltando à espada. Todos os golpes que a jovem sofrera enquanto agia sob influência dos espíritos atingiram-na de uma vez. Ela caiu sobre o cadáver da criatura infeliz que tentara dominá-la com maldições e promessas falsas. Sev apoiou um dos braços de Moira sobre os ombros, mas não conseguia levantá-la. Pessoas inconscientes têm o peso inconveniente dos cadáveres. Procurou por Morsov e se desesperou.

Seu irmão estava bem, mas o cadáver que abrigava Istvan havia sido despedaçado pelos carniçais. Morsov esforçava-se para recompô-lo às pressas. Sem aquele corpo, as únicas amarras que detinham o espírito de seu tio entre os vivos eram os próprios sobrinhos. Mais precisamente, a imensa culpa que ele sentia por tê-los abandonado à própria sorte quando ainda eram crianças.

Sev, Morsi, eu não devia tê-los deixado. Mas eu não podia suportar olhar para vocês e lembrar dela. Zorya, minha irmãzinha, queimada viva numa estaca!

Os lamentos haviam recomeçado. Sev estremeceu. A voz chorosa de seu tio era inconfundível, ele praticamente podia vê-lo ao ouvir aquelas palavras sendo repetidas à exaustão. Soavam mais terríveis não pela lembrança de sua mãe, executada sem piedade, ou por saírem da boca desencarnada de um morto. Soavam terríveis por ser tudo o que restara do velho Istvan. Uma angústia tão profunda que gravara sua forma na eternidade. Uma dor tão forte que era capaz de animar um cadáver. As palavras eram horríveis porque eram um lembrete de que nem Sev nem Morsov foram capazes de livrar Istvan daquele tormento. Porque não eram capazes de perdoá-lo.

— Pelo casco partido do diabo, cale-o, Morsov!

Nem todo talento de seu irmão para a necromancia seria capaz de reconstituir o cadáver, no estado em que se encontrava. Os corpos dos carniçais abatidos também não serviriam. Morsov estendeu sua foice adiante e murmurou algo, provavelmente convencendo o espírito a buscar refúgio dentro da arma de cabo de osso.

Sev agradeceu silenciosamente quando a ladainha cessou. Indicou o círculo de pedras a Morsov e instruiu-o a seguir seus passos com exatidão. Os irmãos dividiram o fardo que Istvan carregava em seu embornal e, juntos, apoiaram Moira sobre seus ombros.

Repetiram o percurso de Sev ao se esquivar dos carniçais, anos atrás em Lazagorov. Tomando a pedra mais ao norte como a primeira do círculo, passaram a contorná-las. Circundaram a terceira pedra uma vez; a quarta duas vezes, no sentido oposto; uma vez a sexta, meia vez a primeira novamente, mas no sentido inverso; três vezes a nova pedra que surgira misteriosamente entre a terceira e a quarta. Após a terceira volta ao redor da última pedra, o círculo já não era mais o mesmo.

Era outra ruína dos antigos thelêmicos, muito mais dilapidada. Soprava uma brisa fria por frestas nas paredes, em vez do ar abafado dos subterrâneos, e havia luz. Afastaram-se do círculo de pedras estranhas até uma das paredes, protegendo-se do vento. Sev investigou o céu por uma das frestas. Tinha uma coloração estranha, os tons de rosa e dourado do ocaso manchados por um esverdeado doentio. Estavam longe dos charcos agora. Longe demais.

Tiveram sorte de alcançar uma região pouco frequentada pelas bruxas. Ou talvez fosse azar, pois estavam em um lugar que até bruxas preferiam evitar. Quanto mais para dentro da Terra Arrasada, mais próximo do epicentro da Devastação, mais os efeitos nocivos do cataclismo podiam ser sentidos. Se até o céu exibia sua mácula, então eles estavam próximos demais para estarem seguros.

Sev duvidava que qualquer príncipe mercante traçaria uma rota próxima dali. Os papéis que garantiam seu ingresso à caravana Ur-Lehesh não valeriam de nada se não pudessem encontrá-la. A Ravina dos Ecos era um marco conhecido por sua relativa segurança, justamente por ficar à margem das terras fustigadas pela Devastação, quase fora de sua influência, perto da fronteira com a Solúmbria. De acordo com o mapa de Nephris, levaria pouco mais de uma semana para cruzar os Charcos Setentrionais e alcançar a Ravina. O círculo das bruxas os lançara completamente fora da rota, mas Sev não arriscaria rodear as pedras mais uma vez. Quem garantia que não acabariam nas garras de Lunarrubra ou outro dos Pactos?

O mapa não valia mais nada, e os documentos de ingresso na caravana também. Restava confiar na experiência de Moira naquele lugar desolado. A selvagem se tornara realmente imprescindível para o sucesso da empreitada, e sabia disso.

— Está na hora de discutirmos meu pagamento. — Mesmo ainda se recuperando do encontro com a bruxa, Moira estava disposta a levar a melhor sobre Sev dessa vez.

— Depois de poupar sua vida — Sev lembrou-a de sua misericórdia. — Nós concordamos em te ajudar a encontrar sua irmã. Precisa que a ajudemos em mais alguma coisa? Quero dizer, além de cuidar desses ferimentos?

— Esses ferimentos — Moira gesticulou, apontando os cortes enfaixados em seus braços e os hematomas no tórax — salvaram a sua vida, Jarisev. — Mesmo recolhida em suas peles, deitada para se recuperar do esforço sobrenatural que

fizera, Moira mantinha seu olhar como duas pedras de gelo. — Você não tem escolha, senão cuidar muito bem deles.

— Posso saber por quê? — riu o ladrão.

— Se eu morrer aqui, vocês estarão perdidos numa terra estranha e mortal.

— Você por acaso acha que eu nunca viajei pela Terra Arrasada? Está enganada, garota.

— Vendris e a bruxa de Lunarrubra gostavam de me chamar assim. Lembre-se do que houve com elas, velho.

— Você precisa melhorar muito as suas ameaças veladas. Está esquecendo que elas precisam ser veladas!

Morsov abandonou o que estava fazendo para tentar acalmar os ânimos.

— Moira, nós não podemos nos dar ao luxo de brigar agora. Temos que nos manter concentrados. — Parecia que Morsov finalmente escolhera o lado do irmão na discussão, mas logo voltou-se para Sev. — E você devia respeitá-la mais. Ela já se provou capaz de nos ajudar.

Sev era voto vencido. Teve que ouvir as demandas da selvagem.

— Vamos, diga seu novo preço.

— Um terço.

— Como é? — Sev se engasgou. Ameaças não lhe diziam nada, mas extorsão era um crime muito mais grave. — Você não sabe o que vamos roubar, nem o esforço que eu tive em planejar os pormenores da operação!

— Essa é a outra parte do preço — Moira emendou. — Você vai me contar tudo sobre sua missão. Já sei que vai roubar algo importante do Império do Sol, pode contar o resto enquanto eu recupero minhas forças.

— Vocês dos clãs são mesmo todos iguais! Mercenários!

— Somos iguais e temos orgulho disso, ladrão. Você pode me pagar quando tiver recebido o ouro de seu contratante. — Havia algo diferente nela. Não parecia mais com a órfã desamparada encontrada sob uma pilha de escombros fumegantes. Moira havia se adaptado bem rápido ao sofrimento, ou aprendido a escondê-lo.



O cabo da alabarda passou a servir como cajado. Moira retirara a lâmina em forma de crescente com cuidado, para não danificar a madeira, e a guardara em seu alforje. Caminhar era difícil mesmo com a muleta improvisada. Talvez pudesse forragear algumas plantas medicinais, se tivessem a sorte de encontrar vegetação saudável. As sombras sussurravam em seu ouvido.

Podemos tirar sua dor. Deixe-nos queimar em você novamente.

A espada permanecia segura em sua bainha. Mesmo sem tocá-la, Moira sentia sua vibração. Morsov dissera que aquilo era um mau sinal, que abrigar espíritos dentro de si tinha efeitos nocivos. O poder que empregara sob as ruínas era uma manifestação necromântica chamada de mortalha. Segundo Morsov, a técnica tinha sido banida pela Cabala por ser perigosa demais.

Moira conhecia os riscos, saberia mesmo sem os avisos de Morsov. Ela sentiu a dor quando as sombras irromperam através dela, sentiu seu corpo queimar num incêndio espectral. Dezenas de dores diferentes, uma para cada um dos caídos que lhe emprestavam sua força e sua ira. Era impossível algo assim não ser perigoso.

Mas ela queria experimentar a sensação novamente. Talvez não sem um bom motivo. Convidaria as sombras de seu bando para habitarem sua carne mais uma vez, pois precisava vê-las de novo, vê-las melhor. Para ter certeza de que sua irmã não estava em meio às chamas.

Jarisev lhe devia explicações. O ladrão de túmulos resistiu de início, mas finalmente revelou seu objetivo.

— O que vamos roubar não pertence realmente a Var Khalad — explicou. — Mas está escondido em solo imperial. São relíquias anteriores à Devastação, a armadura e o estandarte de um antigo general, enterradas com ele em um monte funerário.

— Quanto nos pagarão por elas? E por quê?

— Lorde Krennas Riénn e seus aliados ofereceram uma pequena fortuna em ouro. O suficiente para comprar um pequeno baronato. A armadura e estandarte pertenceram a Amarante, herói dos antigos reinos do oeste. Dizem que Amarante jurou regressar da morte quando seu povo novamente precisasse de um libertador. — Sev achou graça da história que contava. — Riénn quer usá-las para instigar uma revolta entre os camponeses subjugados pelo Império do Sol.

Moira conhecia a história de Amarante, pelo menos a versão que Arja contava às crianças. Nela, o general era menos um herói e mais um inimigo respeitado. Um guerreiro invencível, até que seu amor por uma Brunehald o levou à ruína.

— Você não acha que o plano dele vai dar certo — Moira comentou.

— Não gosto de criar expectativas. Mas se além de ser pago eu puder ajudar a derrubar um governo de sacerdotes fanáticos, tanto melhor.

— E você, Morsov?

— Eu sou um estudioso, Moira — respondeu o necromante. — Quero investigar as relíquias amarantinas. Objetos tão antigos e carregados de história, ligados emocionalmente a todo um povo, podem ter se tornado amarras poderosas. Talvez as lendas sobre o general retornando da morte tenham mais verdade do que se pensa.

— Acha que o espírito dele pode estar preso à armadura, como os que ficaram em minha espada?

— Exatamente! E, além disso, também não tenho nenhum amor pelos imperiais. Eles odeiam qualquer um que não se curve diante de seu deus tirano, especialmente os necromantes. Aqueles que queimaram sua casa vieram a mando deles para assolar a Solúmbria. Creio que em breve Var Khalad marchará contra nós.

— Pensei que você odiasse a Cabala. — Moira estava confusa. — Não gostaria de que o Império do Sol a destruísse?

— Eles matariam muitos inocentes no caminho. Não valeria a pena, não por minha vingança.

Moira tinha suas próprias ideias quanto ao preço da vingança. Perdera tudo que amava. Estava disposta a sacrificar muitas vidas para fazer Dorrage Torgren e os taumaturgos do Império do Sol pagarem caro por seus crimes. Guiaria os irmãos até a armadura do general e veria o povo amarantino se levantar contra Var Khalad. Com sua parte do pagamento daria início à própria demanda: poderia armar e comandar seu próprio bando. Mercenários para levar sua fúria até Dorrage e ao império. Mas antes, precisariam sobreviver à jornada.

— Você quer que eu faça o quê? — perguntou Sev, incrédulo.

— Você ouviu, Jarisev. — Moira não tinha paciência para o jeito exagerado do ladrão. — Entre lá, rastejando se for preciso. É isso ou morrer de sede.

Moira e os irmãos deixaram as ruínas e rumaram para noroeste, na direção de Var Khalad. Desceram por escarpas incômodas para um grupo cansado. Ao cair da noite, a sugestão de luzes coloridas no céu brilhou mais forte. Se o balé insano de tons doentios tomasse conta do firmamento, estariam perdidos.

Aquela era uma região rochosa e acidentada que Moira não conhecia tão bem quanto a orla inferior da Terra Arrasada, mas sabia ler os sinais. Sob aquelas rochas, em tocas escondidas, haveria basiliscos, e com eles água limpa. Para atrair as bestas para fora, precisaram arriscar um pouco de seus suprimentos. Moira instruiu Sev a pôr algumas tiras de charque sobre uma rocha plana e se afastar.

Aguardaram escondidos até que elas surgiram. Tinham escamas como lagartos, mas não tinham o andar bamboleante de seus parentes. Suas patas eram parecidas com as de cães ou lobos, compridas e ágeis, as juntas dobrando-se para trás. Basiliscos não arrastavam a barriga no solo ao caminhar, como répteis comuns, em vez disso, corriam como grandes gatos.

As quatro fêmeas se aproximaram da isca com cautela, graciosas como felinos. Apesar das escamas, exibiam também pelos escuros ao redor do pescoço e tinham bigodes no focinho. Até onde Moira sabia, não havia animais assim fora da Terra Arrasada, criaturas no meio do caminho entre lagarto e mamífero. As mandíbulas

dos basiliscos não deviam nada às dos crocodilos, e tinham o tamanho e a inteligência de cães selvagens.

Moira deu o sinal para Sev, que observava as criaturas, incrédulo. Ouvira os relatos, vira ossadas, mas nunca se deparara com basiliscos vivos. E pensar que o velho ladrão gostava de se gabar sobre ter viajado pela Terra Arrasada. Com certeza o fizera na segurança das caravanas mercantes. Ela sinalizou novamente, e dessa vez Sev estava pronto. Fez voar duas facas de arremesso. A primeira perfurou em cheio o olho de uma das bestas, que caiu imediatamente, mas a segunda se fincou no couro grosso do pescoço de outra das criaturas, o golpe suavizado pelo emaranhado de pelos hirsutos.

Os basiliscos sobreviventes recuaram. Já farejavam novo alimento: sua companheira abatida e os humanos que os espreitavam à distância. A besta ferida não tinha mais disposição para caçar, abocanhando uma das patas de sua colega caída e começou a arrastá-la de volta para a toca. As outras duas farejavam em busca de seus atacantes, emitindo rosnados grotescos.

Foi a vez de Morsov entrar em ação. Em transe necromântico, manifestou seu ossuário. A carcaça com o olho perfurado explodiu em movimento, girando o corpo de uma forma impossível para os vivos e abocanhando a fera que a arrastava. As mandíbulas reanimadas fecharam-se com força sobre o crânio da criatura. Morsov assumiu o controle do novo cadáver.

Os basiliscos vivos pareciam farejar a necromancia no ar e tentaram retornar à segurança de sua toca. Morsov fez suas novas marionetes perseguirem a presa. Moira ficou de pé para vigiar o horizonte, caso algo ou alguém estivesse se aproximando do corpo indefeso do necromante. Em poucos minutos, não quatro, mas seis basiliscos mortos rastejaram para fora do esconderijo. Era mais carne do que poderiam carregar.

O alimento era bem-vindo, mas não era o real objetivo de Moira. Ferida, não poderia ela mesma esgueirar-se até a toca para buscar água, e Morsov cansara-se bastante dando conta dos animais através do ossuário. Com o espírito de Istvan preso à foice de obsidiana, a tarefa cabia a Jarisev. Nada mais apropriado para um ladrão de túmulos.

— Tome cuidado, Sev — alertou Morsov. — Acho que há mais um lá embaixo. Está fundo demais, fora do alcance do meu ossuário.

Sev praguejou, nada feliz com a ideia de rastejar para dentro de um buraco na rocha com um basilisco à espreita.

— É o macho — completou Moira. — Tem metade do tamanho das fêmeas, mas é venenoso. Não deixe que te morda.



Seu irmão e a garota só podiam estar lhe pregando uma peça, Sev pensava enquanto se enfiava pelo túnel estreito que era a toca dos basiliscos. Sua picareta de mão se provara mais do que útil para alargar a entrada, e ele trazia a alabarda de Moira, a lâmina novamente afixada ao cabo. Istvan ia junto, como uma aparição etérea, seu brilho tênue afastando a escuridão. Não era a primeira vez que Sev espremia-se por passagens mal iluminadas, indo em direção ao perigo, mas era a primeira vez em que o que queria roubar era apenas água. Parando para pensar, aquilo era um tesouro e tanto por aquelas bandas.

A entrada claustrofóbica da toca deu lugar a uma caverna extensa, de teto baixo. A luz bruxuleante de Istvan — que lhe implorava copiosamente por perdão durante todo o caminho — refletia a poça cristalina ao fundo da gruta, um espetáculo privado para Jarisev. Outro tesouro.

Outro brilho chamou-lhe a atenção. Escamas iridescentes, belíssimas, movendo-se rápido demais. O basilisco não produziu um som sequer, ao contrário de suas companheiras. Sev tentou recuar, mas podia apenas engatinhar, e não foi rápido o suficiente. Sentiu um puxão no braço direito. O maldito o tinha mordido! Impeliu a alabarda na direção do ataque e, com o movimento súbito, bateu a cabeça na rocha.

Sentiu a lâmina encontrar o alvo, perfurando a criatura, que estrebuchou loucamente antes de tombar. O basilisco macho era muito diferente das fêmeas. Enquanto elas eram grandes, amarronzadas e peludas, ele tinha o tamanho de um gato do mato e era revestido completamente por escamas em tons metálicos multicoloridos, tinha três pares de chifres diminutos sobre a testa, e sua cauda lisa era do mesmo verde fantástico das carapaças de certos besouros.

Sev inspecionou o braço. Não havia mordida. Apenas a manga comprida de seu casaco havia sido retalhada, e agora estava coberta de uma nojenta saliva venenosa. Teria que tomar cuidado com aquilo, lavar o veneno sem misturá-lo à água ou deixar que entrasse em contato com algum corte, mesmo que muito fino.

Recomposto do susto, pôs-se a encher seus cantis. O de Moira ainda nem havia esvaziado por completo, mas o seu e o de Morsov já estavam secos. Encheu mais duas botijas de couro, por segurança. Por fim, rastejou laboriosamente para fora da toca, pensando em como se vingaria de seus companheiros de viagem por aquela situação humilhante.

Deparou-se com as expressões de medo de Moira e Morsov, encarando algo que não podia ver.

Virou-se e ajustou as abas largas do chapéu para enxergar melhor.

Estavam cercados por um bando de selvagens.

CAPÍTULO 17

— Jovem Hakim, que bom vê-lo novamente! — exclamou o estalajadeiro, se é que podia ser chamado assim. — Pensei que finalmente os Santos Cavaleiros ou os príncipes mercantes o tinham pegado.

— Jamais, Yassiv! — Hakim riu, adotando tão facilmente a persona que construía para si quanto a uma das Máscaras do Deus-Rei. — Este hathamita não quer ter negócios nem com as caravanas, nem com os exércitos!

— Essa espada em suas costas conta uma história diferente, meu amigo! — Era impossível não notar Fendetreva. Mesmo numa bainha rústica, a arma era imponente. — Veja só o pomo dessa maravilha! É ouro de Uru Hatham?

— É só uma liga comum de ouro e prata — mentiu Hakim, fingindo embaraço. Era melhor que não prestassem atenção aos detalhes de sua arma. — Uma jarra d'água para seu amigo, Yassiv, para lavar o pó da estrada de minha garganta. — O melhor jeito de mudar de assunto com um taverneiro era pedir uma bebida.

Chamar o estabelecimento de Yassiv de taverna ou estalagem era, no mínimo, uma injustiça contra as espeluncas de beira de estrada e bares clandestinos. Esses pelo menos tinham alguma pretensão em exercer negócios honestos. O Monge Dançarino era ponto de encontro dos piores facínoras de Imrath. Contrabandistas, revolucionários e hereges confraternizavam alegremente sob a proteção de Yassiv e seus capangas. Se algum dia os escamados irrompessem pela porta do Monge, Yassiv lhes arranjaría uma mesa com vista para o mar.

Hakim frequentava o estabelecimento quando queria escapar das responsabilidades de sua divindade, justamente porque ali não se faziam perguntas. Yassiv era um bom homem, apesar das aparências. Na verdade, seus serviços a Imrath eram imprescindíveis. Quinhentos anos de teocracia não foram capazes de erradicar completamente o crime organizado, nem as rebeliões ou a heresia. Essas ameaças tinham de ser vigiadas de perto, e o Monge Dançarino cumpria exatamente esse papel.

À guisa de um porão secreto, longe dos olhos imperiais, o estabelecimento atraía indesejáveis de todos os tipos com sua reputação de neutralidade e segurança. Seus leões de chácara observavam e catalogavam os movimentos dos frequentadores. Eventualmente, um dos convivas regulares do lugar era encontrado morto, capturado pela guarda ou executado por heresia, mas sem nunca levantar suspeitas contra Yassiv e seus rapazes. Hakim gostava de visitar o lugar sob o disfarce de um simples mercenário.

O estalajadeiro providenciou um quartilho de cerveja escura, pondo-o sobre o balcão com um leve baque, respingando espuma grossa.

— Agradeça por termos isso aqui, rapaz. — Algo mudara para pior o humor de Yassiv. — O preço dobrou desde a última vez.

— Ficou triste por eu não carregar o ouro de nossa ilha perdida?

— Há quanto tempo está na estrada, Hakim?

— Passei hoje de manhã pelos portões de Imrath, vindo de Tanánn. Depois que o Deus-Rei acabou com os rebeldes por lá não tem mais trabalho honesto de mercenário para mim.

Os portões gloriosos da cidade de ouro branco não se abriram para Hakim naquela manhã. Ele transpusera as muralhas sob a cobertura da noite. Havia poternas em seções estratégicas da muralha, portas ocultas para passagem de tropas em caso de cerco. Ficavam escondidas à plena vista, mascaradas pela engenhosidade de seus arquitetos ao mesclar as aberturas aos contornos do granito lavrado que revestia o exterior da muralha.

Após deixar Nagrath, confiante no comando de Laurent para sitiar a Alma do Rio, Hakim cavalgara noite adentro, levando sua montaria ao limite pela estrada imperial. O pobre animal não serviria mais como cavalo de batalha após a jornada, então Hakim deixou-o às portas de um estábulo nos arredores da capital, com planos de recuperá-lo mais tarde e pô-lo para engordar num pasto tranquilo pelo resto de seus dias.

— Então perdoo sua ignorância — disse o estalajadeiro, sério. — Imrath sofreu um ataque recentemente. Os cabeças de peixe fizeram novas amizades: monstrengas metade mulher, metade caranguejo. — Yassiv sussurrou a última frase. — Deram uma coça nos Santos Cavaleiros.

— E o que isso tem a ver com a água? — Hakim fingiu-se confuso. Queria saber o que o povo comum conhecia dos eventos recentes.

— Enquanto as tropas se preocupavam com os abissais no Portão do Mar, os peixes malditos deram um jeito de envenenar os poços da cidade! Estão fervilhando com todo tipo de lesma e crustáceo asqueroso. — Yassiv cuspiu de nojo. — Os sacerdotes estão racionando o suprimento imperial com a população, abençoado seja o Deus-Rei e sua generosidade. Mas algumas pessoas beberam dos poços contaminados.

— Pelos Céus Exteriores! Por que alguém faria isso?

— Tem gente demais em Imrath, Hakim. Inclusive, acho melhor você procurar serviço em outro lugar. Tem mais água vindo de Nagrath, mas com os ataques dos abissais não sabemos como a situação vai se desenrolar. Quem sabe você não sangra uns escamados fedidos com essa beleza de espada aí? Os fortes costeiros aceitam qualquer homem de fé.

— Se eu não te conhecesse, Yassiv — disse Hakim com um sorriso irônico —, diria que você trabalha para o império recrutando soldados. Mas me diga, não interditaram as fontes poluídas?

— É aí que a coisa fica tenebrosa. Os cabeçudos da Academia Imperial foram até os subterrâneos para drenar a água suja, mas a cada noite um dos poços secos jorra de novo! — Yassiv pontuava os detalhes com gestos teatrais. — Um espanto, com certeza. Puseram guardas ao redor deles, mas não dá para controlar todo mundo o tempo todo, você sabe. Uns pobres coitados na praça principal deixaram sua sede levar a melhor e agora estão bem doentes.

— Que tipo de doença? Os sacerdotes não deram um jeito?

— O povo conta muitas histórias, mas não dá para confiar. Os clérigos estão pondo os doentes em quarentena, ninguém sabe onde. — Yassiv parecia preocupado, e com razão. — Acho que isso tudo é uma punição, sabe?

— Punição pelo quê?

— Não conversou com ninguém o dia todo? Só se fala da última intriga do Grande Templo.

— Estava ocupado com outros assuntos, que intriga é essa? O clero é sempre tão reservado com suas questões.

— Não dessa vez. — Yassiv balançou a cabeça em desaprovação. — Um dos altos sacerdotes, aquele engomadinho, Esperius, foi denunciado publicamente pelo Sumo Pontífice como herege!

— Pelos Céus Exteriores! Mas por quê? — Hakim sabia o motivo, mas não sabia qual era a versão dos fatos que corria nas ruas.

— Bem, não dá para investigar todos os detalhes sem atrair a atenção dos sacerdotes, mas o que se diz é que ele se rebelou contra o pontífice, se aproveitou da confusão com os abissais para usurpar a autoridade de seus irmãos do alto clero. — Pelo que Yassiv contava, não havia sinal de oposição real ao Deus-Rei, apenas um conflito entre seus principais asseclas. Ao menos era essa a história circulando nas ruas. — O Deus-Rei está em Nuehem agora, defendendo as salinas, mas ordenou uma inquisição!

— Parece que cheguei em boa hora para um espetáculo, quando será o julgamento?

— Essa é a melhor parte, Hakim! — Yassiv soava empolgado como uma velha alcoviteira. — Esperius está foragido! O sumo sacerdote Sidonus mandou revirar a cidade de cima a baixo atrás do maldito e seus comparsas. Imrath está em polvorosa! Inquisidores arrombando portas e prendendo qualquer um sob suspeita de abrigar o fugitivo!

Hakim sabia do verdadeiro destino do alto sacerdote, vira-o morrer com seus próprios olhos. Por que Rasser mentiria para ele sobre a heresia? Teria sido

manipulado a acreditar que Esperius era uma ameaça, ou estaria ele mesmo manipulando Hakim? Pela história que Yassiv contava, o pontífice não sabia que o alto sacerdote fora morto em um ritual profano. Se ele pensava que Esperius estava foragido, e não morto, não sabia dos ritos macabros nas catacumbas. Não estava mentindo.

— Então você acha que essa doença e a falta d'água são culpa da heresia de Esperius? — Hakim perguntou, intrigado.

— Exatamente! Ele não agiu sozinho, tinha apoio dentro do templo. Alguns de seus seguidores foram julgados e executados ontem, sob a Tribuna dos Justos — Yassiv falou baixo novamente, como se temesse ser ouvido. — Mas parece que eles não são os únicos. O Deus-Rei deve estar nos punindo por nossa falta de fé, por permitir que uma blasfêmia como essa se espalhe tanto.

A mensagem de Rasser não falava nada sobre outros conspiradores. Ele queria confiar em Ras, mas justo quando Hakim começava a acreditar que ele também estava sendo enganado, o velho mentor dava novos sinais de que mudara com o tempo e as responsabilidades do poder. Yassiv parecia ter noção da gravidade do conflito interno do clero, mas apesar de sua conversa sobre blasfêmias e falta de fé, não conseguia explicar o motivo da disputa. Uma denúncia aberta à divindade do Deus-Rei se espalharia como um incêndio nas bocas e ouvidos da cidade.

Hakim pagou a Yassiv pela cerveja e por um quarto. O Grande Templo não era a única estrutura em Imrath erguida sobre fundações anciãs. O Monge Dançarino ficava sob um antigo mosteiro, sede da Ordem do Zéfiro na capital. Tinha acesso a parte dos corredores subterrâneos do lugar, incluindo alguns aposentos reservados. Para todos os efeitos, Yassiv tinha um acordo com as monjas: elas faziam vista grossa e ele providenciava barris de vinho e outras iguarias contrabandeadas.

As irmãs da ordem eram tão respeitadas quanto os Santos Cavaleiros, talvez até mais, por seus atos de caridade. Mas de acordo com a lógica do submundo de Imrath, ninguém ligado ao clero era incorruptível. Hakim estava prestes a investigar a veracidade daquilo.

Trancado no aposento subterrâneo, preparou uma dose de fleuma, deitou-se numa cama estreita e concentrou-se novamente em projetar sua consciência. Estava com medo e agitado, receoso em deixar seu corpo após o incidente com Gorazesh. A ferida no abdome que recebera do líder escamado em Nuehem já havia sarado, graças a sua aptidão natural para a taumaturgia.

Conforme Garad explicara, seu corpo realizava inconscientemente a conversão taumatúrgica na região afetada, o que impedia a perda de sangue e facilitava a regeneração. Mesmo assim, receava sofrer um novo choque.

Com o humor fleumático em ação, Hakim deixou-se carregar pela maré de tranquilidade até alcançar um estado meditativo. Permanecia ciente dos riscos, mas

era capaz de calculá-los melhor. No fim das contas, seria prudente projetar sua consciência antes de descer com os próprios pés às grutas sob o Grande Templo. Reconheceria o terreno, depois atacaria. Não há espaço para imprudência quando se age sozinho e em segredo.

Foi fácil alcançar o Grande Templo. Sua familiaridade com os amplos salões e grandiosos corredores facilitava a projeção. Pensou em procurar Rasser, espioná-lo para descobrir a motivação por trás de suas ações recentes, mas aquilo tomaria tempo demais. Precisava se concentrar na câmara mortuária, no sarcófago vazio do Antecessor.

Um grupo de cultistas mascarados cruzava a câmara de um lado a outro, apressados. As máscaras douradas escondiam suas identidades. Hakim observou-os preparando algo sob as ordens do líder corpulento, as vestes soltas deixavam seu corpo inchado ainda mais evidente. Não havia vítima para sacrifício dessa vez.

Os cultistas separavam estranhas substâncias e misturavam outras, depositando-as em uma espécie de urna. Como sempre, os fluidos arcanos vertidos pelos órgãos preservados do Antecessor integravam seus reagentes mágicos. Hakim queria arrastá-los pelos degraus do Grande Templo e queimá-los na praça central, à vista de todo o império. Mas antes, queria compreender seus odiosos métodos.

O grupo finalizou seus preparativos e armou-se com tochas e adagas. Pareciam prontos para uma expedição, mas para onde? O líder foi o último a deixar a câmara, que ficou sob os cuidados de dois cultistas. Hakim observou o homem com atenção: suas mãos rechonchudas eram delicadas e exibiam numerosos anéis.

Ele segurava algo com reverência, rolos de pergaminho. Antes de sair para acompanhar seus lacaios, encerrou o pergaminho num cilindro de couro e tateou por uma das estantes da parte superior da câmara mortuária. Hakim decorou o movimento do homem, que puxou certos livros para destravar um compartimento secreto, um fundo falso na madeira, onde depositou o objeto.

Pelas provisões dos cultistas, passariam um bom tempo nas catacumbas. Era a oportunidade que Hakim estava esperando. Sentiu-se tentado a acompanhar os cultistas, descobrir o que poderia interessá-los nos outros níveis das grutas, mas não podia empregar seus prodígios taumátúrgicos por mais tempo sem arriscar um novo choque. Temia que Gorazesh estivesse à espreita, aguardando que se estendesse demais na projeção astral para atacá-lo novamente e impedir sua consciência de retornar enquanto a taumaturgia drenava sua força vital.

Antes de deixar o Monge Dançarino, Hakim injetou mais uma dose de fleuma, por precaução. Saiu em silêncio. Dobrou algumas esquinas para despistar os homens de Yassiv. Cortou uma tira de seu manto branco para cobrir o rosto e vestiu o capuz para deixar apenas os olhos a mostra. De longe, poderiam até confundi-lo com uma monja do Zéfiro. Usou outra tira cortada para enrolar o punho de

Fendetreva, pois guardas e sacerdotes no Grande Templo reconheceriam facilmente a lâmina abençoada do Deus-Rei. Então correu pelas ruas caiadas de Imrath.

Sequer se aproximou da grande escadaria de mármore, sabendo que a vigilância da entrada principal era completa. Peregrinos e fiéis podiam entrar na antecâmara do Grande Templo para orar a qualquer hora do dia ou da noite, vigiados por guardas armados. As portas de carga e os dormitórios dos serviçais estariam bem trancados e mantidos sob guarda, deixando poucas opções para infiltração. Felizmente, Hakim conhecia as vulnerabilidades de sua própria fortaleza, e havia deixado um ponto cego de propósito, para que pudesse ir e vir sem ser notado.

Havia uma sacada em uma das torres externas, não muito longe do chão, que podia ser alcançada por um escalador determinado. Como a torre em questão abrigava os grão-arqueiros com seu temperamento excêntrico, os guardas eram instruídos a não os incomodar nos momentos de repouso.

Hakim sabia exatamente quando a base da torre ficaria livre de vigias, e rapidamente escalou até a sacada, apoiando-se em falhas e imperfeições bem conhecidas na pedra lavrada. Os dedos das mãos protestavam enquanto Hakim subia, agarrando-se à parede com força. Calçava botas de escalada, com espigões metálicos para abrir pontos de apoio para os pés.

Içou-se sobre a sacada com uma flexão dos braços e logo estava no interior da torre, um corredor soturno e silencioso. Removeu as botas com ponta metálica para avançar sem fazer ruído até a ala dos serviçais. Era fácil evitar ser notado após ter revisado exaustivamente os procedimentos de segurança do Grande Templo.

Podia sincronizar a própria respiração com o movimento dos guardas pelos salões e câmaras do lugar, pois ele mesmo orquestrara os protocolos de vigilância. Evitou os pontos mais diligentemente guardados, como os quartos dos altos sacerdotes ou o arsenal, preferindo corredores de serviço, sacrários e salas de estudo dos clérigos. Contudo, não poderia evitar os três homens encarregados de vigiar a entrada para as grutas, num dos porões fortificados do templo.

Para a sorte e insatisfação de Hakim, os três dormiam a sono solto. Dois deles debruçados sobre um jogo de cartas numa mesa, enquanto o terceiro apoiava-se na própria lança para dormir em pé. Aquilo era inaceitável, devia acordar os preguiçosos e admoestá-los com toda a autoridade do Deus-Rei de Var Khalad.

Entretanto, sem suas Máscaras, Hakim era apenas um ladrão na noite. Reparou que havia canecos meio vazios na mesa com as cartas. A bebida não tinha um cheiro incomum, mas havia ervas soníferas que não deixavam traços se misturadas corretamente ao álcool.

A porta para as catacumbas devia permanecer sempre trancada, mas nunca para o Deus-Rei, que possuía a chave mestra do Grande Templo. Deixou para trás

os guardas embriagados e esgueirou-se pelo emaranhado de corredores subterrâneos. Desceu até a câmara mortuária sem encontrar sinal de sacerdotes ou vigias.

Fendetreva era uma espada larga, feita para o campo de batalha e imprópria para a furtividade. Hakim confiava em sua habilidade com a lâmina para compensar a situação incomum. Inverteu a empunhadura, manejando a espada com a ponta para baixo e o punho erguido, inclinando Fendetreva para frente e flexionando os joelhos para ganhar estabilidade.

Não permitiu que sua sombra, recortada no corredor pela luz que emanava da câmara, denunciasse sua chegada. Saltou com um só movimento para dentro da sala, golpeando com uma estocada certa o sacerdote à esquerda da entrada. Antes de atacar, projetara sua percepção para o interior do aposento — encontrando um dos cultistas parado à entrada, de vigia, enquanto outro preparava instrumentos de vidro sobre uma mesa no interior da câmara. Fendetreva atravessou o esterno do cultista como se o homem sequer tivesse ossos, o aço despontando em suas costas numa chuva carmesim.

Hakim puxou a espada de volta à guarda invertida e o aço brotou escarlate da carne de sua vítima. Uma morte perfeita, mas que dera ao cultista mascarado a chance para gritar de dor e espanto, alertando seu companheiro. O segundo homem derrubou um decantador, sobressaltado, espalhando cacos pelo chão. O maldito herege não se acovardou à visão de um assassino de branco portando uma lâmina vermelha com o sangue de seu confrade. Sacou uma das estranhas adagas recurvas e correu na direção do invasor.

O cultista queria eliminar a vantagem de Hakim, que tinha a arma com maior alcance, por isso tentou forçar a luta corpo-a-corpo, onde a adaga seria mais letal. Hakim manteve sua empunhadura e nivelou a ponta de Fendetreva contra o peito do inimigo, correndo em sua direção como se portasse uma lança. Pisou em falso num dos cacos de vidro no chão, dando ao cultista um instante de hesitação para desviar do ataque e aproximar-se com a adaga. Praguejou silenciosamente pelo erro amador. Sem as botas de couro resistente, o pequeno fragmento abriu um corte fundo, alojando-se em seu pé direito. Ferido de surpresa, não conseguiu empregar a conversão taumatúrgica a tempo.

Ao contrário do caco de vidro, a adaga do cultista podia causar ferimentos mortais. O homem mascarado movia-se rapidamente de um lado a outro, tentando estocar seu abdome. Com a lâmina de Fendetreva voltada para baixo, Hakim repeliu os ataques. Aparou com força um último golpe, arrancando a arma da mão do oponente com o retinir de aço contra aço ecoando catacumbas adentro. Com um encontrão, jogou o cultista ao chão, desarmado. Seu olhar suplicava por

misericórdia. Se Hakim se apiedara de uma abissal, por que não poupar também um herege?

— Esperius e o abissal. — Decidiu que a resposta dependeria da cooperação do cultista. — Por que fizeram aquilo com eles? Qual o propósito do ritual?

Apenas graças à clareza mental que a fleuma taumatúrgica conferia, Hakim pôde notar o movimento sutil do homem caído, que tateava a procura de algo, a mão parcialmente encoberta pela manga longa de sua túnica. Seu toque repousou sobre um grande pedaço de vidro quebrado. Pretendia continuar lutando? Seria impossível repelir Hakim com aquilo, muito menos desviar o gume de Fendetreva. Ainda assim, o homem ergueu o caco, determinado. Retalhou a própria garganta.

O golpe foi feroz, mas o choque da dor refreou o ímpeto do movimento e o suicídio tornou-se um espetáculo abominável. O instinto natural de autopreservação, um mecanismo primitivo e inconsciente de sobrevivência, lutava contra a força de vontade e tenacidade humanas. Que segredos nefastos queria proteger, a ponto de findar a própria vida diante da possibilidade de revelá-los?

Hakim observou a vida esvair-se aos jorros das artérias do cultista. A vitória era dele, afinal. Seu segredo seguro em lábios mortos. Mas havia ainda algo a conquistar naquela câmara. Hakim cruzou o aposento, tomando cuidado para não pisar em mais vidro, até o compartimento secreto onde o líder do culto havia escondido o cilindro com os pergaminhos. Contemplou o vão no centro da câmara, no fundo do qual repousavam os órgãos do Antecessor, preservados e alimentados com sacrifício, e o sarcófago que escondia um fosso, talvez abrigando algo mais obscuro que os restos mortais de um deus.

Revolveu os livros da prateleira. Tratados sobre medicina, química, alquimia e taumaturgia, ensaios de altos sacerdotes do passado sobre a natureza da divindade, relatos dos feitos do Antecessor, ditados por ele mesmo a seus escribas. Tomos que Hakim conhecia bem, nenhum contendo a explicação para o odioso ritual realizado sobre o falso sarcófago. O compartimento secreto revelou-se com um clique mecânico.

Hakim apanhou o cilindro escuro com os pergaminhos, prendeu-o a seu cinto com um nó-cego no tecido e ocultou novamente o fundo falso da prateleira, pondo os livros de volta na ordem correta. Era hora de fugir, uma tarefa mais difícil do que infiltrar-se, agora que tinha causado um alvoroço nas grutas. Antes que se virasse, urros guturais encheram a câmara mortuária, ecoando pelas profundezas.

CAPÍTULO 18

Havia música. Um cantarolar grave e melódico. Moira reconhecia os sons. Quando criança, sua mãe lhe cantava a mesma canção.

— Cale a boca, velhote! — disse a líder daquele grupo, uma guerreira delgada, cutucando Sev nas costelas com a parte rombuda de sua lança. — Pare de reclamar e agradeça sua guia. Se ela não fosse filha das cinzas, eu teria atravessado você e o Senhor da Morte como porcos no espeto.

Sev estava irado. Ralhava com Moira, praguejando. Mas ela não prestava atenção. Só escutava a canção.

Os guerreiros que os renderam não precisaram se esforçar. Moira ainda se recuperava da luta contra a bruxa e seus carnicais, Morsov havia acabado de usar seu ossuário para controlar seis cadáveres ao mesmo tempo e Sev fora pego desprevenido. Só precisaram manter as lanças apontadas em sua direção e instruí-los a caminhar.

Sev ficou realmente frustrado quando seus captores os revistaram e ataram suas mãos, fazendo com que ele e o irmão ficassem desarmados, mas permitiram que Moira mantivesse a espada em sua bainha. Provavelmente não imaginavam que pudesse fazer qualquer uso de uma arma inacabada em seu estado enfraquecido. Quando se aproximaram do acampamento do bando, Moira ouviu. As notas eram familiares, reconfortantes, talvez até inspiradoras. Um canto sem letra, apenas entonações cadenciadas. A canção de um povo guerreiro.

— A que clã vocês pertencem? — perguntou Moira à líder dos lanceiros. Pelos brincos de osso afiado que adornavam as orelhas e o nariz da guerreira, talvez fossem Skodnir.

— Clãs são coisa do passado — respondeu um jovem às suas costas, com ar insolente. — Nosso bando é misto e mais forte por isso.

— Mais forte por combinarmos a força de cada clã. Mas mais desorganizado por aceitar homens como você, Snorren! — repreendeu a guerreira com brincos de osso.

— Mas essa canção é dos Brunehald.

— Temos um escaldo conosco, carregando a palavra dos anciões — explicou a guerreira. — Por acaso ele é um Brunehald.

Morsov, que tentava discretamente acalmar o irmão mais velho, não resistiu à própria curiosidade.

— Com licença, nobres filhos das cinzas — o necromante se esforçava para não atrair as pontas das lanças mais para perto de si —, mas o que seria um “escaldo”?

Foi a vez de Moira explicar algo a seu professor. Os escaldos eram bardos. Poetas lutadores a serviço dos anciões dos cinco clãs. Eram respeitados pela maioria dos bandos guerreiros do Povo das Cinzas, pois serviam como a principal fonte de comunicação na Terra Arrasada. Sempre a serviço dos anciões, carregavam sua palavra e ensinavam os antigos costumes a quem estivesse disposto a ouvir. Moira imaginou que por isso aqueles lanceiros tinham feito ela e os irmãos prisioneiros sem molestá-los. Deviam estar a serviço do tal escaldo Brunehald.

— Gostei de você, Senhor da Morte — brincou a líder guerreira. — Vocês são todos assim submissos quando não há uma horda de cadáveres entre seus pescoços e nossas lanças?

— Creio que sim. Especialmente quando somos pegos de surpresa. — Morsov encarou o chão, desconcertado.

Já estavam quase no acampamento — parecia ser um bando grande, com muitos cavalos e algumas carroças capturadas. A luz e o calor das fogueiras prometiam uma noite mais confortável, mesmo como prisioneiros. Mas Sev tinha que se intrometer mais uma vez.

— Eu não falaria assim com ele, moça. — O ladrão exibiu um sorriso debochado. — Ele pode fazer esses ossos na sua cara saltarem para fora, ou se cravarem bem fundo em seu rosto.

A guerreira não gostou nada da gracinha e adiantou-se para encarar os irmãos. Os lanceiros apertaram o cerco contra os três. Morsov encarou Sev, estupefato com sua imprudência. Ambos receberam golpes duros dos cabos das lanças.

— Nunca faça pouco dos ossos de um Skodnir — disse a guerreira ao nivelar a ponta da lança contra o peito de Jarisev. — Pode custar a sua vida.

— Se insultar os ossos dessa Skodnir — irrompeu o lanceiro insolente chamado Snorren —, vai provar o aço deste Torgren, velho sarnento!

A guerreira mal teve tempo de repreender o subordinado por querer defendê-la apenas para afirmar a si mesmo. Aquele lanceiro era um Torgren.

A mente de Moira se encheu com a visão de cavalaria brutais avançando sobre um assentamento indefeso. O estandarte grosseiro que portavam era pouco mais que um crânio de lobo montado sobre uma estaca. Podia ouvir seu riso de escárnio ao dizimar as defesas parcas dos Brunehald. Lembrou-se do desespero e das chamadas, da dor em ter que deixar seus pais para trás para sobreviver. Lembrou-se do homem que deixara a linha dos Torgren para persegui-la.

Moira caminhava com dificuldade, suas feridas impediam que empunhasse corretamente qualquer arma. Até mesmo erguer os braços era difícil. Mesmo assim,

a fúria cega sobrepujou toda a fraqueza. Moira atirou-se contra o homem, que tinha sua lança direcionada para Sev. Com as mãos atadas, arremeteu a própria testa contra o nariz do lanceiro, fazendo esguichar um filete de sangue. Rosnava como um animal.



Sev aproveitou o instante de confusão para empurrar Morsov. Jogou o irmão fora do alcance de uma lança que lhe estocaria o peito, fazendo-o se chocar contra outros dois lanceiros, jovens inexperientes que caíram com o necromante. O empurrão de Sev o impulsionou na direção da guerreira Skodnir. Ele desviou da lança que o perfuraria na barriga, dançando por entre os golpes, e habilmente se pôs atrás da selvagem, enlaçando seu pescoço com a mesma corda que prendia suas mãos e encostando uma das facas de arremesso que sempre levava escondidas na bota contra o pescoço da líder, como fizera com Moira na casa segura em Akhenatos.

— Nem mais um passo, selvagens, ou a honrada sei-lá-quem vai conversar pessoalmente com o Deus das Cinzas! — Sev tinha a guerreira Skodnir em um aperto firme, a lâmina fria ameaçando sua jugular. Os lanceiros hesitaram. Sev continuou com sua bravata.

— Muito bem, Moira! Eu não sabia se você entenderia meu jogo, mas você aprendeu rápido! — Só então percebeu que ela não estava prestando atenção.

No chão, a garota golpeava o lanceiro Torgren com as mãos unidas, como uma clava. O guerreiro já estava desacordado, mas ela prosseguia. Esmurrava a face e o peito do homem, sem se importar com o colete de couro que o protegia.

Havia algo perturbador em seus olhos, um brilho terrível, como uma chama. Enquanto Sev encarava, boquiaberto, Morsov adiantou-se para segurar a jovem selvagem. Os lanceiros sequer fizeram menção de impedi-lo. Ele se colocou entre o Torgren e a garota e acabou também sendo golpeado. Um grande vulto se assomou atrás de Sev.

— Brasas Ardentes! O que diabos está acontecendo aqui?



Moira não ouvia a canção. Não sabia se a melodia tinha cessado ou se era ela quem não podia mais escutar, porque sua cabeça estava cheia com o lamento dos mortos.

Ele nos matou! Nos queimou!

As vozes na espada enchiam seus ouvidos, mesmo com a lâmina encerrada na bainha. Moira golpeava o homem como podia, os braços ainda fracos, doendo.

Mate-o! Queime-o! Queime conosco, irmã!

Eram as vozes de seu povo, seus amigos, todos os que já conhecera. As vozes de Arja, de Svein, de Vyra e Sigrin. Mas não era a voz de Lydia, então por que a chamavam de irmã?

Alguém tirou o corpo inconsciente do maldito Torgren de seu alcance, mas Moira não percebeu quem, apenas continuou a golpear desesperadamente. Ela precisava daquilo, extravasar sua angústia, sua dor. Vingá-lo. Alguém a conteve. Alguém com braços fortes. O líder de um bando guerreiro.

— O que pensa que está fazendo, sua maluca? — O homem tinha uma voz grave, mas roufenha. Não era o dono da canção. — Eu lhe ofereci miseri... — Ele recuou alguns passos, assustado. — Esses cabelos... Pelo Deus das Cinzas, Moira, é você?

O chefe guerreiro segurou-a pelos ombros, endireitando sua postura, tentando vê-la melhor. Era um homem forte, mas já havia atravessado seus melhores anos. Uma capa de pele de javali o fazia parecer ainda maior, a cabeça do animal repousava sobre o ombro esquerdo e exibia presas retorcidas. Os cabelos eram grisalhos, mas a barba feroz era escura como a noite e rajada de ruivo. Por um instante, Moira pensou — quis pensar — que fosse seu pai, mas sabia a verdade.

— Tio Andvar? — Moira mal conseguiu fazer a pergunta, sua voz saindo embotada, perdendo-se num rio de tristeza. Andvar abraçou-a com força, e Moira chorou, como se tivesse acabado de despertar sob as cinzas da forja.

O tio de Moira foi compreensivo com seu rompante de fúria, depois de ouvir toda a história sobre o massacre no assentamento. Andvar deixou escapar uma lágrima silenciosa pela perda do irmão e da sobrinha mais nova. Mas se seu sofrimento era de algum modo tão profundo quanto o de Moira, ele o manteve contido e secreto. Talvez para não prejudicar sua posição de liderança. Ordenou que alimentassem as fogueiras e pediu ao escaldo que entoasse um lamento pelos mortos.

O escaldo chamava-se Sorg. Por ordem dos anciões, se juntara ao bando de Andvar. Moira ouviu com deleite o canto lânguido e sofrido, e sentiu as sombras presas em sua espada — ou teriam deixado o aço e se prendido a ela? — vibrar de um modo diferente, em aprovação à homenagem.

O lanceiro Torgren recobrou os sentidos algum tempo depois, e Andvar assegurou-se de mantê-lo ocupado e longe da sobrinha. O bando dele era grande, com uma centena de guerreiros bem equipados, e não viajava sozinho. Para alegria

de Sev, Andvar tinha sido contratado para escoltar uma Grande Caravana. Ou o que restava de uma.

— Esses documentos não têm nenhum valor — disse a princesa mercante do alto de sua carruagem, inspecionando os papéis de Jarisev através de um estranho objeto circular de vidro fixado a uma armação metálica. Ela aproximou o delicado aparato do rosto, então apanhou os documentos e percorreu as escrituras com o olhar atento. Devolveu os papéis com uma expressão de desdém.

— Alteza, eu lhe asseguro que adquiri essas cartas de ingresso junto ao mais fidedigno comerciante de toda a Solúmbria — mentiu Sev, escondendo a frustração. — Não há sequer a possibilidade remota de tratar-se de uma falsificação.

A princesa, apesar do título grandioso, usava vestes simples. Um vestido de corte justo, da cor de areia, coberto por um colete marrom curto. Calçava luvas e botas brancas já encardidas pelo uso. De modo algum se assemelhava a uma lutadora, mas Moira podia notar a força da mulher através de sua expressão aguçada. Seu porte emanava um tipo de poder que Moira nunca havia visto, um ar de autoridade absoluta.

— Acho que o senhor não entendeu. — A princesa tirou os olhos dos documentos e encarou Jarisev como se o visse pela primeira vez. Não precisava do aparato de vidro para investigar a expressão no rosto do ladrão. — Não estou acusando-o de falsificação. As cartas dão ao portador o direito de acompanhar, na qualidade de mercador associado, a caravana do Príncipe Mercante Haramad Ur-Lehesh. Com o falecimento prematuro de meu irmão, a titularidade da caravana e seus acompanhantes passa a mim, Princesa Nehisi Ur-Lehesh. — As palavras não faziam muito sentido para Moira, mas pareciam irritar Sev profundamente. — Seus documentos são autênticos, mas endereçados à autoridade incorreta. Nulos, portanto. Sem valor.

Andvar contou a Moira como acabara escoltando a caravana da princesa mercante. A Grande Caravana de Ur-Lehesh entrara na Terra Arrasada vinda da Vascócia, passando ao largo da Mata Nebulosa, e seguindo a Costa Serpeante. Logo na primeira parada, o Mirante de Belvark, um ponto considerado neutro tanto pelos clãs quanto pelas caravanas, foram emboscados por um enorme bando Skodnir. A cavalaria leve de Ur-Lehesh adiantou-se em sua defesa. Ficaram surpresos ao ver abissais entre os homens dos clãs, liderando o ataque.

Ur-Lehesh tinha a vantagem de estar em solo elevado, no topo de uma colina. O príncipe organizou uma defesa competente e rechaçou os avanços dos Skodnir e dos peixes-diabo durante dias. Teriam suportado por mais tempo, mas outro bando, de guerreiros Hemvald, aproveitou-se da confusão e atacou os mercadores e os Skodnir.

Em meio ao caos generalizado, a irmã do príncipe, junto a um grupo de dissidentes, abandonou a caravana, sacrificando a maior parte da mercadoria e a vida do irmão. Quando o bando de Andvar encontrou os sobreviventes, a princesa Nehisi, em vez de fugir, surpreendeu-os com uma oferta de trabalho: levá-la em segurança até Var Khalad. Andvar não revelou à sobrinha o pagamento oferecido, e Moira não quis pressioná-lo sobre o assunto tão cedo. Jarisev ficara muito satisfeito em saber de tudo aquilo antes de se apresentar à princesa como mercador itinerante.

— Compreendo, Sua Alteza. — Sev pareceu render-se à lógica apresentada pela princesa mercante. — Ficarei feliz em incinerar os documentos viciados, assim que Sua Alteza apresentar o manifesto de sucessão com os emblemas dos membros do conselho de Ur-Lehesh. — Havia um sorriso de escárnio sob o cavanhaque branco do ladrão.

— Como ousa questionar minha autoridade sobre esta caravana? — Nehisi perdeu por um instante a compostura. Dois guardas corpulentos, membros da caravana original, avançaram para intimidar Jarisev.

— Jamais foi minha intenção ofendê-la, Alteza. — Sev sequer deixou-se abalar pelos soldados que o flanqueavam, com duas vezes sua largura e portando cimitarras. — Faz-se apenas necessário confirmar que a sucessão do título de príncipe mercante transcorreu legalmente, com os votos da maioria dos conselheiros em favor de transferir o controle da caravana.

Nehisi ergueu um dedo despreocupadamente, sinalizando a um serviçal para desfraldar um pergaminho diante dos olhos de Sev, Moira e dos demais presentes.

— Aí está, senhor Jarisev. O manifesto de sucessão, com os votos de quatro dos sete conselheiros da caravana Ur-Lehesh. — A princesa franziu as sobrancelhas. — Espero que causar toda essa comoção tenha valido a pena para o senhor.

— Ah, e como valeu, querida Nehisi.

A princesa apertou ainda mais o olhar diante do tratamento desrespeitoso de Sev.

— Não é saudável para um homem vagando pela Terra Arrasada omitir o título de uma princesa mercante, ainda mais quando se é resgatado de um buraco imundo por sua caravana.

— Não sei como lhe dizer isso... — Sev soava falsamente consternado, e havia omitido o honorífico de propósito mais uma vez. — Mas esse seu documento é nulo, sem valor!

— Guardas, prendam-no! Vai viajar amarrado à parte de baixo de um dos vagões!

— De jeito nenhum, senhorita. — Sev esquivou-se dos dois soldados que se moveram para agarrá-lo. Fez uma careta, sentindo outra pontada de dor na coluna.

— Embora a maioria dos conselheiros tenha votado por permitir a sucessão, o manifesto não está gravado com a assinatura dos sete! — Os guardas se aproveitaram da câimbra de Sev para agarrá-lo pelos ombros, mas o ladrão não se deu por vencido. — Onde estão os três conselheiros restantes, estimada Nehisi?

— Estão mortos, velho impertinente! — A princesa parecia a ponto de explodir de frustração, sua pele morena corando de raiva. — Mortos não podem votar do além-túmulo!

— Aposto a vida do meu irmão como eles podem, sim! Fazem isso o tempo todo na Solúmbria. — A menção ao país de necromantes arrancou exclamações de espanto tanto dos filhos das cinzas, quanto dos membros da caravana, que observavam a discussão. — O príncipe mercante precisa nomear novos conselheiros no caso de falecimento dos antigos, devem ser homens experientes na estrada e no comércio, com pelo menos um ano de permanência na caravana. Seu irmão nomeou homens assim antes de seu infeliz final?

— Não — respondeu Nehisi, derrotada.

— Tampouco poderia a senhorita, porque não foi formalmente empossada como princesa mercante de Ur-Lehesh. — Sev balançou a cabeça, fingindo desapontamento. — Mesmo que houvesse mercadores aptos a ingressar o conselho entre os sobreviventes de sua caravana, nenhum hathamita em sã consciência aceitaria uma nomeação ilegítima, que mancharia sua reputação com as outras caravanas por anos.

— Eu coordenei perfeitamente nossa fuga! Garanti pessoalmente a sobrevivência da caravana e de nossas posses mais valiosas, enquanto o tolo do meu irmão insistia em permanecer plantado na maldita colina, como se fosse refundar Uru Hatham bem ali! — Nehisi finalmente explodia sob a pressão dos argumentos incômodos de Jarisev. — Eu garanti nossa segurança convencendo Andvar Brunehald a nos escoltar em vez de nos passar à espada! Eu sou a princesa mercante Ur-Lehesh por nome, por sangue e por direito!

Sev fez uma reverência e estendeu novamente seus papéis a Nehisi.

— Não há ninguém aqui que discorde disso, Alteza. Mas o manifesto de sucessão, de fato, é nulo. O que torna minhas cartas de ingresso plenamente válidas, já que, legalmente, seu irmão nunca deixou de ser príncipe mercante. Peço portanto que as receba em seu lugar, até que a questão da sucessão possa ser resolvida, e então Vossa Alteza poderá me expulsar e confiscar minha mercadoria.

A princesa baixou a cabeça e arrancou os documentos da mão do ladrão, vencida pelo cansaço.

— Escolha um dos vagões ao fim da fila. Mantenha-se longe de minhas carruagens pessoais pelo resto da viagem. Se ficar para trás, eu o deixarei para trás, mestre Jarisev.

O riso de Andvar cortou a noite como um machado. Sentado diante de uma das fogueiras, o líder do bando tentava recontar a seus companheiros o embate de palavras entre Sev e Nehisi, mas se embaralhava com os termos técnicos e ria abertamente.

— Pelo Deus das Cinzas! Como esse homenzinho é traiçoeiro, Moira! — Além do riso estrondoso, Andvar estapeava a coxa copiosamente enquanto ria. — Por que não o deixou conversar com os carniçais, em vez de cortá-los todos com sua alabarda?

Moira não estava acostumada a bandos mistos como o do tio, mas certamente seria melhor seguir com eles do que sozinha com Sev e Morsov pela Terra Arrasada. Desde que reconhecera a sobrinha, Andvar fazia questão de mantê-la por perto.

Sev e Morsov atraíam a desconfiança do bando. Teria sido muito pior se Istvan ainda estivesse incorporado ao cadáver de carniçal. Os irmãos sabiam que não eram bem quistos pelos guerreiros que chamavam de bárbaros e selvagens, por isso Sev se empenhara tanto em garantir sua entrada formal como membro da Grande Caravana. A princesa mercante, mesmo desprezando o ladrão, estava obrigada pelas leis de seu povo a garantir a segurança e a acomodação de Sev, Morsov e até mesmo Moira, graças às cartas de ingresso.

A caravana seguiria com os três, mas sua posição ainda era precária. Sev já buscava remediar a situação, conversando amigavelmente com os mercadores hathamitas que dividiam com ele o espaço em um dos grandes vagões — que faziam o carroção de Gris parecer mal-ajambrado por comparação — puxados por cavalos robustos. Morsov mantinha-se isolado desde que Istvan perdera o corpo que habitava.

Moira sequer pôs os pés no vagão onde teria direito a viajar. Preferiu a companhia do tio. Dormia enrolada em um novo manto de peles, sob a noite estranhamente colorida da Terra Arrasada, enquanto os irmãos dividiam o conforto de camas de palha com mercadores sobreviventes da caravana original. Foi justamente quando Sev e Morsov retiraram-se para o vagão mais afastado, longe dos olhos da princesa Nehisi, que Andvar aproveitou para perguntar à sobrinha sobre os dois.

— Conte-me, pequena. — O enorme chefe guerreiro era um dos poucos que podia se referir a Moira dessa forma sem soar condescendente. — O que eles procuram em Var Khalad? Não é todo dia que um mercador mordravo e um Senhor da Morte visitam o Império do Sol.

Moira queria confiar no tio, talvez a única família que lhe restara, mas não sabia o quanto podia revelar sem prejudicar os planos de Sev. A ideia de recuperar artefatos capazes de iniciar um levante contra Var Khalad a intrigava. Também não

queria que Andvar soubesse de seus próprios planos de vingança. Não ainda. Talvez pudesse convencê-lo a vingar o irmão junto com ela, mas ao ver que Andvar preferia vender serviços de proteção ao saque e à matança, Moira teve suas dúvidas. Ainda assim, sentiu que devia algo ao tio.

— Eu conto, se o senhor me disser como a princesa o convenceu a proteger a caravana.

CAPÍTULO 19

Hakim detestava necrológios. Eram uma invenção recente, uma prova da engenhosidade dos sacerdotes do Deus-Rei. Explorando os limites dos prodígios taumátúrgicos, os clérigos haviam criado uma ferramenta capaz de rivalizar com a necromancia da Solúmbria. Era por se aproximarem tanto da arte blasfema dos asseclas da Cabala que Hakim abominava as coisas. Ainda assim, sua utilidade era inegável. Ouvindo os gritos hediondos dos cultistas que acabara de matar, reanimados pelos artefatos, Hakim detestou-os ainda mais.

O primeiro homem a morrer foi o primeiro a reerguer-se. Bile amarela jorrava pelo enorme buraco aberto por Fendetreva, do esterno até as costas. O cadáver correu em direção a seu algoz grunhindo e berrando, os olhos amarelados girando ensandecidos nas próprias órbitas. Sobressaltado pela súbita ressurreição, Hakim assumiu uma postura defensiva. Com mãos tensionadas e ávidas para agarrar e sufocar, o cultista puxou-o pelo capuz.

Um necrológio recebia infusões de bile taumátúrgica — negra ou amarela —, armazenando-as num invólucro metálico, inscrito com uma combinação rúnica precisa. Devia ser implantado cirurgicamente, após a remoção de parte do fígado ou pâncreas do receptor — os órgãos correspondentes aos humores melancólicos e coléricos. A inscrição das runas era importante, pois cada necrológio implantado possuía um duplo idêntico, com o mesmo padrão inscrito, infundido com fleuma. Essa “duplicata” permanecia sob os cuidados dos taumaturgos. Quando o portador de um necrológio morria, seu duplo entrava em atividade, capturando os momentos finais do portador, que poderiam ser examinados pelo perscrutador que consumisse a fleuma armazenada no duplo.

Além da possibilidade de revelar a face de um assassino, ou compreender as circunstâncias da morte de alguém — como fizeram os taumaturgos que alertaram sobre a destruição da represa em Nagrath —, os necrológios tinham outras funções importantes. Se o artefato armazenasse bile amarela, após a morte do portador, o humor responsável pela emoção da raiva seria liberado numa onda violenta, reanimando brevemente o cadáver, que atacaria impelido por um frenesi de cólera. Era comum que necrológios amarelos fossem implantados em guardas e soldados, para que pudessem eliminar o inimigo mesmo se fossem derrubados.

Hakim experimentou em primeira mão a fúria assassina impelindo o cadáver do cultista, tensionando os tendões e pulsando através da carne morta. O cheiro acre da bile inundou suas narinas à medida que o líquido vazava pela ferida aberta no peito do homem. Um movimento brusco dos braços foi suficiente para quebrar o

aperto do morto-vivo. Mesmo dominado pela cólera taumatúrgica, o cultista tinha o físico franzino comum aos sacerdotes, enquanto Hakim fora forjado no campo de batalha.

Chutou o cultista no que restava de seu peito, fazendo jorrar mais sangue e bile amarela. Com a distância criada pelo chute, Hakim brandiu Fendetreva ao alto, baixando a lâmina com o impulso das duas mãos contra a criatura. Uma estocada seria inútil contra um morto-vivo, mas o movimento descendente decepou o braço direito do cultista. Hakim não perdeu tempo. No mesmo fôlego com que desceu a espada, girou-a em um arco horizontal baixo, buscando as pernas do oponente. O corpo foi ao chão quando Fendetreva encontrou a canela esquerda, depois o joelho direito. O cadáver se debatia, ainda sob a influência do necrológio.

Com o embate terminado em questão de segundos, Hakim procurou o outro cadáver, cujos gritos agudos ecoavam pelas catacumbas. Aquele outro necrológio não fora feito para o ataque. A bile negra era o humor associado à terra. Era através dela que os grão-arqueiros obtinham a força desumana necessária para manejar os grão-arcs colossais, talvez a arma mais poderosa de toda a Var Khalad, mais efetiva do que as chamas sagradas dos línguas-de-fogo. Mas a bile negra também era o humor melancólico, do luto e da tristeza.

O cultista que cortara a própria garganta para evitar revelar seus segredos a Hakim uivava um lamento tenebroso, uma mistura de sofrimento e pavor. Seus lábios e o corte em sua garganta transbordavam o fluido negro e viscoso que lhe emprestava forças para se reerguer, prolongando e aprofundando as dores de seus momentos finais. O necrológio no fígado do homem era uma medida de segurança, um alarme. Seus gritos aterradores atrairiam guardas e cultistas até a câmara mortuária.

Fendetreva mergulhou certa na direção do pescoço do morto-vivo. Outro corte limpo, para decapitar e cessar os berros que perfuravam o silêncio dos corredores. Hakim sentiu uma onda de choque reverberar da lâmina até seus braços. O golpe fora cirúrgico, mas os gritos permaneciam. A lâmina de Fendetreva estava parcialmente enterrada no pescoço do cultista, mas algo impediu seu avanço: a espinha de sua vítima.

Os ossos do cadáver haviam se transmutado em aço. Uma conversão taumatúrgica perfeita, operada pelo necrológio. O cultista reanimado continuava a alardear seu sofrimento. Hakim puxou a espada e fez um corte deslizante na garganta do morto-vivo. Os gritos deram lugar a um chiado estridente enquanto o ar era forçado para fora dos pulmões sem encontrar as cordas vocais, a bile negra impulsionando o diafragma.

Com o fim da lamúria ensurdecadora, Hakim ouviu o som de passos retornando dos níveis inferiores. Limpou a lâmina de Fendetreva em sua capa,

marcando uma listra vermelho-escura nas vestes brancas. Virou-se para encarar a entrada da câmara mortuária, esperando um bando de cultistas brandindo suas adagas recurvas.

Havia apenas um, o homem corpulento que liderara o estranho sacrifício de Esperius. Sua máscara lembrava uma criatura com guelras e chifres. O cultista avançou, calmo e silencioso, na direção de Hakim. Brandia o mesmo porrete rebitado. Hakim flexionou os joelhos e ergueu Fendetreva, mas não atacou. Queria respostas.

— Que profanidades você e seus lacaios têm cometido sob o Grande Templo, herege?

O homem não respondeu. Ergueu sua maça rebitada num movimento óbvio e baixou-a contra Hakim, que manejou habilmente a espada para interceptá-lo. O impacto quase pôs Hakim de joelhos. Fendetreva devia ter desarmado o cultista ao chocar-se com o porrete, mas mal conseguiu barrar o avanço do golpe. Com a mão livre, o cultista golpeou preguiçosamente o peito de Hakim. Foi como ser escoiceado por uma mula.

Taumaturgia. Se os cultistas tinham acesso a necrológios, tinham acesso a taumaturgos. O condutor do ritual parecia ter a bênção da bile negra, assim como Sigismund. Hakim foi arremessado para longe por um simples empurrão, e sua respiração vinha a muito custo. Talvez tivesse fraturado uma costela. A fleuma taumatúrgica em suas veias o protegeria de cortes e perfurações, mas não podia remendar ossos danificados. Não podia sofrer outro ataque daqueles, teria que ser rápido, acossar o oponente com estocadas curtas e manter-se fora do alcance de sua arma e suas mãos. Mais fácil dito do que feito.

O herege investiu com passadas pesadas, levantando pequenas nuvens de pó. Hakim desviou com facilidade, abaixando-se e esquivando à esquerda. Contra-atacou com um corte leve, a ponta de Fendetreva ferindo o inimigo abaixo do braço, abrindo um rasgo na manga esvoaçante da túnica negra e dourada. A carne por baixo estava inchada, a pele marcada por placas escuras, como hematomas. O sangue vertia lentamente pelo corte e o cultista mal parecia senti-lo.

O enorme taumaturgo avançou novamente, um braço dobrado para proteger o corpo enquanto o outro brandia a maça de batalha. Exalava respirações curtas e controladas com cada movimento brusco. Hakim esquivou-se novamente, para a direita dessa vez, e sentiu algo pressionado contra seu pulmão. Tinha mesmo machucado a costela. Ergueu Fendetreva em defesa, os braços arderam pelo esforço. Saltou para trás antes que outro empurrão o derrubasse, mas algo agarrou seu tornozelo.

O primeiro cultista, mesmo mutilado, rastejava e grunhia graças ao necrológio colérico que o animava. Em poucos instantes o cadáver voltaria a seu estado inerte,

mas Hakim se aproximara demais do corpo ao se esquivar, preocupado com a costela. O puxão em seu tornozelo quase o levou ao chão.

Recuperou o equilíbrio e chutou a mão do morto com força. Foi tempo suficiente para o líder dos cultistas alcançá-lo.

Hakim saltou em direção ao inimigo, não para longe dele. Aquilo surpreendeu o oponente, que baixou a maça mesmo assim, embora tivesse pouco tempo para calcular seu movimento, pois a ponta metálica de Fendetreva vinha em sua direção como uma lança. Hakim cravou sua espada no peito inflado do cultista e recebeu o golpe da maça o melhor que pôde. Felizmente, por ter se aproximado tanto do inimigo, a arma não o acertou em cheio com seus rebites metálicos.

O taumaturgo herege gemeu ao ser trespassado pela espada larga. Hakim sentiu sua lâmina se enroscar nas costelas do cultista. Uma conversão taumatúrgica imperfeita havia adensado os ossos, mas não a ponto de torná-los metálicos. Aquele taumaturgo era inexperiente com a bile negra. Apesar do golpe decisivo, o homem continuou de pé, sua carne mortificada pelo humor taumatúrgico respondia pouco à dor. Hakim acabou envolvido em um aperto mortal. O cultista se aproveitara da proximidade para espremê-lo entre os braços poderosos. Seria esmagado se não pudesse se libertar.

Golpear o nariz do taumaturgo com a própria testa seria muito arriscado. Firmou os pés no chão, temendo que o inimigo quisesse erguê-lo para dificultar sua fuga. Antes que o cultista pudesse imobilizá-lo por completo, Hakim torceu Fendetreva o máximo que pôde, sentindo a lâmina prender-se com firmeza entre as costelas rígidas. Usou o cabo da arma como alavanca para mover seu corpanzil inchado. Alguns centímetros seriam suficientes.

O herege foi obrigado a se firmar e acabou pisando em falso, esmagando o que restava da face de seu companheiro assassinado. O cadáver inundado de bile amarela finalmente quedou-se inerte. Aquilo tirou-lhe o equilíbrio. Alguém recém-abençoado pela bile negra teria dificuldades em controlar o corpo, com peso e tamanho profundamente alterados pela magia. Hakim se aproveitou disso para levar o inimigo ao chão.

Com enorme esforço, desenroscou a espada das costelas do cultista mascarado. Antes que ele pudesse reagir, estocou novamente, buscando o fígado. O herege gritou. Não de dor, mas de medo, sabendo que o órgão regente de seus poderes havia sido atingido.

O grito revelou uma voz frágil, talvez idosa. Hakim pôs a mão sobre a curiosa máscara do cultista derrotado. Temia o que encontraria sob ela. O homem tinha peso e altura familiares, e seus dedos cheios de anéis o faziam lembrar de Rasser. Seu mentor, seu sumo sacerdote. Rasser, que lhe escondia segredos. Que o pusera no poder o fazia de fantoche.

Hakim removeu a máscara espinhosa com um puxão, e o cultista debaixo dela arfou, desesperado. Era um rosto familiar, afinal.

— Mestre Balam? — Hakim indagou, incrédulo. Como o chefe dos escribas imperiais, um homem idoso e frágil, acabou fazendo parte daquela conspiração? — Quem mais faz parte dessa heresia?

Balam não reconhecia Hakim. Não poderia, mesmo se sua face não estivesse coberta e encapuzada. Balam só conhecia o Deus-Rei de Var Khalad, a divindade mascarada que ele tanto desejava acompanhar em campanha. O escriba sempre fora rechonchudo, mas a bile negra hipertrofiara seu corpo de forma drástica, tornando-o irreconhecível sob os fartos trajes rituais.

Com o fígado destruído, o humor melancólico percorrendo as veias do escriba perdeu rapidamente a força. Balam estendeu uma mão enorme e trêmula a de Hakim. Talvez fosse uma agressão, talvez uma súplica por misericórdia.

— Herege! — acusou o escriba.

— Acha que pode inverter minha acusação? — Hakim deixou escapar um riso que era em partes iguais ironia e confusa. — Supõe que conduzir rituais de sacrifício nas entranhas do Grande Templo sem o conhecimento do Deus-Rei seja algo além de heresia?

Mestre Balam não parecia em condições de conceber uma resposta elaborada. Bile negra se esvaia de suas veias graças ao golpe de Hakim. O velho escriba apenas arfava e revirava os olhos, beirando a inconsciência. Hakim repreendeu a si mesmo por tê-lo atacado tão ferozmente, precisava extrair respostas dos cultistas antes de matá-los. Solto a espada e ergueu Balam pelo colarinho.

— Vou lhe dar uma chance de se redimir diante de seu deus, traidor — Hakim comandou como se ostentasse a Máscara Colérica, a voz se distorcendo com a autoridade, como se saísse realmente de uma boca escancarada e decorada de presas douradas. — Que objetivo profano vocês perseguem no silêncio dessas catacumbas?

— O mesmo poderia ser perguntado a você — disse uma voz vinda da única entrada para a câmara mortuária, suave e sedutora. A voz de Liriel.

Mestre Balam, mesmo em vias de partir do mundo dos vivos, ainda tinha alguma luta dentro de si. Um gancho curto nas costelas, potencializado pelos últimos vestígios de taumaturgia melancólica, atirou Hakim para longe. Fendetreva permaneceu alojada no abdome do escriba moribundo. Um chute certo atingiu as costas de Hakim antes mesmo que ele fosse ao chão devido ao derradeiro ataque de Balam.

Liriel estava sobre ele, tendo cruzado quatro metros com um único salto. Taumaturgia sanguínea, aperfeiçoada pelas irmãs da Ordem do Zéfiro. A arconte

estava paramentada em suas vestes monásticas, brancas e imaculadas. Sua cimitarra delgada tocou o pescoço de Hakim.

— Nunca estive nesse canto das grutas — comentou Liriel, despreocupada. — Você deve ser muito habilidoso para se esgueirar até aqui sem ser notado. — Ela pressionou um pé contra o peito do invasor. — Deixe-me ver seu rosto antes de mandá-lo aos Céus Exteriores para sua punição eterna.

— Sou eu! — Hakim arfou, removendo o tecido branco do rosto. Sentia uma horrível ardência cada vez que tentava respirar, graças à costela machucada.

A arconte não pareceu exatamente surpresa ao vê-lo, apenas intrigada, inclinando a cabeça de forma inquisitiva. Recolheu a cimitarra alguns centímetros e aliviou a pressão em seu peito, mas manteve o pé sobre ele.

— O senhor pode me explicar por que achou por bem assassinar de próprio punho nosso escriba-chefe? Se Balam redigiu algum texto pouco elogioso, o senhor poderia ter ordenado sua execução e outros homens teriam se encarregado do trabalho sujo.

— Você sabe, eu lidero pelo exemplo — respondeu Hakim, estendendo a mão para Liriel, que o ajudou a se levantar. — Faço meu próprio trabalho sujo sempre que possível.

— Abandonou suas tropas em Nagrath aos cuidados de Laurent, eu presumo. — Não era uma pergunta, e sim uma acusação, como se pôr o arconte maneta no comando fosse algo imoral.

— Olhe ao seu redor, Liriel. — Hakim apontou para os cadáveres, com suas estranhas máscaras e vestes rituais. — Esses homens eram hereges infiltrados no clero, precisavam ser eliminados.

— Ainda não vejo razão para o senhor vir em segredo ao Grande Templo executá-los quando já deu a ordem a mim e ao Sumo Pontífice para expurgar a heresia em Imrath.

Liriel estava se referindo a Esperius. Acreditava que os cultistas mortos eram apoiadores do alto clérigo.

— Esperius está morto, e talvez fosse inocente. Esses homens o sacrificaram em um rito profano.

— Irmã Alentia me procurou para falar sobre Esperius, me relatou as barbaridades que ele cuspiu contra Rasser. — Alentia era a única mulher do alto clero, líder da Ordem do Zéfiro. — Mas se o Deus-Rei lhe concedeu o benefício da dúvida, talvez sua alma tenha encontrado a salvação nos Céus Exteriores. — Não havia um pinga de fé naquelas palavras. — Ao menos a certeza de que Esperius está morto, e não foragido, vai acalmar a paranoia do Sumo Pontífice.

— Onde está Ras?

— Em vigília. Levou suprimentos aos doentes em quarentena essa manhã. Me encarregou de continuar as buscas pelo herege enquanto ele passaria a noite em oração pelos enfermos. A situação é pior do que parece, Hakim.

Se ela o estava chamando pelo nome, provavelmente as coisas estavam realmente ruins. Ao menos era bom saber que seu antigo mentor ainda se preocupava com o povo comum, que queria ajudá-los em face da adversidade. Fora por isso que Hakim aceitara lutar por Var Khalad e assumir o manto de Deus-Rei. Para proteger as pessoas. Para salvá-las.

— Conte-me tudo. — Seria bom finalmente entender o que levava Rasser a acusar um membro do alto clero de instigar a dissidência no império. — E mantenha o que viu aqui hoje em segredo.

Liriel olhou ao redor, finalmente prestando atenção no ambiente. A câmara mortuária do Antecessor era um aposento bizarro, um híbrido de tumba, laboratório e capela. Ela apontou para o cadáver de Balam.

— Não sei se posso manter segredo sobre aquilo, meu senhor.

— Seu relatório oficial dirá que veio investigar a comoção nas catacumbas e encontrou apenas os cadáveres. Seu suspeito principal será o alto sacerdote foragido.

— O senhor quer esconder a verdade de seus próprios sacerdotes, num momento crítico como esses? — Liriel se referia aos ataques abissais, às fontes poluídas na capital, à represa destruída. Hakim não sabia dizer ao certo, mas sentia que tudo aquilo poderia ser superado se ele pudesse chegar ao centro da conspiração.

— Com todos os problemas do império, a verdade de Var Khalad ainda sou eu. Como arconte do Deus-Rei, você deve se assegurar de que minha vontade prevaleça. Sem questionar.

— Compreendo, meu senhor. Perdoe minha insolência. — Liriel retirou o véu de anéis de malha que cobria o rosto e os cabelos, pontuando sua voz melodiosa. — Há mais algum desejo que deseja que eu cumpra, sem questionar? — A expressão da arconte sugeria um tipo específico de desejo. Infelizmente, para ela, a vontade de Hakim naquele momento não envolvia prazer algum.

— Quero que desça comigo pelas grutas atrás do restante dos hereges. Esperius matará mais homens esta noite.

CAPÍTULO 20

Um olho vermelho animalesco observava Moira.

A estranha criatura se mantinha quieta, tentando evitar ser percebida embora não tivesse um bom lugar para se esconder. O olhar denunciava a inteligência astuta de um predador, estudando Moira ao mesmo tempo em que ela tentava compreender o animal que espiava pelas frestas na madeira do vagão de carga.

— Cavalos — dissera Andvar. — Procriadores vasgoces, mais valiosos do que a toda a mercadoria combinada de uma Grande Caravana inteira!

Aparentemente, era a primeira vez que animais como aquele saíam — ou eram tirados — da Vascócia. Segundo seu tio lhe contara, o Império de Var Khalad pagaria múltiplas fortunas e cobriria de favores e graças qualquer um que pudesse lhes oferecer animais reprodutores daquela linhagem.

— Mas tio, nós tínhamos cavalos vasgoces no assentamento, Svein cuidava de meia dúzia! — Moira lembrou-se de Sanguinário, que cavalgara para fugir do massacre dos Torgren e dos línguas-de-fogo e agora estava desaparecido ou morto, junto com Lydia. — Valiam muito, mas você fala como se o Império do Sol fosse entregar um pequeno reino em troca deles!

Andvar riu, sufocando a costumeira gargalhada estrondosa para manter o assunto em segredo.

— Esse é um erro comum, incentivado pelos próprios criadores de cavalos. O que se chama por aí de vasgocês é um cruzamento entre um garrano ou marchador hathamita e um vasgocês puro-sangue. — Andvar guiara Moira até um dos enormes vagões de carga, afastando os guardas da caravana da princesa Nehisi com um aceno brusco. — Veja por si mesma, tente espiar por aquela abertura.

A criatura não parecia muito com um cavalo. A forma e o tamanho eram semelhantes, e o interior escuro do vagão deixava poucos detalhes à mostra, mas o comportamento do animal não era nada equino. Cavalos são criaturas inquietas, ansiosas por movimento, sempre abanando a cauda, raspando os cascos contra o solo e resfolegando, impacientes. O puro-sangue vasgocês poderia ser confundido com uma escultura, de tão imóvel. A respiração era longa e sibilante, quase inaudível. Os pelos negros como piche o tornavam uma forma indistinta dentro do compartimento de carga. Se não fossem os raios de sol que se infiltravam por entre as tábuas do teto, Moira juraria que o vagão estava vazio.

Sentiu as vibrações familiares emanando de sua espada. Alguma coisa naquela criatura exótica havia incomodado as sombras. Uma espécie de reconhecimento,

talvez até afinidade. Teria Svein tratado de cavalos como aquele? O animal sentiu que estava sendo observado e virou a cabeça para encarar sua observadora, revelando seu olho vermelho, como o de um bicho albino. Parecia um globo sangrento flutuando na escuridão.

O puro-sangue vasgocês era magro demais para ser saudável. Nos raros momentos em que a besta se movia, Moira enxergava o formato das costelas e da bacia projetando-se sob a pelagem escura. Como um animal supostamente tão valioso era mantido subnutrido e num espaço tão fechado? O cavalo bocejou, e Moira compreendeu o motivo da clausura.

O focinho era comprido e equino, mas a boca era como a de um cão. A mandíbula abria-se num ângulo perturbador para revelar dentes afiados de carnívoro e uma língua longa e sinuosa, quase reptiliana. Moira se afastou imediatamente, perdendo a confiança nas tábuas de madeira que a separavam da criatura. Atrás dela, Andvar deixou escapar outro riso abafado.

— Impressionante, não?

— Quantas dessas coisas estamos transportando? — Moira quis saber, contando seis vagões de carga.

— Cinco, contando com esse. Temos dois casais dividindo mais dois vagões. O restante da carga é carne para alimentá-los.

— Ele parece que não come há semanas!

— Nehisi diz que já haviam esvaziado duas carroças inteiras de comida antes de meu bando encontrar a caravana, mas continuam ossudos desse jeito. Deve ser próprio da raça. Eles são bastante enérgicos quando querem, principalmente na hora de comer.

— Ela quer vendê-los ao Império do Sol? Te prometeu uma parte do pagamento?

— Vender? Não! Ela vai dá-los de presente ao Deus-Rei e seus arcontes.

— Você e seus guerreiros estão escoltando o que sobrou da caravana para poder dar um presente aos malditos imperiais? — indagou Moira, incrédula. — Isso é loucura!

— Você está deixando seu ressentimento nublar seus pensamentos — Andvar respondeu, severo. Não gostava de ser questionado daquela forma, mesmo que fosse por sua sobrinha. — Var Khalad é generoso com seus aliados. Essa é a oportunidade que seu pai sempre quis!

Por mais que tentasse, Moira não conseguia concordar com os planos do tio. Especialmente após ter lhe contado como seus pais e seu bando foram mortos pela magia terrível de Var Khalad. Andvar queria se agradecer com o Império do Sol! Servir de guarda-costas e guia para a caravana Ur-Lehesh, na esperança de que a

princesa mercante cumprisse sua promessa de dar-lhes terra e cidadania imperial quando o Deus-Rei a recompensasse.

Não, havia outra explicação, Andvar estava escondendo algo. O Povo das Cinzas jamais se submeteria ao jugo de reis ou imperadores estrangeiros. Aquilo ia contra todas as tradições, contra a memória dos ancestrais e os ensinamentos dos anciões dos cinco clãs!

— Talvez seja hora de abandonar os velhos costumes, pequena — disse-lhe o tio. — Alguém precisa colocar um pouco de bom senso na cabeça dos anciões, ou nosso povo se perderá em meio a brigas internas e aos horrores da Terra Arrasada.

— Você chama isso de bom senso? Acha que a princesa ou o Deus-Rei farão qualquer coisa além de descartar você e seu bando no minuto em que deixarem de ter serventia?

Andvar lançou-lhe um olhar irritado, o sorriso fácil dando lugar a uma expressão azeda.

— Você presume poder me ensinar sobre o mundo, Moira? Sem dúvida passou por muita coisa nesses últimos dias, mas não esqueça que seu velho tio já era um veterano das estradas e da guerra antes mesmo de você nascer. — Andvar aproximou-se da sobrinha, tentando apagar a irritação de sua face barbada. — Se vão nos descartar quando nos tornarmos inúteis, basta nos tornarmos permanentemente indispensáveis, não é mesmo? Úteis o suficiente para que nos deixem tomar conta de um dos fortes de fronteira.

— Eles nunca deixariam guerreiros dos clãs se apossarem de uma fortaleza! O senhor não percebe que o que está dizendo é ridículo?

Moira se arrependeu imediatamente de criticar o tio. O enorme chefe guerreiro domou a raiva diante do insulto, encarando a sobrinha com olhos frios. O mesmo olhar gélido que Moira lançava quando a contrariavam estampava a face de Andvar.

— Você não sabe nada do mundo, pequena. Seus machucados me dizem que você sobreviveu a coisas terríveis, mas pelo visto, aprendeu pouco com elas. — Andvar apontou para um de seus capitães ao longe: a lanceira com os adornos de osso afiado nas orelhas e no nariz. — Lembra-se de Ultha? Ela é Skodnir, mas decidiu se unir a meu bando. Pode imaginar por quê?

Os Skodnir eram um clã de guerreiros soturnos e xamãs misteriosos. Seus bandos costumavam vagar mais ao norte da Terra Arrasada, onde o mar adentrava o terreno infértil em enseadas de água gélida. Para que um deles decidisse abandonar os hábitos de seu clã e se juntar a um bando misto do Povo das Cinzas, seria necessário um motivo muito forte.

— Ela pode ter sido banida, ou talvez seu antigo bando tenha sido massacrado, como o meu. — Moira se esforçou para ignorar a vibração das sombras presas à sua

espada, que parecia zumbir com memória da dor e do fogo. — Talvez um novo líder tenha derrotado o chefe antigo e ela preferiu fugir em vez de deitar-se com ele.

— Você chegou bem perto. — Andvar coçou a barba rajada de ruivo. — Mas está esquecendo de algo que já lhe contei.

Andvar não perguntara sobre a lanceira apenas para mudar de assunto, queria que Moira compreendesse seus objetivos através daquela conversa. O que ela poderia ter esquecido? Algo que justificasse a ideia absurda de esperar do Império do Sol algo além de desprezo e fogo dourado. Algo sobre o clã Skodnir.

— Abissais! — Moira exclamou, atraindo alguns olhares curiosos tanto de hathamitas quanto de homens dos clãs. — Os abissais assassinaram um chefe dos Skodnir e subjugaram seu bando. Foram eles que atacaram a caravana!

— Mais de um chefe, Moira. Os peixes-diabo estão agindo por toda a costa norte há meses, em segredo. Estão obrigando os Skodnir a servi-los e massacrando os que se recusam.

— Ultha preferiu se unir a você do que se curvar aos escamados. — Havia sido uma escolha bastante fácil, imaginou Moira.

— Se os abissais estão emergindo com tanta frequência por aqui, pode ter certeza de que em Var Khalad a situação é pior — concluiu Andvar. — A fronteira oriental logo vai ficar desguarnecida. Eles aceitarão qualquer um que prove seu valor, e poucas coisas têm mais valor do que cavalos vasgocesos puro-sangue.

Ainda havia algo que não se encaixava naquela história, mas Moira não quis antagonizar o tio ainda mais. Com um leve tapa nos ombros da sobrinha, Andvar despediu-se e passou a rosnar ordens para seus homens levantarem acampamento. A caravana marcharia novamente em breve.

— Você estava certo, Morsov — disse Sev, reclinado contra um fardo de tapetes luxuosos nos fundos de sua carruagem. Havia um cheiro forte misturado à poeira dos tapetes, como se as sacas de especiarias transportadas por anos pelas caravanas tivessem infundido seu odor exótico à madeira do veículo. — São os tais cavalos carnívoros, afinal. Obrigado por confirmar nossas suspeitas, Moira.

— Uma notícia feliz para nós — disse o necromante, que trabalhava cuidadosamente com linha e agulha, remendando tecidos multicoloridos a uma enorme mortalha. — Mas em algum castelo nas montanhas, certamente há um conde furioso pelo roubo de seus animais de estimação.

— Você já sabia? — Moira estava certa de que nem os guardas de Nehisi e nem os homens de seu tio deixariam Sev ou Morsov se aproximarem dos vagões de carga. — Como?

— Ossuário — respondeu Morsov. — O transe necromântico permite sentir a matéria morta em uma área, lembra-se?

A Grande Caravana de Ur-Lehesh estava em movimento mais uma vez, pelo menos os poucos mercadores e soldados que optaram por seguir a princesa Nehisi e deixar o príncipe mercante para trás, junto com a maioria de seus tesouros. Cruzavam o cenário insólito da Terra Arrasada, guiados pelo bando guerreiro de Andvar. Moira deixara o tio cavalgando à frente com seus homens de confiança e dirigiu-se ao carroção que carregava Morsov e Jarisev para contar o que vira aos irmãos.

— Então você pôde sentir que muitos vagões estão abarrotados de carne salgada — deduziu Moira. — Mas como chegou à conclusão de que essa carga era só o alimento de bestas?

— Ninguém atravessaria a Terra Arrasada apenas para vender carne a Var Khalad. O restante da mercadoria tinha de ser extremamente valiosa. Algo precioso o suficiente para fazer a princesa abandonar o irmão à própria sorte contra bárbaros. — Morsov enrubesceu. — Contra o Povo das Cinzas.

Mesmo depois de tudo o que haviam passado, tanto Morsov quando Sev ainda viam o povo de Moira como bárbaros incultos e brutais. Moira encarou duramente o necromante por seu comentário infeliz. Ele parecia realmente arrependido.

— Me desculpe, eu não devia falar assim de seu povo. O bando de seu tio é bem mais organizado que as patrulhas que a Cabala já enviou para me capturar.

— Esqueça isso, Morsov. Como você chegou à conclusão sobre os cavalos? O restante da carga era obviamente importante, mas como soube que a carne que você descobriu servia de alimento para animais, e não parte dos suprimentos da caravana?

Jarisev deixou escapar um risinho. Moira ignorou-o.

— Para um necromante em ossuário, carne morta é carne morta, mas os ossos têm uma ressonância especial — explicou Morsov. — Boa parte dos ossos nos vagões de carga são humanos.

Sev riu alto da expressão chocada de Moira. Que tipo de gente alimentava animais com carne humana?

— Brasas me queimem! Aquelas coisas nos vagões comem pessoas e o Império do Sol vai recompensar a caravana mercante por levá-las até eles?

— Os vascoces criam muitos animais curiosos — disse Jarisev. — Ninguém sabe exatamente que técnicas de procriação eles desenvolveram, mas uma dieta de carne humana aparentemente é essencial.

— As crias dos puros-sangues vascoces são montarias de guerra formidáveis. Não temem as paredes de escudos e têm gosto pelo sangue do inimigo — completou Morsov. — Var Khalad tem a melhor cavalaria pesada de toda Noltora. Se puder assegurar cavalos como esses sem depender dos criadores

vasgoces, a supremacia militar do império estará consolidada e não precisarão mais tolerar a religião pagã da Vasgócia.

Apesar da advertência de seu tio sobre ressentimento, quando mais Moira aprendia sobre o Império do Sol, mais via razões para odiá-lo. Como podiam empregar métodos tão hediondos e ainda se proclamarem santos?

— Podemos usar essa informação de alguma forma? — Moira quis saber. Estava certa de que queria prosseguir com o plano de Jarisev. — Meu tio diz que o império receberá Nehisi e sua caravana de braços abertos quando virem que ela traz os malditos cavalos como presente ao deus imperador deles.

— Pensei que agora que se reuniu com seu tio, não ia mais querer nos ajudar — surpreendeu-se Sev.

— Andvar não tem interesse em vingança, vai ficar como um cão magro sob a mesa de Nehisi e aproveitar-se das sobras da gratidão de Var Khalad. — Moira não via razão para revelar que o desejo de Andvar era se apossar de terras imperiais, Jarisev não precisava se inteirar totalmente dos planos do chefe guerreiro. — Trouxe vocês até aqui, e pretendo seguir com sua missão até receber meu pagamento.

— Se quer tanto ser paga — indagou o ladrão de túmulos, sarcástico —, por que não se junta ao bando de seu tio? Com certeza vão receber uma bela recompensa por ajudar a transportar criaturas tão valiosas.

Que os puros-sangues valiam uma fortuna, todos pareciam concordar, mas o que Moira queria realmente era ver o Império do Sol arder em chamas, e não os presentear com feras fantásticas de um país distante. O empregador de Sev desejava usar as relíquias de um general morto para incitar a revolta no coração dos amarantinos subjugados. Moira completaria aquela missão ainda que não recebesse nada em troca. A exigência de pagamento era apenas para que Sev e Morsov parassem de vê-la como a garota assustada e indefesa que eles concordaram em ajudar e passassem a considerá-la uma igual.

Além do mais, Morsov deixara escapar que havia a possibilidade de os artefatos possuírem algum poder necromântico latente. Se as sombras do bando recém-assassinado de Moira eram capazes de perturbar manifestações necromânticas e dar cabo de bruxas e carniçais, o que os espíritos de guerreiros ancestrais, com um juramento eterno de vingança, seriam capazes de fazer quando fossem liberados contra Var Khalad?

— Não vou me curvar diante de império nenhum, Jarisev — respondeu Moira. — Não vou aceitar nada que venha dos taumaturgos, nada além das cabeças dos homens que mataram meus pais. Esse prêmio eu mesma haverei de tomar à força. — Havia uma intensidade naquelas palavras que nem Moira percebera antes de pronunciá-las, e ao soltá-las ao mundo, elas assumiram um tom de juramento.

Morsov olhou-a pelo canto dos olhos, fingindo concentrar-se na costura da mortalha. Sev coçou a barba e sorriu.

— Então continue a questionar seu tio sobre o acordo entre ele e a princesa mercante. Talvez possamos usar isso a nosso favor para atravessar a fronteira imperial — disse o ladrão de túmulos. — Você já tem a aceitação dos guerreiros do bando, graças a Andvar. Eu vou me esforçar para ganhar o respeito de Nehisi e evitar que sejamos expulsos da caravana ao menor sinal de problemas.

— Vai ser difícil, do jeito que as coisas começaram entre vocês — caçou Morsov.

— Pelo visto — Sev retrucou —, você não só é bom com linha e agulha como tem a língua impertinente de uma costureira velha, Morsov!

Moira não queria ser forçada a assistir mais um embate de provocações entre os dois irmãos. Eles podiam ser bastante criativos em suas ofensas, mas as lembranças de sua própria irmã perdida, dos momentos em que Lydia e ela tinham o mesmo tipo de discussão sem motivo, eram dolorosas demais. Virou-se para sair e deixá-los com seus jogos.

— Moira, espere — pediu Morsov. — Precisamos conversar.

— E eu preciso esticar as pernas — disse Sev, saindo de cima dos tapetes e levantando uma nuvem de poeira com cheiro de especiarias. — Talvez os servos da princesa queiram alguma ajuda. Alimentar cavalos com carne humana é mais agradável do que ouvir as palestras de meu irmão.

O ladrão de túmulos saltou para fora da carruagem em movimento, assustando o cocheiro.

— Algum problema? — Moira perguntou a Morsov.

— Está se recuperando bem? — quis saber o necromante. — Não apenas dos ferimentos, mas do que aconteceu no ninho dos carnicais. A mortalha de sombras que você manifestou para derrotar a bruxa é uma forma de necromancia avançada. Pode afetar seu corpo e sua mente.

Moira sequer tinha parado para prestar atenção em si mesma. O modo como estrangulara a horrenda mulher com pele de casca de árvore que a havia marcado para morrer. A estranha viagem através dos círculos de pedras. O reencontro com seu tio e a ideia de que o bando de Andvar pretendia servir de bom grado aos assassinos de sua família e amigos. Era como se estivesse presa ao olho de um furacão, com tudo acontecendo muito rápido ao seu redor. Para proteger-se daquele turbilhão, Moira deixara de refletir sobre cada novo acontecimento e apenas reagia aos golpes em sucessão que a grande tempestade que se abatera sobre sua vida desferia.

— Já consigo cavalgar com a coluna ereta e não preciso mais me apoiar numa lança para caminhar — disse Moira, respondendo enquanto investigava os próprios

sentimentos. — Não sei exatamente como eu fiz aquilo, foi o que pareceu certo no momento. — Naqueles túneis escuros, diante da morte, as sombras de seu bando chacinado suplicaram para que Moira se abrisse para elas, e ela aceitou por não haver outra saída. — Faria de novo, se precisasse.

— É isso que me preocupa — confessou Morsov. — Sombras inquietas são perigosas, movidas por resquícios de dor e raiva diante da morte. Criar um elo com esse tipo de espírito é muito perigoso. Você pode sentir as sombras sem sua espada, não pode? Talvez como um tipo de calor ou vibração. O que pode sentir agora, se se concentrar?

Moira fechou os olhos por um instante. Abriu-os devagar.

— Elas estão...

Queimando.

— ... Distantes. Acho que estão se recuperando, assim como eu. — Moira torceu para a mentira não soar óbvia demais.

— O que aconteceu com você não é comum entre necromantes — disse Morsov, ainda cozendo a mortalha colorida. — A Cabala se esforça muito para coibir manifestações desse tipo. Em parte porque são uma ameaça ao poder deles, mas também porque são realmente nocivas se deixadas fora de controle.

— Como vocês conseguem controlar os mortos? Eles parecem tão... Obcecados.

— Tudo tem a ver com as emoções sentidas na hora da morte e com as amarras que os mortos deixam para trás.

— Minha espada, você disse que era um grilhão.

— Pelo que você contou, a espada foi forjada por seu pai pouco antes do ataque ao seu assentamento. Seria um presente para você, mas seu pai foi morto antes de entregá-lo. Esse sentimento ressoa entre os espíritos dos mortos, os atrai. — Morsov assumiu um tom solene. — As sombras geradas naquele incêndio sentiram seu desespero, reconheceram-na como uma semelhante, e se agarraram ao aço, imitando seu gesto.

— A mesma coisa aconteceu ao o tio de vocês? — Moira perguntou, e Morsov pareceu surpreso. — Istvan de alguma forma se aferrou ao corpo de carniçal?

— Não. Aquilo foi intencional. Eu mesmo preparei o cadáver para receber o espírito.

— E o que acontecerá a ele agora que o corpo foi destruído?

— O espírito de Istvan não é uma sombra, mas a culpa que ele sente poderia transformá-lo em uma se eu não lhe desse a oportunidade de resolver seus assuntos inacabados entre os vivos. Enquanto eu não puder arranjar um novo corpo, vou mantê-lo dormente no cabo de osso de minha foice — esclareceu o necromante. — O lugar ficou vago desde que libertei Korvr naqueles túneis.

— Você o usou para espantar os carnicais. — Moira lembrou-se do espírito que berrava e ostentava um elmo guerreiro do Povo das Cinzas.

— E no processo, Korvr salvou uma vida inocente. Era tudo que seu espírito precisava para desfazer sua última amarra e partir em paz.

— Eu poderia fazer a mesma coisa com minhas sombras? Elas foram meus amigos, um dia, gostaria de pô-las para descansar, quando tudo isso acabar.

— Foi por isso que eu disse que a espada tinha que ser destruída quando você me pediu ajuda. Infelizmente, destruí-la agora não adiantaria muito — disse Morsov, temeroso. — Pioraria a situação.

Um baque surdo ressoou no teto da carruagem, seguido pelo praguejar irritado do cocheiro. Sev, que havia se retirado, retornava de surpresa, aparentemente pulando de um vagão a outro da caravana. Pendurou-se na janela e se balançou para dentro da carruagem e caiu de mau jeito sobre os rolos de tapetes.

— Detesto interromper a aula, mas temos um problema — interveio o ladrão. — Na verdade, acho ótimo interromper você, Morsi, mas o problema é sério. A caravana está sendo seguida, e o céu está brilhando com umas cores horríveis.

CAPÍTULO 21

As passagens entrecruzadas sob o Grande Templo tornavam-se labirínticas à medida que Hakim e Liriel desciam pelas escadarias. Desbravaram o quanto puderam daquele emaranhado insólito, mas os níveis inferiores tinham pouca iluminação, que sinalizava as sessões exploradas por mercenários e reforçadas contra possíveis incursões abissais pelos engenheiros e arquitetos da Academia Imperial. Dos cultistas, não havia rastro.

Retornaram aos porões do Grande Templo antes que os inimigos pudessem aproveitar-se do ambiente estreito e escuro para emboscá-los. Hakim ainda não queria revelar sua presença na capital, cobrindo-se com o capuz branco e mascarando a face com as tiras de tecido cortadas da própria capa. Seguiram furtivamente até os aposentos privados da arconte, no ponto mais alto de uma das muitas torres adornadas com ouro branco.

— Finalmente o tenho onde quero, meu senhor — brincou Liriel, trancando a porta atrás de si. — Nunca imaginei que para trazê-lo a meu quarto precisaria de uma conspiração profana entre os sacerdotes.

— Não temos tempo para esses jogos, Liriel.

A arconte era uma mulher atraente, cobiçada por muitos homens e conhecida por escolher parceiros entre seus próprios subordinados que se esforçavam para provar-se em batalha diante dos olhos da comandante. Hakim sempre concordara que era bela, com os cabelos curtos e claros e o corpo delgado, porém musculoso, de uma guerreira da Ordem do Zéfiro. Mas Liriel era mais que isso. Era uma guerreira sem igual e uma líder eficiente.

— Tudo são apenas jogos, meu senhor — rebateu Liriel. — Alguns jogam com destacamentos de infantaria e linhas de abastecimento, outros com éditos e decretos. Sempre gostei de jogar com a pele e o toque, antes mesmo de aprender a jogar com aço e sangue.

Hakim não ousava responder aos avanços da monja, sabia que a disposição para a lascívia era consequência da taumaturgia sanguínea, partilhada pelas irmãs da Ordem. As monjas do Zéfiro treinavam suas mentes e corpos incansavelmente para resistir aos impulsos mais exacerbados do humor sanguíneo, mas Liriel, por seu posto de arconte, mantinha-se por tempo demais longe dos monastérios, ocupada com o comando de tropas e executando a vontade do Deus-Rei.

— Alguns desses jogos nos obrigam a rolar os dados sem antes conhecer as regras — disse Hakim —, e alguém está apostando com o destino do império.

— Mande três ou quatro dúzias de homens para varrer as catacumbas de qualquer presença hostil — sugeriu a arconte, despindo-se despreocupadamente de suas vestes monásticas e sentando-se em sua cama. — Dobre a quantidade de mercenários nas grutas, sele as passagens que parecerem suspeitas. O senhor sabe muito bem como lidar com insurgentes, provou isso em Tanánn.

— Aquilo foi nos protetorados. Estamos no coração imperial, e você mesma viu que nosso mestre escriba, um dos homens mais importantes de Var Khalad, fazia parte da heresia. Se eu agir cedo demais, podemos ficar vulneráveis — Hakim explicou. — Ainda não sabemos em quem confiar.

— E como sabe que pode confiar em mim?

— Você me pegou de surpresa lá embaixo, podia ter acabado comigo e me poupou.

— Talvez eu quisesse acabar com você aqui em cima. — A insinuação de Liriel não escapou a Hakim, que ficou sem reação por um instante, arrancando uma gargalhada melodiosa dos lábios delicados da arconte. — Você tem medo de quê? De que nosso envolvimento prejudique sua capacidade de tomar decisões?

— Preciso de você ao meu lado, Liriel — confessou Hakim. — Como arconte e guerreira. Se eu lhe exigisse mais, iríamos nos afastar do que realmente importa.

— Essa fleuma em suas veias esta embaralhando seu cérebro — Liriel criticou. — Certas coisas não cabem a você exigir, Deus-Rei ou não. Desde que nos conhecemos, eu escolhi segui-lo, escolhi lutar ao seu lado. Foi decisão minha, e não gratidão ou senso de dever. — O sorriso travesso tão costumeiro à monja guerreira desaparecera por completo, dando lugar a um olhar ofendido. — Se eu lhe ofereci algo a mais, foi por meu desejo, independentemente de suas preocupações.

— Me desculpe. — Era incomum para Hakim ter que se desculpar por qualquer coisa. Tratado como uma divindade entre mortais, a deferência sempre partia dos outros. Era bom ser visto apenas como homem, de vez em quando. — Nada disso é sua obrigação.

Um puxão forte em sua capa pegou Hakim desprevenido, quase o derrubou. Era Liriel, trazendo-o para perto da cama. Os lençóis eram alvos como as vestes dos dois, mas muito mais macios.

— Eu não quero o Deus-Rei de Var Khalad — sussurrou Liriel, inclinando-se para falar ao ouvido de Hakim, como quem conta um segredo. — Hoje, não quero nem o Hakim que conheci na Vascócia, ou o governante preocupado com seu povo. Mostre-me o homem que vi sob o templo. O homem disposto a matar pelo que acha que é certo. O homem sem nome e sem rosto, que faz seu trabalho sujo com as próprias mãos.

Com todo o seu esforço para manter-se longe de distrações, com todo o zelo que empregava em sua missão de proteger o império, Hakim buscava trilhar o

caminho dos ascetas. Privar-se das tentações mundanas para alcançar um estado superior, para ele, era uma espécie de obrigação autoimposta. Sob seus ombros repousavam o manto e as máscaras de um deus, afinal. Mas sabia que não passava de um homem. Um homem que se regozijava na matança de inimigos, que sentia o espírito se elevar e o coração trovejar no calor da batalha.

Dedicava-se de corpo e alma à sua missão, mas não podia manter suas paixões sob controle o tempo todo. Ali, diante do apelo de Liriel, que lutara por anos a seu lado e que Hakim aprendera a admirar, o homem que se dedicava apenas ao dever deu lugar ao homem que há muito tempo se privava dos próprios sentimentos. Hakim mostraria aquele homem a Liriel. E ela o ensinaria seus jogos de toque e de pele.

O conforto da noite se dissipou na madrugada, quando a sensação delicada dos lençóis de cetim deu lugar ao turbilhão úmido e frio. Hakim irrompeu sobre o lago plácido e vasto de seus sonhos com o verdadeiro Deus-Rei. Ele podia vê-lo claramente agora, armadura imensa de aço e ouro refletindo o movimento hipnótico das águas em linhas entrecruzadas. A máscara do elmo era um conjunto de quatro rostos fundidos.

— *Quando a mudança se abateu sobre mim, eu resisti.* — A voz ainda era distante, mas podia ser ouvida claramente dessa vez. — *Como também debes fazer.*

O Deus-Rei segurava algo em uma das mãos enquanto falava. O objeto estava sempre embaçado, oculto da vista, escapando ao olhar. Hakim não sabia se seus sentidos estavam mais aguçados, ou se o sonho se tornara mais nítido, apenas que agora podia enxergar perfeitamente a forma fugaz. Era uma coisa viva.

O Deus-Rei não agarrava algo em suas mãos, ao contrário, tinha seu punho envolvido por um tentáculo fibroso que se projetava do lago prateado. O apêndice sinuoso reforçava o aperto com voltas espiraladas sobre os dedos do gigante.

— *Ao assumir meu legado* — continuou o Antecessor. — *Te tornaste Herdeiro de meu fardo.*

Finalmente, as palavras faziam algum sentido. Será que finalmente o Antecessor de Hakim poderia ouvi-lo?

— Sobre que mudança você está falando? — Hakim perguntou, sem esperar resposta. — São os dons da taumaturgia, ou a tentação do poder?

Dessa vez, suas próprias palavras pareceram se distorcer, como se um eco desagradável as acompanhasse. Houve um rumor de inquietude na superfície das águas.

— *Sobre teus ombros recaem a elevação e a ruína da humanidade.* — O deus, aprisionado pelo estranho tentáculo escarlate, continuava sua instrução, alheio à pergunta de Hakim. — *Cabe a ti discernir o caminho.*

A mensagem não era nada animadora, mas ao menos confirmou que Hakim não era só um simples brinquedo dos sacerdotes. Algo o levava até o trono do império, algum desígnio oculto o impelira a portar as Máscaras do Deus-Rei. O peso sobre seus ombros sempre estivera ali, mas agora parecia maior.

As águas agitaram-se ainda mais. O lago, antes límpido e raso, revelava a profundidade e o turbilhão dentro de si. Hakim achava que sabia o que se escondia sob o lago, o que enredava o Antecessor em um abraço abjeto. A imagem do imenso cadáver apodrecido da criatura marinha, com a qual sonhara repetidas vezes, parecia finalmente se encaixar às outras visões oníricas.

— *Prepara-te para a interferência de forças opostas* — alertou o Deus-Rei, alheio ao caos que o envolvia.

Algo irrompeu da superfície das águas. De início, Hakim imaginou que fosse o dono do tentáculo, mas o membro permanecia apenas parcialmente visível, qualquer que fosse sua outra extremidade oculta sob as águas misteriosas do sonho. Hakim reconheceu a forma do intruso.

— Você age com a sutileza de um aríete, filhote de deus. — Gorazesh, o horrível abissal que libertara a Alma do Rio sobre a represa de Nagrath, invadira os sonhos de Hakim. — Tudo o que sabe fazer é matar.

Diante de Gorazesh, o Antecessor interrompeu sua mensagem, erguendo-se o quanto podia para encarar o abissal, embora o tentáculo em seu punho esquerdo o puxasse para baixo. De pé, o verdadeiro Deus-Rei era tão alto quanto o escamado monstruoso. Embora sua postura fosse combativa, ele parecia impedido de agir pela terrível amarra carmesim.

— *Arma... Empunhe... Destino...* — Novamente o Antecessor soava como se falasse através de uma barreira, cada sílaba distorcida, transformada em um murmurar abafado.

Gorazesh parecia saber que Hakim assassinara os cultistas nas catacumbas. Talvez a morte de Balam, que liderava os rituais profanos, tivesse cessado a interferência que o Antecessor mencionara. Afinal, foi logo após retornar da câmara mortuária que a mensagem onírica se tornou tão clara à sua percepção. Gorazesh não queria que a mensagem lhe fosse revelada.

— Você não tem lugar aqui, monstro! — Hakim bradou. — Não vai ser tão fácil me ferir dessa vez. — No mesmo instante em que desafiava o intruso, Hakim tinha Fendetreva em seu punho. A espada não era um simples construto onírico, mas uma arma etérea produzida por sua taumaturgia. Diante da lâmina, Gorazesh se deteve, seus muitos olhos dourados fitaram o aço translúcido.

— Você se debate contra a maré, filhote de deus — vociferou a criatura. — Mas todo esse esforço só vai cansá-lo, até que as ondas o engulam.

— Estou bastante descansado agora — Hakim rebateu. — Se retalhá-lo aqui, vou sentir o cheiro de seu sangue imundo quando acordar?

— Providenciarei muito sangue para você derramar, filhote. — Gorazesh permaneceu onde estava, os quatro braços cruzados sobre o corpanzil deformado por protuberâncias de coral. — Os cães que aticei contra você virão morder sua garganta em breve.

Hakim perdeu a paciência para o embate de palavras e se lançou contra o abissal, espada em riste. Gorazesh parecia menor, assim como o deus aprisionado pelo tentáculo. Só então percebeu sua própria mudança no sonho. Não trajava as vestes simples que costumava projetar, mas a couraça de batalha do Deus-Rei de Var Khalad.

Em sonhos, por vezes um ato violento se torna impossível, o movimento desacelerando como se o ar se transformasse em melaço. Não foi o que aconteceu com Hakim. Sua taumaturgia fleumática governava a mente, e seus movimentos eram ainda mais precisos naquele estado de consciência incorpórea. Hakim baixou Fendetreva, arremetendo a ponta da arma como uma lança contra o peito de Gorazesh.

Quatro mãos com garras se adiantaram para receber o ataque. Hakim sentiu o aço encontrar carne, mas o monstro conteve parte do impacto com um par de braços alongados. Com os membros restantes, envolveu Hakim num aperto doloroso e o puxou para baixo, para o fundo — agora turvo — do lago onírico. O movimento fez a lâmina de Fendetreva cortar ainda mais, mas submeteu Hakim ao frio das profundezas. Com o mergulho repentino, o sonho se desfez.

Hakim despertou sem ar. Estava seguro entre os cobertores da cama macia de Liriel, mas a cabeça doía e a garganta, apesar de toda a água no sonho, estava seca. Precisava injetar mais fleuma taumatúrgica. Seu corpo ainda estava se recuperando do choque da viagem astral prolongada.

Levantou-se para alcançar seus pertences e viu-se só naquela cama. Sua primeira preocupação foi que Liriel poderia ter sido levada, ou tê-lo traído e revelado sua presença no Grande Templo a Rasser. Mas a arconte estava sentada em uma poltrona, meio oculta pelas sombras, num canto do aposento.

— Você é mesmo diferente dos outros. — Liriel tinha um cálice prateado em uma mão, bebericando despreocupadamente enquanto admirava o luar iluminando o quarto pelas janelas abertas. — Normalmente dormem como pedras depois de um pouco de diversão.

— Acho que fiz a coisa certa hoje. — Hakim se adiantou para apanhar a seringa metálica entre suas roupas, aproveitando para conferir se os pergaminhos que havia encontrado no fundo falso da estante ainda estavam no mesmo lugar. — Ao matar aqueles homens, acho que atrapahei uma parte importante dos planos dos hereges.

Liriel tomou outro gole do cálice, mais demorado dessa vez.

— É nisso que você pensa após uma noite comigo? — O tom ofendido talvez fosse apenas outra de suas provocações, ou talvez fosse algo mais sério.

— A fleuma taumátúrgica traz sonhos estranhos. Acordei porque fui tirado de um deles à força — explicou Hakim. — Se não fosse por isso, não haveria nada em minha mente além de satisfação agora.

— Isso foi uma tentativa de elogio, meu senhor? — Liriel riu. — Diga-me, como alguém pode ser tirado à força do próprio sonho?

— Nossos inimigos têm acesso à taumaturgia, assim como nós. — Enquanto falava, Hakim pressionava o êmbolo da seringa para injetar a fleuma em suas veias. — Você viu que Balam havia sido tocado pela bile negra.

— Qualquer sacerdote do Deus-Rei pode ter acesso ao dom da taumaturgia, se demonstrar merecimento — rebateu Liriel. — Tem certeza de que aqueles homens lá embaixo eram hereges conspirando contra você?

— Agora, mais do que nunca. Bastou que eu os atacasse para que a interferência deles em meus sonhos fosse revelada, e de uma forma muito pior do que eu imaginava — disse Hakim. — Eles têm uma conexão com os abissais. Parecem agir em conjunto.

Liriel se ergueu bruscamente da poltrona, derramando um pouco de sua bebida nos lençóis.

Pontos vermelhos mancharam o cetim.

— Isso é gravíssimo, Hakim. — Nem mesmo na cama ela o chamara pelo nome, Liriel só o fazia quando estava preocupada. — Se esses monstros têm apoiadores entre o clero, precisamos alertar Rasser. Você mesmo o ordenou a começar uma inquisição.

— Isso foi antes de eu duvidar da lealdade dele — Hakim confessou.

Liriel não tinha palavras diante daquilo. Nem um comentário sarcástico ou levemente sugestivo, com seu jeito tranquilo de encarar as adversidades.

— Ele foi como um pai para você. Fez de você o Deus-Rei de Var Khalad.

— Ele escondeu muitas coisas de mim. De nós. — Hakim encarou Liriel, sem máscaras para esconder sua tristeza. — Não quero tomar nenhuma decisão precipitada, então por favor mantenha isso entre nós, assim como esta noite.

Por um instante fugaz, algo naquele pedido pareceu feri-la, mas logo Liriel recuperou sua postura confiante e juntou-se a Hakim sobre os lençóis brancos, agora sujos com respingos de sangue.

Na manhã seguinte, não houve provocações nem brincadeiras. Liriel acordou Hakim pouco antes do primeiro raio de sol adentrar a janela do aposento. Sentia-se cansado e revigorado ao mesmo tempo. As feridas ainda doíam, mas sua mente parecia mais leve, apesar do confronto em seus sonhos. Seus humores finalmente tinham entrado em equilíbrio, talvez por influência de Liriel. Ela já estava de pé.

— Vista isso — ordenou a arconte, jogando um embrulho sobre a cama. — Rasser já sabe que Balam foi assassinado. Pediu que me reportasse a ele imediatamente.

O pacote continha vestes típicas dos feldari: uma túnica sacerdotal decorada com as penas e os padrões típicos daquele povo, incluindo uma máscara prateada semelhante à de Garad, mas com aberturas para os olhos. Era o disfarce perfeito para sair da capital sem ser importunado. O único problema seria transportar Fendetreva, já que os feldari jamais portavam armas de corte. Liriel pensara nisso também, e trouxe um fardo de couro grande o suficiente para acomodar a espada e diversos outros itens, uma miscelânea de suprimentos a serem doados aos enfermos pela Ordem do Zéfiro.

— Duas irmãs o encontrarão na antecâmara do templo para levar esses mantimentos até as famílias em quarentena, mas antes lhe escoltarão até onde desejar — Liriel instruiu. — Ninguém em Imrath vai parar um sacerdote ladeado por duas monjas do Zéfiro.

— Por isso preciso de você ao meu lado — disse Hakim, satisfeito. — Laurent e Sigismund são competentes na guerra, mas nenhum dos dois é tão eficiente quanto você.

— Você restaurou minha liberdade, lá na Vagócia, mas ela era minha desde o princípio. Eu não a devo a você. Eu o segui desde aquele dia não por achar que lhe devia algo, mas por acreditar em seus objetivos — confessou Liriel. — Isso não muda por causa de uma noite.

— Fico feliz em ouvir isso.

— Volte para seu jogo de cercos e conspirações. Mas não perca de vista o que me fez escolher lutar ao seu lado.

Nenhum servo ou sacerdote prestou atenção em Hakim enquanto ele atravessava o templo carregando o pesado fardo. Alguns noviços até se ofereceram

para ajudá-lo no caminho, e após descerem alguns lances de escadas, seguiram para seus afazeres diários.

Os feldari, assim como os hathamitas, eram numerosos entre o clero imperial. Ambos os povos tinham a pele mais escura, e poucos faziam distinção entre os cabelos ondulados dos ilhéus e as mechas lisas dos máscaras de prata. As tranças de Hakim ajudavam a esconder esse detalhe. Felizmente, todos pareciam bastante ocupados no Grande Templo, sem poder dispensar um segundo a mais para investigar as inconsistências no disfarce.

As monjas o aguardavam. Uma delas deixava uma mecha dos cabelos louros despontar sob o véu de elos metálicos, a outra tinha fitas vermelhas adornando o cabo de sua maça de guerra.

— Agradecemos sua ajuda com os donativos, sacerdote — falou Cabelos Louros. — Irmã Liriel nos instruiu a acompanhá-lo até onde desejasse. Pretende deixar a capital?

Ambas ignoravam sua verdadeira identidade. Pensavam tratar-se de um clérigo de renome, apenas. Hakim devia voltar para encontrar Victus e Corant, que mantinham sua prisioneira em um local seguro, além dos limites de Imrath. Queria investigar os estranhos pergaminhos ocultos que retirara da câmara mortuária do Deus-Rei, e precisava retornar a Nagrath o quanto antes, para terminar o cerco à Alma do Rio.

Hakim seguiu as monjas pelas ruas amplas de Imrath. Havia inquisidores por toda parte, vestindo capas púrpura e flanqueados por soldados. Vasculhavam casas e depósitos, praças e estabelecimentos comerciais, interrogando e prendendo. Eram clérigos especialmente selecionados pelo Sumo Pontífice, apartados da hierarquia tradicional dos sacerdotes. Qualquer um, com exceção do Deus-Rei e seus arcontes, estaria sujeito ao escrutínio dos inquisidores.

A medida em que se aprofundavam nas zonas mais populosas de Imrath, Hakim ficava mais apreensivo. Seu disfarce o marcava como um sacerdote de alto grau, mas isso seria irrelevante para os homens escolhidos por Rasser. Um inquisidor chegou a voltar sua atenção para o suposto clérigo feldari, mas a visão de sua escolta o fez mudar de ideia. A Ordem do Zéfiro talvez não estivesse acima de qualquer suspeita, mas a proeza marcial das irmãs era temida. O inquisidor contentou-se em acossar um pobre grupo amarantinos em seu caminho.

Saíram do centro da cidade, onde templos e palácios de mármore eram adornados com ouro branco da perdida Uru Hatham. Passaram por quarteirões onde as forjas, oficinas e armazéns estavam sempre ocupados, setores onde o mármore trabalhado dava lugar ao resistente granito em casernas e capelas.

As ruas estreitaram-se quando as casas passaram a ser de simples tijolos de barro cozido e caiado, para manter algum semblante da brancura clerical. Se olhasse

para trás, Hakim veria o Grande Templo se projetando imponente, com torres despontando em direção ao céu e refletindo o brilho solar. Não olhou, pois estava intrigado com a estranha quietude daquele bairro em particular.

As fachadas pareciam abandonadas e a poeira se acumulava pelos cantos, manchando a atmosfera de pureza. Alcançaram um pátio hexagonal no centro do emaranhado de vielas, e Hakim viu um dos poços públicos. Tampado com ripas de madeira bem pregadas, era vigiado por um esquadrão de guardas.

Os soldados circundavam a fonte, mantendo lanças e escudos erguidos, um retrato da disciplina imperial. O capitão estava fora de formação, esbravejando contra uma forma enrodilhada a seus pés.

— Água, meu senhor, por favor! — suplicou a forma, que pelos trajes em farrapos devia ser um pedinte.

— Esta fonte está interditada! — gritou o capitão. — Vá esperar na fila de um dos templos pela sua ração diária de água limpa, velho!

— Eu dividi minha água com minha família, senhor. Temos sede. Pela graça do Deus-Rei, nos ajude! Podemos ferver a água suja e bebê-la!

— A água foi envenenada pelos peixes-diabo, está podre! — explicou o capitão, ainda esbravejando. — Não acha que já tentamos a fervura? Acha que somos idiotas?

O pedinte parecia desesperado, e cambaleou em direção à fonte. Os guardas permaneceram rígidos, como estátuas impiedosas, mas a bota do capitão moveu-se violentamente, atingindo as costelas do homem.

— Pensa que pode ignorar minhas ordens, seu amarantino imundo? — gritou o capitão. — A fonte foi interditada por decreto imperial! — o capitão declarou a plenos pulmões, embora apenas o pedinte estivesse no pátio. — Descumprir o decreto é desafiar a autoridade do Deus-Rei!

Sons abafados vinham das vielas e becos ao redor do pátio. O barulho de passos apressados e choros reprimidos. Havia outros além do pedinte, sedentos pela água envenenada da fonte, escondidos nas sombras, com medo.

— Pare isso imediatamente, capitão! — vociferou Hakim. — Como pode usar o nome do Deus-Rei ao mesmo tempo em que viola seus ensinamentos?

Surpreso pelo protesto, o capitão vacilou. Por um instante, sua mão procurou o cabo da espada curta embainhada em seu cinturão, mas ao ver o que parecia ser um sacerdote flanqueado por duas monjas do Zéfiro, tensionou-se em posição de sentido.

— Cumpro ordens clericais, senhor — explicou. — A fonte deve permanecer selada, pelo bem da população.

Hakim sequer se lembrava que vestia uma máscara feldari e os robes de um clérigo de posto elevado. Sua vontade era de esbofetear o homem por seu

comportamento e castigar os outros soldados por não agirem para impedir o abuso de seu superior.

— Essa água já não devia ter sido escoada para secar a fonte? — indagou Hakim.

— Sim, senhor. Os engenheiros desceram aos esgotos e interromperam o fluxo, mas ontem na madrugada a água começou a jorrar novamente sem explicação, cheia da imundície dos abissais!

Hakim imaginava que a solução para aquele mistério envolvia os cultistas mascarados e seus rituais nas catacumbas. Eles pareciam conhecer muito bem o subterrâneo de Imrath, e poderiam ter aberto comportas que deveriam permanecer seladas.

— Alguém chegou a beber da fonte, capitão?

— Chegamos pouco antes do raiar do dia. Se alguém esteve aqui antes disso, pode ser que tenha bebido — admitiu o capitão, contrito.

Hakim foi até o fardo de suprimentos. Havia alguns cantis de couro com água fresca e pequenos embrulhos com comida. Separou alguns em pilhas, aproveitando para acariciar a guarda de Fendetreva, escondida sob a miscelânea de donativos. Apanhou um cantil e um pouco de comida e foi até o pedinte, que arquejava no chão, ainda se recuperando do chute em suas costelas.

— Beba, meu bom homem, e alimente-se. — Hakim estendeu-lhe a mão.

— Obrigado! Que o Deus-Rei o abençoe, sacerdote! — Os olhos do homem estavam marejados por lágrimas de dor, mas também lágrimas de alívio.

Outros pedintes escondidos sentiram-se encorajados pelo gesto, e logo Hakim e as irmãs organizaram uma pequena fila para distribuição dos donativos. A cada homem ou mulher que recebia seu quinhão, Hakim fazia a mesma pergunta:

— Você bebeu da fonte essa madrugada? Conhece alguém que bebeu?

Todos negavam, mas em alguns a mentira era óbvia. Falavam rápido demais ou balbuciavam suas respostas, como se temessem um castigo caso confessassem. A todos Hakim pediu que procurassem os templos e capelas para receber os cuidados necessários.

Ainda restavam donativos no fardo, e as irmãs o carregaram para além do pátio da fonte, até bem próximo da muralha dupla de Imrath. Havia uma sessão livre de construções à distância de um disparo de flecha a partir das defesas da cidade, mas sob um trecho da muralha, barracões compridos e baixos foram erguidos às pressas, graças ao trabalho de servos amarantinos. Ali os infectados pelo veneno abissal eram mantidos separados do restante da população.

Um acólito barrigudo de bochechas avermelhadas veio atender Hakim e as monjas. Outras irmãs do Zéfiro chegavam com fardos e mais fardos de mantimentos para doação. Esse era o papel principal da Ordem do Zéfiro. Cada monastério, além

de treinar as irmãs em combate e no uso da taumaturgia sanguínea, coletava donativos e mantinha reservas para serem distribuídas em tempos difíceis.

— Somos muito gratos por seus esforços, nobres irmãs — disse o noviço. — Eu me encarregarei de distribuir esses suprimentos.

— Não há necessidade, meu jovem — interveio Hakim. — Devo entregá-los pessoalmente aos enfermos. Eles precisam ser instruídos a manter-se fiéis.

— O resguardo dos pacientes deve ser absoluto — o acólito explicou. — Apenas os médicos e os acólitos selecionados devem interagir com os doentes.

— E o próprio Rasser Sidonus, que a chama solar do Deus-Rei o ilumine, não esteve ele mesmo aqui ontem, para distribuir água e comida aos necessitados? — Hakim questionou.

O acólito assentiu, assustado.

— Então podemos constatar — continuou Hakim —, que o protocolo poder ser quebrado, pela ordem de um membro de posto suficientemente elevado do clero?

— Sim, senhor — assentiu o acólito, constrangido. — Mas o senhor não é o Sumo Pontífice, nem um alto sacerdote.

— Existe alguém acima dos altos sacerdotes, meu jovem — rebateu Hakim em tom severo. — Alguém acima do próprio pontífice. Seus estudos em teologia são avançados o bastante para dizer-me quem?

— Apenas o próprio Deus-Rei, senhor — respondeu o acólito, confuso.

Hakim retirou de suas vestes o sinete que portava para entregar a mensageiros em caso de necessidade, o mesmo anel que usara em Nuehem. O acólito ajoelhou-se imediatamente. Até mesmo as irmãs do Zéfiro fizeram reverência.

— Pois é vontade dele que eu inspecione os enfermos nesta manhã.

CAPÍTULO 22

A caravana Ur-Lehesh movia-se no ritmo de seus vagões mais lentos. Mesmo com pares de seis cavalos cada, não podiam dar-se ao luxo de partir a toda velocidade e danificar suas rodas e eixos, ou pior, a mercadoria. Ao redor dos vagões, um frenesi de movimento explodiu no momento em que avistaram perseguidores no horizonte. Na Terra Arrasada, qualquer outro grupo de viajantes à vista significava competição. Assim era o costume antigo dos clãs, assim também era entre os príncipes mercantes e suas Grandes Caravanas.

Moira deixou Sev e Morsov com seus esquemas e cavalgou em busca de Andvar. Encontrou-o dando ordens a seu bando enquanto esbravejava com um homem da princesa. Era o líder de sua minguada guarda de honra, montado em um imponente marchador hathamita.

— Snorren! — berrou o Brunehald de barba ruiva. — Cavalgue adiante com os homens da princesa, eles acham que podem ajudar! — Andvar comandou ao lanceiro Torgren com o nariz quebrado, que ficou muito feliz com o pretexto para se distanciar de Moira.

— Você me ouviu, bárbaro — disse o guarda de honra, um homem de pele escura enrolado em tecidos leves e armadura de couro com rebites. — Faremos o reconhecimento da retaguarda! Não do que há adiante!

Enquanto o grupo misterioso seguia em seu encalço, o horizonte à frente da Grande Caravana apresentava uma estranha luminescência verde-escura que descortinava o céu da manhã, cintilando com o brilho de astros desconhecidos. Moira sabia o que aquilo significava.

— Vocês podem continuar aqui e proteger sua princesa — Andvar grunhiu como o javali em sua capa —, ou podem ajudar Snorren. Sou eu quem guia essa caravana!

O líder da guarda cuspiu algo na língua de sua ilha afundada quando Moira alcançou Andvar.

— Preciso de um cavalo melhor. — Não era um pedido. — E de um arco.

O guarda da princesa olhou para Moira com desdém escancarado.

— Não vê que estamos no meio de um assunto sério? — Ele não gostou de ser interrompido por quem julgava ser apenas uma andarilha. — Vá procurar um ferreiro que derreta essa sua espada torta e a transforme em algo útil!

O sangue dos Brunehald corria grosso nas veias de Moira e de seu tio. Seus olhares gelados voltaram-se para os olhos desdenhosos do líder da guarda. O

homem se deteve, levando a mão ao cabo de sua cimitarra por puro instinto de defesa.

— Foi a própria princesa quem ordenou que investigássemos a movimentação atrás da Grande Caravana.

— Então traga a princesa até mim e deixe que ela dê a ordem pessoalmente — desafiou Andvar. — Os termos de nosso acordo são simples: meu bando protege suas vidas e seus tesouros e vocês nos pagam. Eu digo a hora de andar e de parar, a não ser que a própria princesa sugira algo diferente.

— Você comanda a logística da caravana, porque a tarefa está abaixo de minha senhora. A princesa Nehisi sugere... Ordena! — corrigiu o guarda. — A princesa ordena que meus homens façam o reconhecimento dos perseguidores! Eu sou seu porta-voz! Não existem mensageiros entre vocês, bárbaros incultos?

Andvar tinha o corpo inclinado para frente, como se quisesse saltar sobre o homem. Ele não daria o braço a torcer

— Tio, eu não fiz nenhum acordo com a princesa — Moira interveio. — Posso ser sua batedora com um cavalo mais veloz e algumas flechas na aljava.

— Muito bem. — Andvar aquiesceu à ordem com um sorriso sarcástico. — Seus homens vão fazer o reconhecimento. Você não.

— Isso é ridículo! — protestou o líder da guarda.

— As ordens foram claras — explicou o chefe guerreiro. — A princesa requer que seus homens sejam os batedores. Você fica.

O homem cerrou os olhos, insultado.

— É assim que pretende afirmar sua autoridade, bárbaro?

— Não. Vou afirmar minha autoridade obrigando você a dar seu cavalo a minha sobrinha.

— Você não tem esse poder! A princesa não aprovaria esse disparate!

— Vai rastejar de volta para a carruagem e incomodar sua princesa com assuntos de logística? Estou aceitando a ordem dela, porque foi minha vontade selar esse acordo. — Andvar desceu de seu enorme garanhão escuro e estendeu a mão para tomar as rédeas do cavalo do capitão. — Você vai aceitar minha ordem, porque foi vontade de sua princesa submeter essas decisões a mim!

Desamparado, o guarda de honra desmontou, entregando seu marchador a Andvar, que o passou para Moira. O chefe guerreiro gritou para ninguém em particular, exigindo arco e aljava. O homem mais próximo era Sorg, o escaldo, que obedeceu prontamente ao comando. Balançava um chocalho de ferro que tilintava ritmicamente com um som metálico. Nos lábios, uma melodia cadenciada inspirava homens ao trabalho.

Munida de arco e flecha e com uma montaria veloz, Moira disparou a galope para descobrir quem seguia a Grande Caravana. Do chão, ouviu o líder da guarda

praguejar.

— Melhor vigiar suas costas, garota.

O próximo som que Moira ouviu foi o do punho de Andvar colidindo contra a face do homem. Um golpe do chefe de guerra foi o suficiente para derrubar o guarda, pego de surpresa. O cavalo hathamita saltava com a graça de um cervo. Os cascos tomavam impulso tão logo tocavam o chão pedregoso. Deixou de se preocupar com a caravana e apreciou a liberdade que só o pleno galope podia proporcionar.

A Terra Arrasada era hostil e desolada, mas após vislumbrar os Ermos Cinzentos onde vagavam os mortos, Moira aprendera a apreciar mais a paisagem. Rochas esculpidas pelo vento inclemente recortavam o horizonte. Pedrinhas de cascalho espalhadas pelo chão tinham cores distintas umas das outras. Matizes pálidos, sim, mas muito mais vivos do que a mesmice do cinza e branco ósseo dos Ermos.

À medida que se distanciava da Grande Caravana, a silhueta do bando que os seguia se tornava mais nítida. Pela quantidade de pó que os perseguidores agitavam, o grupo era pouco maior que o bando de Andvar. Enviar batedores era necessário para saber exatamente que tipo de grupo era aquele, e em que condições poderiam interceptar a caravana.

Moira não se preocupou em não ser vista. Estavam em campo aberto e ela veria qualquer grupo de abordagem que se aproximasse. Os perseguidores estariam contra a luz solar, pelo menos por um tempo. Desde que ficasse fora do alcance de um arco longo, estaria segura.

Seu próprio arco era mais curto, uma arma confeccionada com esmero, feita de boa madeira no centro e com ossos recurvos nas pontas. O formato e o material favoreciam o tensionamento da corda sem exigir a mesma força que um arco longo de guerra. Era ideal para disparos montados, a tática favorita do Povo das Cinzas.

A velha Arja contava aos mais jovens de seu bando sobre como o Deus das Cinzas insultara de propósito as criações selvagens da Deusa da Seiva, chamando-as de frágeis e indefesas. A Deusa então dera chifres às bestas e troncos duros às árvores, e o Deus das Cinzas pôde ensinar seu povo a confeccionar armas a partir de ambos.

Moira desviou seu cavalo para o sul. Seria tolice ficar diretamente no caminho dos desconhecidos. Após galopar à vontade por um tempo, o animal se mostrou fácil de controlar, embora o movimento constante fizesse os machucados de Moira latejarem sob os curativos. Contornou o grupo estranho até um ponto onde o terreno se elevava em um aclave gentil antes de se tornar um barranco pedregoso.

Era outro bando do Povo das Cinzas. Embora estivessem firmes na trilha de Ur-Lehesh, pareciam cansados por se moverem em ritmo forçado. Não portavam

estandartes visíveis, mas pelas marcas nas peles de alguns dos homens — Moira não via com perfeição daquela distância —, pareciam Skodnir. Fazia sentido, considerando a história de Nehisi. Aparentemente os Skodnir seguiram o rastro dos membros fugitivos da caravana após darem cabo do príncipe mercante de Ur-Lehesh.

Moira continuou a observá-los. Um bando robusto, com alguns carroções roubados, mas sem cavalos o suficiente para todos os guerreiros, o que dava uma vantagem a Andvar. Estava próxima o suficiente para atrair para si alguns olhares desconfiados, mas os Skodnir pareciam mais preocupados em manter seu curso do que com uma batedora solitária. Seus próprios batedores ainda não haviam sido enviados. Ou talvez tivessem, de algum modo, observado a caravana sem ser vistos.

Ao longe, a guarda de honra da princesa partiu a galope para fazer seu próprio reconhecimento. Cavalgando agrupados, chamavam muito mais atenção do que Moira, criando a oportunidade perfeita para que investigasse um pouco mais. Por que Nehisi faria questão de mandar seus próprios homens para observar inimigos e não deixar que o bando de Andvar se encarregasse justamente do que eram pagos para fazer?

O sol rebrilhou no aço das armas e sobre a pelagem dos cavalos dos Skodnir, e os olhos de Moira captaram algo. Com a massa compacta de cavalarianos movendo-se no mesmo ritmo, era difícil distinguir figuras individuais, e ela pensou que fosse apenas a sua imaginação. Mas a coisa moveu-se para fora da formação cerrada, e a luz não deixou dúvida. Aquilo não era um cavalo. Parecia um peixe — um maldito tubarão — sobre patas aracnídeas!

O corpo cartilaginoso e os membros quitinosos refletiam a luz de um jeito diferente, parecendo antinaturais em meio a cavalos e homens. Sabendo o que procurar, Moira identificou outros três monstros como aquele, cavalgados por homens-peixe de pele escamosa. Como chegaram tão longe da costa? Devia haver um curso d'água por perto. Os Skodnir haviam se rendido aos abissais, que impeliam os guerreiros a prosseguir em marcha forçada.

Era uma estratégia ruim. Por mais que estivessem em menor número, o bando de Andvar e o restante dos guardas da caravana estavam mais descansados que aqueles homens. Alcançá-los daquele jeito não resultaria em uma batalha favorável aos perseguidores. A não ser que eles não acreditassem que uma batalha direta fosse acontecer.

Moira pôs-se a galopar novamente, observara o inimigo por tempo demais. Lembrou-se dos céus coloridos no horizonte. A caravana ia em direção a um campo estelar, e certamente Andvar ordenaria um desvio, mas para onde? Os Skodnir em seu encalço provavelmente pretendiam levá-los a uma armadilha, ou a perseguição através de quilômetros de Terra Arrasada não faria sentido. Moira sentiu falta de

Gurtha, a exploradora de seu antigo bando. O senso de direção apurado da caçadora era sem igual, mas seus mapas detalhados eram agora apenas uma lembrança. Gurtha saberia exatamente onde eles estavam agora e poderia deduzir que tipo e armadilha estava preparada para a caravana Ur-Lehesh.

A espada de Moira pulsou de forma estranha, as vozes das sombras inquietas em seu interior respondendo àquele chamado da memória. Elas já não precisavam que Moira tocasse o metal para se comunicar. Suas vozes, ardentes em agonia, suplicavam por vingança quando bem entendiam. Dessa vez, porém, uma voz se sobressaía no costumeiro coro de condenados. Uma voz feminina e grave, carregada de anseio por descoberta. Era Gurtha, transfigurada em um torvelinho de fuligem e osso carbonizado.

As estrelas queimam como nós. Elas nos chamam para queimar. Queime conosco, irmã!

A dor era a mesma. A súplica, em essência, era a mesma. Mas a voz de Gurtha soava isolada do restante, atraída pelas memórias de Moira. O cavalo seguia a pleno galope, as rédeas abandonadas. Poderia o conhecimento de Gurtha, um fragmento de seu senso de direção ou seu talento para cartografia, ser recuperado?

— *Mostre-me, Gurtha* — Moira pediu. — *Mostre-me o que há para além do campo estelar.*

Elas nos chamam para queimar com elas. As estrelas queimam no vazio do firmamento, mas aqui tocam a terra com sua luz. As estrelas queimam como nós.

Moira concentrou-se na caçadora falecida. Fechou os olhos, confiando em sua montaria. Deixou o próprio equilíbrio de lado e se abriu apenas para a lembrança de Gurtha. As sombras se assomaram diante dela, sentindo o momento propício para liberar sua dor sobre o mundo dos vivos, mas Moira as conhecia, já as abrigara em seu coração. Repeliu-as. Em sua mente, chamou apenas por Gurtha, a exploradora.

Havia pouco restante dela. O amálgama de sombras parecia uma fusão dos fragmentos desesperados dos antigos amigos de Moira, e rejeitava a individualidade de seus componentes. Mas Moira não se deu por vencida. Ela havia doado a si mesma como conduíte de sua raiva imortal. Havia queimado com elas, queimado por elas. Elas obedeceriam.

— Abra os olhos, Gurtha! — Moira comandou, sentindo o vento cortante e a velocidade do galope, sentindo o fogo que ardia a centímetros de sua face. — Veja as estrelas mais uma vez e me revele o que elas dizem! — As palavras saíram quase que por instinto. Moira parecia saber o que a sombra da caçadora precisava ouvir para ser compelida.

A sensação era parecida com a da mortalha de sombras que Moira manifestara no ninho dos carniçais, mas a vontade de abrir mão de si própria não estava presente. Ela estava no controle, era Gurtha que jazia incapaz de resistir.

Moira alcançou a mente da falecida. Muito do que havia eram as impressões dos últimos momentos da caçadora. O fogo e o horror dominavam, mas Moira penetrou mais fundo em meio à fumaça e a fuligem das memórias. Encontrou anseios, desejos e arrependimentos. Os últimos pensamentos de uma mulher cuja paixão era viajar, conhecer os segredos da terra, desbravar o inexplorado. A sensação de jornada interrompida completava um quadro triste, mas foi lá que Moira encontrou os retalhos do conhecimento que necessitava.

Na mente de Moira, aquela região da Terra Arrasada desfraldou-se como um gigantesco mapa, a partir da mancha brilhante do campo estelar. Não era uma visão nem um sonho, era como se relembresse do que esquecera há muito tempo. Os fragmentos deteriorados de memória que Gurtha guardava em sua forma torturada de osso e fuligem desabrocharam, espalhando-se, entrelaçando-se ao conhecimento de Moira.

A Grande Caravana e seus perseguidores atravessavam a estreita planície que Gurtha conhecera como o Corredor de Skrall. Havia um fio de lembrança sobre aquele nome, mas ele se desfazia do vazio, como a ponta desfiada de um barbante. As rotas das Grandes Caravanas quase sempre envolviam o Corredor, por onde era mais fácil alcançar Var Khalad. Era limitado ao norte pela Costa Serpeante e ao sul pelas Cicatrizes, um labirinto de pequenas ravinas pedregosas. As memórias das viagens e caçadas assumiam um tom pesaroso, um anseio por caminhar sobre a terra dos vivos. A tristeza logo dava lugar à frustração, e esta se traduzia em dor. A dor queimava.

Moira lutou através da sensação calcinante para manter a sombra de Gurtha sob seu comando. Precisava daquele conhecimento para entender o jogo dos Skodnir e dos abissais. Aquele bando atacara a caravana Ur-Lehesh semanas atrás — matando até mesmo o príncipe mercante — e continuava a perseguir os mercadores remanescentes. Para chegar até ali, tiveram de atravessar os platôs e escarpas no interior da Terra Arrasada, ou talvez tivessem seguido pela costa, com a ajuda dos abissais. Tudo aquilo por cavalos carnívoros da Vascócia?

O plano do inimigo se delineava: para manter-se a salvo dos perseguidores, a Grande Caravana teria que continuar em movimento. Não poderiam esperar que o campo estelar adiante se dissipasse, teriam que deixar o Corredor de Skrall.

Um desvio para as Cicatrizes era impossível com aquela quantidade de vagões e carruagens, deixando apenas a costa como opção, o território em que os abissais eram mais perigosos. A situação era perturbadora, pois dava a entender que os

Skodnir ou seus mestres abissais sabiam que um campo estelar desceria sobre a planície, bloqueando a passagem. O fenômeno devia ser imprevisível.

Moira relaxou, deixando Gurtha deslizar de volta para dentro da espada, juntando-se às outras sombras. Sabia o que fazer. Se não tinham chance de fugir, teriam que lutar.

Quando deu por si, sua montaria já cruzava como um dardo o centro da Grande Caravana, atrapalhando o ritmo da marcha, embaralhando formações de cavalarianos. Puxou as rédeas com força para refrear o animal, que relinchou em protesto. Por pouco não chocou-se contra a parelha de nove garanhões que puxava a carruagem de Nehisi. Andvar estava lá, confabulando com sua empregadora. Para a surpresa de Moira, Sev também.

— O que significa isso? — perguntou Nehisi, ultrajada. — Por que a garota está com um de meus cavalos, Andvar?

— É uma armadilha! — Moira alertou, antes que Andvar sequer pudesse responder. — Eles querem nos levar a uma emboscada.

— Moira, isso não é maneira de se dirigir à princesa mercante — advertiu Sev. O bastardo já estava empoleirado como uma gralha velha ao lado de Nehisi. Como conquistara sua simpatia em tão pouco tempo?

Andvar olhou nos olhos da sobrinha, como se através deles pudesse ver o que Moira tinha visto.

— Quantos são? — quis saber o chefe de guerra. — Qual clã?

— Skodnir — informou Moira. — Uma vez e meia nosso número, mas só metade deles está montada. Têm abissais com eles, cavalgando criaturas estranhas.

Andvar coçou a barba, pensativo. Nehisi olhava Moira de cima a baixo com frieza, avaliando-a. Sev tinha uma expressão estranha no rosto, encarando Moira e depois olhando de lado para a princesa. “Precisamos dela”, o olhar parecia dizer.

— Continuamos adiante — decidiu Andvar. — Não podemos arriscar a segurança da mercadoria agora que estamos tão perto.

— Você fala como se dar meia-volta e encarar os selvagens tivesse sido uma opção plausível em algum momento — esgarçou a princesa mercante. — Se eles vieram de tão longe sem descanso, podemos deixá-los para trás facilmente.

— Não podemos simplesmente seguir em linha reta — explicou Moira à princesa, sem se importar com títulos ou formalidades.

— Pela rudeza e pelos cabelos, essa deve ser parente sua, Andvar — disse Nehisi. — Minha jovem, o que a faz pensar que me antagonizar dessa forma pode acabar bem para você?

— Ela não está acostumada aos modos de seu povo, princesa — interveio Andvar. — Mas falou a verdade. Precisamos fazer um desvio.

— Por causa da anomalia astronômica? Bobagem! — caçoou Nehisi, apontando para o brilho multicolorido que se aproximava no horizonte. — Basta manter todos dentro dos... — Finalmente a compreensão surgiu no rosto da princesa. — Não temos espaço suficiente nos vagões. Noroeste, então?

— Não sabemos a extensão total do campo estelar — disse Andvar. — Um desvio a noroeste é nossa melhor opção, por enquanto.

— É isso que eles querem! — exclamou Moira. — Há uma enseada mais ao norte, a maré deve ter subido muito por causa do campo. Os abissais nos querem junto ao mar!

— Esperem um minuto — pediu Jarisev. — Que história é essa de anomalia? O que diabos é um campo estelar?

Moira sentiu uma enorme satisfação ao perceber que não apenas ela, mas também Nehisi e seu tio Andvar olhavam para o velho ladrão como se ele fosse uma criança tola. Talvez fosse um sentimento mesquinho, mas era bom ver Sev no papel do ignorante em uma terra estranha, para variar.

— A Devastação fez mais do que arrasar a terra — contou Moira. — Feriu até mesmo os céus. Em certos locais da Terra Arrasada, de vez em quando, uma dessas velhas feridas reabre, e as estrelas sangram sua luz no solo. Não é seguro estar por perto quando isso acontece.

Sev olhou pra Nehisi, buscando confirmação, e ela assentiu.

— A jovem fala a verdade, embora tenha usado muito mais poesia do que o necessário para explicar o fenômeno.

— Nossas canções carregam a verdade. — Andvar soou estranhamente defensivo dos costumes de seu povo, para alguém que pretendia se sujeitar a um império estrangeiro. — A explicação de Moira diz tudo o que é preciso saber: é o eco de uma magia muito antiga e poderosa que deve ser evitado. Vamos contorná-lo pelo norte.

— Isso vai nos levar direto para a costa — Moira alertou. — Há abissais em nosso encalço, nos empurrando para o mar. Não percebem que estamos indo direto para uma armadilha? A hora de lutar é agora!

— Você mesma disse, Moira — argumentou Andvar. — Eles têm uma vez e meia nosso número. Em campo aberto, vão nos flanquear facilmente. Mesmo que vencamos, lutar aqui arriscaria a mercadoria da caravana sem necessidade.

Enquanto seu tio discutia com Nehisi a melhor maneira de alterar o trajeto, Moira remoía suas inquietações. Qualquer bando dos cinco clãs enfrentaria o inimigo naquelas circunstâncias. Melhor arriscar a morte frente a frente com o inimigo do que uma fuga desesperada. Seria mais prudente enfrentar cento e cinquenta Skodnir exaustos pela marcha do que evitá-los e enfrentar o desconhecido na Costa Serpeante. Andvar se preocupava apenas com seu contrato com a princesa

mercante. Todo esse esforço para levar um presente macabro ao império de Var Khalad.

— Quantos de nós você aceita perder, tio? — Moira questionou. — Quantos de nós vão acabar com um arpão nas costas, ou arrastados para o mar pelos abissais, numa fuga para o litoral? Quantos filhos e filhas das cinzas precisam morrer para que você deixe de servir aos que nos desprezam?

O chefe de guerra encarou a sobrinha.

— Não pense que nosso laço de sangue te dá o direito de falar comigo desse jeito! Se não concorda com minhas ordens, é livre para deixar o bando. Se vai questioná-las, eu a obrigarei a deixá-lo!

— Não nasci para seguir as ordens de um covarde! — Moira rugiu. — Você afronta os costumes antigos, Andvar! Sujeita-se a promessas vazias de recompensa, oferece servidão em troca de migalhas!

O rosto de Andvar ficou vermelho como brasa, o enorme guerreiro parecia não reconhecer mais a própria sobrinha. O brilho de afeição por Moira havia sido expulso de seus olhos claros.

— Acha que encarar aqueles Skodnir vai poupar a vida de alguém? Você não sabe nada sobre liderar, criança! Você acha que eu não preferiria viver como Dorrage, entregue ao chamado da matança, saciando minha sede de sangue de massacre em massacre? — Andvar avançou na direção de Moira, enorme, ameaçador. — Eu seria muito melhor que aquele cão Torgren. Não aceitaria ouro e aço como suborno. Eu os tomaria pela força e deixaria um rastro de dor e desespero por onde meu bando cavalgasse. — O velho guerreiro estendeu suas mãos calejadas como garras na direção de Moira. — Sabe por que eu não me permito esse prazer?

Moira não respondeu. Acuado pelo avanço do tio, temeu por um instante ser enxotada do bando, como um cão sarnento. Mas, à menção do nome de Dorrage Torgren, seu coração se encheu de ódio, e a emoção causticante lhe emprestou um tipo infeccioso de coragem. Moira devolveu o olhar gelado ao tio, confiante que seus olhos eram ainda mais frios.

Manteve-se erguida em sua sela mesmo quando as mãos enormes do chefe guerreiro a agarraram pelos ombros. Sua visão pareceu escurecer, as sombras alongando-se em excesso, enegrecendo o mundo. Não se deu conta de que essas sombras emanavam dela mesma. As mãos de Andvar apertaram-na enquanto o velho guerreiro grunhia algo. Palavras que pareciam sair com muito esforço.

— Porque eu quero uma vida melhor para nosso povo, Moira! Como seu pai sempre quis! — A raiva nos olhos do velho guerreiro dividia espaço com o luto por seu irmão, uma dor que parecia enterrada bem fundo em seus sentimentos, escapando por causa da discussão com a sobrinha. — Você sabe, no fundo, que foram os costumes antigos que nos levaram à ruína!

Moira sabia. Seu pai sempre questionara o conflito eterno entre os clãs, a ideia tola de que a guerra perpétua seria a forja da qual um novo líder surgiria para unir o Povo das Cinzas. Não foi pelos costumes que ela questionou a decisão de Andvar, foi por raiva. Moira odiava ver o tio disposto a servir os interesses do império que destruíra sua família, seu lar e suas esperanças. O desejo de vingança em Moira queimava como uma pira funerária, deturpava seu julgamento. Mesmo discordando do tio, ela não tinha o direito de insultá-lo.

— Devo dizer que achei o momento bastante tocante — Nehisi quebrou o silêncio. — Mas esse não é o melhor horário para uma discussão familiar. Altere o curso da caravana, Andvar.

O chefe guerreiro assentiu e bradou novas ordens, fazendo seus homens transmitirem os comandos por toda a Grande Caravana. Como numa dança ensaiada, os vagões e cavalos começaram a guinar ordenadamente para noroeste. Alguém tocou as costas de Moira.

— Acho melhor você descansar um pouco. — Era Sev, que tinha descido da carruagem da princesa. — Fez um bom trabalho como batedora.

O velho ladrão de túmulos tinha muitos talentos, mas soar reconfortante não era um deles. Moira queria se desculpar com o tio, de alguma forma. Cavalgou seu marchador até emparelhar com o enorme garanhão de Andvar, que ainda transmitia seus comandos aos homens e mulheres do bando.

— Tio, eu...

Ele a encarou com impaciência.

— Aguarde suas ordens.

— Eu só queria...

Andvar grunhiu e acenou para Sorg. Os dois trocaram palavras à meia voz e o escaldo partiu, direcionando alguns lanceiros à frente da caravana. Andvar puxou uma tira de carne seca debaixo da sela de seu cavalo e começou a mastigar apressadamente.

— Você não pode ter minha atenção o tempo todo, Moira. Eu tenho que cuidar muito bem desse bando, ou eles vão matar uns aos outros antes que os Skodnir tenham chance.

— Desculpe por tê-lo ofendido, tio. Aceito qualquer punição por contrariá-lo.

— Sua punição serão suas ordens — disse Andvar, com a postura de um verdadeiro líder guerreiro. — Você cavalgará até a Costa Serpeante com a vanguarda da caravana. Quero que surpreendam os peixes-diabo e acabem com a emboscada deles antes que o resto do bando os alcance. Pode levar o Senhor da Morte e o ladrão de túmulos com você.

CAPÍTULO 23

O fedor de suor e sujeira surpreendeu Hakim. A visão dos doentes o surpreendeu ainda mais. Eram tantos, apertados uns contra os outros no interior do barracão construído às pressas. Uns gemiam de dor, outros tossiam como se fossem pôr os pulmões para fora. Não era possível que a escassez fosse tão severa, a ponto de obrigar tantos a beber das fontes contaminadas. Hakim ordenara que as reservas do Grande Templo fossem compartilhadas com os cidadãos, e mesmo assim a sede havia alcançado a muitos em pouco tempo.

Talvez os sacerdotes não tivessem distribuído a água como deveriam, forçando a população a se arriscar nos poços maculados pelos abissais. A alternativa era ainda mais perturbadora. Qualquer que fosse a origem daquela doença, a infecção poderia ser contagiosa.

A luz no barracão era mínima. Os doentes evitavam-na instintivamente, como se a claridade lhes causasse desconforto. Hakim apanhou uma lamparina pendurada em uma das paredes e adentrou o recinto, flanqueado pelas monjas que distribuíam os donativos. Havia outras irmãs do Zéfiro fazendo o mesmo. Um grupo preocupado de acólitos os seguia, pedindo aos enfermos que permanecessem calmos e não avançassem sobre o fardo de suprimentos. A precaução soava desnecessária, já que nenhum dos doentes parecia em condições de oferecer ameaça.

Cada vez que iluminava um novo paciente, o coração de Hakim ficava um pouco mais pesado. Havia famílias inteiras infectadas, enfrentando juntas a estranha enfermidade. Viu homens com o porte robusto de trabalhadores braçais derrubados pela fraqueza e gemendo de dor. Viu idosos com os membros enrijecidos, incapazes de se mover, mulheres e crianças com as escleras amareladas, sensíveis à luz e ao calor de sua lamparina. Exibiam pequenas pústulas e marcas avermelhadas pelo corpo, em um padrão que lembrava os favos de uma colmeia, ou as escamas de um peixe.

A maioria dos doentes eram amarantinos. Homens dos protetorados, simples servos e marginais, aos quais fazia sentido recorrer à água contaminada. Mas também havia muitos hathamitas, comerciantes e burocratas, e até mesmo um escriba feldari. A maioria dos enfermos não estava em condições de ser interrogada, e Hakim já não tinha mais tempo. Vira o suplício de seu povo, uma praga trazida pelos abissais, que não podia ser parada pelas lanças de seus cavaleiros. Era hora de

retornar ao comando das tropas, retornar ao cerco à horrenda criatura que Zith chamava de Alma do Rio.

Os acólitos e os médicos fariam o que fosse possível pelos doentes. O próximo passo, caso a praga continuasse a se proliferar, seria transferi-los para um abrigo fora das muralhas, especialmente se a doença se provasse contagiosa. Se uma cura não fosse descoberta, o passo seguinte seria cavar covas em massa. Caberia a Hakim vingá-los.

— Vocês não podem fazer isso! — berrou uma voz ao longe, num tom familiar. — Eu tenho privilégios de cativo!

Um grupo compacto de guardas arrastava um homenzinho em direção à quarentena. Apesar de pequeno, ele se debatia incessantemente. Havia mais do que simples indignação dos protestos do homem, provavelmente uma boa dose de desespero.

Ele se desvencilhou de sua escolta, que parecia proibida de feri-lo. Cambaleou e acabou prostrado aos pés de Hakim, agarrando as duas pontas da estola litúrgica de seu disfarce e puxando-o para si. As irmãs se moveram rapidamente para impedir que o homenzinho desesperado lhe fizesse algum mal. Hakim ergueu a mão, impedindo que Fitas Vermelhas baixasse sua maça decorada contra o rosto do prisioneiro. Conhecia bem aquela voz esganiçada, o tom levemente soberbo e os cabelos ruivos. Era Krennas Riénn, senhor destituído de Tanánn, prisioneiro na Baixa Corte da Var Khalad.

— Sacerdote, deve haver algum engano! — suplicou o senhor deposto. — Eu não posso ficar doente! Digo, não posso ter ficado doente, estava encarcerado, não bebi de fonte alguma!

A Baixa Corte não podia ser realmente chamada de cárcere. Apesar de funcionar como prisão, abrigava apenas nobres, que eram tratados com a dignidade que seus títulos exigiam, enquanto suas terras e propriedades eram administradas pelo império. Apesar dessa pequena injustiça, o argumento de Riénn era bastante sólido, não havia possibilidade de ele ter bebido de uma fonte contaminada. Mesmo assim, a doença estava estampada em seu rosto, no amarelado de seus olhos e nas marcas avermelhadas em suas bochechas.

— Retorne à sua escolta, senhor, e reze — disse Hakim, impassível. — Reze pela piedade do Deus-Rei.

— Vocês me envenenaram! — acusou o lorde. — Assassinos! Querem nos envenenar para tomar nossas terras de uma vez!

Desde a conquista do Vale de Nagrath, Var Khalad declarara-se protetora dos Reinos Amarantinos, guarnecendo fortalezas e ocupando pontos estratégicos, mas jamais anexaria formalmente novos territórios a suas fronteiras enquanto seus senhores legítimos permanecessem vivos. Os outros lordes locais, os que aceitavam

cooperar com as demandas de Var Khalad, veriam o assassinato de um desses nobres e a conquista agressiva de suas terras com maus olhos, incitando novas rebeliões. Se um senhor sucumbisse à velhice ou à doença sem deixar sucessores, a anexação de suas terras soaria muito mais plausível aos ouvidos dos amarantinos.

— O senhor não acredita que, se fosse realmente de interesse do império envenenar senhores amarantinos para tomar-lhes as terras — indagou Hakim —, teríamos começado com lordes realmente importantes? — Deixou aflorar todo seu escárnio para pôr o homenzinho em seu devido lugar. — Certamente esses envenenadores buscariam lordes com grandes extensões de terra cultivável, ou donos de riquezas minerais. O senhor pode reivindicar pouco mais que um punhado de montes fúnebres ao sul de Nagrath.

— Minha linhagem é mais antiga que seu império de mentiras! — Riénn guinchou, a voz roufenha, a respiração ofegante. — Vocês querem apagar a memória de nosso passado! Destruir o legado de Amarante!

— Não mais antiga que as fundações do Grande Templo, nem que o fogo sagrado dos Céus Exteriores — rebateu Hakim. — Essas sandices que você espalha sobre Amarante só serviram para corromper seus contrerrâneos com ideias sediciosas. De que adianta o legado de um general morto, quando são os exércitos do Deus-Rei que protegem seu país contra a maré abissal?

A escolta os alcançou, subjugando Riénn com mãos firmes, porém gentis. O sacerdote encarregado da pequena comitiva era um feldari roliço, cuja máscara exibia adornos azulados, além da prata costumeira à tribo.

— Glória ao Deus-Rei, irmão — Hakim saudou-o, solene. — Por acaso houve outros casos da doença abissal entre os membros da Baixa Corte?

— Não sei responder com certeza, irmão. Cumpro apenas ordens de trazer Lorde Riénn em segurança.

Hakim deixou a área de quarentena às pressas. Ao menos o encontro com Riénn servira para confirmar uma de suas suspeitas. A doença parecia afetar principalmente os mais necessitados, que acabavam por recorrer à água contaminada, mas infectara mercadores, escribas, e agora um nobre cativo. Alastrava-se de algum outro modo.

As monjas escoltaram Hakim até os limites de Imrath, para além de suas muralhas alvas e através das poucas fazendas ao redor da capital. Deixou-as com um par de mensagens a serem entregues a Liriel e ao senescal Kamash. Cada um teria um papel decisivo a cumprir quando Hakim retornasse à capital com suas tropas atrás de si. Não haveria mais espaço para heresia, nem para os segredos de Rasser. Hakim começara a formular um plano, mas antes de retornar ao cerco, precisava visitar uma certa fazenda abandonada.

A égua era jovem e enérgica, comprada no mesmo estábulo onde Hakim deixara o pobre cavalo de batalha que esporeara de Nagrath à Imrath. Carregou-o alegremente a seu destino, sob um céu cinza-claro, através das estradas imperiais. Os campos eram férteis ao redor da capital, mas a aridez tomava conta da paisagem enquanto Hakim se afastava da cidade. Havia um homem trabalhando junto à cerca da velha fazenda.

Corant, sem as placas de armadura que o denunciariam como um Santo Cavaleiro, mas ainda envergando cota de malha por baixo de uma túnica rústica, lutava com toda sua tenacidade contra uma bomba d'água, girando a manivela como se golpeasse um oponente. Antes que pudesse extrair algo além de lodo e água barrenta, avistou Hakim cavalgando a seu encontro. Corant caminhou lentamente em sua direção, com a mão firme sobre o cabo da espada em sua cintura. Aquele homem sabia seguir ordens.

— Lanças ao raiar do dia! — saudou Corant, abrindo a porteira dilapidada da velha cerca que insistia em circundar um lote inútil de terra pedregosa.

— Estilhas ao pôr do sol — devolveu Hakim, exibindo seu sinete ao cavaleiro. Sem a frase e o anel, o homem devia expulsar qualquer visitante. Sacerdote ou não.

Reconhecendo seu senhor através do disfarce, Corant ajoelhou-se brevemente, então passou a ajudá-lo com a égua e o fardo. Levou Hakim à casa de fazenda — ou ao que restava dela. Havia um aposento simples preparado para sua chegada, com cama, mesa e um baú que guardava a armadura do Deus-Rei.

Corant tinha algo a dizer, mas a curiosidade de Hakim não podia mais esperar. Aquele era um lugar isolado e seguro. Apanhou o cilindro recuperado da câmara mortuária e desenrolou sobre a mesa os pergaminhos que os cultistas escondiam. Ele precisava saber, precisava entender o que levava aqueles homens a executar um rito tão profano na câmara que deveria ser a mais sagrada do império.

Os malditos pergaminhos eram ilegíveis.

— Senhor, nós... — Corant pigarreou.

Hakim ergueu a mão, a palma aberta para interromper o cavaleiro. Não era possível. Anos de estudos forçados sob a tutela de Rasser para aprender os idiomas do continente, da Língua Comum ao Mordravo Antigo, passando pelos glifos cabalísticos da odiosa Solúmbria. Seria possível que seu mentor tivesse chegado tão longe, planejado tantos passos a frente ao ponto de mantê-lo ignorante de uma grafia para que pudesse privá-lo de algum conhecimento proibido? Hakim revirou seus bolsos em busca da seringa metálica e injetou uma dose de fleuma taumátúrgica em sua coxa.

A concentração ampliada pelo fluido arcano alcançou sua mente, acalmando-o, reforçando sua percepção. Hakim não tinha provas concretas contra Rasser, mesmo que desconfiasse dele. Sua paranoia estava sendo alimentada por um desequilíbrio

de humores. O choque taumatúrgico do primeiro encontro com Gorazesh não tinha sido totalmente superado.

Encarou os pergaminhos novamente. Cada um apresentava uma escrita diferente, mas não sem certa semelhança. O primeiro trazia runas atrozes, espalhadas sobre a pele de cabra quase como manchas de tinta, com ângulos, espirais e linhas entrecruzadas. O segundo era mais refinado, quase ordenado. Alguns caracteres eram até familiares, lembravam-no dos signos astronômicos de Uru Hatham.

— Preciso me manter hidratado, Corant. Vá continuar seu trabalho com a bomba e me traga um pouco d'água enquanto eu estudo esses pergaminhos.

Sem dúvida, o segundo texto era Hathamita Antigo, em alguma grafia perdida dos astrônomos hathamitas. Com esforço, Hakim podia decifrar algumas das palavras. Junto a signos que indicavam o quarto crescente, havia termos que podiam significar “aplar” ou “apaziguar”, seguidas de instruções misteriosas. Outra passagem, indicando a lua cheia, parecia dizer “domínio” ou “controle”. O segundo texto podia ser uma variação ainda mais primitiva do idioma da ilha perdida, mascarada pela caligrafia quase brutal...

— Não temos água, meu senhor — Corant interrompeu o raciocínio de Hakim.

— É só ter paciência, Corant. Bombeie até tirar toda a sujeira e ela jorrará cristalina.

— Perdoe-me, senhor, mas estou fazendo isso há horas. A água sempre sai escura. Fazia sentido, era uma fazenda abandonada.

— Não faz mal, podemos cavalgar até o Intrépido mais tarde para nos refrescarmos — amenizou Hakim. — Como está nossa prisioneira?

— É sobre isso que precisamos lhe falar.

Se a casa de fazenda era uma ruína, o celeiro não tinha o menor direito de permanecer de pé. De alguma forma, as quatro paredes se equilibravam precariamente umas contra as outras. O teto era apenas uma lembrança, uma memória distante das tábuas podres e ressecadas que jaziam no chão. Victus montava guarda do lado de fora, junto aos cavalos. Lá dentro, a prisioneira uivava.

Hakim recolocara a máscara feldari antes de deixar a velha casa. Olhos curiosos sobre a fazenda veriam apenas um sacerdote e dois guarda-costas. O problema eram os ouvidos curiosos, que escutariam o lamento de Zith ao longe. O som era agudo e rouco, metade bestial e metade melódico. Um pranto de cortar o coração, se não viesse de uma criatura que desejava a ruína da humanidade.

— Você tem pulmões! — Hakim exclamou ao adentrar o celeiro. — Vive nas profundezas, mas consegue gritar como uma louca!

O lamento foi cessando devagar, a estranha mulher abissal recuperando a compostura. A tina de cobre fora posta num dos cantos menos arruinados da

estrutura, onde o que restava do teto ainda oferecia alguma proteção. Zith estava parcialmente encolhida na água, a enorme cauda enrodilhada ao seu redor. O estado da prisioneira era penalizante: suas escamas perdiam o brilho e caíam em certos pontos do corpo, assim como os filamentos amarelados em sua cabeça, que antes se assemelhavam a cabelos longos, mas agora pareciam hastes quebradiças, prontas a desprender-se do crânio. Apenas os olhos, dourados sobre negro, conservavam algum semblante de força.

— Todos temos pulmões, meu senhor — respondeu a abissal, entre soluços. — Fomos feitos para terra e mar, antes dos humanos nos expulsarem, eras atrás, antes mesmo de Azgol Sudraszj arder.

— A terra não parece estar te fazendo muito bem. — Zith nunca cooperara com seus sacerdotes, aceitando falar apenas com Hakim, respeitando sua autoridade de Deus-Rei. — Como me reconheceu?

— Pelo cheiro, meu senhor — sussurrou a abissal, chorando sem verter lágrimas. — O cheiro do sangue divino.

— Sangue humano, Zith. Sangue que sua espécie tem prazer em derramar. — Hakim não pôde deixar de pensar nos vasos canópicos, naqueles órgãos inflados produzindo humores taumatúrgicos. Uma parte do sangue do verdadeiro Deus-Rei corria em suas veias, graças à fleuma que salvara sua vida. Seu Antecessor não era de todo humano. — Pode me explicar o motivo de tanto escândalo? Por acaso Victus e Corant têm lhe agredido?

— Não — Zith balançou a cabeça de uma forma um tanto infantil. — Não tocam mais em mim desde que o senhor ordenou.

— Então por que a choradeira? — Se ela continuasse, poderia atrair atenções indevidas, e Hakim seria forçado a executá-la. — Está doente?

— Ele está morto, meu senhor — choramingou a criatura, tão pouco bestial em sua fragilidade, quase humana em seu sofrimento. — Eu lhe pedi, eu o avisei, mas agora ele está morto.

— Quem está morto?

— O rio. O que o senhor chama de Intrépido.

CAPÍTULO 24

Moira encontrou Morsov próximo a uma das carroças de carga, conversando em voz baixa com um grupo de serviçais da princesa mercante, encarregados de alimentar os preciosos cavalos canibais dos vasgoces. O necromante falava, didático e incisivo, sobre o comportamento dos terríveis animais, fazendo suposições sobre os métodos que os condes da Vasgócía teriam utilizado para produzir tais criaturas em cativeiro.

Sentiu-se estranhamente mal com aquilo. Ao que parecia, o atarracado necromante gostava de lecionar a qualquer um que desse ouvidos, não apenas a ela. Morsov relutou em deixar o vagão de suprimentos, mas cedeu quando Moira lhe ofereceu uma oportunidade de estudar mais de perto o campo estelar.

Jarisev foi mais fácil de encontrar, sentado ao lado do cocheiro da enorme carruagem real da princesa Nehisi, mas impossível de convencer, plantando firmemente seu traseiro sobre a madeira finamente ornamentada do veículo. Havia caído o suficiente nas graças de Nehisi para conseguir aquele assento e não desistiria dele com facilidade.

— Afinal, uma ordem da princesa mercante tem mais peso que uma do chefe guerreiro contratado por ela — Sev tinha dito a Moira —, com todo respeito ao nobre Andvar.

Não querendo perder mais tempo com o ladrão de túmulos, Moira cavalcou com Morsov até a vanguarda da caravana, onde Ultha e mais dez homens aguardavam. Sorg estava entre eles, seus guizos de ferro chacoalhando no ritmo de sua montaria. A capitã fez questão de demonstrar sua insatisfação com a demora.

— Cada segundo desperdiçado com vocês pode custar horas de viagem na direção errada. — A guerreira Skodnir entregou-lhes grossos mantos de pele escura, bordados com runas de proteção do Povo das Cinzas. — Cubram-se, pode ser que tenhamos que cavalgar no campo estelar.

Morsov vestiu-se imediatamente, mas Moira podia ver que ele não entendia bem como aquilo os protegeria.

— Pensei que fôssemos nos deparar com abissais — disse o necromante —, nesse caso armaduras não seriam mais úteis?

— Escute, Senhor da Morte — devolveu Ultha —, por acaso algum de nós já o importunou com sugestões sobre como erguer um exército de cadáveres ou roubar almas de crianças?

— Necromantes não roubam... — protestou Morsov, mas foi interrompido pela capitã.

— Então não nos diga como lidar com um campo estelar! Para os peixes-diabo nós temos aço afiado e cavalos velozes. Armaduras pesadas só nos deixariam lentos. — Ultha percebeu que havia se deixado levar por uma discussão inútil com um forasteiro. Vociferou o comando para avançarem. — Vamos, seus preguiçosos!

Aproximando-se a pleno galope do campo estelar, Moira fitou a faixa de céu horivelmente colorido que se assomava sobre eles. Verdes profundos rodopiavam no ar junto a roxos doentios, enquanto tons avermelhados e amarelos dançavam nas extremidades do horizonte. O grupo de vanguarda devia alcançar a costa, mais ao norte, e evitar permanecer sob aquele céu obscuro se pudesse, mas as cores eram tão curiosas, como manchas oleosas no ar, diferentes do azul monótono e da claridade banal do sol.

Alguém agarrou bruscamente as rédeas do cavalo de Moira. O bicho relinchou quando foi puxado com violência para trás, empinando sobre as patas traseiras antes de parar.

— Não dê atenção às cores. — Era Ultha, a expressão de desaprovação estampada em sua face perfurada por brincos ósseos. — Concentre-se naquela rocha à nossa frente — apontou a capitã, para um marco na planície pedregosa onde o céu mantinha a cor correta —, porque não vou me desviar do caminho por você novamente.

— Eu não lhe pedi para fazer nada por mim! — Moira exclamou. A capitã provavelmente se ressentia dela por ter espancado seu lanceiro. — Guarde essa raiva para os abissais.

Ultha encarou-a, em parte desdenhosa, mas principalmente confusa. Só então Moira percebeu que havia se deixado atrair pelo brilho do campo estelar e cavalgado para longe do restante da vanguarda. A capitã impedira que rumasse cegamente, até que o céu a reivindicasse. Morsov observava, espantado e curioso.

— Sempre pensei que as luzes celestes da Terra Arrasada não passassem de um fenômeno astronômico — comentou o necromante —, mas parece que são bem mais do que isso.

— Eu nunca havia chegado tão perto de um campo estelar antes — confessou Moira, envergonhada.

— Reze ao Deus das Cinzas para não haja nenhuma estrela em nosso caminho — resmungou Ultha, e galopou adiante para liderar os homens.

Nenhum dos cavalarianos de Ultha cometeu o mesmo erro de Moira, e todos prosseguiram rumo à Costa Serpeante ao som cada vez mais frenético dos chocalhos metálicos de Sorg.

— Que instrumento formidável! — exclamou Jarisev.

Ele já havia experimentado lunetas antes, ótimas ferramentas para espiar barões mordravos e os turnos de guarda de suas torres silenciosas, mas nunca uma delas o fizera enxergar tão longe. Os vidraceiros hathamitas eram verdadeiros artistas, cortando o vidro com tamanha precisão e delicadeza que podiam produzir lentes capazes até de observar corpos celestes no céu noturno.

Sev não se interessava por astronomia, mas queria muito saber mais sobre o bando de selvagens e abissais que perseguia a caravana Ur-Lehesh, e a luneta ajudaria bastante. O melhor de tudo era que o cocheiro de Nehisi parecia não se interessar nem um pouco pela peça, tratando-a como a simples ferramenta de um trabalho monótono. Um bom ladrão — mesmo um especializado em roubar dos mortos — devia ser capaz de tirar o pincel das mãos de um pintor sem que ele notasse que as cores não surgiam mais em sua tela, mas Sev gostava de quando podia ter o que queria sem esforço.

Despediu-se do homem na boleia da carruagem com uma mesura, embora o cocheiro sequer prestasse atenção. Sabia tornar-se invisível quando queria, fosse através de furtividade, fosse despejando uma conversa tão enfadonha e sem sentido que o alvo seria obrigado a desviar o olhar e ignorá-lo. O cocheiro sucumbira facilmente a essa estratégia, negligenciando a luneta. Sev deixou-o encarando os traseiros dos cavalos e levou o formidável instrumento consigo, junto com o molho de chaves preso ao cinto do cocheiro.

Os guardas pessoais da princesa não eram tão fáceis de ludibriar, e mantiveram sua desconfiança mesmo quando Nehisi aceitou confabular com Sev em particular. Ouviu os suspiros de alívio quando finalmente deixou a carruagem real em direção ao seu vagão, o mais retardatário da caravana. Seu próprio cocheiro não pareceu satisfeito ao vê-lo parado, observando a caravana passar, aguardando pacientemente que o pequeno coche o alcançasse. O homem não gostara nem um pouco das instruções de Sev, com certa razão, já que não era saudável se manter na retaguarda quando havia perseguidores no horizonte.

O vagãozinho que Nehisi cedera a Sev e seu irmão ainda tinha o cheiro de pó e especiarias, graças aos rolos de tapeçaria e aos anos transportando cravo, pimenta e canela, mas agora mais tímido, sufocado pelo odor químico e levemente adocicado do que Morsov decidira trancafiar lá dentro. Sev não fez questão de entrar para descobrir. Subiu no vagão com a ajuda do cocheiro — a coluna ameaçando travar novamente, mas não ainda, em algum momento futuro, quando ele realmente precisasse dela — e sacou a luneta mais uma vez.

Ganhar o ouvido da princesa não fora muito difícil. Ele só precisou fazer o que fazia de melhor e roubar algo do interesse dela. Sev nunca gostara do termo “roubo de informação”, preferia chamar de “comunicação tática” e dar o nome de roubo apenas a performances verdadeiramente dignas de representar sua arte.

Sequer tivera que se esforçar para obter algum conhecimento de interesse da princesa, Moira simplesmente o entregara de bom grado, provavelmente sem perceber. A garota estava furiosa com os planos do tio, então Sev sentiu-se bem menos culpado em contar a Nehisi sobre como Andvar almejava se tornar “permanentemente indispensável” a ela e a seus conselheiros.

O que significava, obviamente, que os selvagens estavam só esperando a oportunidade certa para livrar-se da guarda pessoal da princesa mercante, tornando-se assim os únicos capazes de protegê-la no último estirão até a fronteira imperial. Ou, pelo menos, assim Sev retorcera a informação de Moira. Misturar um pouco de verdade a um pouco de mentira sempre funcionava. O pequeno desentendimento entre Andvar e o chefe da guarda hathamita, que terminara com o líder bárbaro enviando a sobrinha como batedora solitária até o alcance do inimigo, levantou a suspeita necessária entre os confidentes de Nehisi para confirmar as palavras de Sev.

A verdade era que os hathamitas — todos em Noltora, para ser franco — tinham pouco amor pelos clãs bárbaros, considerando-os pouco menos terríveis do que carniçais ou homens-peixe. Não era preciso muito para estimular esses preconceitos, e diante da confirmação de medos que ela já sentia em seu íntimo, a princesa tornou-se propensa a confiar em um humilde mercador mordravo. O desafio verdadeiro era o que estava por vir. Sev precisava ganhar a confiança de Andvar.

O líder bárbaro dificilmente se contentaria com fofocas. Provavelmente já esperava que em algum momento os hathamitas se virariam contra seu bando. Os clãs sobreviveram por tanto tempo na Terra Arrasada por serem adaptados à violência e à hostilidade. Por mais que Andvar desejasse abandonar aquela vida, sabia dos riscos envolvidos em firmar um acordo com uma Grande Caravana. Para encontrar algo que atraísse a atenção do chefe guerreiro, Sev teria que procurar com afinco.

Por isso, de pé sobre o teto de seu vagonete, o mais próximo possível do bando Skodnir que despontava como uma verruga incômoda no horizonte, Sev estendeu a luneta e observou atentamente. Que objeto encantador, aquele tubo de cobre com lentes de vidro e cristal. Podia ver as tatuagens tribais e os brincos de osso nos rostos afoitos dos selvagens.

Via com clareza as silhuetas dos cavalos e dos corcéis anfíbios dos abissais — quantas patas, quantos dentes! Podia até mesmo ver alguns vagões pilhados do

primeiro ataque à caravana Ur-Lehesh, que findara prematuramente a vida do príncipe Haramad. Dava até para ver um rosto espiando pelas janelas de uma bela carruagem hathamita, um pouco dilapidada, mas finamente decorada.



A luminosidade celeste avançava e recuava, governada por alguma maré astral desconhecida. Não havia divisão clara entre o céu cinzento e o torvelinho colorido. As cores sangravam do céu, espalhando-se em meio ao azul, estendendo braços sedutores na direção de Moira. O terreno, antes plano, tornara-se íngreme o suficiente para impedir os batedores de enxergarem o litoral. Só se via o horizonte cingido quase que ao meio por um céu cinza no leste e a distorção bizarramente iluminada a oeste. Aquilo assustava Moira, pois as memórias que extraíra de Gurtha sobre a região não incluíam uma elevação entre o Corredor Skrall e a Costa Serpeante.

Ultha liderava os cavalarianos, cavalgando à frente do grupo com sua lança erguida acima da cabeça, provendo um ponto focal aos guerreiros para que não desviassem o olhar para as luzes no céu. Sorg versejava uma ladainha roufenha, um cântico de proteção do clã Isafir, anunciara o escaldo, que não trazia lança ou espada. O aclave tornava-se mais acidentado à medida que se aproximavam do topo, de onde poderiam observar um bom trecho da enseada. Com sorte, a lança erguida atrairia a suposta emboscada para o grupo de vanguarda, eliminando a vantagem da surpresa e tirando o inimigo de suas posições estratégicas. Mas, antes que pudessem cruzar os últimos metros até a costa, avistaram a primeira estrela caída.

Era como se uma esfera de luz com metade do tamanho de um homem estivesse parcialmente enterrada no solo, sua chama fria ardia lentamente e espargia uma névoa luminosa que ascendia em direção à ferida no céu, de onde sangravam as caóticas cores cambiantes. De perto, a luminosidade clara era estranhamente familiar, assim como fumaça esbranquiçada que emanava da estrela em rolos densos e vagarosos.

Quando Ultha gritou o alerta, Morsov já cavalgara metade do caminho até a estrela, e não retornou quando ordenado. O necromante cobriu-se dos pés à cabeça com o manto de runas e sacou sua foice obsidiana. O cabo ósseo da arma parecia responder ao brilho do astro caído, adquirindo uma luz semelhante.

— Moira, venha até aqui! — chamou.

— Fique onde está, garota! — exigiu Ultha. — Deixe o forasteiro se arriscar sozinho.

— Não há risco para ela, capitã — assegurou o necromante. — Isso não é uma estrela, Moira, é uma fonte! Preciso lhe mostrar!

— Cuidado, Morsov — Moira advertiu. — O céu está partido sobre nossas cabeças, as cores podem nos sugar para além dele.

— Eu e você podemos escapar das cores, podemos enxergar outro céu, esqueceu? Um céu negro e vazio, triste porém seguro. Basta vestir seu capuz.

A menção ao capuz confundiu Ultha e seus guerreiros, já que todos já estavam encapuzados e vestidos com os mantos rúnicos de proteção. Morsov se referia à manifestação necromântica que os permitia enxergar além do véu, para os Ermos Cinzentos. Moira fechou os olhos e conjurou a memória de sua primeira visita às terras dos mortos. As sombras inquietas de seu bando carbonizado se agitaram, gritando para que ela as liberasse ao mundo, que compartilhasse de sua ira e seu sofrimento, que os impusesse sobre todos os viventes.

O lamento monstruoso das sombras já parecia trivial a Moira, que mantinha um controle cada vez mais firme sobre as almas sofredoras encerradas em sua espada. Mesmo que os gritos, o cheiro de carne queimada e o ardor do fogo pudessem alcançá-la através do aço danificado da arma forjada por seu pai, Moira podia repeli-los com um comando mental.

Quando abriu os olhos, não havia mais cavalarianos, nem escaldo, nem capitã impaciente. Não havia mais o céu horivelmente deformado por cores invasoras e luzes pulsantes. Só havia a planície interminável de areia cinza, iluminada pela estrela solitária que outrora lhe parecera soturna, mas havia se tornado uma boa amiga, um farol contra a escuridão. Morsov também estava lá, e surpreendeu Moira que o espírito desincorporado de Istvan não o acompanhasse. E havia outra coisa: a estrela caída.

Daquele lado do véu, em vez da orbe luminosa desprendendo vapor e fumaça, ardia uma fogueira de luz branca, suas chamas ferozes iluminando a paisagem vazia. O fogo espectral fez Moira pensar em Khef. A criatura morta-viva exibira muito mais poder do que seu corpo morto e estranhamente enegrecido tinha o direito de possuir, e vazava emanções idênticas às da estrela. Uma chama branca de brilho fantasmagórico e uma fumaça densa, espiralada, quase líquida. Morsov fez sinal para que Moira se aproximasse da estrela, mas ela o teria feito mesmo que ele ordenasse o contrário.

— Nunca imaginei que encontraria algo assim na Terra Arrasada, ocorrendo espontaneamente — confessou o necromante. — Eu devia ter prestado mais atenção aos relatos de seu povo sobre os campos de estrelas.

— Morsov, essas chamas... — Moira estava mais fascinada do que assustada. — São espíritos? — Em meio ao crepitar espectral, ela podia ver os rostos, uma infinidade deles, desvanecendo-se em fumaça e ascendendo ao céu negro.

— Esse é o segredo da Cabala, Moira. Em cada necrópole da Solúmbria reside um manancial de energia espiritual como esse, mas maior. Muito maior — Morsov

revelou. — Eles os chamam de Passagens Avérneas.

— Mas o que isso quer dizer? Minhas sombras inquietas e o espírito de seu tio são bem diferentes disso — disse Moira. — Posso sentir as mesmas emoções que elas sentiram ao sair da vida para a morte, mas não sinto nada vindo desse poço de almas.

— Essa é a matéria bruta que compõe o espírito — explicou o necromante, gesticulando e piscando animadamente. — Supõe-se que seja o resultado da decomposição de almas muito antigas, uma torrente de fragmentos de incontáveis mortos que perderam seu caminho no além-túmulo, esquecidos pelos vivos. Por isso não radiam mais emoção alguma, são potencial necromântico puro.

— Parece que as cores que ferem o céu atraem essa energia — Moira concluiu. À distância, via pontos luminosos na areia cinzenta, denunciando outras fogueiras espirituais como aquela. As “estrelas caídas” que o Povo das Cinzas temia em suas canções, eram, na verdade, fontes de poder para os necromantes. E no que Moira havia se transformado desde que libertara as sombras em sua espada pela primeira vez, se não numa necromante?

Por mais tentadora que fosse a descoberta, havia uma tarefa mais urgente a cumprir. Moira convenceu Morsov a retornar ao grupo de vanguarda. Num piscar de olhos, os Ermos Cinzentos deram lugar ao céu doentio sobre a vastidão desoladora da Terra Arrasada. Ultha sequer esperara pelos dois, cavalgando adiante com seus homens, e já observava do topo do aclave o percurso adiante.

Apenas Sorg permanecia, fitando-os com um interesse misterioso. Embora não portasse armas convencionais, os punhos do escudo estavam protegidos por pesadas manoplas metálicas, ornadas com espigões e rebites. Os três se apressaram para se juntar ao resto dos guerreiros.

Moira imaginou que Ultha estaria pronta para disparar farpas contra ela por ter se desviado pela segunda vez, mas a capitã não disse nada. Nenhum dos lanceiros falou uma palavra sequer. Estavam todos com o mesmo semblante assustado, transfixados pela visão daquele trecho da Costa Serpeante. Não havia emboscada. Havia um pequeno exército.

O aclave terminava abruptamente em uma falésia diante do mar. Gurtha não mostrara aquilo a Moira em suas memórias, e sim uma descida suave até uma enseada de rochas e cascalho. O campo estelar fazia mais do que pintar o céu com horrores multicoloridos e trazer à tona almas esquecidas pelos vivos. A própria maré era atraída para o epicentro do fenômeno. Nem mesmo o solo era seguro. Talvez por influência da energia espiritual que escapava da terra, combinada com a força inexorável do oceano, o relevo houvesse sido brutalmente reconfigurado.

A enseada que Moira vira nas lembranças da exploradora falecida dera lugar a um braço de mar revolto, uma praia pedregosa que só poderia ser alcançada através

de esarpas recém-erodidas. No ponto mais baixo da descida, as forças abissais se agrupavam à plena vista, um grupo grande demais para se preocupar em esconder-se.

Moira já conhecia os peixes-diabo escamados, com olhos inchados e bocas enormes, ladeadas por filamentos compridos, à guisa dos bigodes de um peixe-gato. Contou cerca de trinta das criaturas, movendo-se com algum propósito desconhecido sobre areia grossa. Junto aos escamados havia cerca de vinte crustáceos enormes, cavalgados por abissais de corpo delgado. Uma cavalaria daquelas faria um estrago muito maior à caravana de Nehisi do que os exaustos guerreiros Skodnir em seu encalço. Os caranguejos gigantes flanqueavam um grupo de escamados reunidos em círculo. Não pareciam preparar-se para o combate, mas sim realizar alguma espécie de rito místico, adorando o oceano em sua fúria revolta.

O líder deles — e não havia dúvida de que era o líder, pelo tamanho absurdo do monstro — mantinha o corpo parcialmente submerso, direcionando os demais com gestos grandiosos de dois pares de braços perturbadoramente longos.

— Eles estão distraídos — disse Ultha, em voz baixa. — podemos aproveitar essa vantagem.

De fato, os abissais escamados pareciam concentrados na estranha tarefa de traçar desenhos complexos e empilhar rochas e conchas no cascalho, enquanto os cavaleiros crustáceos tinham os olhos fixos nas águas turbulentas do Mar Serpeante.

— Temos que recuar! — Moira desafiou a capitã. — Se Andvar não quis encarar os Skodnir, com certeza não vai arriscar descer essas encostas para enfrentar o que quer que sejam aquelas coisas — o desdém em sua voz era palpável. Moira simplesmente não conseguia concordar com as decisões de seu tio. Por que fugir de oponentes cansados e arriscar um desvio para proteger o tesouro dos outros? A carga preciosa de Nehisi parecia mais importante que a honra guerreira, ou do que o próprio bom senso.

— O chefe guerreiro não quer perder tempo com perseguidores que podem ser evitados — retrucou a capitã — esse grupo é pequeno o suficiente para debelar.

— Eles têm a própria cavalaria pesada! São cinquenta deles contra quatorze de nós!

Ultha fez uma careta de desprezo e ignorou a pergunta de Moira, dirigindo-se aos demais guerreiros.

— Arcos! — ordenou a capitã. Os dez homens sacaram arcos de madeira e chifre sem pestanejar. Em instantes as armas estavam encordoadas e prontas para disparar. — Você também, Moira. Escolha um alvo e faça cada flecha encontrar uma parte vital.

Moira sabia que aquilo não podia terminar bem. Os abissais eram muitos e atacariam assim que a primeira flecha chegasse ao solo. Mas os guerreiros do bando

de Andvar estavam determinados a obedecer à sua capitã. Ela não podia simplesmente deixá-los a mercê dos peixes-diabo. Decidiu que lutaria até o fim no topo daquela falésia, que provaria seu valor diante de Ultha e dos demais.

Entrando em linha com os cavalarianos, Moira preparou sua flecha e retesou a corda do arco o máximo que pôde, alinhando o bojo recurvo da arma à altura de seus olhos. Eles tinham a vantagem do terreno e da surpresa, mas por quanto tempo? Prendeu a respiração, escolheu seu alvo, endireitou-se na sela e fez mira. Estavam longe demais!

Moira tinha experiência apenas com arcos curtos de caça, e mesmo assim sempre fora mais apegada a armas brancas. Temeu o fracasso diante daqueles guerreiros, membros do único bando que ainda a aceitaria como igual. Se ao menos ela tivesse praticado mais com o arco composto, teria alguma chance. Mas havia alguém que havia praticado à exaustão.

Voltando sua concentração para dentro de si, Moira abriu-se parcialmente para as sombras inquietas que a acompanhavam. Elas faziam sua espada arruinada vibrar e esquentar quando se agitavam, mas os ecos torturados de sua família e amigos não estavam mais totalmente presos à arma, e sim ligados a ela. Escutou os gritos e as súplicas, os sons horríveis de corpos queimando, tentando distinguir uma voz específica em meio ao coro de lamentos. Encontrou a voz, duas delas. Vozes que respondiam não à memória, mas à urgência do ato.

Olhe só para ela, Vyra.

Olhe só para ela, Sigrin.

Tão cheia de vida. Tão vazia de graça.

Sigrin e Vyra, tão belas as irmãs gêmeas. Tão cruéis em sua zombaria contra Moira. O apelo silencioso aos mortos, o tiro crucial a uma distância improvável e o medo ante o fracasso atraíram as irmãs. Sempre juntas em vida, sempre juntas na morte. Não por acaso as duas faziam questão de lembrar a Moira de que não era nem tão bela, nem tão destra como elas. Não por acaso as irmãs preferiam treinar com o arco, a arma mais complexa, mais flexível, difícil de dominar. Mesmo assim, Moira chorara por elas em meio às ruínas queimadas do assentamento. Agora, ela usaria de bom grado a proeza das gêmeas, como havia feito com a sabedoria de Gurtha.

Ela não vai conseguir, Sigrin.

Não vai acertar o alvo, Vyra.

E então o resto de seu novo bando vai queimar.

Moira não era mais a criança que forrageava alimentos para os pais e sonhava em forjar a própria espada. Não era mais tão rude ou tão desajeitada quanto as gêmeas se recordavam. Talvez nunca tivesse sido. Comandou-as em sua mente. Uma ordem firme, com a determinação de um chefe guerreiro. Vyra e Sigrin não tiveram alternativa, a não ser obedecer.

Nos fragmentos esfacelados da memória das duas irmãs havia muito ressentimento, um rancor dirigido a Moira que ela mesma desconhecia. Em vida, sempre se afirmaram como superiores, inalcançáveis. No fim, era tudo uma máscara de suas inseguranças. Moira mergulhou fundo naqueles resquícios de memória. Enterrados sob os sentimentos havia recordações inconscientes, dos instintos, das habilidades, do próprio corpo.

— Guiei minha flecha — Moira sussurrou.

Os disparos dos arqueiros montados de Ultha descreveram arcos perfeitos no ar, cortando a brisa marinha. A flecha de Moira, porém, voou mais baixo, mais rápido, e sua ponta metálica refletiu a luz do dia de uma forma curiosa. Os arqueiros mal prestavam atenção às próprias setas, diligentemente armando os próximos disparos, mas Moira teve a impressão de que havia duas flechas suas voando lado a lado, uma comum, a outra espectral. Morsov exclamou de surpresa. Sorg entoou seu cântico de batalha, a voz grave como o trovão, mas límpida como água da chuva.

As flechas gêmeas atingiram o pescoço do alvo. Apenas uma das setas era visível àquela distância, atravessando a garganta do peixe-diabo, mas Moira viu o sangue negro da criatura jorrar por onde a flecha fantasma perfurou sua carne azulada. Doze flechas desceram sobre os escamados, liquidando seis dos abissais instantaneamente. Três perfuraram os alvos, mas não atingiram qualquer ponto vital, apenas derrubando-os com o impacto. Uma seta solitária fincou-se na areia, inofensiva.

Imediatamente, os guardiões crustáceos rastejaram sobre as enormes patas pontudas em direção aos agressores. Os escamados que realizavam o ritual permaneceram onde estavam, terminando suas inscrições na areia, mesmo enquanto o sangue de seus irmãos escorria por entre os sulcos formados pelos desenhos. O líder, recoberto por uma horrível crosta de corais vermelhos, exortava-os a continuar o trabalho. A segunda saraivada de flechas desceu novamente sobre os escamados indefesos e Ultha ordenou que os arqueiros se concentrassem nos crustáceos encouraçados que avançavam encosta acima.

Apenas Sorg, Morsov e a própria capitã não portavam arcos, mantendo-se em posição para interceptar a primeira criatura que conseguisse vencer as escarpas e contra-atacar. Os caranguejos, apesar de suas muitas patas, subiam com dificuldade, tornando-se alvos fáceis. Os disparos continuaram, dessa vez sobre os crustáceos.

Não se tratava de montaria e cavaleiro, mas de monstros híbridos com torsos delgados, femininos, recobertos de escamas delicadas, enquanto a metade inferior das criaturas era revestida de couraça quitinosa. Para desespero dos arqueiros, as enormes pinças das abissais encouraçadas serviam como escudos, recebendo o impacto das flechas sem reduzir sua marcha. Apenas os disparos de Moira provocavam algum dano aos exoesqueletos delas, abrindo pequenos buracos onde a flecha espectral perfurava.

— Concentrem seus disparos! — bradou Ultha. — Atinjam a linha de frente!

O inimigo não deixou-se abater pelos projéteis. Ostentavam múltiplas flechas encravadas em suas pinças e patas, mas continuavam a escalar a falésia. Quando os arqueiros concentraram seus esforços numa abissal que quase alcançava o topo, a retaguarda das criaturas se separou do bando principal e escalou por outro caminho, obrigando os arqueiros a dividirem seus ataques ou serem flanqueados.

Moira preparou mais uma flecha, escutando as provocações de Vyra e Sigrin em seus ouvidos, mas obrigando-as a permanecer mesmo assim. As sombras gêmeas enroscavam-se em seus ombros como asas negras. Moira sentia seu calor, um lembrete cruel do destino de sua família.

Mirou a cabeça de uma das encouraçadas, a segunda na linha que subia para alcançá-los. Puxou a corda com toda força, sentindo as pontas de chifre se dobrarem enquanto a madeira do bojo tentava retorná-las à posição original. Liberou a flecha, um disparo gêmeo. Seus dedos ardiam.

A encouraçada recolheu uma imensa garra crustácea para se defender do disparo. A flecha de madeira estilhaçou-se contra a parede quitinosa, mas a outra, imaterial, abriu um rombo na casca. A criatura cambaleou para trás e caiu sobre as outras que subiam em seu encalço. Três pelo preço de uma, despencando no chão de cascalho.

A brisa marinha soprou mais forte, o odor de maresia transformou-se do fedor pungente de algas apodrecidas sob o sol. O ritual continuava e o mar se agitava, indiferente à matança, mas atento aos cânticos guturais dos peixes-diabo. Subitamente, a maré recuou. Ondas explodiram em espuma branca ao chocar-se contra rochedos que quebravam a linha d'água. Os rochedos se ergueram.

Uma pedra enorme chocou-se contra a beirada da falésia, derrubando três arqueiros e seus cavalos. A encosta, fragilizada, desmoronou no ponto de impacto, levando mais um dos guerreiros de Ultha e algumas das encouraçadas consigo. Ultha ordenou a retirada.

Moira apertou o flanco de seu marchador com as pernas e puxou as rédeas, forçando-o a se virar, e galopou para longe da beirada da encosta. No instante seguinte, outro rochedo explodiu contra o solo exatamente onde ela estivera. Haviam feito bom uso da vantagem da surpresa, mas o inimigo revidou na mesma

moeda. Restava esperar que as criaturas subissem em seu encalço para enfrentá-las em terreno aberto, ou bater em retirada.

— Se as atraírmos para a estrela caída, posso derrotá-las! — gritou Morsov.

— Não vamos adentrar o campo estelar sem necessidade! — Ultha respondeu.

— Voltem para a caravana — Moira sugeriu —, eu e Morsov vamos atrasá-las!

Alerte Andvar!

Finalmente, Moira viu o rosto de Ultha demonstrar algo que não fosse desdém, impaciência ou raiva. A guerreira Skodnir saudou-a, levando a mão fechada ao coração e depois à testa, em respeito à oferta de sacrifício.

CAPÍTULO 25

Quando partiu incógnito sob a cobertura da noite, Hakim venceu a distância entre Nagrath e Imrath em algumas horas, galopando pelas estradas bem mantidas de Var Khalad. O caminho de volta seria mais vagaroso, já que a carruagem modificada para acomodar Zith exigia certo cuidado na condução. Seguiam ao longo das margens do Intrépido, que escavava um sulco profundo na rocha avermelhada e costumava correr caudaloso nos quilômetros finais até sua foz.

O rompimento da represa reduzira a força da corrente naquele trecho. Não parecia morto, como Zith dissera. Talvez ela se referisse à morte da Alma do Rio, o titã invertebrado que destruíra a represa de Nagrath.

— O senhor ainda não sente a mudança, mas ela já começou — insistia Zith, seus olhos dourados o único sinal de vivacidade na face abatida. — Como pôde fazer isso, assassiná-lo dessa forma?

— Se me recordo — retorquiu Hakim —, foi Gorazesh quem trouxe a criatura à tona para arruinar a represa. Você sabe muito bem que Var Khalad revida com fogo e sal as agressões de seu povo.

Zith chorou em resposta, afundando-se na água parada de sua tina de cobre. A prisioneira estava há muito tempo mergulhada naquela mesma água, e sua saúde piorava. Hakim se perguntava se executá-la seria a coisa certa — a coisa piedosa — a fazer, mas precisava de Zith. Ou, pelo menos, da informação que pudesse extrair da abissal. Quantas mais saberiam falar a língua comum? Ela dizia que nem todas as suas irmãs conseguiam articular os sons terrestres em suas gargantas, e as outras raças abissais faziam pouco mais do que chiar e gorgolejar quando emergiam à superfície.

— Você gostaria que eu lhe providenciasse um aposento maior? — Hakim perguntou, sondando a prisioneira. — Com certeza precisa de água nova. Meus sacerdotes sabem a salinidade necessária para criar um ambiente saudável para sua espécie.

— O senhor faria isso? — Zith se empertigou, sua cauda serpeante movendo-se em espiral e respingando gotículas sobre o assento de Hakim.

— Se concordar em me ajudar, posso melhorar sua situação. Ainda será prisioneira, mas em condições melhores que essa.

— Entreguei-me ao senhor quando meu cardume foi derrotado. Farei o que ordenar até que deseje findar minha vida.

— Se está tão disposta a cooperar, por que deu tanto trabalho aos noviços no calabouço em Nuehem?

— Me entreguei ao senhor, não a eles.

O olhar dela era perturbador. Conservava o brilho mesmo em meio ao desmazelo de seu cativeiro. As escleras negras de íris douradas comunicavam suas intenções com clareza aterradora. Hakim teve certeza de que ela falava a verdade. Tirou um dos pergaminhos do invólucro de couro e o desfraldou diante de Zith.

— Pode ler isso?

— Não sou uma... Saezinthassar. — Zith parecia não conhecer o termo no idioma de Hakim.

— É como vocês chamam seus escribas? — Não havia penas ou pergaminhos nas profundezas, embora alguns polvos produzissem tinta.

Zith balançou a cabeça com rapidez. Remexeu-se nervosamente sob a água.

— Entregou-se a mim ou não? — desafiou Hakim. — Conte-me o que sabe!

— Ler esses símbolos não cabe a mim, mas aprendi um pouco deles em segredo — revelou, com certo orgulho travesso.

— Leia para mim.

— Dê-me o pergaminho, meu senhor, para que eu possa decifrá-lo.

Hakim sacou uma faca comprida de sua greva direita. Fendetreva era grande demais para brandir no interior de um coche. Encostou gentilmente a ponta da lâmina na garganta da prisioneira. Zith estremeceu levemente. Com a mão livre, segurou o pergaminho aberto, para que aqueles olhos dourados pudessem desvendar seu conteúdo.

— Se danificá-lo, vou matá-la.

A prisioneira encarou demoradamente a página escurecida pelo tempo, fitando com perplexidade as estranhas runas tão rudemente gravadas no pergaminho. Depois ergueu os olhos para encarar Hakim, temerosa. Sua face parecia ainda mais frágil vista de cima, os curiosos cabelos louros derramavam-se sobre as costas.

— Não compreendo por completo.

— Faça um esforço — incentivou Hakim.

— É difícil, com o senhor tão perto.

— Vai dar o melhor de si, mesmo assim.

Resignada, Zith aquiesceu. Mergulhou vagarosamente, arriscando ser cortada pela adaga de Hakim, permitiu-se alguns instantes submersa, então emergiu, as barbatanas da cauda serpentina abrindo-se e fechando-se num ritmo suave. Leu os símbolos novamente.

— Acho que é um vínculo, meu senhor.

— Pelos Céus Exteriores, o que isso quer dizer?

— Algo como o senhor fez comigo agora há pouco — Zith explicou. — Me ofereceu água limpa em troca de ajuda.

— Então é um acordo, mas de que tipo? Um negócio? Um tratado? Um pacto?

— Creio que seja um pouco de todas essas coisas. A linguagem dos Saezinthassar não pode ser traduzida com perfeição na superfície. — Ela não pareceu mais tão nervosa em pronunciar o nome estranho. — É um vínculo antigo entre nós e os humanos. Damos uma coisa em troca de outra, mas não consigo entender o resto.

— Talvez você consiga, se puder se concentrar melhor. — Hakim retirou sua faca do pescoço de Zith e ela inspirou, aliviada. — Você disse que era algo antigo, mas quanto?

— Esse tipo de vínculo já foi selado antes, em Uru Hatham.

— Você quer dizer que coisas como essa existem desde antes da Devastação?

— Vêm de Azgol Sudraszj.

— O lar de seu povo? A tal região que ardeu com a Devastação?

Rápidas batidas na lateral do coche alertaram Hakim. Corant surgiu na pequena janela, emparelhando seu marchador para avisar algo ao Deus-Rei.

— O senhor precisa ver isso!

O rio ainda corria, embora lentamente, mas suas águas esverdeadas exibiam manchas escuras como se barris de óleo queimado tivessem sido despejados rio acima. Peixes mortos boiavam com a correnteza, recobertos da estranha substância. Atraíam aves ribeirinhas a um banquete inesperado. O Intrépido estava morrendo.

Com o rio, morreriam os canais, a irrigação de grande parte das terras imperiais e as colheitas que sustentavam os cidadãos e os soldados. Se os lençóis d'água subterrâneos que abasteciam as fontes em Imrath sofressem o mesmo destino, não haveria solução para a sede que se abateria sobre a capital.

A mente de Hakim anuviou-se com todos os desdobramentos daquele horror: sem uma solução para a irrigação, Var Khalad teria de aumentar as taxas de grãos impostas sobre os protetorados, aumentar sua presença militar no interior dos antigos reinos amarantinos, talvez até anexar novas terras. Aquilo provocaria uma guerra que ele não podia se dar ao luxo de travar enquanto os abissais continuassem seus ataques sistemáticos às fortalezas costeiras.

— Zith! — Hakim retornou à carruagem a passos largos, ordenando a seus cavaleiros que seguissem viagem. — A morte do rio, existe uma forma de revertê-la?

— A humanidade conhece apenas o assassinato e a matança, meu senhor — choramingou a prisioneira. — Seus homens aniquilaram a Alma do Rio. Não se pode trazer de volta o que se vai, não sem pagar um grande preço.

— Os necromantes podem — disse Hakim. — Nossos necrológicos também, por um tempo.

— Não é a mesma coisa. Mesmo que o senhor obrigasse os Servos da Morte a reerguer a Alma, fazendo-a de títere, as águas não recuperariam a vida. — Zith parecia saber muito sobre a Solúmbria e sua magia profana. — Se o senhor arrastasse a enorme concha até uma das grandes piras funerárias das necrópoles, mesmo assim, com todo aquele poder, outro ser emergiria, outra coisa. Um novo Rio, talvez, mas sem Alma.

— Vocês sabiam! — Hakim acusou. — Despertaram o monstro para destruir a represa e nos forçar a contaminar o rio!

Zith encolheu-se de medo diante de seu captor. Hakim mal percebera que havia avançado contra a abissal com os punhos cerrados. Estava tão perto que podia ver as escamas em sua pele, que se desprendiam ressecadas por todo seu corpo delgado. Podia contar suas finas costelas, transparecendo através do torso cada vez mais esquelético. Desviou o olhar para evitar sentir pena.

— Existem ritos entre meu povo — Zith murmurou —, capazes de trazer novas Almas à tona, vindas do mar profundo. Mas são antigos, como os vínculos entre Azgol Sudraszj e Uru Hatham.

— São uma forma de troca, como o pergaminho que lhe mostrei?

— Exigem sacrifício — assentiu a abissal.

Sacrifício. Não era isso que os cultistas faziam nas grutas sob Imrath? Sacrifícios profanos, de humanos e abissais, um suborno de sangue em troca de algo. Mas do quê? Uma dádiva que exigia recorrentes pagamentos hediondos.

Era algo relacionado às fases da lua, ora para “apaziguar”, ora para “dominar”, como dizia o texto escrito em hathamita antigo. Mas quem ou o que deveria ser apaziguado e dominado? Algo relacionado ao veneno nos poços, ou à doença que se alastrava misteriosamente pela população.

— O que mais você sabe sobre esses sacrifícios, Zith?

— São de muitos tipos, para muitos propósitos. Mas nem sempre os vínculos com Azgol Sudraszj são recompensados como esperado.

— O que quer dizer?

— Meu conhecimento é limitado. — Ela estava escondendo algo, Hakim teve certeza pelo olhar esquivo da prisioneira. — os Saezinthassar conhecem os modos antigos, mas nunca vêm à superfície.

— E Gorazesh? O sacerdote dos abissais com certeza sabe muito sobre isso.

Zith estremeceu mais uma vez, mesmo sem lâmina para ameaçá-la. Uma simples menção à Gorazesh a assustava mais do que aço frio contra sua garganta.

— Ele sabe. E se souber das coisas que eu disse ao senhor... — A cauda de Zith enrodilhou-se como uma barreira, enquanto ela abraçava a si mesma e

submergia na água de sua tina de cobre. O medo naquele gesto deixava entrever um destino pior do que a morte por ter compartilhado o que sabia com o inimigo.

— Ele não vai tocá-la — prometeu Hakim, sem saber o porquê. Sequer sabia se ela o ouviria debaixo d'água. — Quando eu achá-lo, será o fim para um de nós dois.

— Senhor! — Novas batidas ressoaram contra a madeira da carruagem. Era a vez de Victus alertá-lo. — Estamos chegando ao vale!

Hakim ficou dentro do coche, fitando Zith através da linha d'água. Sentia algo pela criatura. Compaixão era um sentimento reservado à humanidade, mas lá estava ele, preocupado com o estado deplorável de sua prisioneira de guerra. Quando finalmente pararam, Hakim saiu para encarar seu exército. Vestia a armadura completa do Deus-Rei, com capa branca e elmo coroadado. Planejara comendá-los pela bravura ostentando a Máscara Sanguínea, mas naquelas circunstâncias, não havia alternativa senão o esgar torturado da Melancólica.

O lodaçal formado pela destruição da represa refletia o cinza do céu. Um arremedo opaco do lago prateado dos sonhos de Hakim. As tropas prosseguiram com os afazeres característicos do fim de uma batalha: tratar dos feridos, limpar equipamento, recolher as armas de cerco. Os homens caminhavam de ombros curvados, fitando os próprios pés, um semblante condizente com a derrota. Os ares de tristeza não eram compatíveis com os restos fumegantes da concha ciclópica — estilhaçada, queimada e vazia — que despontava do centro daquele lago infeliz.

A Alma do Rio havia sido destruída. Monturos de sal destacavam-se ao redor dos restos mortais do monstro, dissolvendo-se lentamente nas águas paradas. A fumaça vinha de um rombo na extremidade da concha, sem dúvida fruto da engenhosidade combinada dos artilheiros de cerco e dos línguas-de-fogo. A vitória fora completa e esmagadora, e mesmo assim os ânimos eram visivelmente piores do que quando Hakim dera início ao cerco.

Eles sabiam. De algum modo, aqueles soldados e cavaleiros forjados pela guerra perceberam que o que fizeram aos pés do Vale de Nagrath teria consequências terríveis. Ao avistar Hakim, na gloriosa armadura do Deus-Rei, os soldados começaram uma lenta congregação ao redor de seu senhor, prostrando-se em submissão. Procuravam respostas, reafirmação de suas crenças, ou o simples conforto de sua autoridade. O conjunto daquelas faces abatidas parecia soletrar uma pergunta: por que nos abandonou?

— Foi necessário — respondeu o Deus-Rei, a ninguém e a todos. — O inimigo forçou nossa mão, obrigou-nos a impedir a besta e sofrer as consequências nefastas de sua morte. Não temam a vitória ou o preço que ela exige.

Hakim perguntou por Laurent, encarregado de comandar em sua ausência, e os soldados levaram-no ao arconte. Sentado sobre uma rocha alta, um escombros da

represa destruída, ainda vestindo sua armadura acobreada, Laurent observava o cadáver fumegante em silêncio. Despertou do transe ao ver Hakim diante de sua rocha, chapinhando na água turva para alcançá-lo.

— Ela se dissolveu em lodo — relatou o arconte. — Fizemos chover sal e fogo e rochas. A carne mole da criatura derreteu diante de nossos olhos quando partimos sua carapaça com o último pedregulho flamejante. — Laurent esgotara toda sua zombaria, e sem aquela animação sarcástica o homem de face encovada e barba rala reduzia-se a um maneta amargo e desdenhoso. — O líquido fluiu corrente abaixo, derreteu as armaduras e a carne dos imbecis que ficaram no caminho. Ficaremos sem a água do Intrépido também, não é?

— Por um tempo — mentiu Hakim. — Até eu encontrar uma solução.

— Enquanto isso, sem rio, sem represa e sem canais, vamos viver de quê? — Laurent indagou, cáustico. — Peixe?

— Sim. Não faltarão abissais para ceifar, nem água para beber. Olhe para o céu — indicou Hakim —, são nuvens de chuva. Sabe o que significam.

— A estação chuvosa chegou cedo esse ano. Eles sempre atacam quando chove.

— Então vamos tratar de pôr esse exército em marcha. Onde está Garad?

O velho taumaturgo cuidava da logística dos suprimentos e da manutenção das armas de cerco. Hakim encontrou-o diante das carruagens. Mesmo cego, parecia que Garad já sentia o tempo nublado que se formava e entendia que as tropas deveriam estar em posição o quanto antes.

Chovia pouco em Var Khalad, geralmente apenas no litoral, aguaceiros que se transformavam em violentas tempestades. Água e vento chicoteariam as muralhas de Imrath e os abissais aproveitariam a oportunidade para atacar. Seria como se, por algumas horas, a superfície fosse tragada às úmidas profundezas, e os malditos teriam a vantagem.

Garad provara-se um senescal eficiente, antecipando os desejos de seu senhor. A infantaria fora organizada conforme sua divisão original: os quinhentos de Hakim destacados dos duzentos de Laurent, com uma parca centena de Sigismund completando a contagem.

O que faltava de guerreiros à tropa de Sig, sobrava de engenhos de cerco e suprimentos, com servos amarantinos para transportá-los. Dez balestras de cerco e cinco trabucos, municiados por barris de sal, virotes de cerco e óleo de baleia. Tudo transportado em vagões robustos. Aquele carregamento assegurara a derrota da Alma do Rio. A promessa de chuva, porém, era uma ameaça aos engenhos de guerra.

Com os quase trezentos servos amarantinos, a centena de Sigismund deveria recolher-se no povoado sobrevivente ao rompimento da represa. Cuidariam para

que a madeira dos trabucos não sofresse com a umidade. Na ausência da guarnição do forte, os soldados de Sig protegeriam a gente indefesa do vilarejo.

Os homens de Laurent deveriam retornar a Valash Kha, na costa oeste, deixando um pequeno grupo para trás a fim de transportar parte das armas de cerco — não era sábio manter tantas num mesmo lugar sem um bom motivo. O restante da infantaria, junto aos Santos Cavaleiros sob comando direto de Hakim, rumariam imediatamente a Imrath.

— Contatarei os perscrutadores na capital para informar ao alto clero de sua chegada, meu senhor — disse Garad. — O retorno do Deus-Rei exige uma recepção adequada.

— Não há necessidade. Precisamos da fleuma taumatúrgica para mensagens mais urgentes.

— O que poderia ser mais importante que sua chegada, meu senhor?

— Água. Var Khalad vai sofrer com a perda do Intrépido, precisamos instruir cada forte e cidade imperial a armazenar o máximo possível de água da chuva.

Um lembrete da necessidade de estocar o mais precioso dos recursos seria bem-vindo, mas não era o real motivo da ordem de Hakim. Mestre Balam fizera parte da conspiração, um escriba renomado, acima de qualquer suspeita. Até mesmo Rasser podia estar envolvido. O que dizer então de Garad? O perscrutador feldari era de total confiança do Sumo Pontífice. Com sua taumaturgia fleumática poderia facilmente relatar os passos de Hakim a qualquer conspirador.

Para seu crédito, Garad não se surpreendeu com o comando para alertar individualmente os centros imperiais de poder, disseminando a notícia da morte do rio. Foi a exigência de que cada perscrutador deveria se reportar a Nagrath, projetando-se diante da forma astral do Deus-Rei, que intrigou o velho taumaturgo. Ele projetou sua consciência enquanto as tropas faziam os preparativos finais para marchar. Com a visita dos mensageiros, Hakim sabia que Garad havia realmente cumprido suas ordens.

Hakim injetou uma dose de fleuma em suas veias e perfurou os véus da percepção, elevando sua consciência. Sua forma astral já não era apenas uma versão translúcida de si mesmo em vestes simples, era dois palmos mais alta e ostentava a armadura completa do Deus-Rei. Durante o conflito onírico com Gorazesh, Hakim alterara sua autoimagem na medida de seu crescente poder taumatúrgico. Ele se perguntava se essa transformação teria sido possível se não tivesse descido à câmara mortuária e matado Balam, o condutor daqueles ritos hediondos.

Um a um, perscrutadores de cada fortaleza e cidade murada de Var Khalad surgiram perante seu senhor. Brotavam do ar como velas acesas, suas formas translúcidas definindo-se em contraste com o embotamento do mundo físico. Eram

invisíveis aos soldados e homens comuns, mas reconheciam uns aos outros em comunhão astral.

Diante do Deus-Rei, porém, suas formas apequenavam-se. Hakim exigiu relatos completos sobre cada guarnição, cada confronto recente, tentando identificar um padrão na estratégia dos abissais. Os ataques testavam sistematicamente as defesas imperiais, sempre almejando depredar o máximo possível de recursos. Salinas, arsenais e depósitos de grãos eram os alvos preferidos.

Quando o último perscrutador retornou ao próprio corpo, a forma astral esvanecendo-se como uma miragem, Hakim fez o mesmo. Para ele, o dispêndio de fleuma fora mínimo. Havia enviado sua percepção a poucos metros de distância de sua forma física. Para os demais, a viagem astral seria bem mais exaustiva, dependendo da distância de cada forte em particular. Para Garad, forçado a visitar todo o império em questão de minutos, o custo seria terrível.

O velho taumaturgo adentrou trêmulo em uma das carruagens e retornou com um pequeno baú de madeira. Tirou cuidadosamente uma chave prateada das dobras do manto e destrancou com avidez a delicada fechadura para revelar seu estoque pessoal de fleuma taumatúrgica, as doses cuidadosamente distribuídas em vidrinhos diminutos, acondicionados em ninhos de estopa. Hakim pôs as mãos sobre o delicado baú, a força de sua juventude mais do que o suficiente para tirá-lo das mãos de Garad.

— Aqui está — disse Hakim, entregando uma única dose ao feldari cego. — Mantenha-se hidratado e repouse na carruagem durante a jornada.

Por um instante, pareceu que Garad protestaria, mas lhe faltavam forças. Agarrou com as duas mãos o vidrinho que Hakim oferecia, temendo que a tremedeira o fizesse derrubá-lo. Hakim ajudou-o a entrar no coche e trancou a porta pelo lado de fora. Garad não teria condições de alertar mais ninguém, e Hakim tinha toda a fleuma que podia precisar.

Era hora de tornar-se um deus de verdade.

CAPÍTULO 26

A torrente de almas fragmentadas emergiu em uma conflagração prateada, estilhaçando o solo e engolfando metade das encouraçadas. Moira rolou para longe, mantendo a ponta de sua alabarda entre si e as atacantes. Entretanto, não prestava mais atenção nelas. Morsov havia aberto uma Passagem Avérnea no interior do campo estelar, a maior das manifestações necromânticas, o segredo do poder da Cabala.

O resultado era um pilar coruscante que ascendia aos céus deformados pelas cores invasoras. A luz era tão intensa que parecia enegrecer o entorno, encobrendo parte do campo com a mesma escuridão que Moira via na terra dos mortos. Não havia mais para onde olhar. Nem para Morsov, ajoelhado diante da passagem, nem para as abissais encouraçadas que avançavam com pinças estalando, nem para Sorg, encolhido sob o corpanzil de uma das atacantes. Só havia a luz branca, só havia os mortos esquecidos.

Irmãos! Ascendam conosco!

As almas cantavam em uníssono, um coro melodioso e convidativo. As sombras inquietas de Moira responderam com aversão, a espada empenada em que repousavam tremeu violentamente. As sombras não queriam ascender. Estavam presas à terra e aos vivos, ao remorso e à vingança.

Quando Moira comungava com as sombras, elas também chamavam-na de irmã. A princípio, pensou que fosse por causa de Lydia, mas não podia senti-la entre as almas aprisionadas. Agora, os fragmentos espirituais que jorravam da Passagem Avérnea de Morsov cantavam e conclamavam todos os presentes da mesma forma. Na morte, Moira compreendeu, todos são irmãos.

Ela vira a morte de perto quando a enorme rocha chocou-se contra a falésia, levando abissais e filhos das cinzas. As encouraçadas haviam alcançado o grupo de vanguarda e Moira mandara Ultha retornar com um alerta ao bando de Andvar, aceitando sacrificar-se para atrasar as criaturas. A capitã parecera finalmente respeitá-la naquele momento, partindo com o restante de seus homens. Sorg, o escaldo, permaneceu a seu lado, sorridente enquanto o inimigo vencida as escarpas e ganhava terreno aberto.

— É de momentos como esse que se forjam boas canções — dissera.

Uma parte das coisas-crustáceo se adiantara para perseguir Ultha e seus guerreiros, mas Moira já havia preparado sua flecha e alvejou duas delas em cheio

na cabeça. As monstruosidades pareciam mesmo com mulheres, tinham longos cabelos louros e suas guelras se assemelhavam a delicadas orelhas pontudas. Sorg entoou uma canção de zombaria, fazendo pouco dos esforços das encouraçadas. Foi o bastante para atrair-lhes a atenção.

— Eu tenho um plano — gritara Morsov. — Lutaremos no campo estelar!

Moira poderia pensar em uma centena de razões para recusar a sugestão, mas na batalha o pensamento é um luxo reservado aos caídos. Esporeou o cavalo com força e seguiu o necromante, as encouraçadas em seu encalço, indiferentes ao colorido pulsante do céu. No interior do campo estelar, era impossível não perder-se mirando as cores cambiantes. Roxos canibalizavam laranjas, amarelos trespassavam verdes, minúsculas esferas dançarinas pontilhavam o horizonte multicolor. O firmamento obscuro exibia constelações bizarras e uma imensa estrela vermelha que irradiava brilhos antinaturais.

Moira lembrou-se de vestir o capuz. Não o do manto gravado com runas, mas o capuz de necromante, transpondo sua percepção aos domínios dos mortos. Nos Ermos Cinzentos, viu o objetivo de Morsov: um aglomerado de pontos brilhantes ao longe, as “estrelas caídas” do Povo das Cinzas, fontes de poder necromântico.

O inimigo seguia firme em seu encalço, quase vinte abissais impelidas por possantes patas de caranguejo. Os cavalos eram mais ágeis, mas as encouraçadas não davam sinais de cansaço, guinchando e chiando em desafio. Morsov mantinha a dianteira enquanto Sorg e Moira sofriam com as tentativas das abissais de detê-los.

Ao perceber que o necromante alcançara o ponto ideal para pôr seu plano em prática, Moira guinou à direita, desnordeando as perseguidoras. Circundou-as enquanto Sorg se afastava, então avançou em direção às abissais. Abandonou o capuz necromântico, voltando sua percepção ao mundo dos vivos para encará-las. Pinças quitinosas estalaram em sua direção, mas Moira foi mais rápida. Sacou sua espada retorcida.

As sombras inquietas eclodiram com um urro enraivecido. Seu efeito sobre as encouraçadas era no mínimo curioso. As duas metades das monstruosidades híbridas pareceram divorciar-se, os delicados torsos femininos gritando de pavor, algumas desmaiando, enquanto as metades crustáceas sofriam espasmos violentos. Algumas pinças se fecharam sobre a carne delicada de suas metades superiores, dilacerando-as mortalmente. Moira já não se abalava diante da manifestação pavorosa de suas sombras e, ato contínuo, girou sua alabarda contra as abissais mais próximas.

Sorg desferiu golpes pesados com suas manoplas, como um pugilista, contra a face desprotegida de uma das criaturas. Moira, presa no centro da formação inimiga, foi obrigada a desmontar quando uma garra azulada trespassou o pescoço

de seu marchador hathamita. Saltou da sela golpeando, arremetendo a alabarda contra a assassina de seu cavalo. Estavam em desvantagem numérica.

A pequena escaramuça comprara o tempo do qual Morsov precisava para completar sua jogada. Recolhendo-se até um trecho de descampado cercado pelas esferas fosforescentes de potencial necromântico, prostrou-se no centro de uma pequena constelação de estrelas caídas. De canto de olho, enquanto lutava com o cabo da alabarda para manter a ponta de uma lança longe do próprio rosto, Moira viu seu amigo necromante mergulhar na técnica do ossuário. Continuou a recuar em sua direção, intuindo o plano de Morsov. Quando achava que não haveria magia no mundo que desse cabo daquelas malditas abissais, a Passagem Avérnea se abriu.

A erupção resultante deu cabo de metade da força inimiga e prendeu tanto a atenção de Moira quanto das encouraçadas sobreviventes. A torrente de espíritos alquebrados ofuscava as cores obscenas do céu, trazendo consigo um pouco da negritude plena dos Ermos Cinzentos. Moira supôs que era exatamente esse o propósito daquele mundo insólito: projetar uma barreira de sombra para proteger os mortos do inferno multicolor que os aguardava mais além.

A Passagem Avérnea fendera a própria terra, permitindo que os mortos esquecidos atravessassem os véus da percepção até o mundo dos vivos e ascendessem ao céu alienígena do campo estelar. Os fragmentos de alma cantavam enquanto subiam, exortando seus irmãos e irmãs viventes a seguirem o mesmo caminho tenebroso. Singravam o ar em direção à estrela escarlata.

Moira sentia uma ardência no rosto, diferente do calor tortuoso provocado por suas sombras inquietas, uma sensação desagradável vinha de dentro para fora, fazendo-a sentir os músculos amolecerem e a pele formigar. Parecia que seu próprio corpo desejava atender ao chamado dos céus, desprender-se da vida e ser tomado pelo odioso astro vermelho.

As sombras de seu bando massacrado intercederam, irrompendo novamente da espada e cercando Moira como uma nuvem fumegante. A dor foi intensa, mas já era familiar. Uma chama alimentada por seu próprio desejo de vingança, uma força violenta que a impelia a agir. Moira se levantou com a ira imortal de espíritos torturados e revidou o ataque das encouraçadas. As sombras inquietas lhe emprestavam força e os golpes da alabarda perfuraram a armadura quitinosa como um aríete.

Sorg, que jazia caído sob o corpanzil de uma encouraçada, aproveitou-se da distração para golpeá-la por baixo, suas manoplas metálicas esmagando a parte inferior da couraça. O escudo abriu um rombo na armadura da inimiga e se ergueu banhado em tripas negras de animal marinho. Seu uivo de triunfo encheu o coração das sobreviventes de medo. Moira nunca pensara naquele bardo imberbe e esguio

como um lutador, mas ali, coberto de sangue e com uma expressão de divertimento nos olhos, Sorg provou-se um guerreiro acima da média.

Morsov não manifestara a Passagem Avérnea apenas para desorientar as encouraçadas. Permanecia em ossuário, capaz de animar a matéria morta em todo seu entorno, e ergueu as abissais caídas para usá-las contra as próprias irmãs. O movimento dos cadáveres era assustador, veloz e preciso, mas esquizofrênico.

Os torsos delgados brandiam suas lanças em total desconcerto com as patas afiadas e as pinças cruéis. Atacavam múltiplos oponentes ao mesmo tempo, como se cada metade fosse uma criatura separada da outra. As abissais reanimadas assumiram uma tonalidade escura, como carvão, suas feridas deixando escapar vapores esbranquiçados e luminosos. Morsov infundira suas marionetes mortas-vivas com o poder bruto da torrente de almas. As sobreviventes não tiveram chance.



Ultha retornou com menos homens do que quando partira. Tinha uma expressão de desconcerto total ao voltar com o rabo entre as pernas e encontrar a Grande Caravana parada.

Sev correu para encontrar a capitã. Não seria interessante que ela interrompesse a acalorada discussão entre Andvar e Nehisi. Aqueles dois deixariam diferenças de lado se houvesse alguma notícia preocupante sobre o caminho à frente. Sev julgou que a novidade não era nada boa pela expressão aflita da mulher. Ela quase o atropelou com seu cavalo de batalha, mas estacou no último momento. O resto do grupo avançado seguiu cavalcando, ainda assustados demais para parar. Morsov não estava entre eles.

— Cadê meu irmão? — Sev quis saber, um pouco assustado também.

— Gigantes de pedra — arquejou Ultha, tão exausta quanto seu cavalo. — Os peixes-diabo inundaram a costa, trouxeram gigantes e guerreiras crustáceas...

— Meu irmão, mulher! O necromante, Senhor da Morte, seja lá o que os selvagens gostam de dizer, por que ele não voltou com vocês?

— Eles ficaram para lutar — disse Ultha, com alguma coisa estúpida parecida com orgulho em seu olhar. — Moira, Sorg e seu irmão.

Aquilo não estava nos planos. Eles estavam tão perto do império, tão perto da tumba de Amarante, e Morsov tinha que bancar o herói e se sacrificar por um bando de bárbaros. Era típico dele. Fazia-se de recluso, de gênio incompreendido, mas não perdia uma oportunidade de se encaixar em qualquer grupinho disposto a dar-lhe um pouco de atenção. Moira tinha o espírito autodestrutivo dos clãs e não perderia uma chance de lutar até a morte, mas Morsov?

— Quando você diz que inundaram a costa — Sev perguntou —, está se referindo ao número absurdo de cabeças de peixe em nosso caminho, ou eles realmente molharam tudo?

— A maré subiu de um jeito que nunca vi antes — respondeu a capitã. — Devorou a trilha costeira, deixando apenas escarpas impossíveis para nossas carroças. — Ela pareceu se lembrar de que devia relatar aquilo à outra pessoa. — Leve-me a Andvar!

— Acalme-se, você precisa se recompor ou nada do que disser vai fazer sentido. — Sev só queria ganhar tempo. — Além do quê, Andvar está ocupado com a princesa agora.

Nehisi não estava muito satisfeita com o chefe guerreiro desde que Sev lhe contara que os planos de Andvar possivelmente envolviam dar cabo da sua guarda pessoal. Bastaram algumas palavras rudes do velho grandalhão para despertar a ira real de Ur-Lehesh. Andvar, por sua vez, ficara possesso depois que Sev o fizera espiar pela formidável luneta do cocheiro real, apontando em direção à caravana rival, que insistia em persegui-los. Ver o rosto do outro lado da luneta fez o chefe guerreiro ordenar a parada imediata da Grande Caravana.

Obviamente, Nehisi não aprovou a medida, e instigou seus servos a prosseguir, mas os pobres mercadores sobreviventes já estavam assustados demais com as curiosas luzes no céu e o bando de bárbaros em seu encalço. Preferiram ficar onde havia um bando guerreiro mais amigável para protegê-los. O resultado foi uma acalorada discussão entre a princesa e o líder selvagem, que se prolongava enquanto o sol subia e as sombras se encurtavam.

— O que aqueles homens estão fazendo com a carga da princesa? — indagou Ultha, surpresa.

— Ah, aquilo? Nada demais — respondeu Sev casualmente. — Andvar destacou seus melhores guerreiros para levar os tesouros até as Cicatrizes e escondê-los por lá.

— Os melhores guerreiros? Posso contar uns trinta homens a essa distância!

— Exigência da princesa.

Ela não perdeu mais tempo com Sev e correu para junto de seu chefe.

— Ei, espere! Você ainda não me explicou direito a história dos gigantes!

Ultha sequer olhou para trás enquanto Sev chamava seu nome, correndo no encalço de sua montaria. Ele não gostava muito de cavalgar, doía-lhe a coluna. Correr não era muito melhor, entretanto ele se demorou a alcançar Andvar e Nehisi, travando seu embate de palavras.

— Na Terra Arrasada a palavra é sagrada! — bradava o líder bárbaro. — Você mentiu quando me contratou!

— Absurdo — retrucou Nehisi. — Não faltei com a verdade em nenhum momento. Uma princesa não é obrigada a explicitar todos os detalhes de um simples contrato de escolta.

— Disse que haviam sido massacrados! Que fugiu para salvar os sobreviventes!

A tal Ultha era mesmo uma estraga-prazeres, irrompeu aos berros no meio da conversa.

— Andvar! A costa não é segura, os peixes-diabo trouxeram gigantes de pedra! Sua sobrinha escolheu ficar e lutar para que pudéssemos alertá-lo.

Aquilo arrefeceu as tensões imediatamente, como Sev temia. Andvar e a princesa viraram-se para a capitã esbaforida. Ele, preocupado com Moira, ela, com a segurança de sua mercadoria.

— Você deixou a garota sozinha contra gigantes? — esbravejou o chefe guerreiro. — Não podia ter deixado seus homens com ela?

— Um sacrifício inútil — comentou Nehisi com toda a displicência da realeza. — Já que Andvar nos obrigou a parar antes mesmo de saber se o desvio era seguro.

— Paramos, porque sua desonestidade pode custar a vida de meus homens!

— E sua teimosia pode lhe custar a vida de sua sobrinha.

Andvar perdeu as estribeiras. Arrancou a pele de javali que envolvia seus ombros largos e sacou seu machado de lâmina dupla. A guarda de elite da princesa se moveu no mesmo instante, em perfeita coordenação.

Surgiram detrás da carruagem real, lanças e cimitarras em riste, bestas apontadas para o coração do enorme bárbaro. Andvar não se abalou. Ao redor da carruagem real, homens dos clãs leais ao chefe de guerra brandiram espadas, machados e lanças, circundando a guarda que cercava o enorme líder dos Brunehald. Sev tomou o cuidado de permanecer afastado de todo aquele aço, mas perto o suficiente para apreciar o espetáculo.

— É bom ver essa sede de sangue no olhar de vocês — disse Andvar, tanto para seus homens quanto os da princesa mercante. — Formação de batalha! Vamos acabar com aqueles malditos Skodnir e pôr o pé na estrada antes do fim da tarde!

Aquilo confundiu os hathamitas, que conheciam o desejo de Nehisi de evitar conflitos desnecessários, mas já estavam acostumados às ordens de Andvar. Os filhos das cinzas, porém, animaram-se imediatamente. O chefe guerreiro dera a ordem e apontara o inimigo. Fariam o que sabiam fazer de melhor. Nehisi não gostou nada daquilo, mas manteve uma postura altiva diante de seus fiéis soldados. Se contentaria com o fato de que sua preciosa mercadoria estava sendo protegida pelos guerreiros mais bem equipados do bando, escondida entre as ravinas estreitas das Cicatrizes.

Com um breve aceno de cabeça, Nehisi confirmou a ordem de Andvar a seus homens, que se alinharam prontamente. A princesa aguardaria o momento certo para acertar as contas com o chefe guerreiro. Qualquer que fosse o resultado daquele confronto, Sev sairia favorecido como o primeiro a alertar ao vencedor a respeito da traição de seu suposto aliado. Mas antes, precisaria sobreviver a uma batalha campal.

Sev era veterano de muitas escaramuças — de assisti-las a partir de um local seguro, obviamente. Portanto, sabia que a primeira etapa crucial a ser sobrevivida era o tédio da espera. Aquela manchinha inconveniente no horizonte crescera em tamanho desde que a Grande Caravana interrompera sua marcha. O bando de guerra Skodnir já se assemelhava mais a um tumor sinistro do que uma verruga incômoda no horizonte. Ainda assim, os guerreiros de Andvar esperariam bastante até que a ação de verdade começasse.

Os soldados geralmente aproveitavam esse tempo ocioso para checar compulsivamente seu equipamento. Fuçavam cada fivela, alça e nó em suas armaduras, como se olhar várias vezes para um mesmo cinturão o fixasse mais firmemente ao corpo. Muitos gastavam seu tempo com mais sabedoria, fartando-se de cerveja e hidromel como se fosse o último porre de suas vidas — o que para muitos de fato seria.

Uns poucos, talvez os mais tolos ou os mais sábios, dependendo de para quem se perguntava, borravam-se de medo e buscavam formas de escapar da luta armada, sendo prontamente executados por deserção, antecipando assim o destino do bom soldado, que é morrer na sujeira. Nada disso valia para o bando de Andvar.

Os selvagens da Terra Arrasada viviam num estado perpétuo de antecipação à matança. Armas e armaduras eram como extensões de seus corpos, a cerveja e o hidromel sequer os afetavam. Todos eles queriam morrer na sujeira, mas não nas mãos de seus comandantes, e sim atravessados pela lança um outro guerreiro qualquer, que tivesse tatuagens de outra cor ou ossinhos pontudos enfiados em locais diferentes do rosto.

Para eles, a guerra era uma constante desde o nascimento, e os momentos de paz eram armadilhas para amolecer-lhes os músculos. Esse fanatismo bélico tornava seus bandos guerreiros em unidades militares impressionantes, cegamente obedientes a um único comandante e focados em seu objetivo maior, que era dar o presente de uma morte suja ao máximo de homens que pudessem antes que eles mesmos recebessem essa dádiva.

A segunda provação de uma batalha era a troca de formalidades entre os comandantes inimigos. A melhor forma de acabar com um conflito era meter um dardo de besta ou uma faca de arremesso na testa do líder da oposição, e não havia melhor momento para isso do que quando o idiota honrado se apresentava para

exigir uma rendição. Na Nova Mordrávia, os estrategistas recomendavam o uso de arautos para dialogar com exércitos atacantes, mas entre os selvagens a guerra era menos uma ciência e mais uma obsessão doentia.

Os líderes se encontravam em pessoa, a meio caminho de suas linhas de batalha, como os homens honrados e alvos fáceis que eram. Sev surpreendeu-se ao ver Nehisi acompanhar Andvar e Ultha naquela estupidez. Ao menos ela tivera a presença de espírito de ser carregada em uma liteira protegida por damas escudeiras. O ladrão de túmulos não teve escolha, a não ser acompanhar a princesa mercante como membro distinto de sua comitiva real.

O bando Skodnir ainda se organizava em um semblante de linha de ataque quando Sev e os outros alcançaram a meia distância entre os combatentes. Pareciam infelizes e cansados, talvez até com medo, mas estavam em maior número. A “comitiva” que se aproximava do outro lado era perturbadora: um único guerreiro Skodnir, provavelmente o líder, acompanhava o que parecia ser um tubarão-branco dotado de patas articuladas de caranguejo. A horrenda criatura era cavalgada por um abissal ainda mais feio e puxava atrás de si uma carruagem hathamita. Apesar de alguns sinais de desgaste, o coche era tão grande e requintado quanto o de Nehisi.

Andvar foi o primeiro a parar, plantando os pés no solo diante do horrível corcel abissal. Não parecia impressionado. Sev se manteve afastado, aproveitando a proteção das escudeiras de Nehisi.

— Você nos traiu, Ultha — acusou o chefe Skodnir, um homem soturno e encurvado, com cabelos sujos que escorriam sobre sua face.

— Você é o traidor, Orieff — rebateu a capitã. — Rendeu-se aos peixes-diabo!

Sev espiou a expressão na face do cavaleiro abissal, mas seus olhos eram tão inertes quanto os do tubarão terrestre. Os dois mal se moviam, e o cavaleiro só demonstrava algum sinal de inteligência por estar montado sobre outro animal.

— Vivemos sob o Juramento dos Fortes, mulher. Ele é a base dos costumes antigos. E não há senhor da guerra em Noltora maior do que Gorazesh — afirmou o tal Orieff, convencido de que estava no time vencedor. — Você se vendeu aos hathamitas, traiu-nos quando escolheu o lado mais fraco.

— O Juramento dos Fortes é para guerreiros livres — interveio Andvar. — Lutamos por vontade, não somos escravos de monstros.

— Brunehald — Orieff cuspiu o nome com desdém. — Clã fraco, sem guerreiros de verdade.

— Combate singular. — Andvar deu um passo à frente, perigosamente próximo das mandíbulas assassinas do tubarão, e Orieff encolheu-se instintivamente. — Lute comigo agora e decidiremos essa batalha. Meus homens o servirão de bom grado se me matar.

Sev duvidava da alegação, mas não faria diferença, pois Orieff tinha estampado em seu rosto covarde que não haveria duelo algum.

— Um chefe guerreiro só pode aceitar o desafio de outro chefe — justificou o Skodnir. — Eu não o reconheço.

— Covarde! — vociferou Andvar. — Você se esconde por trás dos costumes antigos, verseja sobre o Juramento dos Fortes, mas traiu o Povo das Cinzas!

— Somos todos traidores — disse Nehisi, afastando as cortinas de seda de sua liteira para encarar os líderes inimigos. — Apareça, Haramad.

O rosto moreno do Príncipe Mercador Haramad Ur-Lehesh surgiu das sombras de uma pequena janela na lateral da carruagem. Fora uma descoberta bastante fortuita de Sev, que suspeitou da história de Nehisi desde o princípio.

Puros-sangues vasgoces eram um tesouro valioso demais até mesmo para uma Grande Caravana transportar sem ao menos contratar um bando de bárbaros desde o início da viagem, e Moira insistira veementemente que nenhum bando dos clãs atacaria viajantes no Mirante de Belvark, pois o local era considerado sagrado. A princesa roubara a mercadoria do próprio irmão, provavelmente subornando a guarda de elite e convencendo a maioria dos conselheiros a apoiá-la. Um golpe de mestre, arquitetado cuidadosamente e desmascarado por um velho ladrão mordravo. Sev só não esperava que os olhos do príncipe mercante fossem dourados.

— Nehisi, minha irmã — falou Haramad, a voz embargada. — Admite livremente sua traição? Vê, nobre Andvar dos Brunehald, foste enganado. — O príncipe devia estar doente, pois se engasgava a cada duas ou três palavras, produzindo um som aquoso. — Convencido por uma ladra ardilosa. Peço encarecidamente que me restitua a mercadoria roubada e poderemos seguir nossos caminhos em paz.

— Somos todos traidores, Haramad — insistiu Nehisi. — Se eu revelei minha traição de bom grado, por que não nos revela a sua? Saia dessa carruagem e enfrente a luz do sol, traidor da humanidade!

Com um suspiro de enfado, Haramad Ur-Lehesh recuou para a escuridão de seu coche. Um clique metálico destravou a belíssima porta lateral da carruagem, e o príncipe correu para fora. Não eram pés que sustentavam o irmão mais velho de Nehisi, e sim tentáculos gelatinosos. O torso da criatura que um dia fora um príncipe mercante estava coberto por uma túnica hathamita tradicional, mas da gola justa em seu pescoço brotavam guelras inchadas e multicoloridas. Haramad abriu os braços, um deles transfigurado em uma garra quitinosa.

— O que minha irmã chama de traição à humanidade — gorgolejou o horrendo príncipe —, nada mais é do que o próximo passo de nossa ascensão.



Moira encontrou a caravana parada onde a deixara. Os vagões que abrigavam os puros-sangues vasgocesos haviam sumido. Uns poucos mercadores e serviçais hathamitas encolhiam-se dentro dos restos da Grande Caravana. O enigma resolveu-se sozinho quando o clangor da batalha alcançou seus ouvidos.

O bando de Andvar estava com problemas. Os Skodnir estavam em maior número, mesmo que sua cavalaria fosse reduzida. Os lanceiros montados podiam trucidar uma infantaria despreparada se fossem capazes de romper sua parede de escudos, mas os Skodnir eram filhos das cinzas, tenazes em batalha. Cada investida dos guerreiros de Andvar encontrava resistência feroz, e por mais que diminuíssem aos poucos o contingente dos Skodnir, a peleja prolongada dava uma brecha à cavalaria inimiga.

Andvar fora obrigado a dividir seu bando em dois, e Moira presenciou o momento exato em que a massa de cavalaria leais a seu tio se chocou contra os Skodnir montados. O som produzido pela carga foi um horror abafado de corpos se chocando, pontilhado pelo retinir de aço contra aço e a sugestão perturbadora de ossos se partindo.

A guarda de honra de Nehisi estava concentrada em proteger sua princesa, com bestas prontas para disparar contra qualquer um que se aproximasse. A maldita princesa podia muito bem ter ficado em seu vagão real, mas por alguma razão escolhera aproximar-se da escaramuça em uma liteira ridícula. Aquela decisão poderia custar-lhes a vitória. Mas não havia problema, porque Moira trouxera reforços.

Morsov havia fechado a Passagem Avérnea, mas antes que a energia espiritual se dissipasse por completo, direcionou-a aos corpos inertes das abissais. Com esse resquício de poder, era capaz de manter uma dezena delas sem empregar o ossuário.

— É sua vez de fazer o mesmo — disse Morsov.

— Como? É impossível para mim.

O poder da passagem havia se esgotado, mas mesmo que quisesse usá-lo, Moira não poderia. As sombras ligadas a ela impediram que a torrente de almas a levassem e intercederiam da mesma forma caso ela tentasse se aproveitar daquele poder latente. Mesmo assim, Morsov insistiu:

— Vi você comandar as sombras em sua espada para auxiliá-la com o arco. Você convocou duas delas, não foi? Discernir entre almas tão deturpadas pela dor, ser capaz de separá-las do amálgama espiritual, isso exige um grande talento necromântico — explicou, com certo orgulho na voz.

Moira não podia negar que conhecia muito bem cada uma das sombras que chamava por nome, sendo capaz de compeli-las a agir. Aquela familiaridade tornava tudo ainda mais triste. Sabia exatamente quem foram e como viveram aqueles ecos

arruinados. Podia sentir na pele toda sua dor, física e espiritual. A raiva, o arrependimento, a sede de vingança.

— Você precisa aprender a controlá-las — continuou Morsov—, ou elas a controlarão.

Moira respirou fundo e chamou pelas sombras. Não, chamou por seus amigos, um a um. Gurtha, Sigrin, Vyra, Svein e a velha Arja, condenados a sofrer em uma prisão de aço retorcido. Eles vieram, apresentando-se no olho da mente de Moira como ossos carbonizados e carne derretida.

Eles queriam algo dela, queriam que compartilhasse daquele sofrimento, que queimasse com eles, como devia ter feito quando o assentamento fora atacado. Se dependesse deles, o mundo inteiro queimaria.

Mas era Moira quem queria algo, e se fez ouvir pelas sombras. Ofereceu-as um alívio de sua prisão metálica, a chance de habitar corpos frescos novamente, cadáveres das abissais derrotadas. Em troca, só precisariam dirigir sua vingança contra os inimigos de Moira.

Mais encouraçadas caídas ergueram-se em movimentos erráticos. As sombras pareciam vazar de cada junta de seus corpos como fumaça negra. Um contraponto ao vapor luminoso e esbranquiçado das marionetes de Morsov.

A pele das encouraçadas de Moira começou a se romper, rachaduras finíssimas espalhando-se como uma teia, deixando entrever luz própria, amarelada e incandescente. Seu vínculo com as sombras permitia que intuissem seus desejos, como se pudessem tocar a superfície de sua mente. A sensação era desconfortável, mas Moira aprenderia a tolerá-la. Era um preço baixo se pagar por um pequeno exército obediente.

Sorg observou as manifestações necromânticas em mudo assombro. Era difícil silenciar um escaldo, mas ele encontrara bons motivos para ficar quieto naquele dia. Sorg passara a enxergar Moira como uma Senhora da Morte, a ser temida antes de ser respeitada.

Dos cavalos, apenas o de Morsov sobrevivera ao ordálio no campo estelar. Sorg montou-o no caminho de volta à caravana, pois se recusava a subir na carapaça de uma das abissais reanimadas. Os três deram tudo de si para deixar o campo estelar sem olhar para o céu. Moira notou que os braços do escaldo, expostos durante a luta, pareciam emaciados, cinzentos e sem vida. A pele parecia seca e quebradiça. Sorg sequer olhara para cima, o que teria acontecido a ela, que por duas vezes se perdera ao mirar aquele céu obscuro? Tateou pelo próprio corpo, buscando sinais de mudança enquanto uma de suas encouraçadas a carregava no dorso de crustáceo, mas não encontrou nada.

Alcançaram a caravana e a peleja contra os Skodnir no auge da matança. O momento crucial onde a batalha poderia pender para qualquer um dos lados,

bastando uma leve brisa na direção correta. Moira tentou divisar o tio em meio ao embate dos cavalarianos, ou tentando furar a muralha de escudos da infantaria inimiga, mas o furor da batalha tornava tudo um borrão indistinto.

Sua mente estava sobrecarregada, atribulada com as marionetes reanimadas pelas sombras. Mal podia diferenciar entre os Skodnir e os guerreiros de Andvar. No fim, eram todos o mesmo Povo das Cinzas. Mas Moira podia distinguir os abissais. Escamados portando escudos negros e lanças longas, montados sobre terríveis tubarões com patas afiadas.

Eram quatro ao todo, concentrados sobre o grupo principal dos cavalarianos. Os cavalos enlouqueciam com a mera proximidade das montarias abissais, temendo suas mandíbulas enormes. Aqueles escamados haviam subjugado os Skodnir, forçando-os a marchar sem descanso. Acima do chefe guerreiro, aqueles quatro comandavam. Se Moira pudesse derrubá-los, os Skodnir perderiam o gosto pela luta.

Sentindo-se terrivelmente cansada, Moira apontou seus alvos a Morsov e impeliu suas marionetes à caça dos escamados. Sobre o lombo encouraçado de uma delas, Moira se lançou ao combate como uma verdadeira senhora da guerra. Os guerreiros de ambos os lados não sabiam como reagir.

Os Skodnir, pensando tratar-se de um reforço aos abissais, não revidaram quando as mortas-vivas de Moira os flanquearam. Pinças degolaram e esmagaram livremente e as lanças de osso dando cabo de dezenas de homens. Os guerreiros de Andvar cometeram o mesmo erro do inimigo e tentaram atacar as marionetes. Moira ergueu-se sobre a couraça de uma delas, espada em punho, comandando suas sombras.

— Por Brunehald! Por Andvar!

A maré da guerra começava a virar em seu favor.



Por detrás da liteira Sev viu, boquiaberto, Moira e seu irmão cavalgando crustáceos mortos, abrindo um rasgo na massa de cavalarianos. Agradeceu silenciosamente por não ter acompanhado os dois até a costa. Nenhuma missão de reconhecimento que terminava com um exército de encouraçadas mortas-vivas poderia ter sido divertida.

Moira berrava e brandia aquela espada torta como um estandarte, e as criaturas que ela comandava abriam caminho entre os Skodnir. Morsov era mais conservador, enviando suas próprias marionetes no encalço da garota, para incrementar suas forças. Moira parecia uma louca, equilibrando-se sobre a carapaça de uma de suas mortas, atravessando o caos da batalha em direção aos cavaleiros abissais.

A investida da jovem selvagem dera folga aos cavalarianos de seu tio, que puderam se afastar da peleja e preparar uma nova carga. Morsov veio no lombo de um cavalo de um deles, então saltou e correu até Sev. Por que a barba dele estaria tão grisalha? Era negra naquela manhã.

— Um escudo! — gritou Morsov. — Preciso de um escudo!

— Você nunca lutou numa parede de escudos antes, não seja idiota! — Sev respondeu.

— Não é para isso! — Morsov balançou a cabeça. — Vamos voltar para nosso vagão, rápido! — Finalmente o irmão mais novo de Sev tivera uma ideia razoável. Nehisi concordou em ceder-lhes um cavalo de sua guarda pessoal, com um escudo redondo de madeira para acompanhar. Talvez o prêmio fosse pela confiança que Sev conquistara, ou talvez porque ela não tinha coragem de negar o pedido de um homem que parecia ter envelhecido cinco anos após passar alguns minutos sob o campo estelar.



As mandíbulas do tubarão destroçavam a carapaça quitinosa das marionetes de Moira como se fossem feitas de couro velho. As sombras que as animavam não se importavam, impelindo as pinças na direção da besta, engalfinhando-se num emaranhado de patas de caranguejo. As lanças de osso das encouraçadas não eram páreo para os enormes escudos negros e alabardas pesadas dos cavaleiros escamados, mas ofereciam alguma distração enquanto Moira procurava uma abertura. Com sua própria alabarda, golpeou as patas de crustáceo que sustentavam a montaria abissal. Desequilibrado, o escamado vacilou por um instante, permitindo às encouraçadas negras de Morsov dominá-lo, espetando-o com múltiplas lanças delgadas.

Dois cavaleiros abissais flanquearam Moira enquanto ela se ocupava de desmontar o primeiro, e ela foi forçada a descer do dorso de sua encouraçada incandescente, refugiando-se sob o corpanzil pesado da criatura. A cavalaria Skodnir estava muito ocupada recebendo uma nova carga dos cavalarianos de Andvar, e não importunava o embate entre as marionetes mortas e os abissais viventes. Dentes afiados cravaram-se na couraça quitinosa que escondia Moira, que rolou para trás para evitar os golpes subsequentes.

À medida que suas marionetes eram destruídas, controlar as carapaças restantes tornava-se mais fácil. A mente de Moira ficava menos sobrecarregada com as impressões sensoriais das sombras que animavam os cadáveres, e sua presença de espírito crescia. Bloqueou um golpe de alabarda com sua própria lâmina. O segundo golpe veio na forma de uma estocada da lança do outro cavaleiro abissal, a

ponta da arma era feita de ferro negro mal trabalhado. Não tinha como se defender daquilo, então ordenou que suas marionetes se adiantassem para receber o golpe. A lança trespassou o torso delgado da metade superior da criatura, e uma pinça agigantada e larga como um escudo girou em um ângulo impossível para segurar o movimento.

Moira avançou na direção do primeiro cavaleiro enquanto o segundo se ocupava com o cadáver encouraçado, que perfurava sua montaria com garras afiadas de caranguejo. As marionetes de Morsov dançavam ao redor dos inimigos, apossando os abissais e impedindo que Skodnir corajosos ou tolos auxiliassem seus mestres das profundezas.

Abaixou-se para desviar da alabarda e deslizou no chão pedregoso, maltratando o couro de suas botas. O movimento deixou-a de cara com a goela assassina do tubarão terrestre, mas a garra de uma de suas marionetes cravou-se fundo na garganta da criatura. Livre para prosseguir, Moira impeliu sua própria arma contra a barriga pálida do tubarão. Rasgou a cartilagem e dilacerou as tripas da criatura.

Moira sacrificara metade de suas marionetes apenas para impedir os golpes em conjunto dos cavaleiros abissais. As mortas-vivas lutariam até serem totalmente destruídas, mas os corcéis abissais podiam trucidá-las com rapidez surpreendente. Por isso, ao dar cabo da montaria do cavaleiro escamado, Moira obrigou suas sombras a animar seu cadáver. O enorme tubarão contorceu-se como um touro furioso, derrubando seu cavaleiro e arremetendo contra o outro abissal. Moira saltou sobre o cavalariano derrubado, empunhando a alabarda com a mão bem próxima à lâmina e golpeando-o de perto. Varou o coração do escamado antes que ele pudesse se reerguer.

— Vocês jamais escravizarão meu povo novamente — disse Moira, olhando fundo nos olhos inchados e inexpressivos do abissal.

Enquanto o tubarão reanimado por Moira devorava a montaria do terceiro abissal, o quarto e último irrompeu sobre as encouraçadas de Morsov, atropelando-as com uma carga potente. Trazia os Skodnir em seu auxílio. Moira tentou comandar suas sombras a reanimar novos cadáveres, prolongando a luta, mas estava exausta. Não conseguia compelir os espíritos.

Cercada por lanceiros Skodnir, com apenas algumas mortas-vivas para protegê-la, Moira recuou enquanto suas encouraçadas retinham o avanço inimigo. O último dos cavaleiros abissais abriu uma brecha em suas defesas com violentos golpes de machado. Avançou lentamente na direção de Moira, saboreando a vitória.

— Sai da frente! — gritou uma voz distante. Soava amedrontada, seria Sev?

O cavaleiro escamado inclinou a cabeça de monstro marinho, como se não compreendesse o que via. Uma parelha de nove cavalos estrondou o solo com seus

cascos, puxando uma pequena carruagem na direção do abissal e seus escravos Skodnir. Moira saltou para longe, sem enxergar onde aterrissaria, enquanto os cavalos eram forçados a fazer uma curva brusca e o vagão que puxavam era arremessado contra o cavaleiro abissal, capotando desvairadamente.

Dos destroços da carruagem emergiu uma criatura impossível. Um gigante coberto por uma enorme mortalha colorida, os punhos eram enormes esferas de carne projetando pontas ósseas como garras tortas. O colosso encapuzado tinha a face encoberta por um escudo de carvalho rudemente entalhado. Superava três metros de altura, e assim que a carruagem esmagou o abissal, irrompeu de dentro do coche, estilhaçando a madeira envernizada, e saltou sobre os lanceiros Skodnir, golpeando-os furiosamente.

A criatura desafiava as convenções de tamanho e agilidade, desferindo golpes pesados, porém imprevisíveis. Em meio aos gritos de terror e surpresa, Moira achou que reconhecia a forma bestial como o monstro se movia. Lembrava-lhe de Istvan, em seu corpo de carniçal.

Moira saltara por impulso, apenas para escapar do impacto da carruagem, e acabou caindo sobre um grupo de Skodnir desavisados. Deparou-se com um jovem guerreiro musculoso, com pequenos olhos bovinos, e uma lanceira que o seguia. Uma cabeçada no nariz deu conta do grandão de olhos diminutos, e sua amiga gritou de susto quando ele caiu contra o solo duro.

Sev e Morsov correram até Moira, esbaforidos. O cavaleiro abissal e seu corcel tubarão convulsionavam sob os destroços do vagão enquanto a parelha de cavalos corria loucamente pelo campo de batalha, pisoteando os feridos.

— Obrigada pela ajuda — disse Moira aos irmãos. — Esses escamados são difíceis de derrubar.

— Agradeça aos tratadores dos cavalos de Nehisi — explicou Morsov, cuja barba passara do negro absoluto a um grisalho frágil. — Me deixaram usar as carcaças que alimentariam os puros-sangues vasgoces para costurar o novo corpo de Istvan.

— O que diabos aconteceu com seu rosto, garota? — perguntou Sev, sobressaltado.

— Deve ser só sangue — respondeu Moira, mas o semblante alarmado de Sev não se alterou.

— Vamos, ajudem-me a levantar, temos uma batalha para terminar.

CAPÍTULO 27

Hakim viajava novamente em uma carruagem. Temia que se tornasse um hábito. Queria extrair mais informações de sua prisioneira abissal, por isso trancara Garad em sua carruagem pessoal — equipada com todo o conforto que o velho taumaturgo feldari precisaria para se recuperar do desgaste taumatúrgico — e optou por retornar a Imrath no coche-prisão de Zith. A passageira incomum permanecia secreta para o resto das tropas.

— Não vai liderar os humanos? — perguntou Zith, agitando um pouco a água estagnada de sua prisão. — Cavalgar como um herói diante do exército?

— Ainda não — disse Hakim, sentado do lado oposto à abissal. — Quero lhe perguntar mais algumas coisas antes de chegarmos à capital.

— O que deseja de mim? — Zith parecia mais animada, apesar de seu aspecto fragilizado. Talvez apreciasse a presença de Hakim, ou talvez fosse só a umidade saturando o ar, anunciando a tempestade.

— Há alguma chance de nossos povos encontrarem a paz? O que faria os abissais cessarem seus ataques contra Var Khalad?

— Teriam que pagar, meu senhor.

— Então até mesmo vocês têm um preço. Ouro branco de Uru Hatham? Aço?

— Terras e vidas, preço de vingança. — Zith soava contrita.

— Somos inimigos desde que nos vimos pela primeira vez — disse Hakim. — Mas vocês são os invasores! Assolam cada praia e cada foz a oeste da Espinha do Dragão, mas nenhum humano jamais desceu às profundezas para atacá-los! Como podem falar em vingança?

— Existem outras formas de invadir e tomar vidas — explicou Zith. — As profundezas eram calmas e refrescantes, mas os humanos fizeram a água ferver, fizeram-nos arder. Tomaram tantas vidas, tanto potencial. — Zith balançou a cabeça. — São desleais! Trapaceiam e tomam ainda mais vidas em segredo. Subverteram o vínculo com Azgol Sudraszj!

— Fale-me me mais sobre a tal Azgol Sudraszj — pediu Hakim. — Creio que pertencia ao seu povo, antes da Devastação. Era uma cidade submersa?

Zith arregalou os olhos, as pupilas douradas dilatando-se brevemente, depois falou em sussurros apressados.

— Não se fala em Azgol Sudraszj. Azgol Sudraszj se sente. Az-Gol-Sud-Raszj — repetiu cada sílaba devagar, com reverência. — Não é um lugar, nem pertence a nenhum de nós.

Era uma religião. Antes de Hakim tornar-se o deus de uma nação, Rasser obrigara-o a estudar teologia até conhecer a fundo todas as religiões de Noltora, entender as fundações motivadoras da fé. Todas elas pareciam ter raízes em comum na necessidade humana de atribuir ordem a um mundo dominado pelo inexplicável. As palavras de Zith deixavam entrever um pouco daquela mesma necessidade.

— Era um antigo rei de seu povo, ou quem sabe seu criador?

Zith balançou a cabeça em negativa, um movimento tão brusco que Hakim temeu que a abissal quebrasse o pescoço. Ela mordeu os lábios, deixando entrever novamente as pequenas presas de madrepérola. A respiração, imperceptível quando ficava submersa, soava rápida demais.

— Não aja como se não pudesse falar sobre isso — admoestou Hakim, sem paciência para jogos. — Você já repetiu esse nome diversas vezes, sem a menor reserva, enquanto eu ainda acreditava se tratar de um lugar. Lembre-se que de se entregou a mim.

— Azgol Sudraszj jamais criaria seres tão imperfeitos quanto nós. Nossa impureza o ofende.

O conhecimento teológico de Hakim era profundo, mas as afirmações de Zith o desafiavam. A fé de um povo ajudava a criar uma identidade comum, um autorreconhecimento que fortalecia a sensação de comunidade. Os mitos de criação quase sempre separavam um povo dos demais ao atribuir seu surgimento ou ascensão aos desígnios de uma divindade. Os deuses, para os povos de Noltora, criavam seus filhos, como o Deus das Cinzas dos bárbaros, ou elegiam-nos dentre os povos para algum fim especial, como o Deus-Rei arrebanhara seguidores para fundar Var Khalad.

— Se essa divindade não criou os abissais, e sua simples existência o ofende, por que venerá-lo?

— Azgol Sudraszj é uma força superior — murmurou Zith, como se fosse pecado discutir aquilo. — Seu poder permeia tudo que é vivo. Os deuses deste mundo não foram páreo para seu avanço.

— Na verdade, os deuses sempre se parecem — comentou Hakim, apaziguador. — Essa sua divindade da vida, por exemplo, tenho certeza de que não reina soberana. Para uma força da vida, deve haver uma força da morte. É assim para os vascoces e seus deuses gêmeos. Quem é o oposto de Azgol Sudraszj?

Zith arregalou os olhos novamente, surpresa com a dedução de Hakim.

— Uddra Ranthep! O senhor conhece seu poder, se opõe a ele!

— Não reconheço o nome.

— Sim, porque os humanos são traiçoeiros e maculam os vínculos — condenou a abissal. — Os Servos da Morte se entregaram a Ranthep em troca do dom de impedir seu destino.

Servos da Morte. Uma boa forma de se referir aos necromantes da Solúmbria. Hakim visitara aquelas terras odiosas e conhecera muito sobre a Cabala e seus ossuários. Nada do que aprendera falava de uma divindade, mas Zith falava com convicção. Ela tentara alertá-lo sobre a Alma do Rio, prevenir o desastre que sua morte causaria. Por isso Hakim estava disposto a dar mais crédito à prisioneira.

— Chega de discutir o panteão deturpado dos abissais, Zith. Preciso que me fale sobre o que está nos pergaminhos, os vínculos com Azgol Sudraszj. Não são simples acordos. No início, achei que você se referia a tratados entre homens e abissais, mas eu estava errado.

— Os vínculos são promessas de poder, meu senhor — explicou a prisioneira, ainda apreensiva em discutir aquilo. — Promessas feitas à forças maiores que os deuses, seres eternos para além de nossos sentidos. Seu povo recebeu o poder, e com ele fizeram Azgol Sudraszj e Uddra Ranthep arderem.

Aquilo era uma contradição óbvia. Se essas divindades fossem tão poderosas, tão superiores, não poderiam ser derrotadas. Mas Zith admitia que foram enganadas por homens cujo único talento era redigir bons contratos.

— Os homens de quem tomei os pergaminhos praticavam sacrifícios — disse Hakim. — Se seus deuses foram derrotados, por que continuar com os rituais?

— O poder permanece. Eles são eternos. Retornarão para cobrar o preço — profetizou a criatura —, por mais que tentem atrasá-los.

Atrasar a vingança de uma entidade eterna, seria esse o objetivo dos cultistas sob o Grande Templo? O pergaminho que Hakim conseguira decifrar falava em aplacar e controlar, através de ritos condizentes com as fases da lua. Talvez tivessem encontrado alguma forma de interferir no pacto por meio dos sacrifícios. Qual teria sido o preço prometido? Servidão eterna? Vidas? Almas? Mas a troca de quê?

Preparou uma dose de fleuma taumatúrgica, despejando o conteúdo de um dos vidrinhos que tomara de Garad em sua seringa metálica. Encontrou rapidamente uma veia no pescoço — mais fácil de alcançar sob a armadura — e apreciou a sensação de tranquilidade que o humor arcano proporcionava. Uma calma lenta e suave, como o balançar das águas de um lago plácido, estendendo-se até o horizonte infinito.

Acalmar. Aplacar uma força inquieta, suavizar suas investidas na escuridão. Em seguida, quando a lua cheia surgisse, dominar, impor o controle. A fleuma e seu efeito relaxante estimulava a reflexão, permitia que Hakim dominasse sua própria mente, fosse em sonhos, fosse em forma astral, ou simplesmente recolhendo-se para resolver um enigma.

Os conspiradores infiltrados no clero pareciam correr do mais baixo ao mais elevado posto sacerdotal. Se havia algo que lhes restava controlar, alguma força

além do alcance de sua autoridade, só poderia ser o próprio Deus-Rei, seu superior incontestado. Alguns membros do alto clero tinham suas reservas quanto à Profecia de Sucessão. Esperius fora um desses, e sua morte favorecia a autoridade de Hakim, mas também a do Sumo Pontífice.

Rasser instituíra uma inquisição acreditando que o alto clérigo ainda vivia, foragido e tramando contra ele. Ou teria o desaparecimento servido como pretexto para o antigo mentor de Hakim ganhar ainda mais poder, dominando seus adversários políticos? Domínio, parecia que todos os homens estavam dispostos a matar para obtê-lo. Fosse o domínio de um pontífice sobre outros sacerdotes, fosse o domínio de um guarda sobre um pedinte sedento, ou o domínio de um império sobre um rio.

O Deus-Rei era a figura máxima de domínio em Noltora, o comandante supremo do maior exército do continente. Com certeza era ele o alvo dos rituais profanos do culto. Por que outro motivo teria sido atraído até eles, em sua forma astral? Desde que sofrera o golpe mortal no Portão do Mar e recebera a dádiva da taumaturgia, Hakim começou a perder o controle do império. A poluição dos poços públicos de Imrath, a doença misteriosa que afligia a população, tudo começara naquele momento. Teria o Antecessor sofrido do mesmo modo?

O humor fleumático corria em suas veias, e Hakim sequer alarmou-se ao concluir que o ressurgimento dos abissais fora a oportunidade que os conspiradores aguardavam para minar seu poder. Aproveitaram-se dos ataques para mantê-lo longe da capital, em luta constante, forçado a ceder o controle. Ele retornaria a Imrath com seus homens mais leais, pronto para defendê-la mais uma vez.

Quando a estação chuvosa chegasse e partisse, Hakim ainda estaria de pé, lavado de sangue abissal, vitorioso no campo de batalha. Mas antes, havia outro desafio, uma luta por poder que até então correria sem sua interferência. Os adversários moviam peões invisíveis num tabuleiro secreto, mas Hakim tinha suas próprias peças, e dessa vez jogaria sem se importar com as regras. Dominaria o tabuleiro.

CAPÍTULO 28

O sangue negro dos escamados escorria lentamente, e conforme o caldo espesso era sugado pelo solo, o espírito de luta dos Skodnir arrefecia. Moira observava o colosso morto-vivo confeccionado por Morsov. O necromante fabricara um corpo para abrigar a alma de Istvan usando as carcaças animais e humanas que alimentariam os puros-sangues vasgoces de Nehisi. Felizmente, a horrenda abominação estava coberta pela enorme mortalha que Morsov cerzira durante a viagem. Moira se perguntava como a alma de Istvan, um resquício de consciência preso ao mundo dos vivos por uma mistura de trauma e devoção, se ajustaria às dimensões aberrantes do novo corpo.

Alcançou os Ermos Cinzentos com sua visão. Manifestar o capuz necromântico quase nunca era perigoso e sempre revelava algo útil. Uma escaramuça como aquela era um espetáculo muito diferente visto através dos olhos dos mortos. No negrume soturno das terras da morte, quase não havia movimento. Istvan era uma das poucas figuras permanentes ali. Sem o corpo gigantesco, seu espírito luminoso se assemelhava perturbadoramente aos sobrinhos. Executava uma pantomima curiosa, estendendo os braços na direção do vazio e puxando-os de volta para si. Seus golpes alcançavam através do véu e traziam novos espíritos ao cenário desolado. Moira presumiu que os movimentos correspondiam aos ataques devastadores de seu monstruoso corpo carnal, ceifando vidas aos montes.

Os mortos mal tinham tempo de registrar a sua nova condição antes de evanescer. Uns poucos permaneciam, repetindo o último par de ações que os levaram à morte. Depois de um tempo, cessavam a repetição e começavam a vagar a esmo ao redor de onde seus corpos tombaram. Ao menos era o que ocorria com os Skodnir derrubados por Istvan.

As marionetes de Moira, duas delas pelo menos, permaneciam ativas, e as sombras inquietas que as animavam podiam ser vistas ao longe, evidentes mesmo na escuridão. A estrela solitária parecia recusar-se a brilhar sobre seus contornos, destacando-as por sua ausência. Disformes e erráticas, espiralavam em um eixo indefinido, vagamente semelhante à forma do corpanzil crustáceo de suas hospedeiras. Quando ceifavam uma vida, arrastando novas almas aos Ermos Cinzentos com suas pinças cruéis, a energia espiritual era consumida pelas sombras, que sorviam avidamente.

Moira interrompeu a manifestação do capuz, horrorizada. Convocou as sombras de volta para si, encerrando-as em sua espada. Podia senti-las esmorecidas,

tendo gastado a maior parte da sua energia para animar as abissais encouraçadas.

O que acontecia aos espíritos que consumiam? Teriam um destino diferente dos que evanesciam tão logo ingressavam nos domínios da morte? E quanto aos abissais, teriam algo semelhante a uma alma? Pensou ter visto fiapos de fumaça avermelhada nos Ermos, próximo a onde os cadáveres dos escamados jaziam no mundo dos vivos, mas a cor logo se dissipou.

— Acho melhor nos movermos enquanto Istvan distrai os lanceiros — sugeriu Sev. — Aqueles ali não tiram os olhos de você.

Sev se referia a um pequeno grupo de Skodnir. Rodeavam o jovem guerreiro de olhos bovinos que Moira derrubara e a encaravam com assombro. Havia uma garota mais jovem do que Moira e um menino metido em vestes de guerreiro. Mantinham os escudos erguidos para proteger o rapaz caído. Todos tinham as marcas tatuadas na pele e ostentavam ossinhos afiados perfurando suas orelhas, mas nenhum parecia especialmente ameaçador.

— Vão só me encarar ou pretendem vingar seu amigo? — Moira provocou.

— Firaggi só estava tentando nos defender! — disse a garota. Era delicada demais para a batalha. Talvez tivesse sido obrigada a escolher entre lutar ou deitar-se com o chefe guerreiro do bando.

— Abaixem suas armas e carreguem-no para longe — Moira ordenou. — Andvar aceitará sua rendição. — Sem esperar a resposta, correu para juntar-se ao resto do bando de seu tio.



Os guerreiros já não se preocupavam em flanquear as formações inimigas ou em romper suas paredes de escudos. Pequenos amontoados de combatentes digladiavam-se com brutalidade, sem se preocupar com os inimigos e aliados no entorno. Havia espaço suficiente entre esses aglomerados para mover-se pelo campo e batalha sem ser importunado. Sev e Moira concordavam que o caos generalizado era uma oportunidade. Para a garota, era uma chance de atacar no ponto exato. Para Sev, a deixa perfeita para escapar.

— Podíamos nos juntar a Nehisi naquela carruagem magnífica — sugeriu Sev. — Quem sabe tomar um chá enquanto Andvar termina de massacrar esses pobres coitados.

Morsov bufou em reprovação, como se tivesse passado a maior parte da vida lutando em vez de aconchegado em uma poltrona, lendo livros sobre os mortos. A verdade era que eles já haviam feito mais do que o suficiente para pender a balança da guerra para o lado correto. Sem os escamados naquelas assustadoras montarias, o bando rival não resistiria por muito mais tempo. Os selvagens costumavam curvar-

se ao lutador mais forte que podiam encontrar. Do modo como Sev via as coisas, logo os Skodnir se renderiam a Andvar ou a Moira. Ou talvez a algum pedregulho particularmente robusto.

Moira alcançou uma égua que trotava sozinha após seu cavaleiro ter sido derrubado. Uma montaria sempre fazia a retirada parecer mais digna. Ela estendeu a mão ao animal, que escoiceava e relinchava, assustada com a matança ao redor.

A garota fez alguma coisa estranha com aquela maldita espada, e um fiapo de sombra escorreu do aço até sua mão estendida. Se Sev apertasse bem os olhos, podia ver a presença que ela invocara, um selvagem sisudo e desgrenhado, que não seria tão feio se sua pele não escorresse como cera de vela. Maldita necromancia.

A aparição sabia como acalmar uma égua assustada. Talvez a besta tivesse enxergado a sombra do morto e percebido que havia coisas bem mais assustadoras em Noltora do que uma simples escaramuça entre bárbaros. Moira dominou a égua e subiu na sela, partindo a pleno galope com Morsov na garupa. A necromancia era tão útil às vezes, por que tinha que envolver sombras inquietas e cadáveres desfigurados? Sev olhou ao redor procurando alguma outra montaria livre, mas percebeu que Moira galopava na direção da carruagem errada.



Não havia sinal do monstruoso príncipe Ur-Lehesh entre as fileiras Skodnir. Da mesma forma que Nehisi permanecera afastada com sua guarda de honra, ele devia ter se recolhido à segurança de sua carruagem. A égua que Moira acalmara com a ajuda de Svein, ou do que restava dele em sua espada retorcida, galopava favorecendo a pata esquerda dianteira, mas ainda era capaz de carregá-los até a outra extremidade do campo de batalha, onde o irmão de Nehisi aguardava.

A carruagem do príncipe se sobressaía em meio aos vagões decrepitos do bando Skodnir, cercada numa formação semelhante à que protegia a princesa. Havia alguns carroções de carga dos hathamitas, mas a maioria eram simples vagões de madeira. Havia também uma guarda de honra.

Não estavam muito longe da aparência de bandidos de estrada comuns, com exceção das cimitarras e das guelras brotando como golas elaboradas em seus pescoços. Como os abissais haviam transformado o príncipe e seus homens?

Esporeou a égua com mais vigor, chamando novamente por Svein, discernindo a memória do cavalariano caído em meio ao torvelinho de cinza e fumaça que envolvia as sombras de seu bando. Instigou a égua a saltar, descreveu um arco gracioso sobre inimigos boquiabertos e aterrisou atrás da linha defensiva da guarda de honra do príncipe mercante.

Os soldados de olhos amarelos puderam apenas observar enquanto Moira guiava a égua com destreza, com Morsov na garupa. Pararam diante da carruagem real. Moira baixou a alabarda sobre a porta lateral e a madeira se estilhaçou com facilidade. O interior fedia a podridão marinha, mas estava vazio.



Sev não se apressaria para salvar Moira duas vezes no mesmo dia. Especialmente quando ela insistia em cortejar o perigo como se ele fosse um rapaz alto, moreno e sedutor. Escapuliu por entre as frestas do combate. O único cavalo vivo que encontrou ainda arrastava seu cavalariano como uma boneca de pano sangrenta, presa pelo pé ao estribo.

O aroma suave de chá já acariciava as narinas de Sev quando alcançou a retaguarda do bando de Andvar. O cheiro metálico de sangue dissipou suas ilusões de conforto. Havia um rastro de corpos hathamitas levando até a carruagem da princesa. A guarda de honra sofrera baixas pesadas ali, mas levava os agressores consigo. Vestiam uniformes quase idênticos, mas de aspecto maltrapilho. Aquilo eram guelras coloridas no pescoço do morto? Um deles tinha a perna exposta, e ela era escamosa.

Sev seguiu a trilha de cadáveres sangrentos, um diagrama da batalha travada. Aqueles invasores serviam ao príncipe, haviam dado um jeito de contornar o campo de batalha para assassinar sua irmã. Mandar a carga preciosa para as Cicatrizes fora uma decisão acertada, afinal.

Os remanescentes da guarda de honra de Nehisi engalfinhavam-se com os últimos assassinos enviados pelo príncipe. Era o pior tipo de combate: homens igualmente treinados, nivelados em força e habilidade. Em casos como esses, o confronto se degenerava em algo feio e brutal. Trocavam socos e pontapés no chão poeirento, recebendo punhais no peito de bom grado, para aproveitar a abertura na guarda do inimigo e apunhalá-lo de volta. O luxuoso transporte da princesa estava desprotegido, esquecido pelos soldados determinados a provar sua superioridade.

Junto à carruagem, o capitão da guarda e o cocheiro, cuja luneta Sev tomara emprestado, jaziam inconscientes. Suas bestas pesadas jaziam igualmente inertes, prontas para disparar, mas impotentes até que dedos solidários pressionassem seus gatilhos. Vergões escuros marcavam os pescoços dos dois homens, como se cordas grossas os tivessem sufocado.

A porta do coche real estava entreaberta. Sev sacou sua boa e velha picareta de mão, estendendo-a cuidadosamente em direção à abertura e usando a ponta curva da ferramenta como um gancho. Puxou a porta devagar, com cuidado para não

incomodar as dobradiças. Algo que definitivamente não era humano deslizou para fora.

O corpo horrivelmente deformado do príncipe Haramad Ur-Lehesh acertou o solo com um baque molhado. Sangue enegrecido borbulhava de sua boca, de onde se projetava o cabo delicado de uma adaga. O interior da carruagem fora permanentemente arruinado pelo líquido viscoso. Nehisi emergiu da carruagem, manchada e arranhada, mas ainda ativa.

— Oh, é você — disse a princesa mercante a Sev, ajustando nas mãos um novo par de luvas de couro. — Dê-me uma dessas bestas, sim? Creio que saiba usar a outra.

O ladrão de túmulos obedeceu prontamente. Sequer registrou os próprios movimentos, surpreso em encontrar uma princesa que não possuía a mínima necessidade de ser salva. Sentiu o peso reconfortante da besta em suas mãos, a curva graciosa de suas hastes, o virote robusto preparado para o disparo. Girou o mecanismo que tensionava as cordas, só para garantir.

Escolheu seu alvo, um homem com uma ridícula barbatana brotando em seu antebraço. Os dedos de Sev encheram-se e solidariedade pela arma ansiosa. Disparou um segundo após a princesa derrubar outro de seus atacantes. Ela era mesmo tão competente quanto sua arrogância indicava.

— Por acaso vossa graça teria um pouco de chá?



Um dardo de besta trespassou o olho da égua de Moira. O impacto do virote fez a pobre montaria tombar, relinchando loucamente. Moira e Morsov foram jogados ao chão. Não havia sinal dos atiradores. Cinco homens guardavam os vagões do príncipe Haramad. Haviam se espalhado entre as carroças menores que cercavam a carruagem de seu mestre e atacavam sem ser vistos.

Morsov puxou Moira para dentro da carruagem desocupada, segundos antes de um virote chocar-se contra a madeira decorada. O interior do coche estava úmido e mofado, exalando um cheiro desagradável de maresia. O príncipe Ur-Lehesh mandara fixar uma tina de cobre no vagão e enchê-la com água marinha.

— Precisamos saber quantas bestas eles têm — disse Moira. Preparar as armas tomava algum tempo, poderiam agir quando todas tivessem disparado.

— Saia pela outra porta enquanto eu os distraio — sugeriu o necromante, caindo imediatamente no transe de seu ossuário.

O corpo da égua abatida ergueu-se em um salto, controlado por Morsov. O cadáver do animal bloqueou a visão da porta arruinada da carruagem e permitiu que

Moira escapulisse pela porta oposta. Rastejou para fora e rolou para baixo do coche, encolhendo-se atrás de uma das rodas.

Um disparo de besta cortou o ar com um silvo tão logo Moira abriu a porta, acertando a madeira centímetros acima de seu alvo. A égua morta circundou a carruagem, atraindo mais dois disparos. Não poderiam disparar um sexto virote até que armassem novamente suas bestas.

Moira deixou a alabarda sob a carruagem e saltou para a égua. Agarrou-se à lateral da sela, mantendo um único pé sobre o estribo e a outra perna encolhida. Um cavalo vivo derrubaria qualquer um que tentasse aquela manobra, mas uma égua morta controlada por um necromante aceitaria o peso sem desequilibrar-se. A posição exigia muito dos músculos de Moira, mas permitia que se movesse sem se expor aos virotes de besta.

Morsov compreendeu a intenção de Moira e fez a égua circundar a carruagem mais uma vez. Agarrada à sela, mas escondida atrás do flanco do animal, Moira esperou o sexto disparo. O dardo veio junto com o sétimo, acertando a montaria na barriga e no peito. Por pouco o tiro não alcançou Moira, penetrando fundo na carne morta do animal. O risco valera a pena, permitindo a Moira identificar a exata direção dos besteiros.

A montaria disparou por entre duas carroças, na direção dos atiradores, Moira jogou-se novamente ao chão. O solo áspero e irregular da Terra Arrasada chocou-se contra seu ombro. Girou para amenizar o baque e alcançou a parte de baixo de um dos vagões dilapidados. De sua posição, as pernas de um dos besteiros apresentavam-se como presas fáceis. O outro atirador já estava distraído, lutando contra uma égua que se recusava a cair mesmo após três disparos de besta. Moira sacou a espada retorcida de sua bainha. As sombras não vieram.

Controlar todos aqueles cadáveres exigira muita energia. Mesmo sem invocar almas sombrias, a arma embotada serviria. Golpeou o joelho do atirador com força e ouviu o som tenebroso de ossos se partindo. O homem caiu gritando de dor, e o segundo golpe de Moira perfurou-lhe a garganta.

Assim que a vida deixou os olhos do hathamita de guelras coloridas, seu cadáver se levantou em um movimento enrijecido. Morsov já controlava uma égua e dois homens mortos. Os cadáveres circundaram o anel de carroças, em busca dos outros atiradores.

Moira se manteve abaixada, rastejando por entre os eixos das rodas. Não era tão diferente de rastejar pelos pântanos da Solúmbria, procurando por plantas comestíveis. Aqui, porém, ela procurava por pares de pernas ao alcance de seu aço retorcido.

Um dos homens do príncipe gritou de surpresa e horror ao ver seus próprios irmãos de armas voltarem-se contra ele. Moira encontrou mais um besteiro,

abaixado atrás de um carroção de carga. Ele não a viu, e a espada de Moira dilacerou sua barriga. Encerradas no aço, as sombras, mesmo esgotadas, exultavam com a matança.

Quando deu por si, Moira já havia circundado completamente o perímetro dos vagões. Encontrou os cadáveres sob o controle de Morsov em ossuário: a égua e três besteiros. Somados ao homem que acabara de liquidar, eram quatro. Um deles escapara.

Moira correu de volta para a carruagem. Morsov estaria indefeso em seu transe necromântico. Em troca do domínio sobre a matéria morta, deixara seu corpo inerte e desprotegido. Moira não olhou para trás para ver se os cadáveres reanimados a seguiam. Saltou para dentro da carruagem a tempo de agarrar as mãos do assassino com guelras e olhos amarelos, mas ele já baixava o punhal contra Morsov. Tudo que Moira pôde fazer foi impelir o golpe para longe da garganta de seu professor. O aço mordeu Morsov na barriga, e ele despertou imediatamente, arquejando de dor. Ser arrancado violentamente do ossuário parecia pior do que a própria punhalada. O choque fez escorrer um filete delgado de sangue pelo nariz do necromante.

Moira lançou-se sobre o soldado do príncipe. Ele caiu de costas e ela agarrou-lhe o pescoço com mãos vingativas. Podia sentir as guelras viscosas movendo-se contra seus dedos, mas ignorou a sensação abjeta. Apertou com força. Ele ergueu o punhal para se defender, mas Moira redobrou o aperto. Ele deixou cair o punhal sangrento. Moira continuou a apertar. Só parou quando ouviu Morsov chamando por ela.

Reencontrou Sev no que restava do campo de batalha. Caminhava devagar, amparando Morsov, o abdome enfaixado com tiras de tecido cortadas à faca. O velho ladrão de túmulos exibia um sorriso de triunfo presunçoso, até ver o ferimento. Aquilo apagou todo o humor do rosto de Sev.

— Você precisava se esforçar tanto para se enturmar com esses selvagens? — ralhou Sev com o irmão. — Não bastava cavalgar como um louco sob o campo estelar, precisava ganhar uma cicatriz de batalha?

Morsov deu um sorriso fraco como resposta. Moira o levou até os vagões da caravana de Nehisi, onde os mercadores hathamitas ajudavam dois curandeiros a serviço de Andvar a estancar sangrias e costurar ferimentos. Sev ficou para ajudar a cuidar do irmão. Moira foi ao encontro do tio.

Os cavalarianos de Andvar reagruparam-se no mesmo ponto onde os líderes guerreiros haviam se reunido para confabular antes da peleja. Onde antes havia a tensão palpável da espera, reinava o terror da matança. Cadáveres de homens e cavalos dispostos a esmo pela planície rochosa regavam a terra com seu sangue. Os gritos ferozes dos guerreiros deram lugar aos gemidos baixos dos feridos.

No centro de tudo, Moira encontrou Andvar rendendo um homem encurvado, de cabelos escuros e sujos. Um punhado de lanceiros forçava o líder Skodnir a ajoelhar-se, enquanto o resto do bando agrupava os inimigos derrotados para jurar submissão ou juntar-se ao Deus das Cinzas.

— Orieff dos Skodnir — dizia Andvar. — Conforme os antigos costumes, um chefe derrotado dos cinco clãs deve receber uma morte digna, de espada na mão.

Orieff fitava o rival, quieto.

— Porém, se o derrotado reconhecer o vitorioso como seu superior e transferir-lhe o comando de seus homens, será poupado.

— Brunehald, não o reconheço como líder de nada — retrucou Orieff, em tom ácido. — Desprezo seu clã. O considero riscado da linhagem do Povo das Cinzas desde que se misturaram ao sangue amarantino.

— É bom ouvir isso. Nunca tive a intenção de lhe dar misericórdia alguma.

Os lanceiros forçaram Orieff a prostrar-se, segurando-o com a cabeça baixa e os braços forçosamente abertos. Andvar apanhou seu machado de lâmina dupla e ensaiou um golpe lento sobre o pescoço do líder Skodnir.

— Andvar, espere! — Moira intercedeu.

Seu tio não pareceu nada feliz com a interrupção, mas ao olhar para ela, algo na expressão do velho guerreiro pareceu suavizar-se. Andvar recolheu o machado, apoiando-o no ombro.

— Sabia que você voltaria, Moira. Mas não imaginava que seria para salvar a pele de meu bando.

— Então permita-me um favor — pediu Moira ao tio. — Dê uma chance a Orieff. — Andvar e o chefe Skodnir entreolharam-se, confusos. — Permita-lhe enfrentar combate singular pelo direito de comando sobre seus homens.

— Já disse que não lutarei contra Andvar, mulher estúpida! — Orieff vociferou.

— Não quero que lute contra ele — Moira explicou. — Quero que lute contra mim.

— Que ideia ridícula — Orieff riu. — Sequer cruzamos olhares na parede de escudos. Jamais reconheceria o valor de quem nunca provou a mordida de meu machado.

— No entanto — disse Andvar —, Moira derrotou seus mestres abissais. Você deve isso a ela tanto quanto eu.

Andvar, como seu chefe guerreiro, poderia proibi-la de duelar. Orieff, servo dos peixes-diabo, não tinha escolha senão aceitar o desafio daquela que derrotara seus superiores em combate.

— Tem certeza de que é isso o que quer, Moira? — perguntou Andvar.

— Absoluta. Derrotarei Orieff numa luta limpa diante de seu bando e conquistarei o direito de comandá-los.

— Isso jamais acontecerá — disse Orieff. — Alguém me dê um machado! Matarei sua sobrinha, Andvar, e você não poderá fazer nada além de assistir!

Jogaram um machado comum aos pés de Orieff. Os lanceiros relaxaram seu aperto e o líder Skodnir apanhou a arma. Testou o gume e o equilíbrio com alguns cortes contra o ar, depois assentiu em aprovação.

— Quando isso terminar — disse o chefe Skodnir —, você vai desejar que eu tivesse aproveitado essa chance para partir seu crânio ao meio, Andvar.

O líder Brunehald não pareceu preocupado com a ameaça. Com um aceno curto, comandou seus homens a escoltar Moira e Orieff até os Skodnir rendidos, cerca de cinquenta sobreviventes. Do lado de Andvar, as baixas não haviam sido tão severas, com menos de trinta mortes. Sem Moira e suas marionetes mortas-vivas, esses números poderiam muito bem ter sido invertidos entre as forças adversárias.

— Sorg! — chamou Andvar. — Venha diante desses homens e lhes apresente a seu destino!

O escaldo se aproximou, mancando de uma perna, usando uma lança como cajado para apoiar-se. Seu semblante aparentava uma fraqueza que ia além do cansaço, e sua pele era um tom de pálido mais claro do que o normal, algo relacionado ao tempo que passara sob o campo estelar. Sorg fez uma mesura para os Skodnir sentados sobre a planície sangrenta, depois iniciou uma batida rítmica do cabo de sua lança contra o chão duro. Os lanceiros de Andvar, os que ainda tinham forças, ecoaram a batida do escaldo.

— Homens de Orieff! — Sorg exclamou, sua voz límpida e sonora apesar do aspecto abatido.

— Seu príncipe monstruoso encontrou seu fim sob a lâmina da irmã. — Cada frase era pontuada por uma batida mais forte do cabo da lança, marcando o ritmo. — Os peixes-diabo foram trucidados por Moira dos Brunehald, Senhora da Morte. Somente seu líder, Orieff dos Skodnir, manteve-se de pé!

Diante do último verso declamado pelo escaldo, os Skodnir sobreviventes pareceram se dividir. Alguns mostraram-se aliviados ao ver que Orieff sobrevivera, enquanto outros mantinham-se apreensivos.

— No entanto — prosseguiu Sorg. —, seu chefe guerreiro foi derrotado em batalha aberta, sua investida rechaçada pelo poderoso Andvar dos Brunehald! O Juramento dos Fortes exige que Orieff e os seus jurem submissão ao vitorioso. Os recalcitrantes deverão entregar suas vidas! Andvar lhes oferece uma alternativa: combate singular!

Os Skodnir que optaram pela morte já o haviam feito, aceitando as lanças dos cavalarianos de Andvar de bom grado. Os demais ali reunidos estariam prontos para

obedecer. Alguns pareciam bastante contentes em deixar para trás o serviço aos peixes-diabo e ao príncipe deformado. O líder derrotado dos Skodnir assistia à demonstração de grandiloquência do escaldo com desprezo no olhar.

— Andvar apresenta sua campeã, Moira dos Bruneald, Senhora da Morte, ruína dos peixes-diabo! — cantou Sorg, fazendo uma reverência e embaraçando Moira com aqueles títulos fabricados.

— Ela conquistou o direito de desafio neste campo de batalha! — Sorg então virou-se para Orieff. — Orieff, dos Skodnir, aceita combater por sua vida e a de seus homens?

— Ande logo com isso, cria dos anciões — desdenhou Orieff. — Matarei a garota, se é o que querem.

Sorg fez uma reverência, como se as palavras de Orieff tivessem sido perfeitamente adequadas.

— Orieff dos Skodnir elegeu o machado para este combate — Sorg anunciou. — Qual será a arma de escolha da campeã de Andvar?

— Tirem essa espada dela — Orieff interrompeu. — Está impregnada com a mágica imunda dos Senhores da Morte!

Moira desatou prontamente a bainha de seu cinto, deixou-a cair com um barulho abafado.

— Sugiro que não toquem nela — alertou Moira. — Os espíritos presos ao aço têm fome. Sorg, minha arma de escolha é uma lança. Pode ser essa que você está segurando.



— Você acabou com o bucho furado por causa dela, Morsov! — Sev repreendeu. — Há vários jovens órfãos entre Solúmbria e Nova Mordrávia que chegaram perto o suficiente da morte para despertar um talento necromântico, você tinha que escolher uma filha das cinzas cujo principal instinto de batalha é correr em direção ao perigo?

— Sem ela, estaríamos mortos antes mesmo de deixar os charcos — retrucou Morsov. A barba grisalha o fazia parecer quase tão velho quanto Sev. — Eu só queria retribuir o favor e impedir que ela fosse morta.

— Era ela quem estava retribuindo o favor quando salvou nossas vidas, seu tolo! Nós a acolhemos quando ninguém mais a ajudaria. Quem em sã consciência abrigaria uma selvagem dentro das fronteiras da Solúmbria? Nós fomos praticamente santos, reunindo Moira e o tio!

— Você tem uma mania irritante de distorcer os fatos, Sev. Ela nos guiou pela Terra Arrasada, nos mostrou onde achar água, e quando fomos capturados por um bando do Povo das Cinzas, foi a presença dela que salvou nossas peles!

— Tudo bem, tudo bem — Sev suspirou. — Você já se exaltou bastante por um dia. Vamos dar essa discussão por encerrada como um empate.

Morsov riu, jogando a cabeça para trás. Um som alegre, porém frágil. Estava deitado numa tapeçaria estendida sobre uma pilha de caixotes, os curandeiros haviam cauterizado e costurado a ferida. Precisavam rezar para não haver dano aos órgãos internos.

— Você sempre diz isso quando sabe que perdeu.

— Bobagem, onde está Istvan?

— Na confusão da luta acabamos nos separando. Ele deve estar vindo a nosso encontro a essa altura.

Enquanto se preocupava com o irmão, Sev mantinha os olhos e ouvidos bem abertos, procurando por Nehisi. Sem dúvida a princesa mercante gostaria de agradecê-lo por sua assistência. Sev já contava com as boas graças da princesa para atravessar a fronteira de Var Khalad sem passar por incômodos como burocracia alfandegária e vistorias astrais, ou as espadas afiadas de fanáticos com ódio irracional por estrangeiros.

Quando se afastou para buscar água fresca para Morsov, dois soldados da princesa — incluindo o capitão da guarda, acordado e escondendo com um lenço os vergões em seu pescoço — aproximaram-se. Havia um misto de gratidão e embaraço na forma como eles o encaravam.

— A princesa mercante deseja uma recuperação veloz a seu irmão e os convida para viajar numa carruagem real até alcançarmos a fortaleza de Valash Hol.

Sev agradeceu o convite com uma reverência floreada, seria ótimo entrar em Var Khalad ao lado da única pessoa que os soldados imperiais não ousariam revistar.



Um chefe guerreiro do Povo das Cinzas devia ser um exemplo não apenas de força, mas de habilidade em combate, dominando o campo de batalha com proeza além de presença. Moira calculara seus riscos ao desafiar Orieff Skodnir, e desde o início sabia que só sairia viva se empregasse sua necromancia. Seria injusto, desonroso e trapaceiro, mas ela não via problema em ignorar a honra quando o oponente era um homem vil, que se sujeitava a servir senhores tão abomináveis quanto os abissais.

Machados de guerra são armas temíveis, especialmente nas mãos de um filho das cinzas. Abandonam a defesa e o alcance em favor de puro potencial destrutivo. A força do guerreiro era concentrada no gume afiado da arma, feita para dar peso e

velocidade aos golpes. Tão logo Sorg entregou a lança nas mãos de Moira, Orieff partiu para o ataque, rosnando como um animal raivoso.

Sem escudo, o chefe guerreiro só podia atacar, e confiou plenamente que sua brutalidade venceria o duelo. O machado de Orieff sequer tinha lâmina dupla, como o de Andvar. Os golpes vinham sempre no mesmo sentido até que o adversário mudasse sua empunhadura. Moira escolhera a lança por seu alcance superior, preterindo a alabarda que normalmente empunhava para que o peso da arma não a cansasse antes do oponente. Mantinha-se sempre a uma boa distância de Orieff, que investia loucamente enquanto ela dançava em círculos para escapar do gume mortal do machado.

Moira sequer teve tempo de estocar com a lança para testar as defesas do inimigo. Orieff veio ao seu encontro com tamanha ferocidade que só o que ela podia fazer era recuar. Mal parecia que ele tinha acabado de sair de uma batalha campal sangrenta. O Skodnir saltou com impulso assombroso para cima de Moira, mas fez uma finta óbvia demais. Ergueu o machado como se fosse golpeá-la de cima com toda a força e girou o cabo no último instante para um golpe lateral pela esquerda. Uma manobra básica, que só funcionaria contra um inimigo que tivesse a visão prejudicada por um elmo amassado ou por uma parede de escudos muito apinhada.

Moira tinha os cabelos negro-ruivos desgrenhados pelo combate, e seu rosto estava manchado com o sangue inimigo, mas sua visão era perfeita. A surpresa pelo erro grosseiro do oponente por pouco não a impediu de aproveitar a oportunidade. Moira deixou-se cair para evitar a lâmina que destruiria seu rosto, usou o cabo da lança como apoio e desferiu um chute lateral contra as pernas de Orieff.

O duelista tentou desesperadamente manter-se de pé, mas o peso de seu próprio ataque roubou-lhe o equilíbrio. No instante seguinte, Moira investiu com a lança contra a barriga do homem. Não impeliu o ataque com a força do corpo, somente dos braços, preparada para algum truque inesperado, mas a lança rasgou o couro da armadura e perfurou a carne. Recolheu a arma e recuou, pois o chefe guerreiro uivava de ódio e precipitou-se novamente a golpear com o machado, como se a ferida não existisse.

A nova investida de Orieff foi ainda mais agressiva. Moira já não tinha mais tanto fôlego para escapar dos golpes de machado. Chamaria suas sombras para ampará-la, sabendo que já não precisava tocar a espada deixada por seu pai para se comunicar com elas. Entretanto, tão logo Orieff a encurralou, seus gritos raivosos cessaram e seu olhar assassino anuviou-se. Três ou quatro golpes possantes de machado foram suficientes para fazer seu sangue jorrar em demasia pelo ferimento aberto.

Com uma pancada da lança contra o punho do chefe Skodnir, Moira desarmou-o. Uma segunda estocada abriu-lhe um novo rombo no abdome. Dessa vez Moira pôs todo o peso do corpo no ataque, fazendo a ponta da lança emergir em algum ponto nas costas do adversário. Fácil demais. Em menos de um minuto, por um descuido inexplicável, um líder dos filhos das cinzas encontrou sua morte nas mãos de Moira.

Pelo antigo costume de seu povo, ela teria direito de liderança sobre os homens derrotados de Orieff. O Juramento dos Fortes era implacável, e a única escolha diante daquele bando Skodnir era curvar-se ou ser deixado para morrer da Terra Arrasada.

— Eles vão aprender a respeitá-la — disse Ultha. Moira sequer percebera que a capitã dos lanceiros de seu tio havia se aproximado. Ela era uma Skodnir. Sua presença ajudaria Moira a conquistar a lealdade daqueles homens. — Como você fez aquilo? Usou necromancia?

— Como fiz o quê? — revelou Moira. — Ele só cometeu um erro estúpido.

— E o que você fez para enxergar o golpe? — a pergunta de Ultha era muito estranha.

— Ele se moveu bem diante dos meus olhos e eu o contra-ataquei, o que há de errado nisso?

— Consegue enxergar nesse estado?

Moira sequer soube como responder à bizarra indagação da capitã de Andvar. Ultha apanhou o machado do chefe guerreiro caído e cuspiu sobre o aço da lâmina. Usou um pedaço da própria túnica para polir o metal e estendeu-o diante de Moira, com a chapa lisa da arma bem próximo a seu rosto. Havia um reflexo ali, embora difícil de divisar. Moira se viu refletida no metal e cambaleou para trás, quase deixando a exaustão vencê-la diante da visão.

Seu rosto nunca fora exatamente belo. As feições eram angulosas demais, um tanto rudes e alongadas. As mechas ruivas sobre o fundo negro dos cabelos que emolduravam sua face lhe davam um aspecto feroz, combativo. Os olhos azuis sempre foram um ponto de orgulho para Moira, um único traço delicado de um rosto selvagem.

Mas seu olho esquerdo perdera completamente a cor, assumindo uma tonalidade cadavérica de branco. A partir dele, uma faixa de pele cinzenta cortava sua face. Ia da testa até a maçã do rosto, como a cicatriz mortificada de uma queimadura. As luzes celestes no campo estelar haviam cobrado seu preço, afinal.

CAPÍTULO 29

Houve muito menos fanfarra pelo retorno do Deus-Rei a Imrath do que da última vez. O ranger do mecanismo colossal que abria e fechava os portões se sobrepunha ao som de uma multidão esparsa e contida. A Máscara Melancólica que encobria o rosto de Hakim se casava perfeitamente com a atmosfera de sua recepção. Nuvens cinzentas mergulhavam Imrath em um clima de apreensão em vez de júbilo, mas certamente não eram as únicas culpadas. Os inquisidores de Rasser patrulhavam as ruas, ávidos por sinais — reais ou imaginários — de dissenso entre o povo comum.

Ninguém mais jogava flores de lavanda ante a passagem do Deus-Rei, os ramalhetes já estavam cuidadosamente dispostos na avenida principal, aguardando a passagem do senhor de Var Khalad. A população se prostrava a medida que Hakim cruzava a avenida em direção à praça central e o Grande Templo. Havia poucos amarantinos presentes, apenas alguns servos de homens importantes em auxílio de seus senhores.

Aquilo também devia ser obra da inquisição. Os sacerdotes de capa púrpura saudavam o Deus-Rei com fervor, mas logo se aprumavam e voltavam seu olhar caçador aos populares. Viravam-se contra aqueles que deveriam amparar.

Como se o estado penalizante de seus súditos não fosse o bastante, ante os muros fortificados do Grande Templo, duas novas descobertas azedaram de vez o humor de Hakim. A primeira era que a fonte principal da cidade, um poço profundo e resguardado pelos melhores esforços de seus engenheiros contra a mácula abissal, estava interditada, vedada e mantida sob guarda como a fonte na praça dos pedintes.

Nesse ritmo, as reservas do Grande Templo logo se esgotariam. Mesmo assim, esse problema seria contornável, especialmente com a chegada das chuvas. Mas havia a segunda descoberta, e ela sedimentou um desgosto profundo no coração de Hakim.

Três altos sacerdotes prestavam reverência ao Deus-Rei. Quando Hakim retornara da campanha contra os insurgentes de Tanánn, cinco o aguardavam naquele mesmo estrado. Os olhos de Hakim dardejaram sobre os presentes, tentando ler suas expressões. Mas, como uma língua que insiste em explorar o vazio que um dente arrancado deixa na boca, seus olhos se deixavam atrair pelos assentos vazios. Além da ausência óbvia de Esperius, Rasser, seu sumo sacerdote, não se dignara a vir ao seu encontro.

Irmã Alentia fez as vezes de sacerdote supremo, e ergueu-se para saudar Hakim. Os línguas-de-fogo que trouxera consigo não possuíam combustível taumátúrgico para insuflar o ar com chamas douradas, e os que permaneceram em Imrath foram impedidos de fazer o mesmo por seu comando silencioso. O Deus-Rei não via razão para culminar seu regresso com magia se os aspectos mundanos do ritual haviam sido ignorados.

— Perdoe-nos, meu senhor — suplicou Irmã Alentia. — Mas seu retorno foi mais veloz do que antecipado.

— Isso devia ser causa para júbilo — rebateu Hakim —, não consternação. Onde está Rasser?

— O Sumo Pontífice encontra-se ocupado com uma tarefa vital, meu senhor — explicou a alta sacerdotisa.

— Que tarefa é mais vital para um sumo sacerdote do que honrar a presença de seu deus?

— Cumprir os desígnios desse mesmo deus, ó enviado dos Céus Exteriores — Alentia explicou com reverência. — O Sumo Pontífice preside um julgamento na Tribuna dos Justos neste momento, de ordem da santa inquisição da qual sua santidade o encarregou.

Uma inquisição vazia, que o próprio Rasser induzira Hakim a convocar. Segundo seu antigo mentor, Esperius era um herege. Mas Hakim vira uma heresia muito diferente sob o Grande Templo, com Esperius sacrificado em um ritual profano, ao lado de um abissal. A inquisição prosseguia, espalhando-se por Imrath do mesmo modo que a estranha doença trazida pela mácula dos abissais.

— Quem seria o herege dessa vez? — indagou Hakim. — Que criminoso merece tanto a retribuição divina, a ponto de um sumo sacerdote recusar-se a receber seu deus?

— Irmão Sidonus insistiu que fazia sua vontade — disse Alentia, consternada. — Ele preside o julgamento de Irmão Esperius, meu senhor.

O que, pelos Céus Exteriores, Rasser pensava que estava fazendo? Se não fosse pela máscara que cobria o rosto de Hakim, Irmã Alentia teria visto sua revolta. Esperius já estava morto! Quem estaria sentado no banco dos réus em seu lugar? Hakim não podia deixar que Rasser continuasse com aquela loucura. Ordenou que o alto clero o aguardasse no Grande Templo, no topo da Torre Oeste, então partiu para a Tribuna.

— Somente quando a corrupção for expurgada do sacerdócio a paz nos será devolvida! — discursava Rasser para as massas. O diadema cristalino em sua testa rebrilhava contra a luz de fogueiras furiosas.

— O expurgo se completa hoje! — interveio Hakim. Seus homens escancararam os portões pesados da Tribuna dos Justos, deixando entrar o vento

úmido vindo do litoral.

Hakim dispensara a maior parte de suas tropas, ordenando que a infantaria se preparasse para o conflito iminente e que seus santos Cavaleiros retornassem ao Grande Templo. Manteve apenas uma pequena guarda de honra, e com ela adentrou a Tribuna sem ser anunciado.

Os espectadores, capturados pela eloquência do pontífice, foram subitamente confrontados com a presença do Deus-Rei. Atiraram-se diante de Hakim, pedindo por bênçãos, ajuda ou perdão. Estavam em pânico, com medo da ameaça abissal, da escassez de água, da doença misteriosa que afligia a cidade. Tudo aquilo, dizia Rasser, era fruto da heresia que se insinuara no seio do sacerdócio khaladino. Hakim concordava com ele, mas sabia que o herege não era aquele homem amarrado a uma estaca, diante do púlpito sobre o qual discursava o Sumo Pontífice.

— Meu senhor! — exclamou Rasser, desconcertado. — Somos abençoados por sua presença neste tribunal! Todos saúdem o Deus-Rei de Var Khalad! Que a justiça seja feita em seu santo nome!

Em meio aos gritos de adoração, Hakim cruzou o salão e alcançou o réu enquanto sua guarda de honra abria espaço na multidão. Liriel estava ao lado de Rasser, com suas vestes de batalha. Chefiava a segurança do pontífice, como Hakim ordenara em sua última mensagem. Sorriu ao ver que havia outra irmã da Ordem do Zéfiro flanqueando-o, uma monja portando uma maça de guerra ornamentada com fitas vermelhas. Rasser e suas guarda-costas ajoelharam-se quando Hakim subiu no estrado onde o herege era exibido em desonra.

— Agradeço suas palavras, Sumo Pontífice — disse Hakim, falando mais para os espectadores do que para Rasser. — A justiça será feita em meu nome. E por minhas mãos.

— Meu senhor — titubeou Rasser, erguendo-se com alguma dificuldade —, a escória herege não merece sua divina atenção. Existem humildes servos como eu para tarefas ingratas como essa.

Hakim estudou o homem amarrado à estaca. Estava amordaçado e sua face fora desfigurada por inchaços e hematomas. Apenas as vestes o marcariam como alto sacerdote do Deus-Rei, mas mesmo essas estavam imundas e rasgadas. Esperius estava morto, aquele só podia ser um impostor. Que jogo bizarro Rasser jogava com a encenação?

— Encarreguei-o da mais ingrata das tarefas, Sumo Pontífice: voltar-se contra seus irmãos, duvidar de sua fé, investigar sinais de heresia. Hoje colhemos os frutos de seu trabalho, pondo um fim à subversão do clero!

A multidão aprovou entusiasticamente. Rasser aproximou-se apressadamente de Hakim, falando-lhe em voz baixa.

— Meu senhor, temo que os hereges não tenham sido eliminados completamente. Encerrar a inquisição poria o império em risco.

— Acredito em você — Hakim respondeu no mesmo tom. — Mas é hora de mudarmos de estratégia. — Projetou a voz novamente, indagando a Rasser, mas querendo ser ouvido por todos. — Diga-me, Sumo Pontífice, quem é esse homem? Que crimes cometeu?

Rasser demorou-se a responder. Hakim ficou bastante satisfeito em provocar nele tamanho desconforto. Era o mesmo que sentiu ao perceber que estava sendo usado e enganado por quem via como um pai.

— Trago diante da Tribuna dos Justos e do próprio Deus-Rei — respondeu Rasser, recomposto —, Vanistor Esperius, alto clérigo, acusado de heresia e traição pela santa inquisição do Deus-Rei.

Hakim encarou o homem que ocupava o lugar de Esperius. Naquele estado deplorável não era possível enxergar traços que o distinguissem completamente do Esperius que as massas conheciam, que pouco se importava em interagir com o povo comum e só aparecia em eventos pontuais do calendário de Imrath. Dificilmente haveria alguém ali capaz de confirmar sua identidade, com exceção de Rasser. Ninguém passava mais tempo entre os altos sacerdotes de Var Khalad do que o sumo sacerdote do Deus-Rei. A ele jamais passaria despercebido um detalhe crucial: o impostor era amarantino.

Hakim recorreu à taumaturgia em suas veias. Sua prática — ou, quem sabe, a interrupção dos rituais nas catacumbas — aumentara sua eficiência no uso da fleuma. Hakim consumia menos do fluido arcano do que antes e ele permanecia ativo em seu corpo por mais tempo. Com os sentidos e o raciocínio magicamente refinados, não escapou-lhe à atenção que a barba branca de “Esperius” tinha alguns fios ruivos despontando desde a raiz, que só embranqueciam nas pontas. Aquela barba fora descolorida, mas era ruiva, um matiz exclusivo aos descendentes de Amarante.

De repente, todas as prisões sob o pretexto de eliminar a heresia e a insurgência começaram a fazer algum sentido. Se jogassem homens suficientes nas masmorras imperiais, ninguém daria falta de um ou outro infeliz que curiosamente se parecesse com um dos altos sacerdotes. Todos estariam muito preocupados com o inimigo interno, ou com medo demais da perseguição fanática para notar que o acusado tivera a barba pintada de branco, ou que seu nariz desfigurado tivesse sido quebrado daquele jeito porque era bem menor do que devia ser.

— Como a heresia penetrou tão fundo em nossa fé, a ponto de corromper um de meus altos sacerdotes? — Hakim indagou ao pontífice.

— A sede de poder de Esperius sempre esteve presente, meu senhor. Escondida como uma serpente na grama alta. Os ataques recentes o instigaram a

revelar sua verdadeira face — respondeu Rasser. A multidão dirigiu sua fúria contra o herege amarrado, com insultos e maldições.

— A ambição é o pior dos pecados — continuou Hakim. — Querer elevar-se acima do divino é heresia do pior tipo! — O julgamento concentrava toda a frustração dos Imrathianos. O retorno dos abissais, a perseguição dos sacerdotes, a escassez e a doença pareciam reunir-se naquela figura alquebrada diante da tribuna, como se seu sacrifício pudesse pôr fim ao medo e ao sofrimento. Não havia outro destino para ele, senão uma catarse sangrenta. — Esse homem desafiou minha divina autoridade! Tramou para usurpar o poder para seus próprios fins iníquos!

A Tribuna dos Justos encheu-se com o furor de uma multidão desesperada. Um povo amedrontado, levado à beira da sanidade pelo medo que vinha de fora e de dentro. Hakim poria um fim à pantomima do pontífice antes que a verdadeira ameaça emergisse do mar.

— Qual o veredito, meu senhor? — indagou o pontífice.

— Por conspirar contra o alto clero — prosseguiu Hakim. — por voltar-se contra seus irmãos, por trair a confiança do Deus-Rei e, pior de tudo, por mentir diante do bom povo de Imrath, eu o sentencio à excomunhão e ao ostracismo, Sumo Pontífice Rasser Sidonus!

A multidão emudeceu de surpresa, depois irrompeu em gritos furiosos por condenação. Não se importavam com quem seria punido, desde que alguém pagasse por seu infortúnio. Liriel e suas irmãs já sabiam o que esperar. Moveram-se para apreender o pontífice.

— O que estão fazendo? — Rasser vociferou. — Que loucura é essa?

— Você trouxe um impostor diante da Tribuna — Hakim acusou. — O verdadeiro Esperius está morto, assassinado nas catacumbas, numa câmara que só o alto clero sabe acessar. Você me manipulou, Ras, me fez dar-lhe ainda mais poder!

— Você deu uma boa olhada em Imrath desde que chegou? — perguntou Rasser, como um mentor a seu pupilo ingênuo. — Estamos à beira do caos! O que acha que aconteceria se eu deixasse a ralé solta pela capital, com a escassez que estamos enfrentando? Saques, assaltos, mortes! Você não é o único que faz sacrifícios pelo império! Lanças e cavalos não são a única forma de proteger as pessoas!

— Eu não sei o que aconteceu a você — disse Hakim, pesaroso. — Mas o clérigo bondoso que me criou deu lugar a um pontífice cruel. Prenda-o, Liriel.

Rasser lutou para se desvencilhar das monjas, mas seu tamanho não era páreo para a agilidade da taumaturgia sanguínea. Gritou por ajuda e seus inquisidores vieram em seu auxílio. Hakim estava farto. Sacou Fendetreva e vociferou um comando de batalha para sua guarda de honra. Com lança e espada dispensaram

justiça divina contra os capas-púrpura. Não eram páreo para escudos de carvalho e armaduras de aço, mas eram muitos. A multidão foi do êxtase ao pânico.

Na confusão da escaramuça, Rasser conseguiu se livrar das irmãs do Zéfiro, ocupadas com os inquisidores. Impeliu seu corpanzil roliço em direção a Hakim.

— Acabe com isso! — bradou o pontífice. — Você precisa de mim, Hakim! Não é capaz de dominar sozinho!

O capitão da guarda de honra de Hakim tentou interceptar Rasser, mas foi impedido por um par de capas-púrpura que o acossaram com porretes de madeira. Das dobras do manto encardido, o pontífice tirou uma adaga sinuosa, familiar. Hakim embainhou a espada, não derramaria o sangue de seu antigo mentor.

Rasser avançou contra Hakim, a adaga meio oculta pelo manto clerical. Hakim apanhou-o pelo pulso. Foi mais difícil do que esperava, o Sumo Pontífice conservava a força de seus melhores anos. Com um movimento decidido, Hakim dobrou o braço de Rasser para trás e passou o próprio braço pelo pescoço do clérigo, imobilizando-o. Ele resistiu, bradando sandices sobre poder e sobre o verdadeiro governante de Var Khalad.

Hakim teria relaxado o aperto, mas o amontoado de inquisidores e guardas restringiu seus movimentos. Os capas-púrpura de Rasser lutavam para alcançá-lo, mas foram rechaçados por Liriel e as irmãs do Zéfiro. O povo que assistia ao julgamento se juntara à refrega, tomando um ou outro lado do conflito sem razão aparente. A violência imperava.

Rasser se debatia para se libertar, mas Hakim o mantinha num aperto cerrado. Com o braço revestido de armadura sobre o pescoço do pontífice, ele tinha controle total da luta. Da massa caótica de combatentes, Hakim divisou o olhar de Liriel. Ela o encarava de modo curioso.

Havia algo parecido com perdão nos olhos da arconte. Não por algo que Hakim houvesse feito, mas pelo que estava prestes a fazer. Aquele olhar dizia que ela não o culparia pelo que estava por vir.

Com cuidado, Hakim passou a mão livre por trás da cabeça do Sumo Pontífice. Seu outro braço ainda o mantinha enlaçado enquanto se debatia.

— O império precisa de mim! Você precisa de mim! — bradou Rasser. — Você não é nada sem mim!

Hakim agarrou a cabeça do sumo sacerdote com as duas mãos e torceu. Um movimento ágil e brutal. Por cima dos gritos e do clangor da batalha, ninguém mais ouviu o som inconfundível de ossos se partindo.

CAPÍTULO 30

— Então agora você é uma chefe guerreira? — Sev perguntou a Moira.

Aquilo não podia estar mais longe da verdade. Entre os sobreviventes do bando de Orieff, apenas os mais jovens e os muito feridos aceitaram submeter-se. Por mais que tivesse derrotado o chefe guerreiro num duelo justo, os Skodnir a viram comandar os mortos no campo de batalha. Para eles, ela era uma necromante. A terrível marca em seu rosto — uma tira de pele mortificada, totalmente drenada de cor pelo campo de estrelas — já lhe rendera a alcunha de “Meio-Morta” entre os guerreiros remanescentes.

— Tenho um longo caminho a percorrer se um dia quiser merecer esse título — respondeu ao ladrão. — Permaneço como parte do bando de Andvar, mas agora respondo por um punhado de lanças e arcos curtos.

— Já é um começo — comentou Sev. — Aquela de cabelos negros parece bastante empenhada em cumprir suas ordens.

— Ela me pediu para ensiná-la a ser uma Senhora da Morte. Eu a fiz acreditar que isso seria possível.

O ladrão de túmulos gargalhou.

— Morsov pode ter lhe mostrado um pouco de necromancia, mas a mentira e manipulação vieram de mim!

Os Skodnir que se recusaram a dobrar-se foram mandados embora aos poucos. Cavalarianos sob ordens de Andvar levavam-nos aos pares para bem longe do acampamento montado junto aos restos do campo de batalha. Eram mandados em direções diferentes, sem armas ou comida. Enfrentariam o exílio entre um povo de exilados. Se tivessem sorte, seriam encontrados por outro bando antes de serem encontrados pelos basiliscos. As feras da Terra Arrasada, ao contrário dos filhos das cinzas, estavam sempre com fome.

“Moira Meio-Morta” não perdeu tempo tentando afastar daqueles Skodnir a ideia de que era uma Senhora da Morte capaz de roubar-lhes as almas. Ordenou que reunissem seus mortos e os aprontassem para uma pira funerária. A madeira das carroças danificadas durante a luta serviu de combustível, e tanto os guerreiros de Andvar quando os de Orieff receberam as mesmas honras, seus corpos arderam em conjunto para que suas almas ascendessem ao salão de hidromel do Deus das Cinzas. Aquelas chamas eram purificadoras, diferentes do fogo amarelado e leitoso da magia torpe de Var Khalad. As sombras inquietas do antigo bando de Moira crepitaram agonizantes em sua mente enquanto Sorg entoava uma elegia fúnebre.

O dia de viagem estava perdido. Dar conta de cremar os mortos, expulsar os Skodnir recalcitrantes e cuidar dos feridos levaria tempo. Ainda seria preciso trazer de volta a preciosa carga de Nehisi, escondida nas Cicatrizes.

Moira detestava aqueles cavalos cada vez mais. Não bastasse consumirem carne humana como ração, tinham motivado toda aquela morte sem sentido. Ela mesma pressionara Andvar a procurar confronto aberto com os perseguidores, em nome de antigos costumes que sequer compreendia inteiramente. Não havia glória alguma em ter morrido ali, como Moira podia ter sido tão tola?

— Entende agora por que eu insisti em seguir em frente? — perguntou Andvar. — Por que eu enviei batedores e fiz você ir até a costa, mesmo sabendo que podia ser uma armadilha?

— Nosso povo está se matando aos poucos — ela respondeu.

O bando de Andvar perdera guerreiros valerosos naquela batalha. Quase todos os guerreiros de Orieff estavam mortos, e parte dos sobreviventes seria deixada para morrer.

— Enfrentar outro bando deve ser sempre a última opção — disse Andvar. — Temos que esgotar todas as outras possibilidades. Em todos os meus anos nessa terra maldita, posso contar nos dedos as vezes em que não precisei derramar sangue do Povo das Cinzas para sobreviver. É por isso que aceitei a oferta de Nehisi. É nossa chance de deixar isso tudo para trás, começar uma vida mais tranquila, mais segura.

Moira abraçou o tio. O velho chefe guerreiro devolveu o gesto, envolvendo-a em um aperto acalorado. Eram a única família que restava um ao outro. Justamente por isso Moira deixou sua objeção morrer em seus lábios. Afastou-se para observar a movimentação no acampamento e pensar sobre o futuro. Não concordava com nada do que Andvar dissera sobre Nehisi. Todas aquelas mortes, aquela matança sem sentido, o desperdício das vidas gloriosas dos filhos das cinzas, só acontecera porque eles insistiam em servir a poderes externos.

Tanto o bando misto de Andvar, acatando as ordens de uma princesa mercante hathamita, quanto os Skodnir de Orieff, submetendo-se aos desígnios misteriosos dos abissais. Ambos puseram seus destinos em mãos alheias, renegando o verdadeiro valor do Povo das Cinzas. Seu deus os fizera à guisa de homens, mas com a força de conquistadores. Assim como seu tio e seus pais, Moira sentia que o destino de seu povo estava além da guerra incessante, além da inclemência da Terra Arrasada. Mas sentia também que esse destino não chegaria através da benevolência de reis e imperadores. Teriam de tomar seu futuro com as próprias mãos, e nenhum sangue derramado por esse objetivo seria em vão.

— Eu trouxe o que me pediu, senhora — gaguejou a jovem Skodnir. A mesma que acudira o lanceiro de olhos miúdos durante a batalha e não se abalara diante do

desafio de Moira.

— Mostre-me, Ilya.

A jovem trazia algo embrulhado em lona encardida. Desfez o embrulho parcialmente, deixando apenas Moira entrever seu conteúdo. Ossos de abissal, fervidos até se desprender completamente da carne, que Nehisi confiscara para dar de comer aos puros-sangues vasgoces, assim como a carne dos guardas de honra de seu irmão.

Havia também dois potes de argila contendo as cinzas dos guerreiros mortos. Nem o bando de Andvar, nem os Skodnir rendidos podiam saber que os restos mortais de seus companheiros seriam usados em ritos necromânticos.

— Fiz exatamente como a senhora pediu — lembrou a garota. — Não contei a ninguém.

— Nem a seu irmão?

— Borlund foi atrás de Ultha — respondeu Ilya. — Queria pedir algo a ela. Nem me viu ir até as piras funerárias. — A jovem Skodnir pigarreou. — A senhora vai cumprir sua promessa?

— Não fiz promessa alguma — rebateu Moira, séria. — Você me pediu para ensiná-la, e eu concordei em dividir o que sei.

— Vai me ensinar como ser uma Senhora da Morte?

— Eis sua primeira lição: necromancia é menos uma arte, e mais uma maldição. Você não pode aprender enquanto não for tocada pela Morte, e acredite, é melhor assim.

Ilya baixou olhos, obviamente insatisfeita, mas não deixou-se esmorecer por muito tempo. Seria difícil livrar-se dela. Moira apanhou o embrulho, mandou a garota de volta para seus amigos e foi atrás de Morsov. Ele sim poderia ensinar algo a Ilya, mas não no estado em que estava.

— Desculpe-me por não ter avisado sobre seu rosto, Moira — disse o necromante, a voz um tanto rouca. — Mas já não havia o que fazer.

O próprio Morsov havia sido afetado pela exposição ao campo de estrelas. Sua barba negra e hirsuta assumira um tom grisalho e quebradiço. Aquelas odiosas luzes celestes drenavam a cor e a vitalidade com sua pulsação insana. O pobre Sorg sofrera ainda mais, perdendo o viço em seus braços musculosos, que agora pareciam fragilizados e trêmulos.

Moira agradeceu silenciosamente ao Deus das Cinzas por não ter perdido a visão. Acreditava que sua conexão com as sombras inquietas a protegera. Quando o céu hediondo do campo estelar ameaçou tomá-la, elas a mantiveram ancorada à terra com sua ardência agonizante. Sem as sombras de seu bando, seu olho esquerdo teria perdido muito mais do que a cor azul.

— No fim das contas, a marca do campo de estrelas garantiu minha vitória. Não precisa se desculpar.

— Que ótimo ver que os sentimentos de ninguém foram ofendidos — intrometeu-se Sev. — Podemos dar um jeito de acalmar o velho Istvan?

Istvan, habitando um horrendo corpanzil costurado de gigante, ficara bastante agressivo após Morsov ter sido atacado, e não deixava ninguém se aproximar do coche em que seus sobrinhos descansavam. Rondava o entorno incansavelmente, sem produzir qualquer som. Moira reconhecia a preocupação de um tio no descompasso no caminhar da criatura. O espírito incorporado sabia mais do que ninguém reconhecer quando a morte estava por perto.

O punhal atingira Morsov no abdome. Por mais que os curandeiros de Nehisi e Andvar tivessem trabalhado em conjunto na ferida, não seria possível reparar danos internos. Só lhe restava rezar para que nada importante tivesse sido arruinado lá dentro. Nehisi cedera uma de suas carruagens mais luxuosas aos dois irmãos, e Morsov repousava com o máximo de conforto que uma Grande Caravana podia proporcionar.

— Estou fraco demais para controlá-lo totalmente — explicou Morsov. — Já passou da hora de pôr um fim nas amarras de Istvan, Sev.

— Não olhe para mim como se eu fosse o único que ainda o odeia por ter nos abandonado — exclamou Sev. — Falando em pôr um fim nas coisas, Moira, agora que você tem um pequeno bando para lutar por você, pensei que nos deixaria e partiria para cima dos Torgren.

— Só o que muda é que agora terei de gastar parte do pagamento que você me deve para alimentá-los e vesti-los.

— Que pena para você — disse o ladrão. — Não renegocio meus contratos.

O estrondo dos punhos pesados de Istvan contra o solo alertou-os. A alguns metros da carruagem, o morto-vivo tentava intimidar três figuras que insistiam teimosamente em aproximar-se. Apertando os olhos, Moira viu Ilya acompanhada de Ultha e do pequeno e corajoso Borlund, o menino em vestes de guerreiro que sobrevivera ao massacre dos Skodnir.

— Está tudo bem, Istvan — suspirou Morsov, a voz cansada traindo a fraqueza que lutava para esconder.

Moira se adiantou para encontrá-los, interpondo-se entre eles e o espírito incorporado em uma montanha de carne e ossos. O escudo improvisado como máscara completava a visão aterradora da criatura, mas aqueles três não recuavam. Borlund, ao contrário, parecia querer avançar. Sua figura franzina metida em couros de lanceiro era um tanto cômica, mas sua expressão era intensa. Ele era um guerreiro dos clãs, e aí de quem disputasse essa verdade.

— O que houve? Algum problema com os outros? — Moira quis saber.

— O garoto me procurou — explicou Ultha. — Teve uma ideia para te ajudar com seus novos seguidores.

Borlund trazia algo em suas mãos, pareciam ossos. Eram brincos iguais aos de Ultha.

— Eu queria te agradecer por ter poupado a vida de Firaggi — disse o garoto. — Você podia ter acabado com ele, mas deixou que nós o levássemos em segurança. Temos uma dívida com você.

Moira não sabia como responder a uma declaração tão solene vinda de um menino tão jovem.

Borlund não esperou resposta, estendeu-lhe os brincos de osso. Foi a vez de Ilya explicar melhor.

— Se portar as marcas dos Skodnir, o resto do bando vai achar mais fácil obedecê-la — esclareceu. — É uma questão de tradição.

— Eu não pertenço aos Skodnir, sou uma Brunehald. Seria desrespeitoso ostentar os símbolos de seu clã sem o direito legítimo.

— Mas você conquistou esse direito — disse Ultha. — Lutou lado a lado comigo e provou seu valor. Poupou a vida do irmão de Borlund, um filho legítimo dos Skodnir. Nós a reconhecemos como líder.

— Mais importante — completou Ilya —, você nos livrou daquele homem horrível. — Referia-se a Orieff, confirmando as suspeitas de Moira de que o chefe guerreiro forçara a jovem a escolher entre sua cama e o campo e batalha. — Seria uma honra vê-la portar nossas marcas.

Aceitou a oferta, um tanto receosa. Sentou-se e as outras mulheres se encarregaram de perfurar seus lóbulos com quatro ossos delgados e flexíveis. Ultha sacou uma espécie de agulha comprida de madeira e um pote rústico contendo um líquido escuro de cheiro forte.

— Você precisa carregar a marca na pele, também — disse a capitã de Andvar. — Nenhum Skodnir está completo sem um pouco de tinta nos braços.

Ilya e Ultha novamente se puseram a trabalhar sobre Moira. Cada uma mergulhava sua agulha na tinta escura e então perfurava levemente a pele. O processo era um pouco doloroso, mas à medida que prosseguiam, Moira deixou a dor de lado e passou a se concentrar nos belos padrões que a tinta começava a formar.

Borlund quis ajudar. Insistiu tanto que Ultha acabou cedendo e guiou suas mãos pequenas na cuidadosa perfuração. Ele pareceu gostar bastante do processo, e quando viu o resultado, abriu um sorriso de menino, deixando o semblante sisudo de guerreiro para trás. Moira sentiu os olhos lacrimejarem. Seu olho embranquecido ainda era capaz de chorar. Ninguém pareceu notar aquele fiapo de tristeza que lhe escapara ao controle. Talvez pensassem que fossem lágrimas de dor.

Era dor, de fato, mas não física. O sorriso infantil de Borlund revelara a Moira a verdadeira idade do garoto. Ele devia ter a mesma de Lydia. Naquele momento fugaz de alegria genuína, o menino a lembrara de sua irmã perdida. Moira falhara em protegê-la, mas não falharia em vingá-la.

EPÍLOGO

O céu cinzento perdera um pouco de sua ameaça sob o calor da tarde, mas os ventos ainda carregavam uma umidade nefasta quando Hakim finalmente deixou a Tribuna dos Justos. A guarda de honra de Hakim e as monjas de Liriel tiveram bastante trabalho para conter a turba, que queria avançar sobre o púlpito e lançar-se sobre os corpos, como faziam os abutres nas mórbidas torres silenciosas dos barões mordravos.

Hakim odiou cada minuto. Não vira outra saída, senão confrontar Rasser antes que sua inquisição se espalhasse para além da capital. Mas matá-lo nunca estivera em seus planos, até o último instante.

Quis conceder-lhe uma bênção taumatúrgica. Revivê-lo, mesmo que apenas para exilá-lo depois. Mas os humores regiam órgãos específicos, e nenhum deles poderia reparar a espinha destroçada de Rasser. O pontífice emitia um hediondo som monocórdio e tinha os olhos revirados, imobilizado pela fratura. Hakim deixou-o aos cuidados da Academia Imperial. Talvez seus médicos pudessem encontrar um modo de acabar com seu sofrimento. A Máscara Melancólica nunca lhe parecera tão apropriada.

Mas não havia tempo para lamentar. Hakim enviou as monjas do Zéfiro às catacumbas para impedir o acesso dos hereges aos restos mortais do Antecessor. Os desgraçados sabiam que o Deus-Rei retornaria para esmagar sua conspiração de uma vez por todas, e tinham se retraído completamente às sombras, como insetos expostos à luz. Hakim sabia que se cortasse a cabeça da serpente, todo o corpo morreria e a conspiração seria debelada. Mas ainda não sabia se o pontífice era o único responsável pelos rituais. Se ainda não era possível decapitar a serpente, podia ao menos sufocá-la.

Liderou Liriel e seus guerreiros até o topo da Torre Oeste do Grande Templo, onde o alto clero o aguardava. Confiava nas monjas e nos Santos Cavaleiros. Os sacerdotes e os taumaturgos, porém, eram muito reservados, dados à política e à intriga. O alto clero elevava tais características ao ápice.

Os membros restantes do alto clero ergueram-se quando o Deus-Rei de Var Khalad adentrou o salão, mais apreensivos e confusos que deferentes. Reuniam-se diante de uma enorme mesa de mogno, sobre a qual um esplendoroso banquete fora servido — não passariam fome enquanto Hakim os mantivesse encarcerados.

— Meu senhor, estamos à beira do colapso e perdemos nosso pontífice — disse Irmão Darius, um ex-membro dos Santos Cavaleiros, apontando, através de uma janela, as nuvens carregadas que escureciam o ocaso. — Precisamos estar unidos para defender Imrath.

— Acaso meus mais nobres sacerdotes erguerão machados e lanças neste dia? — indagou Hakim. Usava a Máscara Colérica novamente, mesmo que não houvesse sinais iminentes de batalha. — Acaso manejarão os trabucos, ou trarão remontas aos Santos Cavaleiros após a primeira carga?

— Louvado seja, ó Enviado dos Céus exteriores — bajulou Irmão Vasham, um ancião hathamita quase tão gordo quanto Rasser. — Irmão Darius quer apenas que possamos servi-lo da melhor forma possível, direcionando os sacerdotes para onde serão mais necessários.

— Não preciso que traduza minhas palavras, Vasham! — rilhou Darius. — Como eu dizia...

— Não, Irmão Darius — interveio Hakim. — Era eu quem dizia. Dizia-os que não fazem parte do ofício da guerra. Temos Lordes Comandantes para cuidar das defesas imperiais. Vocês me servirão hoje, Irmão Vasham, ao escutar e aprender.

— Instrua-nos, ó Herdeiro do Sol — pediu Irmã Alentia, que concordara em ceder o comando da Ordem do Zéfiro em Imrath a Liriel, sem saber dos planos de Hakim para o alto clero. — Conte-nos sobre Nagrath.

— Sim, nobres Irmãos. Este é o motivo pelo qual os chamei aqui, para entender que a ameaça abissal é muito pior desta vez do que há dois anos. — Hakim aproximou-se da mesa. — Novas criaturas hediondas rastejaram das profundezas até nós. Seres colossais de concha impenetrável. A represa e a fortaleza de Nagrath foram reduzidas a escombros, o vale transformado em pântano. Destruir a criatura exigiu esforços concentrados de três destacamentos inteiros, comandados por mim e dois de meus arcontes.

— O senhor descobriu como trespassar a casca quitinosa das criaturas? — quis saber Darius, sempre interessado em novas táticas militares.

— Não é essa a pior ameaça contra Var Khalad, Irmão Darius. Nosso pior inimigo é a heresia. Eu descobri como enfrentá-la.

Os altos sacerdotes remexeram-se nervosamente em suas cadeiras, temerosos de compartilhar o mesmo destino de Rasser.

— O Sumo Pontífice tinha razão, de certa forma, em convocar uma inquisição — continuou Hakim. — A heresia maculou nossa fé, insinuou-se para dentro do Grande Templo e o comerá de dentro para fora como uma larva faminta.

Darius flexionava os punhos, como um guerreiro procurando por uma arma, e Vasham enrolava os bigodes compulsivamente. Estavam com medo.

— Não temam, nobres irmãos — disse Hakim, mas a tensão no salão não se dissipou. — O Deus-Rei os protegerá! — Foi deixa para que Liriel e seus guerreiros irrompessem salão adentro, bloqueando todas as saídas, cerrando portas e janelas. Hakim prosseguiu. — Compreendam de uma vez por todas que sou eu o responsável por sua salvação.

— Meu senhor — suplicou Irmã Alentia. — eu me mantive fiel desde o princípio! Não mereço sua indulgência?

Hakim ignorou-a. A sacerdotisa tentou se levantar, aflita. Duas irmãs do Zéfiro a impediram, pondo mãos gentis sobre seus ombros enquanto sacavam maças de batalha.

— Isso é absurdo, Hakim! — Darius gritou. — Não pode nos manter aqui! Nós o consagramos como Sucessor!

— Por que nos encarcerar, meu senhor? — indagou Vasham, as bochechas infladas assumindo um tom corado. — Nos acusa de fazer parte da heresia? Todos nós?

— Esperius foi acusado de heresia pelo pontífice, e nenhum de vocês pareceu se incomodar. — Hakim se virou para encarar o alto clero pela última vez. — Não o questionaram nem por um instante? Não planejavam me alertar de que a inquisição estava prendendo inocentes? Deixariam que Rasser executasse um pobre amarantino diante Tribuna dos Justos, fazendo-o passar por Esperius?

— Rasser era um bruto! — Alentia guinchou. — Não nos contava nada!

— Ele e Esperius sempre se odiaram! — grunhiu Darius.

— O senhor não nos daria ouvidos, mesmo que o alertássemos! — reclamou Vasham. — Rasser sempre foi seu confidente! Agia em seu nome!

Hakim não tinha mais disposição para ouvir as lamúrias e chiados daqueles velhos insolentes. Os soldados já estavam em posição, e não haveria ninguém mais na torre além de Hakim e seus homens de confiança. Buscou Liriel com o olhar e encontrou os olhos da arconte fixos nos seus.

Lá estava a mesma expressão que vira na tribuna dos justos. Não era perdão, nem mesmo a simples compreensão de que o que faziam era necessário. Liriel o admirava, como fizera quando se encontraram na câmara mortuária do Antecessor. Ela o admirava, pois Hakim não tinha medo de lutar pelo que acreditava. Fazia o próprio trabalho sujo.

Hakim era o Deus-Rei de Var Khalad, e embora não acreditasse na própria divindade, acreditava que a segurança do império era seu dever. Para salvar seu povo, Hakim se tornaria um deus. E deuses, ele sabia, exigem sacrifício.

— Eu os perdoo por sua traição — disse Hakim aos altos sacerdotes. Eles não tiveram tempo de suspirar aliviados. — Que suas almas encontrem livre passagem para os Céus Exteriores.

As maçãs das irmãs do Zéfiro desceram sobre o crânio de Alentia enquanto a lança de um soldado trespassava o corpo gordo de Vasham. Hakim sacou Fendetreva e cortou a garganta de Darius com um golpe curto e limpo. O ex-soldado merecia aquela piedade.

Enquanto seus homens se encarregavam dos cadáveres, Hakim permitiu-se um instante de descanso. As janelas da Torre Oeste tinham uma bela vista do litoral, e embora as nuvens o lembrassem da estação chuvosa e da ameaça que ela carregava, Hakim viu beleza nelas. Liriel ficou ao seu lado. Juntos, contemplaram em silêncio o pôr do sol.

A vitória parecia distante, e cada segundo de descanso parecia um luxo egoísta, mas Hakim obrigou-se a apreciar o momento. Ele não sabia se era divino, não sabia se era capaz de salvar o império. O futuro era uma mancha escura na distância, e ele era incapaz de compreendê-lo. Mas de uma coisa, ele finalmente tinha certeza: não seria manipulado. Seu destino estava em suas próprias mãos.

Hakim era o Deus-Rei de Var Khalad, e sua autoridade era incontestável.

DRAMATIS PERSONAE

Personagens, por ordem de aparição:

Jarisev, ou Sev: ladrão de túmulos com fobia de mortos-vivos.

Hakim: o Sucessor do Deus-Rei de Var Khalad.

Amarante: general lendário que dá nome ao povo amarantino, falecido há séculos.

Liriel: arconte do Deus-Rei, tocada pela taumaturgia sanguínea.

Laurent: arconte do Deus-Rei, tocado pela taumaturgia colérica.

Sigismund: arconte do Deus-Rei, tocado pela taumaturgia melancólica.

Kamash: senescal fiel ao Deus-Rei de Var Khalad.

Krennas Riénn: lorde destituído do antigo reino de Tanánn, cativo imperial.

Moira: jovem filha das cinzas do clã Brunehald.

Arja: contadora de histórias do clã Brunehald, falecida.

Rodwyn: pai de Moira, ferreiro e líder de bando.

Sylvia: mãe de Moira, caçadora.

Lydia: irmã mais nova de Moira.

Dorrag: líder do clã Torgren, mercenário a serviço de Var Khalad.

Rasser: Sumo Pontífice do Deus-Rei de Var Khalad.

Balam: mestre dos escribas de Var Khalad.

Tristan: Sobrinho de Griselda.

Griselda, ou Tia Gris: mercadora solumbriana.

Morsov: irmão de Sev, necromante renegado.

Istvan: espírito incorporado em um corpo morto-vivo, tio de Sev e Morsov.

Vendris: mestra necromante de Akhenatos.

Svein: tratador de cavalos do clã Brunehald, falecido.

O Antecessor: o verdadeiro Deus-Rei de Var Khalad, que surge nos sonhos de Hakim.

Esperius: alto sacerdote do Deus-Rei de Var Khalad

Rictor Nephris: mercador abastado solumbriano, um carniçal vivendo entre humanos.

Khef: morto-vivo reforjado, servo de Vendris.

Garad: taumaturgo perscrutador, instrutor de Hakim nos prodígios da taumaturgia.

Corant: cavaleiro khaladino, filho de servos amarantinos.

Victus: cavaleiro khaladino, de linhagem nobre imperial.

Zithrishazir, ou Zith: abissal encouraçada, separada de sua metade crustácea.

Gorazesh: monstruoso sacerdote dos abissais.

Azgol Sudraszj: divindade anciã dos abissais.

Korvr: espírito de um guerreiro do clã Hemvald, vinculado à foice de Morsov.

Malik Ur-Hazred: pai de Hakim, príncipe mercante dos hathamitas.

Yassiv: dono da estalagem *Monge Dançarino*, secretamente trabalhando para o império.

Ultha: guerreira do clã Skodnir, capitã do bando de Andvar.

Snorren: guerreiro do clã Torgren, lanceiro do bando de Andvar.

Andvar: chefe guerreiro do clã Brunehald, tio de Moira. Lidera um bando de filhos das cinzas de vários clãs.

Vyra e Sigrin: arqueiras gêmeas do clã Brunehald, falecidas.

Sorg: escaldo do clã Brunehald, servo dos anciões do Povo das Cinzas.

Nehisi: princesa mercante da Grande Caravana Ur-Lehesh. Contratou o bando de Andvar como proteção.

Haramad: irmão de Nehisi e antigo príncipe mercante da Grande Caravana Ur-Lehesh.

Alentia: alta sacerdotisa do Deus-Rei de Var Khalad, líder da Ordem do Zéfiro.

Cabelos Louros: monja-guerreira da Ordem do Zéfiro.

Fitas Vermelhas: monja-guerreira da Ordem do Zéfiro.

Gurtha: exploradora do clã Brunehald, apaixonada por mapas, falecida.

Orieff: chefe guerreiro do clã Skodnir, a serviço dos abissais.

Uddra Ranthep: divindade anciã da morte.

Firaggi: jovem guerreiro do clã Skodnir.

Ilya: jovem guerreira do clã Skodnir.

Borlund: Garoto do clã Skodnir, irmão de Ilya.

Darius: alto sacerdote do Deus-Rei de Var Khalad.

Vasham: alto sacerdote do Deus-Rei de Var Khalad.

ARS ARCANUM

Do diário de campo de Orik Ur-Nazir, escriba dos hathamitas:

Na última passagem da Grande Caravana Ur-Nazir por Ostrog, a Guilda dos Caçadores me abordou com uma proposta interessante: catalogar todas as formas de magia conhecidas em Noltora. Tenho certeza que os caçadores de bruxa da Nova Mordrávia já conhecem o bastante sobre como assassinar necromantes e taumaturgos, e optei por recusar o serviço, alegando compromissos pregressos. A verdade é que minha pena e tinteiro andam ociosos, e a perspectiva de transpor conhecimento ao papiro e velino me deixou verdadeiramente empolgado. Resolvi que faria a pesquisa sobre as artes arcanas por conta própria. Deixarei o resultado do trabalho aos cuidados dos príncipes mercantes. Eles certamente pagarão melhor do que os mordravos.

Taumaturgia

A magia divina de Var Khalad é certamente a mais complexa e variada do continente. É regida pelos quatro humores corporais: sangue, fleuma, bile negra e bile amarela. Cada humor taumatúrgico abastece uma série de prodígios milagrosos, mas também pode afetar o estado emocional do usuário.

Os laços entre o império e o povo hathamita são estreitos, o que me permitiu maior acesso aos tratados sobre os prodígios taumatúrgicos escritos pelos sacerdotes do Deus-Rei. Ainda assim, há pontos um tanto obscuros que minha pesquisa ainda não foi capaz de elucidar.

Um deles, talvez o maior mistério que envolve a taumaturgia, é a forma como suas bênçãos são concedidas. O clero khaladino é unânime em afirmar que toda taumaturgia vem do Deus-Rei, e que os taumaturgos são escolhidos por ele por sua fé, mas respeitosamente preciso divergir. Pelos relatos que colhi e livros que pesquisei, há um elemento em comum a todos os taumaturgos, que é ter sido, em algum momento, ferido de morte em algum dos quatro órgãos que regem os humores taumatúrgicos.

Há algum processo que traz o candidato a taumaturgo de volta das portas da morte, amparado, agora, pelos prodígios da magia divina. Suponho que o ritual

envolva um procedimento cirúrgico, ou alguma infusão taumatúrgica concentrada. Isso, e as bênçãos do Deus-Rei, é claro.

As capacidades dos taumaturgos dependem do humor divino que corre por suas veias, mas há um padrão observável aos humores e seus efeitos. Cada humor concede uma bênção ao taumaturgo, uma capacidade sobrenatural. Mas alguns também possibilitam o que os sacerdotes chamam de conversão taumatúrgica, a capacidade de manifestar um elemento natural. Nem todos os humores tiveram suas capacidades exploradas ao máximo, e não se comportam de forma idêntica, mas acredito que cada fluido taumatúrgico seja capaz de conferir uma bênção e realizar a conversão, apenas não descobrimos exatamente como ativar as propriedades mais esotéricas de certos humores.

Preparei um gráfico para melhor exemplificar minha tese:

Humor	Taumaturgia	Órgão regente	Elemento	Disposição	Bênção	Conversão taumatúrgica
Sangue	Sanguínea	Coração	Ar	Instável	Agilidade	Desconhecida
Fleuma	Fleumática	Cérebro/pulmões	Água	Racional	Projeção astral	Sangue em água
Bile negra	Melancólica	Fígado	Terra	Analítica	Força e resistência	Osso em aço
Bile Amarela	Colérica	Pâncreas	Fogo	Enérgica	Desconhecida	Ar em chamas

Elencadas lado a lado, fica evidente que há certa disparidade entre os poderes taumatúrgicos, alguns se mostrando mais úteis ou prodigiosos que outros. Mesmo assim, acredito que ainda haja espaço para explorar a magia divina e encontrar novos usos para essas habilidades. Talvez um dia eu consiga completar minha tabela, mas os sacerdotes imperiais seguem seus dogmas à risca, e certas experimentações são simplesmente proibidas. A mistura de humores taumatúrgicos, por exemplo, é sumariamente proibida, com exceção notável para a fleuma e a bile negra.

Abaixo, listarei os tipos mais comuns de taumaturgo, e como suas habilidades são empregadas em Var Khalad:

Línguas de fogo: taumaturgos coléricos, infundidos de bile amarela, são os mais numerosos nas fileiras do sacerdócio. Formam um grupo reservado, que prefere conviver apenas entre si, mas exibem lealdade feroz ao Deus-Rei, sendo

capazes de grandes atos de sacrifício em prol de seu soberano, ou em nome do bem maior do império. Sua habilidade de converter o próprio ar em labaredas douradas é empregada com grande eficácia pelos generais khaladinos, dizimando tropas inimigas, ou conjurando grandes paredes de chamas para forçar os adversários a se posicionarem de forma desfavorável, propiciando um massacre mais mundano, através das lanças e flechas do exército imperial.

Perscrutadores: junto aos línguas de fogo, compõem o grupo de magos essencial para a soberania de Var Khalad. Não são tão numerosos, mas sua presença é difundida por todos os cantos de Var Khalad. Sua habilidade principal é a projeção astral, que permite-lhes cobrir grandes distâncias ao manifestarem suas consciências para além dos confins do corpo mortal.

Com os perscrutadores, Var Khalad mantém uma rede de mensageiros e informantes capazes de comunicação quase instantânea. Somente assim o império consegue manter um controle tão firme sobre suas terras e seus protetorados. Já sugeri ao príncipe mercante Ur-Nazir que mantivesse um deles em sua Grande Caravana, para facilitar as comunicações com os imperiais, mas minha sugestão foi ignorada. Acredito que o príncipe mercante tema ser espionado pelos sacerdotes.

Os perscrutadores também são capazes de operar a conversão taumatúrgica. Quando feridos, água límpida escorre de suas veias, em vez de sangue escarlate. De algum modo, isso prolonga sua sobrevivência, impedindo que hemorragias profundas abreviem suas vidas. Nossa medicina ainda não consegue explicar o fenômeno, e os sacerdotes não têm o menor interesse em colaborar com as pesquisas nesse aspecto.

Ordem do Zéfiro: as monjas guerreiras do Zéfiro são uma ordem respeitada tanto em Var Khalad quanto em seus protetorados. São conhecidas por sua caridade e abnegação, porém, a taumaturgia sanguínea que praticam também as torna uma força a ser temida no campo de batalha. O sangue taumatúrgico proporciona uma agilidade sobrenatural que, combinada com o treinamento rigoroso, faz da Ordem do Zéfiro um grande trunfo militar.

É curioso que a taumaturgia sanguínea seja exclusiva à ordem monástica, que é composta unicamente por mulheres. Os tratados são vagos a respeito, mas mencionam que o sangue taumatúrgico opera de forma diferente dos demais humores. Sua influência sobre as disposições do usuário é muito maior, podendo causar mudanças repentinas de humor, especialmente em taumaturgos do sexo masculino. Foi muito cedo na história imperial que as bênçãos sanguíneas tornaram-se exclusivas das mulheres, que ainda assim precisam exercer um controle rigoroso sobre as próprias emoções quando sob efeito do sangue taumatúrgico. Por

isso, apenas a disciplina de um regime monástico tornou-as aptas a empregar os prodígios sem sucumbir aos seus efeitos emocionais.

Grão-arqueiros: esse grupo de taumaturgos é o que mais desperta meu interesse. Eles não possuem uma, mas duas bênçãos taumatúrgicas. A bile negra os torna anormalmente fortes, e o império emprega essa força em arcos imensos, capazes de disparar virotes metálicos em longas distâncias. Mas é a infusão secundária de fleuma que confere aos grão-arqueiros uma percepção elevada e precisão mortal.

A combinação de humores interfere nas habilidades principais da taumaturgia, de modo que os grão-arqueiros não possuem as mesmas capacidades dos perscrutadores. Ao que parece, o primeiro humor recebido pelo taumaturgo torna-se dominante, enquanto as infusões secundárias, embora alterem suas capacidades, não lhes conferem todos os prodígios da magia divina.

Os sacerdotes relutam em compartilhar mais informações sobre as combinações possíveis, e não há notícia de nenhum outro grupo de taumaturgos que possua dois humores, em vez de um. Isso impossibilita que minha pesquisa enverede-se por essa linha, mas acredito que haja bons motivos para essa reticência por parte do império. A combinação de humores gera efeitos colaterais mais sérios.

Os grão-arqueiros são muito influenciados pelo humor melancólico, bem como pela tendência da fleuma de instigar a contemplação em vez da ação. Como reflexo, esses taumaturgos se tornaram extremamente herméticos, ainda mais que os línguas de fogo. Possuem ritos particulares e jamais se relacionam com outros que não possuam as mesmas bênçãos taumatúrgicas. São excepcionalmente difíceis de liderar em combate, mas quando cada homem vale por uma pequena balestra de cerco, a maioria dos comandantes imperiais se dispõe à inconveniência de lidar com esses estranhos taumaturgos.

Há um último elemento das artes taumatúrgicas que gostaria de discutir, provavelmente o mais controverso dos prodígios da magia divina de Var Khalad, que são os *necrológios*.

Um necrológio não é uma classe de taumaturgo, e sim um artefato criado através de taumaturgia. Trata-se de um invólucro metálico ovalado, recoberto com as runas cuneiformes hathamitas. Me admira que a escrita antiga de nosso povo ainda esconda tantos segredos místicos. O exterior do necrológio é feito de uma liga de ouro branco de Uru Hatham e ouro comum. Seu interior contém uma mistura cuidadosa de humores taumatúrgicos, geralmente fleuma e bile amarela ou negra. Entretanto, suspeito que haja mais componentes nessa fórmula, pois seus efeitos são muito mais dramáticos do que a maioria dos prodígios taumatúrgicos.

Como o nome sugere, o necrológio serve para anunciar uma morte. No caso, a morte de seu portador. Talvez “hospedeiro” seja um nome mais apto, já que o artefato precisa ser cirurgicamente implantado, após a remoção de parte do fígado ou pâncreas do paciente. Essa mutilação delicada cria o desequilíbrio necessário para que os humores surtam efeito. No instante da morte, o necrológio é ativado, e sua primeira função é alertar os sacerdotes de Var Khalad da morte, através da taumaturgia fleumática. Um necrológio gêmeo, com padrões rúnicos idênticos, pode ser acessado por um taumaturgo perscrutador para revelar os últimos instantes de vida do hospedeiro. Mas não é esse o motivo da controvérsia envolvendo os artefatos.

De alguma forma ainda desconhecida por mim, o necrológio implantado em um hospedeiros é capaz de conceder uma espécie de “sobrevida” após a morte aparente. Uma reação taumatúrgica mantém o metabolismo corporal por alguns minutos, e infunde o hospedeiro com uma carga de emoção correspondente ao humor no interior do necrológio. A bile amarela faz com que o cadáver se erga em fúria, geralmente atacando seu assassino com violência irracional. Já a bile negra induz um desespero mórbido, fazendo com que o morto se erga não para se vingar, mas para urrar seu sofrimento pós-vida, servindo como um alerta macabro a seus companheiros.

A semelhança com a necromancia solumbriana é inegável. Um fato curioso, já que Var Khalad condena veementemente as artes praticadas pela Cabala, e recusa qualquer contato diplomático além do estritamente formal com a Solúmbria. Os sacerdotes teceram volumes extensos justificando a prática, mas a verdade é que os necrológios foram desenvolvidos com a expressa intenção de responder à ameaça dos incansáveis guerreiros mortos-vivos que a necromancia é capaz de produzir, tema que abordarei adiante.

Necromancia

A magia dos mortos praticada na Solúmbria tem má reputação em todos os outros países de Noltora. Se não fosse pelas Grandes Caravanas, os solumbrianos encontrariam enorme dificuldade em fazer comércio com outras nações. Não ajuda que a Cabala, que governa o país, seja ainda mais reservada em relação à necromancia do que os sacerdotes imperiais com a taumaturgia.

Eu não guardo preconceitos sobre a prática. Embora a visão de corpos reanimados caminhando ao lado de viventes seja desagradável, existem razões históricas que levaram os solumbrianos a depender cada vez mais da necromancia para manter sua nação próspera e segura. O fato de serem especialmente eficazes contra bruxas e carnicais, por si só, já devia alterar o senso comum acerca das manifestações necromânticas.

O maior mistério sobre a magia dos mortos não está em seu funcionamento, mas em como pode ser aprendida. O discurso oficial da Cabala é de que, para se tornar um necromante, o indivíduo precisa ter “experimentado a morte de perto”. Morrer, definitivamente, não garante poderes mágicos a ninguém, então, quão perto da morte é preciso estar para desenvolver a capacidade para a necromancia? Essa questão, infelizmente, não fui capaz de elucidar.

Os poderes necromânticos estão muito ligados aos espíritos dos mortos, e parece que, sem o auxílio de seus antepassados falecidos, os solumbrianos jamais seriam capazes de empregar essa magia de forma completa.

Ossuário: essa é a manifestação necromântica mais comum. Nas minhas passagens pelas terras da Cabala, presenciei os seus efeitos. O necromante entra em estado de transe ou torpor, indistinguível do sono comum. Então, em uma área limitada ao seu redor, esqueletos e cadáveres especialmente preparados se erguem como se estivessem vivos, e podem desempenhar qualquer tarefa, seja lutar ou trabalhar metal, curtir couro ou arar um campo.

O necromante em ossuário torna-se capaz de animar matéria morta em uma área limitada ao seu redor. A extensão da área, assim como a quantidade de corpos e a qualidade de seu movimento dependem da habilidade do necromante. Esse é o ponto principal a ser abordado aqui. O ossuário é mantido apenas pela vontade de quem o manifesta. Não está atrelado a barganhas com os mortos. Uma técnica assim é valiosa demais para ser rejeitada por razões triviais como religião ou moral.

Por ser a mais básica das manifestações, todos os necromantes no início de sua prática são capazes de empregá-la, e por isso se tornou comum na Solúmbria chamar de ossuários os necromantes mais abaixo na hierarquia da Cabala. Esses pobres coitados empregam seus poderes dia e noite, realizando toda sorte de trabalho pesado através de seus esqueletos reanimados. Há um custo físico e mental para os necromantes, que precisam ser confinados em lugares apertados e escuros para que a manifestação do ossuário funcione melhor. Não gostaria de passar um dia inteiro trancado em um caixão, mas preciso aprender mais sobre como é possível dominar essa técnica.

Capuz: o “capuz necromântico” não é uma peça de roupa, e sim outra das manifestações elementares da necromancia. Na Solúmbria, “vestir o capuz”, significa enxergar o mundo dos mortos, que eles chamam de Ermos Cinzentos. Infelizmente, essa manifestação não é tão fácil de analisar quanto o ossuário, pois não há evidências concretas de seu funcionamento. Os necromantes apenas professam a capacidade de enxergar para além da vida, um mundo escuro e solitário onde os espíritos costumam vagar antes de desaparecer por completo. Não tive

acesso a textos ou relatos exatos sobre os Ermos Cinzentos, mas aparentemente é uma terra árida de relevo gentil, fracamente iluminada pela estrela solitária que os necromantes chamam de Ranthep.

Existem outras manifestações necromânticas, mas a Cabala mantém um controle firme sobre todo o conhecimento acerca do tema. Os sacerdotes de Var Khalad, apesar de todo seu dogmatismo, ao menos me concederam acesso a compêndios e tratados sobre taumaturgia após atravessar um labirinto burocrático. A Cabala, por outro lado, provavelmente pedirá minha cabeça se eu esbarrar em um fiapo que seja de conhecimento necromântico novo. Eu confio nos guardas de Ur-Nazir para me proteger, nesse caso.

Os necromantes podem enxergar o mundo dos mortos, mas não é só isso que os permite canalizar seu poder. Os espíritos parecem ser atraídos por eles, talvez por sentirem uma ressonância com aqueles indivíduos que já se aproximaram da morte, ou talvez pela crença antiga da Solúmbria, de que os antepassados honrados de uma família permaneçam ao lado de seus descendentes como Protetores. Desconfio que a Cabala possua métodos mais eficazes para arrebanhar espíritos do que simples afinidade filosófica, mas novamente minha pesquisa encontra-se impedida pelo protecionismo da organização. De qualquer modo, é fato que os necromantes são capazes de incorporar esses espíritos em corpos, ou mesmo objetos, preparados para tal.

Amuletos: um amuleto necromântico pode ter qualquer forma. Uma arma, um instrumento musical, um enfeite. Desde que feito de ossos. Muitos são adornados com penas, couro e tecido colorido, mas um osso humano é essencial. Os amuletos abrigam espíritos, que tornam-se dormentes enquanto permanecerem encerrados no osso. Os necromantes alegam que isso alivia o sofrimento dessas almas perdidas, e permite que a energia espiritual seja manipulada mais facilmente.

Um necromante experiente pode empregar a energia latente de um espírito para uma série de propósitos, ou mesmo confeccionar um amuleto especializado, que possa ser usado por qualquer um para fins mais específicos. O uso mais comum desses artefatos é reanimar cadáveres sem a necessidade de entrar em ossuário, mas suponho que haja outras utilidades não divulgadas pela Cabala. Preciso consultar novamente os clérigos de Var Khalad sobre o assunto. Eles possuem uma coleção considerável de amuletos necromânticos “confiscados”.

Grilhões: nem sempre um amuleto é criado por um necromante. Por vezes, espíritos vinculam-se a objetos de forma espontânea. Isso nunca ocorre por um bom motivo, segundo a Cabala. Mortes violentas ou muito sofridas acabam produzindo espíritos torturados, que se ligam a qualquer objeto que puderem, perpetuando seu

sofrimento. Um amuleto criado dessa forma é chamado de grilhão pelos solumbrianos, e a Cabala procura encontrá-los e destruí-los a todo custo.

Regressados: esses servos mortos-vivos são muito mais do que simples marionetes putrefatas. Um necromante suficientemente habilidoso — e com a permissão da Cabala — pode incorporar um espírito em um novo corpo. Para isso, é necessário um cadáver especialmente preparado, com infusões de óleos, ervas e outros químicos. Um morto-vivo erguido dessa maneira possui capacidades muito superiores as de um simples trabalhador ou guerreiro. Apenas os maiores necromantes da Solúmbria têm acesso a esse tipo de poder. Um regressado não se comporta exatamente como um ser vivo, mas pode tomar decisões próprias e agir de forma independente de seu mestre. As implicações são aterradoras.

Reforjados: o simples fato de mencioná-los nesse texto me tornará um inimigo mortal da Cabala. Pouco se sabe sobre esses mortos-vivos da cor do carvão e olhos fulgurantes, apenas que são o tipo de escolta reservada aos mestres necromantes das necrópoles solumbrianas. Supõe-se que sejam ainda mais formidáveis que os regressados, que a Cabala já mantém sob vigília acirrada. Da próxima vez que visitar Enthanaktra, solicitarei uma audiência formal com Grão-Mestre Senekton, e talvez assim descubra algo mais sobre os mortos-vivos mais valiosos da Solúmbria.

Bruxaria e outras mágicas obscuras.

O maior reservatório de conhecimento sobre bruxas e carniçais está em Ostrog, capital de fato da Nova Mordrávia. A Guilda dos Caçadores sabe muito sobre as criaturas, especialmente formas de matá-las. Mas ainda há muito mais a compreender do que isso, como o tempo de desenvolvimento de um carniçal ou bruxa infante, até manifestar sua verdadeira natureza, ou que tipo de magia os mantém tão parecidos com humanos nesses estágios iniciais.

Essa é uma área em que, infelizmente, meu conhecimento se prova insuficiente. Sei o mesmo que as rimas das amas de leite revelam a crianças assustadas. Bruxas lançam pragas e maldições, envolvendo sofrimento, infortúnio e morte. Uma vez marcada por uma bruxa, a vítima torna-se sua presa exclusiva, suscetível a toda sorte de agruras.

Eu gostaria de entrevistar uma dessas damas selvagens, mas seria demasiado imprudente. Clérigos khaladinos podem banir minha entrada no império, e a Cabala certamente empreenderá uma perseguição política até que minha pesquisa seja descreditada, mas uma bruxa simplesmente me mataria por tentar descobrir seus segredos. Desconfio que sequer usariam de magia.

GLOSSÁRIO

Ictérico: é a síndrome de várias moléstias, caracterizada pela coloração amarela dos tecidos e das secreções orgânicas, que é resultante da presença anormal de pigmentos biliares.

Esgar: careta de escárnio.

Agrura: mesmo que dissabor, aflição, insatisfação.

Gazua: gazua ou chave mestra é o termo usado para se referir a uma ferramenta qualquer, que tenha por função fazer funcionar fechaduras e cadeados.

Iridescente: cujas cores são as do arco-íris ou que reflete essas cores. A iridescência, popularmente conhecida como furta-cor, é um fenômeno óptico possibilitado por outras duas ocorrências físicas: o espalhamento e a interferência dos raios de luz.

Cimitarra: é uma espada de lâmina curva mais larga na extremidade livre, com gume no lado convexo, utilizada por certos povos orientais, tais como árabes, turcos e persas, especialmente pelos guerreiros muçulmanos.

Fragrante: mesmo que aromático, cheiroso, perfumado.

Deferência: atitude de respeito e consideração em relação a um superior ou a pessoa mais velha.

Deidade: mesmo que divindade.

Cacofonia: som feio ou desagradável; união não harmônica de sons diversos.

Escamotear: fazer com que algo desapareça sem que ninguém perceba. Furtar.

Títere: governante que representa interesses políticos mais poderosos, também pode ser o indivíduo que se deixa levar facilmente pelos outros, que só age por inspiração ou a mando de outrem.

Decurião: chefe de uma decúria, corpo militar romano de cavalaria e infantaria, composto de dez soldados. Em A Ruína de Noltora I – Máscara Para os Mortos um decurião solumbriano é um necromante que comanda uma tropa de mortos vivos.

Prognata: que ou quem apresenta o maxilar inferior saliente.

Batracoide: que se assemelha à rã ou ao sapo.

Letárgico: o mesmo que dormentes, apáticos, desanimados, esmorecidos, lentos, vagarosos.

Alabarda: é uma arma medieval formada por uma haste comprida de madeira, terminada em um espigão de ferro atravessado por uma lâmina também de ferro, em formato de meia-lua, com um esporão do lado oposto.

Báculo: bastão alto, de extremidade curva.

Simulacro: é a imitação feita sobre algo ou alguém, uma representação fantasiosa que engana por transmitir determinada coisa como real, sendo na realidade falsa ou incorreta.

Engastado: inserido no engaste, na parte de uma joia em que fica presa uma pedra preciosa; encastado, encravado, embutido.

Hedonismo: o hedonismo é uma teoria ou doutrina filosófico-moral que afirma que o prazer é o bem supremo da vida humana.

Primeva: o mesmo que primeira, primitiva, primária, antiga.

Conspurcar: colocar ou deixar cair sujeira sobre; sujar, manchar. Fazer recair dúvidas sobre a integridade de alguma coisa ou alguém; macular, infamar, desonrar.

Miasma: emanção proveniente de substâncias animais ou vegetais em decomposição.

Torvelinho: redemoinho; o que se movimenta em espiral; cuja rotação acontece num movimento curvilíneo.

Coriáceo: duro como couro. Semelhante ao couro.

Litania: mesmo que ladainha.

Semovente: ser ou coisa animada que se move por si mesma e é suscetível de afastar-se de determinado lugar.

Embornal: saco que são colocados alimentos; bernal.

Poterna: porta falsa ou galeria subterrânea, por onde se sai secretamente de um local fortificado.

Admoestar: aconselhar alguém quanto à sua maneira de proceder, para que a corrija de alguma forma; advertir, avisar, prevenir.

Aferrou: prender ou segurar com gancho de ferro ou similar. Fixar, firmar (qualquer coisa).

Sedicioso: que ou aquele que se revolta contra a autoridade ou a ordem instituída; que excita, provoca ou se envolve em sedição; revoltoso, indisciplinado, insurgente, amotinado, insubordinado.

Ordálio: prova judiciária feita com a concorrência de elementos da natureza e cujo resultado era interpretado como um julgamento divino.

Cerzira: costurar com pontos muito pequenos, disfarçando-lhe o defeito; costurar, coser, remendar: cerzir roupa; trabalha cerzindo.

Recalcitrante: que resiste com teimosia; teimoso ou obstinado.

Preterindo: deixar algo ou alguém de lado em favor de outra coisa ou pessoa; desprezar.

AGRADECIMENTOS

A Ana Carolina, minha esposa, que sempre me incentivou a escrever e atura meus comentários incessantes sobre literatura fantástica. Aos amigos Sérgio Manhães e Pedro Fontes, que leram as versões iniciais desses livros. A todos da equipe Virafolha, que acreditaram na minha obra e fizeram dela algo muito maior do que eu poderia sonhar. A Rafael Souza, pelos mapas fantásticos. Ao trabalho artístico de Rafael Andrade, Leona Volpe e Débora Botelho, que deram vida e cor às minhas palavras.

Agradeço, por fim, aos leitores, por embarcarem comigo nessa jornada.

Continua em: A Ruína de Noltora II - Asas Sob o Abismo

www.editoravirafolha.com.br

www.mpneves.com.br

@editoravirafolha

@mpneves_autor

Viva novas aventuras

Editora Virafolha